



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DE
COMUNIDADES E ECOLOGIA SOCIAL**

FÁTIMA MARIA AZEREDO MELCA

**SER UMA AVÓ CUIDADORA
– UM ESTUDO DE CASOS –**

Rio de Janeiro

– 2013 –

FÁTIMA MARIA AZEREDO MELCA

**SER UMA AVÓ CUIDADORA
– UM ESTUDO DE CASOS –**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação - EICOS – Estudos Interdisciplinares de Comunidades e Ecologia Social, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários a obtenção do título de Doutor em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social.

Orientadora: Prof^a Dra Leila Sanches de Almeida

Rio de Janeiro

– 2013 –

Melca, Fátima Maria Azeredo.

Ser uma avó cuidadora – um estudo de casos /Fátima Maria Azeredo Melca. Rio de Janeiro: UFRJ/EICOS, 2013.

xiii,186f.; 2,5cm.

Orientadora: Leila Sanches de Almeida.

Tese (doutorado) – UFRJ/EICOS/Programa de Pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, 2013.

Referências Bibliográficas: f.171-184.

1. Cuidados Infantis. 2. Avós. 3. Netos. 4. Família. 5. Subjetividade. I. Almeida, Leila Sanches de. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social. III. Ser uma avó cuidadora – um estudo de casos.

FOLHA DE APROVAÇÃO

SER UMA AVÓ CUIDADORA – UM ESTUDO DE CASOS –

Fátima Maria Azeredo Melca

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação - EICOS – Estudos Interdisciplinares de Comunidades e Ecologia Social, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários a obtenção do título de Doutor em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social.

Aprovada por:

Profª. Doutora Leila Sanches de Almeida (Orientadora) - UFRJ
Doutora em Ciências Médicas (USP)

Profª. Doutora Rosa Maria Leite Ribeiro Pedro - UFRJ
Doutora em Comunicação (UFRJ)

Profª. Doutora Maria Lucia Maria Rocha Coutinho - UFRJ
Doutora em Psicologia - Psicologia Clínica (PUC-RJ)

Prof. Doutor Marcos Jardim Freire - UFRJ
Doutor em Política e Planejamento em Educação (UFRJ)

Prof. Doutor Rodolfo Ribas Junior - UFRJ
Doutor em Psicologia Social (UFRJ)

Rio de Janeiro
– 2013 –

Dedico este trabalho a minha bisavó Maria Thereza Venâncio, a minha avó Augusta Gonçalves Caetano, a minha mãe Norma Caetano Azeredo, as minhas filhas Daniela Azeredo Melca e Isabela Azeredo Melca, pela oportunidade de termos constituído uma família de cinco gerações de filhas convivendo juntas por 21 anos. Ao meu bisavô José Miguel Venâncio, ao meu avô Alberto do Nascimento Caetano e ao meu pai Geraldo Azeredo todo o nosso carinho por terem sido avôs tão dedicados aos netos.

AGRADECIMENTOS

Em especial a Deus, pela força e pela fé que me ajudaram a enfrentar as dificuldades e os desafios que surgiram ao longo dessa caminhada.

A Renilda Osório, minha irmã de coração, que compartilhou com minha mãe os cuidados com meu irmão (*in memoriam*) e comigo enquanto éramos crianças e jovens. E que mais tarde, ao me tornar mãe, compartilhou os cuidados das minhas filhas para que eu pudesse continuar os meus estudos e os meus trabalhos.

Ao Prof. Dr. Luis Antonio de Vasconcellos Melca, companheiro de vida, que está sempre presente nos momentos em que eu mais preciso de um amigo.

Aos amigos de toda uma vida por me fortalecerem com amor, solidariedade, carinho e respeito. Obrigada pelas palavras, pelas orações e pela compreensão. Sem vocês teria sido muito mais difícil.

Às avós que participaram das entrevistas e que de um modo tão envolvente compartilharam comigo suas vivências, suas alegrias, suas dúvidas e suas questões familiares ao cuidarem dos seus netos.

À minha querida orientadora Leila, pela oportunidade que me deu de ser sua orientanda. Leila, com o seu profissionalismo, sua competência, sua generosidade e comprometimento foi fundamental para a conclusão deste estudo. Leila esteve ao meu lado durante todo o processo de doutoramento, compreendendo, apoiando e me incentivando a cada novo passo, tanto na vida acadêmica quanto profissional. Obrigada, Leila, por ser quem você é!

Aos professores Rosa Maria Leite Ribeiro Pedro e Marcos Jardim Freire, por terem aceitado o convite para integrar tanto a banca examinadora da qualificação como a banca de defesa do doutorado e pelas valiosas sugestões que colaboraram para o aperfeiçoamento deste estudo.

Aos professores Rodolfo Castro Ribas Júnior, Maria Lucia Rocha Coutinho e Jane Correa agradeço pelo interesse, pela disponibilidade e consideração em aceitar o convite para participação na banca de defesa. A presença de vocês muito enriquecerá esta etapa tão decisiva do meu doutorado.

RESUMO

MELCA, F. M. A. Ser uma avó cuidadora – um estudo de casos. Orientadora: Leila Sanches de Almeida. Rio de Janeiro: UFRJ/ CFCH/ IP/ EICOS, 2013. Tese (Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social).

Apesar das mudanças sociais e culturais, tais como a mulher ter tido acesso à educação e ter conquistado seu espaço no mercado de trabalho permanece, sem grandes alterações, o olhar de que é a mãe quem tem que cuidar de seus filhos. Na maioria das vezes, a solução encontrada pela mulher trabalhadora é a avó compartilhar com filhas e noras a criação dos netos. A partir da abordagem da Rede de Significações, este estudo teve como objetivo compreender o que é ser uma avó cuidadora e os efeitos percebidos em si e em suas vidas por estarem compartilhando o cuidado do neto com a filha e ou a nora que trabalham. Participaram do estudo 13 avós da classe média, moradoras do bairro de Copacabana. Todas cuidavam de netos com idade entre zero a seis anos. Foi realizada uma entrevista semiestruturada com as participantes que tinha como eixos: envelhecimento, família, cuidados infantis e avós cuidadoras. As análises realizadas revelaram que as avós cuidadoras tinham até 72 anos de idade e eram aposentadas, apesar de três terem retornado às suas atividades profissionais. Em relação ao local de cuidados, 10 netos iam para a casa das avós, seis ficavam em suas casas e três moravam com as avós. Dez avós interromperam algumas atividades para cuidarem em tempo integral dos netos. Duas avós cuidavam em tempo parcial e uma cuidava, diariamente, nos horários que lhe era possível. As avós cuidavam da alimentação, higiene, lazer e, em alguns casos, dos deslocamentos dos netos para as instituições de educação infantil. Quanto à decisão de compartilhar os cuidados, dez avós revelaram que isso já era esperado, sempre foi assim na família. Onze delas, para trabalhar, também haviam tido o apoio de suas mães, que cuidavam dos seus filhos pequenos. As avós disseram estar muito felizes por cuidarem dos netos, apesar de acharem cansativo. Elas contavam com o apoio do marido, da própria mãe e de uma empregada ou babá. Cuidar dos netos traz um sentimento de renovação e faz com que se esqueça da velhice. Os netos trazem a presença do novo para os idosos. Contudo, é difícil para um idoso cuidar de uma criança em tempo integral, mesmo com suporte. É necessária a implementação de políticas que flexibilizem o desempenho de atividades e o horário de trabalho das mulheres que têm filhos em idade pré-escolar, de modo que as mães trabalhadoras possam ampliar seu tempo de permanência em casa com os filhos.

Palavras-chave: cuidados infantis, avós, netos, família, subjetividade.

ABSTRACT

MELCA, F.M.A. Caregiver grandmother – A case study. Advisor: Leila Sanches de Almeida. Rio de Janeiro: UFRJ/ CFCH/ IP/ EICOS, 2013. Thesis (Doctoral in Community Psychosociology and Social Ecology).

Despite all social and cultural changes in regard to the roles of women in society, such as the access to the labor market, the belief that it is the mother's responsibility to take care her children still remains. Most times the working woman resorts to the grandmother to be in charge of caring for grandchildren. Within the perspective of the Network of Meanings, this study aimed to understand what it is to be simultaneously a grandmother and a caregiver and the effects in these women's lives of sharing with their working daughter or stepdaughter the care and responsibility of bringing up their grandchildren. Thirteen middle-class grandmothers from Copacabana took part in this study. They all took care of grandchildren aged between 0 and 6 years. We carried out a semi-structured interview, based on the following topics: aging, family, child care, and grandmother caretaker. Our analyses revealed that these grandmothers had up to 72 years of age and were retired, although three of them had again taken up professional activities. In regard to the place where they took care of these children, 10 grandchildren were cared for at grandmother's home, six of them were cared for at their own homes and the other three have lived in their grandmothers' house. Ten grandmothers interrupted some activities in order to take care of their grandchildren full time. Two grandmothers took care of their grandchildren part time and the other only for a certain period of day but every day. These grandmothers were responsible for the hygiene, feeding, leisure, and in some cases the transport of the children to school. The decision to share the care of the grandchildren was admitted by these grandmothers as something expected, as something usual in the family. Eleven of them had themselves received support from their mothers at the time when they had to go to work and their children were little. All the grandmothers admitted to be happy to take care of their grandchildren, however tiring it might be. They also had the help of their husbands, of their own mothers and of a nanny or a maid. Taking care of the grandchildren instills a feeling of renewal and makes it easier to forget old age. The grandchildren are the presence of what is new. It is, on the other hand, hard for an older person to take care of a child full time, even when there is some support. It is necessary to implement politics that allow working women with children under in pre-school age to have flexible working hours and activities, so that these women may have more time with their children at home.

Key words: child care, grandmothers, grandchildren, family, subjectivity.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	1
2 REVISÃO DA LITERATURA	6
2.1 Significação e Subjetividade	6
2.2 Envelhecimento e contemporaneidade	14
2.3 Avó cuidadora na sociedade contemporânea	27
2.3.1 Organização Familiar e o ingresso da mulher de classe média no mercado de trabalho	27
2.3.2 Família e Cuidados Infantis	36
2.3.3 Avós Cuidadoras	42
3 PARTICIPANTES, CONTEXTO DO ESTUDO E PROCEDIMENTOS	55
4 CASOS ESTUDADOS	60
4.1 “Esther: mãe de Lourdes e avó de Alice”	60
4.2 “Dulce: mãe de Eleonora e avó de Rebeca”	68
4.3 “Zuleika: mãe de Debora e avó de Clara”	75
4.4 “Nicole: mãe de Maria e avó das gêmeas Olivia e Luisa”	84
4.5 “Verônica: sogra de Renata e avó de Marcela”	93
4.6 “Anita: mãe de Bruna e avó de Júlia e Renata”	103
4.7 “Thaís: mãe de Glória e avó de Pedro”	109
4.8 “Roberta: mãe de Diana e avó de Jessica”	115
4.9 “Laura: mãe de Eduarda e avó de Amélia e Bianca”	122
4.10 “Beatriz: mãe de Larissa e avó de Thiago e Matheus”	129
4.11 “Paula: mãe de Barbara e avó de Marcelo e Fabio”	140
4.12 “Catarina: mãe de Natalia e avó de Lilian”	146
4.13 “Gabriela: mãe de Lara e avó de Viviane e Fernanda”	152
5 DISCUSSÃO	159
CONSIDERAÇÕES FINAIS	169
REFERÊNCIAS	171
ANEXOS	185

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Síntese dos dados da População Mundial	14
Tabela 2 – Síntese dos dados da População Brasileira	19
Tabela 3 – Síntese dos dados Demográficos do estado do Rio de Janeiro, da cidade do Rio de Janeiro e do bairro de Copacabana	20

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – População Idosa Brasileira	15
Gráfico 2 – Distribuição da População Brasileira por Idade e Gênero, no Brasil em 2010	16
Gráfico 3 – Projeção Demográfica para 2050	17
Gráfico 4 – Expectativa de Vida dos Brasileiros	18
Gráfico 5 – Distribuição da População do Estado do Rio de Janeiro em 2010, por gênero segundo os grupos de idade	19

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Perfil das avós participantes	58
Quadro 2 – Avó, Compartilhamento e Rede de Apoio	59

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Espaço urbano de Copacabana e avós entrevistadas

57

1 INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea passa por intensas modificações. O envelhecimento da população, de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2012), é um fenômeno mundial que vem ocorrendo indistintamente do grau de desenvolvimento dos países, em um nível sem precedentes. O envelhecimento é resultado das taxas elevadas de crescimento populacional, dada à alta fecundidade prevalente no passado, comparativamente à atual, e à redução da mortalidade nas idades avançadas.

Em 2012, o Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) publicou que esse contingente atingiu o marco de 893 milhões de pessoas no mundo, sendo que duas em cada três pessoas com mais de 60 anos, vivem em países desenvolvidos. A expectativa é que, nos próximos dez anos, o número de pessoas com 60 ou mais anos de vida aumente em quase 200 milhões, superando a marca de um bilhão de pessoas. De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU, 2012), até a metade do século XXI, este número vai praticamente triplicar, chegando a 2,4 bilhões, ou mais de 20% da população mundial.

O processo de envelhecimento é desigual nos diversos continentes. Ele é particularmente acelerado e desordenado em países que se encontram em vias de desenvolvimento (LEBRÃO & DUARTE, 2003). Kalache (2012) atribui o crescimento, em maior escala, do grupo de idosos nesses países ao fato deles não terem alcançado resultados como, por exemplo, o acúmulo de riqueza, uma distribuição interna de renda mais justa, uma estruturação do espectro de serviços requeridos pelo contingente constituído por idosos, entre outros.

Aqui, no Brasil, a alta taxa de fecundidade nos anos de 1950 e 1960 e a redução da mortalidade foram responsáveis pelo ritmo de crescimento elevado da população idosa (CAMARANO et al., 2009). Foi uma época de grandes conquistas sociais, nas esferas da saúde pública (beneficiada ainda pelos avanços da indústria químico-farmacêutica), da previdência social, da infraestrutura urbana, e do trabalho.

O envelhecimento populacional é tido como uma questão fundamental para a elaboração de programas e políticas públicas nas diferentes áreas de conhecimento, na alocação de recursos para pesquisa, na aplicação e no oferecimento de serviços, visando promover qualidade de vida, respeito aos direitos e dignidade aos idosos (NERI, 1995; CAMARANO, 2004; LINS

DE BARROS, 2006; VELHO et al., 2009).

O reconhecimento, pela primeira vez, da importância de se cuidar da velhice se deu através da Constituição Brasileira (1988). O conceito de seguridade social passou a existir, fazendo com que a rede de proteção social deixasse de estar vinculada apenas ao contexto estritamente social-trabalhista e assistencialista e adquiriu conotação de direito de cidadania (BRASIL, 1988).

O grupo de idosos ganhou visibilidade na sociedade. O envelhecimento passou a ter mais relevância nas preocupações pública e privada. Iniciativas do governo brasileiro são constatadas no sentido de instituir leis que visam outorgar direitos a este grupo, tais como: a Política Nacional do Idoso, estabelecida em 1994 (Lei nº 8.842), o Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741, outubro de 2003), o Pacto pela Saúde (Portaria nº 399, fevereiro de 2006), entre outras.

A atenção à velhice recai na promoção de situações que incentivem os idosos a uma vida saudável através da participação em atividades que contribuam para a sua autonomia e melhor qualidade de vida. Neste estudo, entendo autonomia como “a habilidade de controlar, lidar e tomar decisões pessoais sobre como se deve viver diariamente, de acordo com as próprias regras e preferências” e independência como a “habilidade de executar funções relacionadas à vida diária – isto é, a capacidade de viver independentemente na comunidade com alguma ou nenhuma ajuda de outros” (OMS, 2002).

Assim, segundo a OMS, (ibid.), o envelhecimento refere-se às habilidades funcionais da pessoa: autonomia, independência, qualidade e expectativa de vida saudável. Acrescido do termo ativo criou um espaço para a participação contínua nas questões sociais, econômicas e culturais, não somente à capacidade de estar fisicamente bem ou de fazer parte da força de trabalho. As pessoas mais velhas que se aposentam podem continuar a contribuir ativamente para seus familiares, companheiros, comunidades e países. Apesar de atualmente, em todo o mundo, 47% dos homens idosos e quase 14% das mulheres idosas ainda estão inseridos no mercado de trabalho (ONU/UNFPA, 2012).

A publicação da OMS sobre envelhecimento ativo contribuiu de modo expressivo para a mudança do antigo paradigma. O idoso que, em geral, vivia os anos que lhe restavam no

ostracismo, agora pode posicionar-se como uma pessoa mais atuante que reconhece seus direitos e busca caminhos para manter sua inserção social (2002).

Essas transformações sociais impuseram um novo olhar à sociedade. Se envelhecer era percebido como limitações pela idade, uma nova geração de idosos vem se constituindo progressivamente, alterando as expectativas, adotando novos costumes, novas identidades e principalmente assumindo novas posições em relação a si, aos outros e ao envelhecimento. Essa nova conceituação de envelhecimento desafia o idoso, a família e a sociedade. Busca-se, diante da longevidade, oferecer uma melhor qualidade de vida, repensar práticas cotidianas e enfraquecer preconceitos dirigidos aos idosos.

No momento em que uma mulher torna-se avó, surge uma geração a mais na família. É um acontecimento que redimensiona suas posições e vínculos familiares e que, sobretudo, lhe coloca diante da expectativa de dar suporte à sua filha ou nora quanto aos cuidados com o recém-nascido. A demanda por sua participação nos cuidados com o neto pode se instaurar e até se prolongar por alguns anos.

Apesar de todos os movimentos sociais ocorridos ao longo do século XX, principalmente os feministas, que possibilitaram novas escolhas para as mulheres, como o acesso à educação e a conquista de espaço no mercado produtivo, permanece sem grandes alterações o olhar de que é a mãe quem tem que cuidar do filho (ROCHA-COUTINHO, 2005). A conciliação da maternidade com o trabalho fora do lar é um dos grandes desafios da mulher de classe média contemporânea (ALMEIDA, 2006; 2012).

Diante da necessidade de desenvolverem essa dupla jornada, com demandas específicas, algumas mulheres buscam alternativas que implicam em oferecer cuidados aos seus filhos pequenos no âmbito do próprio lar. Na maioria das vezes, a solução encontrada por elas é a avó compartilhar os cuidados e a educação dos netos (ALMEIDA et al., 2009; ALMEIDA & MELCA, 2011).

Algumas avós cuidadoras do século XXI são mulheres que, apesar de se encontrarem em plena maturidade têm possibilidades de produção e de participação social. Assim, diante da solicitação das filhas ou noras para participarem dos cuidados com um neto veem-se tendo a incumbência de conciliar a sua rotina diária com mais esta demanda – o que pode gerar

escolhas e renúncias. Dessa forma, as avós podem se ver com desafios renovados.

Lins de Barros (2003, 2005) enfatiza que as trocas sociais e afetivas entre diferentes gerações têm uma importância especial. É por meio desse contato que as histórias de família, a cultura e o conhecimento dos mais velhos podem ser transmitidos, constituindo os avós em perpetuadores da cultura no âmbito familiar.

No entanto, são raras as publicações sobre esse tema, especialmente se o enfoque recair sobre as avós cuidadoras. Dias & Silva (1999) apontam para o fato de que a maioria das pesquisas sobre avós provém dos Estados Unidos, havendo ainda alguns artigos oriundos do Canadá e da Inglaterra, retratando, portanto, outra realidade socioeconômica, histórica e cultural. Conseqüentemente, é preciso que sejam realizados estudos sobre essa temática, o que contribuirá para uma maior compreensão da dinâmica e organização das famílias contemporâneas brasileiras.

Tendo em vista estas considerações, este estudo tem como objetivo compreender o sentido de ser uma avó cuidadora para mulheres idosas. Através de suas falas, será possível conhecer os modos de serem avós cuidadoras e os efeitos percebidos em si e em suas vidas por estarem compartilhando o cuidado do neto com a filha ou a nora, que trabalham.

Cabe, agora, explicitar o meu interesse em estudar o tema. O idoso faz parte da minha vida, desde que nasci. Faço parte de uma família multigeracional, na qual cinco gerações de filhas conviveram juntas por mais de 20 anos. Meus pais compartilharam os meus cuidados e a minha educação com os meus avós, bisavós e tios-avós. Quando me tornei mãe, pude contar com o apoio dos meus pais e dessa família longeva para continuar trabalhando e estudando. Ao cursar fisioterapia, me dediquei à reabilitação de pessoas idosas.

Após entrar para o meu doutorado no Programa de Estudos Interdisciplinares de Comunidades e Ecologia Social (EICOS), conheci a pesquisa da Professora Leila Sanches de Almeida sobre Famílias Cariocas. Os resultados obtidos revelaram que 33% das pessoas entrevistadas indicaram a avó para cuidar do neto no período em que a mãe se encontrasse no trabalho. Sendo assim, me interessei em aprofundar meus conhecimentos sobre idosas e o compartilhamento dos cuidados infantis pelas avós. Há poucas referências na literatura nacional sobre esse tema. A maioria dos dados obtidos resulta de pesquisas realizadas sobre

velhice no cenário internacional. A escolha por estudar as avós que residem em Copacabana se fundamenta na maior concentração de idosos neste Bairro do município do Rio de Janeiro. Cabe ressaltar que a Prefeitura do Rio de Janeiro nomeou o bairro de Copacabana como a Capital Turística da Terceira Idade em 2011 (DECRETO nº 35000, 2011).

Meu estudo foi elaborado conforme discriminação a seguir. O Capítulo 2 apresenta a revisão da literatura sobre o processo de significações e a subjetividade, Envelhecimento na Contemporaneidade e os cuidados infantis por avós na Sociedade Contemporânea. O Capítulo 3 descreve o contexto e as características dos participantes do estudo e os procedimentos adotados no desenvolvimento da pesquisa. O Capítulo 4 apresenta os 13 casos estudados. O Capítulo 5 aborda a discussão sobre as falas obtidas nas entrevistas. E finalizando o estudo, apresento a minha conclusão.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Significação e subjetividade

A Rede de Significações (REDSIG) é uma abordagem teórica de grande valor para os estudos qualitativos sobre o processo de significação das pessoas. Fundamentando-se epistemologicamente no paradigma da complexidade, ela entende a produção de sentidos e significados como uma expressão fundamental do ser. É na relação com o meio, produzindo significações, que a pessoa se constitui e se desenvolve. (ROSSETTI-FERREIRA et. al., 2004). Assim, a relação, enquanto dinâmica e dialógica, caracteriza-se como um espaço de trocas comunicativas e de negociações sobre os significados de eventos, pessoas, lugares, dentre outros aspectos (LYRA & ROSSETTI-FERREIRA, 1995).

A pessoa é um ser em relação, um ser social. Ela se produz, se identifica, se diferencia e se assemelha no espaço relacional. Na relação com os outros e com o mundo, ela é um ser múltiplo. São vários os parceiros de interação, os espaços e posições assumidas. De igual modo, também são diversos os papéis, sentidos e significados que são atribuídos a ambos os parceiros ao longo da interação (ROSSETTI-FERREIRA et al., 2004). Na perspectiva da REDSIG, o termo pessoa é utilizado com o intuito de garantir os inseparáveis “processos de co-contrução pessoa-meio” (ibid. p.25).

Ao considerar o caráter fundante dos atos de significação e das relações sociais, esse referencial propõe a configuração de uma rede complexa, semiótica, polissêmica articulada de significações, a qual se altera continuamente em função do tempo e dos eventos (ibid.). A complexidade da Rede se expressa pelo reconhecimento da interdependência entre os fenômenos envolvidos, de suas dimensões e pela análise dos seus aspectos complementares, concorrentes e antagônicos de forma inclusiva e integrada.

A Rede tem um caráter semiótico por caracterizar o contexto onde a pessoa está inserida e delimitar formas de relacionamentos e de afetividade e é polissêmica por resultar em uma multiplicidade de discursos. Segundo Rossetti-Ferreira et al. (2004), a REDSIG procura romper/superar diversas dicotomias, tais como entre determinismo e indeterminismo, continuidade e mudança, pessoa autônoma e pessoa assujeitada, interno e externo, natural e social, sujeito e objeto.

Para uma melhor compreensão da proposta da REDSIG, utilizo a distinção de Paulhan, apresentada por Vygotsky (1934/1991), para os termos sentido e significado. O sentido de uma palavra, ou de um fenômeno, é muito mais amplo e predominante do que seu significado. Assim, sentido é uma totalidade fluida e dinâmica, da qual o significado é uma parte precisa e estável. Tenho, portando, que o sentido, além do seu significado dicionarizado ou compartilhado, envolve os aspectos psicológicos que a palavra ou o fenômeno despertam em nós dentro de um contexto específico. Assim, uma palavra ou um fenômeno adquire um determinado sentido em um contexto, contudo, em outro contexto, podem adquirir um outro sentido – enquanto o seu significado permanece relativamente definido, constante, mesmo diante das alterações de sentido nos diferentes contextos (ibid.).

No intuito de respaldar o enfoque que será dado à subjetividade no decorrer desse estudo, serão apresentadas algumas contribuições sobre esse tema de autores que dialogam com a REDSIG como Fernandez González Rey e Zygmunt Bauman.

González Rey (1999) concebe a subjetividade como uma configuração da pessoa a partir de suas experiências no mundo social; são os registros simbólicos e emocionais que a pessoa vai construindo no decorrer de suas vivências. Esses registros envolvem capacidades biológicas, mas sua matéria prima é oferecida pela sociedade, pelas relações sociais, pelas atividades humanas e pela cultura.

Por meio da linguagem, o mundo subjetivo recebe como matéria prima a palavra com significado e a pessoa constrói o sentido subjetivo para a experiência vivida. A pessoa (ativa), a experiência vivida e as palavras (que carregam significados) propiciam relações de troca, de comunicação e de produção conjunta (GONZÁLEZ REY, 2003):

...compreende-se subjetividade como os processos de sentido e de significação que aparecem e se organizam de diferentes formas e em diferentes níveis no sujeito e na personalidade, assim como nos diferentes espaços sociais em que o sujeito atua (ibid., 1999, p.108).

Portanto, ao se pensar em subjetividade, considero os aspectos históricos, culturais e sociais onde a pessoa está inserida, tenho em mente a produção de sentido que a pessoa estabelece entre sua subjetividade e o contexto, lembro que estes não estão separados e sim entrelaçados, em um fluxo contínuo não linear (ibid., 2004).

Para González Rey (2002), a produção das significações não se esgota na construção discursiva e nem nas construções culturais interativas de cada momento histórico. Nestes momentos, as possibilidades de configuração do mundo subjetivo modificam-se conforme se alteram as relações sociais e as formas de produção da vida (as fontes de significação). Nossa própria linguagem, que carrega as significações, modifica-se com o passar do tempo, à medida que se alteram os valores, as leis, as regras sociais e as formas de vida. González Rey (2005) argumenta que a pessoa é uma síntese única de sua própria história e, quando ela se expressa, o sentido subjetivo não aparece de forma direta, mas sim indiretamente, na qualidade da informação.

González Rey (2003) considera que uma identidade deve ser compreendida como um sistema de sentidos que se articula a partir das configurações subjetivas, historicamente constituídas, na história da pessoa e nas condições dentro das quais ela atua em determinado momento. Ele enfatiza que não há como falar de uma identidade pessoal descolada da história, “(...) a identidade pessoal se forma na congruência de uma série de forças sociais que operam sobre o indivíduo e diante das quais o indivíduo atua e se faz a si mesmo” (GONZÁLEZ REY, 2005, p.201). González Rey (ibid.) compreende a pessoa, portanto, em sua subjetividade individual e social, e não apenas a partir de suas identidades, como se estas constituíssem sua única verdade. As identidades devem ser vistas como possibilidades que adquirem novos sentidos continuamente, e que por isso não podem se enquadrar em papéis fixos e imutáveis.

Esse caráter dinâmico e móvel das identidades no contexto atual também é apontado por Bauman (2005). Bauman considera que a identidade é vista, na atualidade, como uma questão pessoal e subjetiva, que passa por escolhas individuais, e em constante construção e transformação. Em decorrência das transformações sociais e culturais, as identidades não são claramente delimitadas, elas incorporam formas plurais e algumas são até contraditórias. Em outras palavras, trata-se de uma só pessoa, mas sobrecarregada de identidades (ibid.).

Nesse emaranhado imprevisível, a identidade não é construída com relação a fins (eu quero ser), nem tampouco com relação a meios (eu posso ser). Para Bauman (2005):

Conseguir uma identidade alternativa não é mais o problema, a maior preocupação é a incerteza oposta: “qual identidade escolher e [...] por quanto tempo se apegar a ela?” A identidade não é uma mera “construção social”; ter uma ou muitas identidades é uma tarefa, ou mais precisamente, uma tarefa política (ibid.).

Bauman (2005) afirma ainda que as identidades são constantemente modificadas, renovadas, transformadas na e pela sociedade. Trabalha com a ideia de que o pertencimento, ou a identidade, não são definitivos, nem sólidos, mas negociáveis e revogáveis, de acordo com as decisões que a pessoa tome, com o caminho que percorre e da maneira como age. A decisão quanto ao caminho a ser seguido e à identidade a ser adotada cabe à pessoa, o que não implica a escolha de uma única identidade. Esta pode ser múltipla, fluida, cambiante dependendo do contexto e do modo como a pessoa quer se posicionar.

Adoto, assim, neste estudo, uma concepção de subjetividade que procura evidenciar a articulação entre o individual e o social no psiquismo humano, apontando para o caráter complementar, contraditório e recursivo que essa articulação implica. Com isso, a subjetividade é entendida como simultaneamente individual e social rompendo, portanto, com as dicotomias entre individual – social, interno – externo, subjetivo – objetivo (GONZÁLEZ REY, 2005). A vida psíquica, na teoria de González Rey, caracteriza-se como um processo subjetivo de caráter complexo, multidimensional, sistêmico, dialético e dialógico (ibid.).

Tenho, portanto, que cada nova ocorrência de acontecimentos configura uma oportunidade para outras possibilidades de subjetivação. Assim, o processo de subjetivação da pessoa é atravessado por conexões instantâneas e cambiantes. Com isso, posso perceber uma proliferação de subjetividades mutantes. As infinitas escolhas e conexões feitas em um determinado instante por um ator social acabam irrompendo em uma nova forma de subjetivar-se em todo momento (PEDRO, 2003, p.171).

Isto porque o processo de subjetivação é atravessado pela linguagem e pela cultura, assim como pelos múltiplos sentidos e significados que as pessoas atribuem a si, aos outros e às situações. As pessoas são mergulhadas em e impregnadas por uma matriz sócio-histórica, composta por elementos sociais, econômicos, históricos, políticos e culturais, em articulação com elementos psicológicos (individuais e grupais) e biológicos, que contribuem para demarcar certas possibilidades e certos limites aos processos de significação e às interações entre as pessoas dentro de contextos específicos. Os significados contidos na matriz sócio-histórica são mobilizados pela pessoa nas situações cotidianas que envolvem a vida pessoal e profissional. Eles participam da rede de significações da pessoa e, junto a outros fatores, circunscrevem os possíveis sentidos a serem constituídos em uma situação em questão (ROSSETTI-FERREIRA et al., 2004).

No entanto, da mesma forma em que as pessoas são continuamente constituídas e têm seus processos de desenvolvimento circunscritos por aspectos da matriz sócio-histórica, são elas que a constroem, preservam, transmitem e modificam, em um mútuo e contínuo devir. Ou seja, assim como as pessoas não podem ser pensadas fora dos contextos sócio-históricos nos quais se encontram inseridas, a matriz sócio-histórica não pode ser pensada como tendo vida independente das pessoas. Ela é dialógica e dialeticamente constituída a partir dos processos relacionais, dentro de contextos específicos (ROSSETTI-FERREIRA et al., 2004).

É importante explicar que o acesso a essa matriz ocorre de maneira incompleta e parcial. Como qualquer outro acontecimento, a matriz se situa em um contexto espaço-temporal. Portanto, é necessário que se considere o lugar e o momento em que os processos relacionais ocorrem (ibid.).

Estar em relação inclui assumir posições sociais. O posicionamento de uma pessoa é consequência das redes de significações que fluem em determinado contexto, a partir do recorte dos significados sócio-históricos emergentes e dos sentidos constituídos. Uma pessoa, então, pode assumir posições contraditórias em um mesmo contexto. Isto porque, a partir do modo como uma rede se configura, são promovidos recortes e significações possíveis que abrem leque de significações, cada qual podendo levar a caminhos diversos. As múltiplas e complexas interações podem delinear, jamais definir, o que será provável e improvável para essa pessoa (ibid.).

Assim, a articulação entre os diversos elementos pessoais, socioculturais e contextuais delimita as possíveis configurações das redes de significação, de modo que algumas configurações emergem mais facilmente, enquanto outras são excluídas das situações interacionais, caracterizando um jogo de figura e fundo que marca o caráter dinâmico e contínuo dos processos de significação e de desenvolvimento.

Por sua vez, as configurações e reconfigurações das redes de significação das pessoas canalizam determinadas ações, sentimentos e pensamentos e delimitam certas zonas de ação das pessoas em interação, em função da diversidade de sentidos e significados que emerge nas várias situações e que, algumas vezes, são mais amplas, outras, bem restritas. Com isso, posso dizer que, na perspectiva da REDSIG, as configurações das redes de significação funcionam como circunscritores, ou seja, trazem um conjunto de possibilidades e limites às situações, aos

comportamentos e ao desenvolvimento das pessoas (ROSSETTI-FERREIRA et al., 2004).

Considera-se, portanto, na perspectiva da REDSIG, o caráter conformador e determinante dos circunscritores. No entanto, tendo em vista o seu duplo movimento de fechar e abrir possibilidades, e a sua contínua construção e reconstrução, ressalta-se também o seu caráter transformador, de abrir múltiplas trajetórias desenvolvimentais e de abrir possibilidades de produção de novos sentidos e significados, novas relações e novos fluxos de ações/emoções/concepções entre as pessoas em contextos específicos. Ou seja, em função das constantes reconstruções das redes de significação e, conseqüentemente do conjunto de circunscritores, os processos de constituição e desenvolvimento humano podem seguir percursos variados e inesperados, configurando-se como um fluxo contínuo que é constantemente construído e transformado. No entanto, nem todos os possíveis percursos circunscritos pelas redes se atualizarão ou serão percorridos, pois alguns percursos tornam-se mais prováveis e favoráveis que outros, além daqueles percursos que foram interditados ou que nunca foram colocados como possibilidades (ibid.).

De acordo com Rossetti-Ferreira et al., (ibid.), os processos de circunscrição são intrínsecos ao desenvolvimento humano e bastante complexos. São de ordem material e simbólica e se dão num jogo de figura e fundo, não podendo ser tomados independentes das situações, das pessoas e dos contextos.

Além disso, nem todos os circunscritores possuem o mesmo peso ou poder de ação em cada situação. Alguns possuem maior capacidade de se atualizarem na rede de significação, de modo que certas configurações da rede podem se tornar predominantes e recorrentes, se reapresentando com mais frequência e intensidade na história interacional das pessoas.

Alguns circunscritores, denominados de enredamento (ibid.), podem, inclusive, inibir a criação ou emergência de novos sentidos e significados, cristalizando comportamentos, sentimentos e ações e enredando a pessoa em uma posição sobre a qual tem pouco controle e que tem dificuldade de transformar. Assim, o poder fortemente circunscritor de algumas configurações da rede acaba criando uma estrutura rígida que submete a pessoa a certas posições e comportamentos.

O caráter construtivo do conjunto de circunscritores, assim como o processo que contém

posicionamentos, identidades transitórias e constituição das subjetividades são compreendidos como simultaneamente determinados e indeterminados. Há, portanto, espaço para novidade, mudança, transformação, criação e inovação, como também para continuidade, persistência, preservação e previsibilidade nos processos de canalização, organização e regulação do sistema pessoa-meio em construção/desenvolvimento. Cabe novamente destacar que pessoa e meio se encontram em uma relação de interdependência e se constituem mutuamente, constroem e são construídos, circunscrevem e são circunscritos, sendo ao mesmo tempo ativos e passivos nessas construções (ROSSETTI-FERREIRA et al., 2004).

A utilização simultânea dos conceitos de identidades, posições e subjetividade pode causar estranhamento. Bernardes & Hoenisch (2003) abordam com bastante clareza essa questão. Na Modernidade, o sujeito era visto como soberano, absoluto, universal, tinha a sua identidade compreendida como uma essência, uma forma fixa, imutável e inabalável, mesmo diante de algumas modificações. Com o pós-estruturalismo, o sujeito é descentrado. O foco passa a ser o seu processo de constituição, a sua subjetividade, de modo que ele é produzido a partir das práticas sociais. Esses diferentes momentos de compreensão do sujeito propiciaram discursos e práticas de significações bastante diferenciadas, mas que igualmente coexistem na contemporaneidade.

Ainda segundo Bernardes & Hoenisch a aproximação da Psicologia Social com os discursos pós-estruturalistas dos Estudos Culturais gerou um novo olhar sobre essa questão. Identidades e subjetividade deixam de ser focadas como categorias de análise epistemológicas distintas e passam a ser compreendidas como ampliação do campo de saber da Psicologia Social contemporânea. Os Estudos Culturais contribuíram para a ressignificação desses conceitos, expandindo a compreensão sobre o sujeito, seus discursos e suas práticas. Cabe a sua explicitação (ibid.).

Identidade é aqui tomada como uma performance de intercessão de campos de saber, de modo que se constitui em uma rede discursiva. Ao entender as identidades como construções históricas e culturais tecidas em redes discursivas, não se considera que elas são apenas discursos e que não têm materialidade. Muito pelo contrário, considera-se que elas se constituem em realidades concretas (ibid.).

A realidade não antecede o discurso. Há uma implicação entre realidade e sentidos produzidos

discursivamente. Essa implicação interiorizada é a gênese da inscrição da identidade. Esta é produzida no interior das práticas de significação, logo, só pode ser compreendida pelo discurso, e não fora dele. Essas práticas atribuem sentido ao mundo, no domínio do conhecimento, e também criam visões de mundo, modos de viver no mundo e o próprio mundo (BERNARDES & HOENISCH, 2003).

Nesta perspectiva, as identidades são tidas como posições-de-sujeito. Posições em uma rede discursiva, em uma teia social e cultural que nunca é determinada, mas sempre por se fazer. As identidades são móveis, intercambiáveis e constituídas a partir do outro, da diferença. Sendo assim, ao se inscreverem-se em zonas de fronteiras, no encontro com a diferença, constituem novas combinações (ibid.).

Ao contemplar a identidade como um modo de inscrição em uma rede discursiva, passa-se a entender que essa construção de identidade, que é exterior, torna-se um princípio do interior. Isso significa que não basta o sujeito se inscrever em uma rede discursiva; é necessário tornar essa inscrição uma maneira de constituição de um si, um modo pelo qual o sujeito se observa e se reconhece como tal (ibid.).

A constituição de identidades vem dos discursos, das práticas, do exterior. Quando a pessoa passa a reconhecer o discurso em si mesmo, a perceber essa identificação como sua, está imersa em um processo de subjetivação. Isto significa que não é suficiente ser interpelado e se identificar com determinadas marcas identitárias, é preciso dobrar isso sobre si mesmo, subjetivar-se. Assim, as identidades são o “outro”, exterior e a subjetivação é esse “outro ser experimentado” como “o outro em si mesmo” – um estranhamento, uma perturbação e uma transformação de determinados modos de ser (ibid.).

Bernardes & Hoenisch (2003) afirmam ainda que as posições-de-sujeito não são papéis sociais, mas interpelações da cultura. As interpelações nos levam a assumir posições e a nos identificarmos com certos discursos, tomando-os como verdades, e também a nos sujeitarmos a determinadas práticas de significação, que nos tornam o que somos.

Assim, ao estudar a avó de Copacabana, não estou colocando em foco o papel social da mulher avó na sociedade contemporânea. Estou buscando compreender, através das falas dessa mulher, o sentido de ser uma avó cuidadora idosa em Copacabana, como ela se constitui

através desta prática e como significa os efeitos percebidos em si e em sua vida por estar compartilhando o cuidado do neto com a filha ou com a nora.

2.2 Envelhecimento e contemporaneidade

Os avanços da Medicina, os cuidados com a saúde, o acesso à educação e ao bem-estar econômico têm contribuído para o envelhecimento da população e para o aumento da expectativa de vida no mundo (UNFPA, 2012). Em 2012, a população mundial alcançou a marca de sete bilhões de pessoas com estimativa de vida de 78 anos de idade em países desenvolvidos e de 68 anos em países em desenvolvimento.

A referência de idade para descrever pessoas idosas é de, 65 anos em países desenvolvidos e 60 anos em países em desenvolvimento, como o Brasil (ONU, 2002). No entanto, a OMS (2002) ressalta que a idade cronológica não é um marcador preciso para as mudanças que acompanham o envelhecimento. Existem variações significativas relacionadas ao estado de saúde, participação e níveis de independência entre pessoas que possuem a mesma idade.

Uma síntese dos dados demográficos da população mundial pode ser observada na Tabela 1, a seguir.

Tabela 1 – Síntese dos dados da População Mundial.

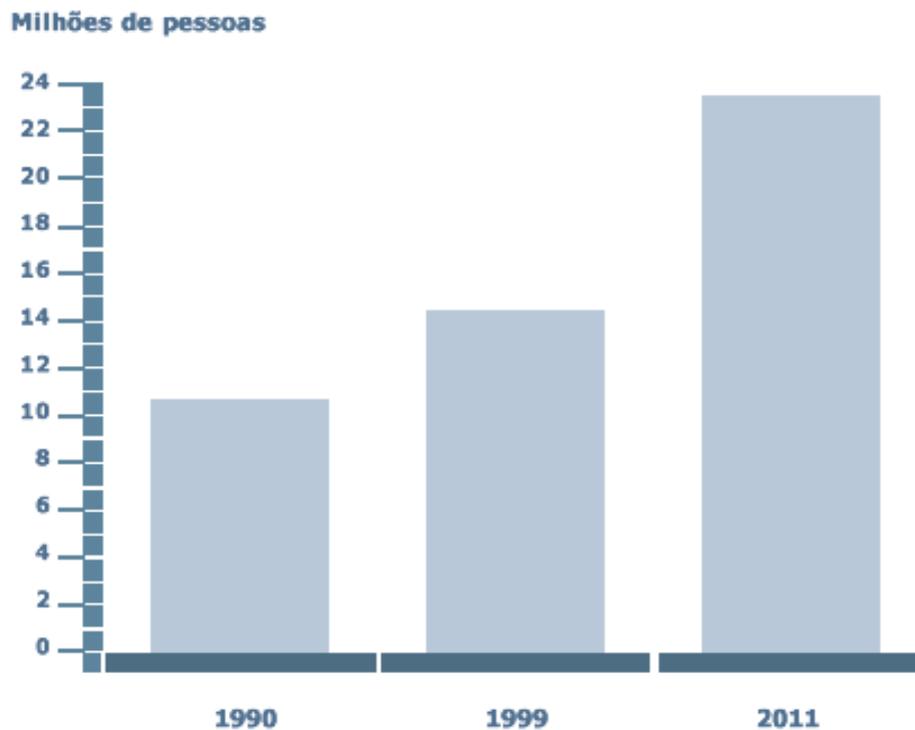
População Mundial		Expectativa de Vida das Pessoas	
		Países	
Total	Idosa	Desenvolvidos	Em Desenvolvimento
7 bilhões	893 milhões	78 anos	68 anos

Fonte: Extraído do Relatório UNFPA, 2012.

Estima-se que, atualmente, cerca de um milhão de pessoas ultrapassa a barreira dos 60 anos de idade a cada mês em todo o mundo. Até 2025, é previsto que a população idosa mundial crescerá 2,4% ao ano, contra 1,3% de crescimento anual da população terrestre em sua totalidade. Na América Latina, entre 1980 e 2025, estima-se um aumento de 217% da população total, enquanto que o aumento da população acima de 60 anos deverá ser de 412%.

A população brasileira chegou a 195,2 milhões de habitantes em 2011, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD, 2009), divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2012). No Censo Brasileiro realizado em 2000, o número de idosos era de 14,5 milhões (8% da população total). Hoje, o Brasil tem 23,5 milhões de pessoas acima dos 60 anos de idade, o equivalente a 12,1% da população (Censo, 2010). O Gráfico 1 permite visualizar, com maior nitidez, o crescimento da população idosa brasileira.

Gráfico 1- População Idosa Brasileira.



Fonte: IBGE, 2012.

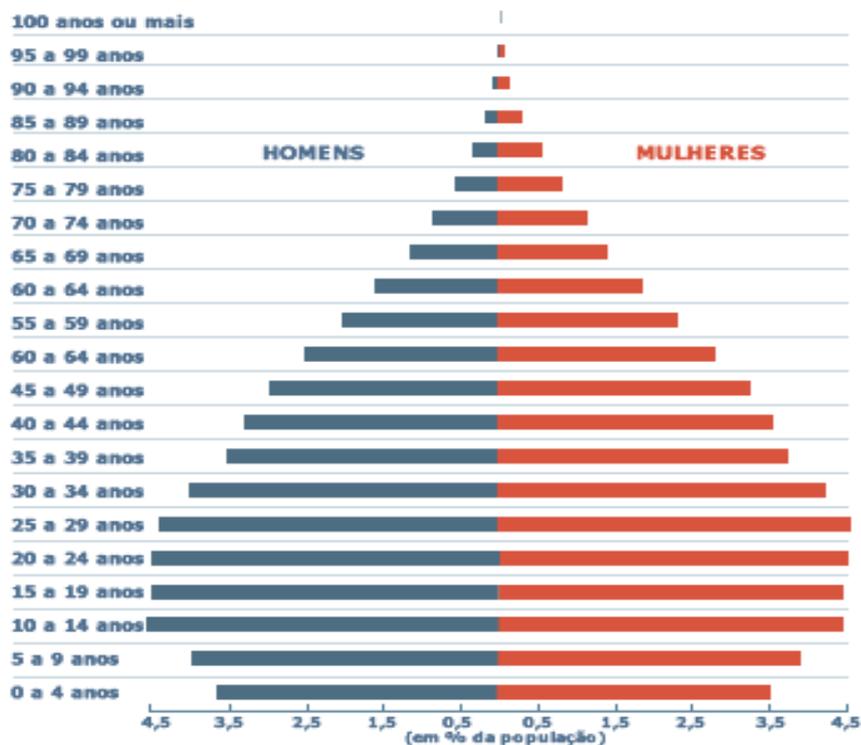
Segundo a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), um país é considerado velho quando tem uma percentagem superior a 7% de idosos na sua população geral. O Brasil, apesar de ser visto como um país de jovens, não somente pela sua história mais recente, mas também pela sua população jovem, apresenta índice social e demográfico de envelhecimento de 12,1%, o que é bastante superior ao estabelecido pela OCDE, 2009.

O índice de envelhecimento das pessoas no País é medido por meio da razão entre o número de pessoas de 60 anos ou mais para cada 100 pessoas com menos de 15 anos de idade. Em dez

anos, a taxa passou de 31,7 para 51,8. Isso significa que, atualmente, há aproximadamente um idoso para cada duas pessoas de menos de 15 anos. O índice brasileiro é bem parecido com a média mundial, que é de 48,2 (SÍNTESE DE INDICADORES SOCIAIS - SIS, 2010).

O Gráfico 2 mostra que o Brasil avança no processo de transição demográfica. Os jovens em idade ativa são hoje a maior parte da população.

Gráfico 2 - Distribuição da População Brasileira por Idade e Gênero, no Brasil em 2010.



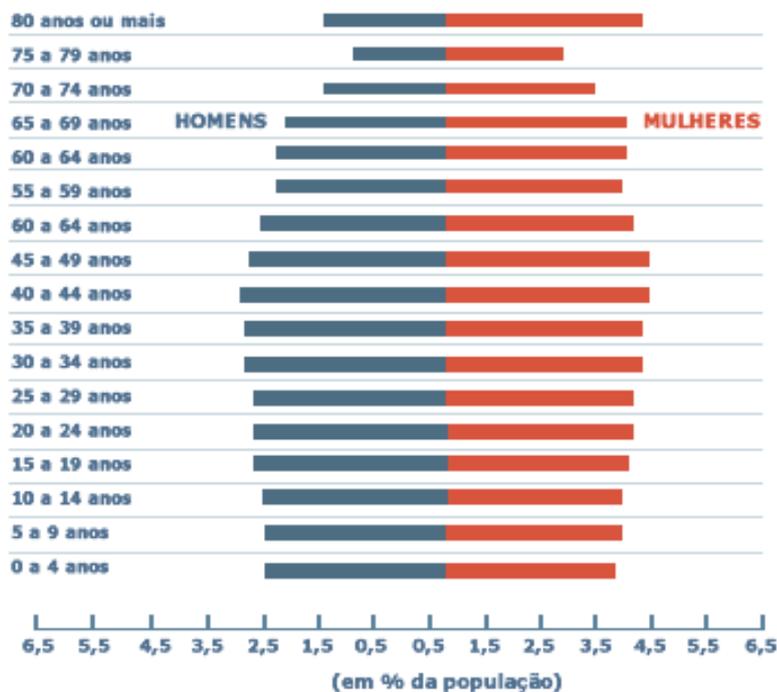
Fonte: Censo, 2010.

Vê-se que o gráfico 2 apresenta uma estrutura em forma de gota com predominância de adolescentes e adultos jovens. Os especialistas do IBGE consideram que essa estrutura representa um bônus para o país, ao revelar que há um contingente maior da população em idade ativa. Esse momento é considerado o ideal para preparar o país para um envelhecimento que proporcione melhor qualidade de vida para seus idosos. Contudo, o rápido crescimento da população idosa irá mudar esse quadro demográfico e fará surtir efeitos significativos em todos os níveis da sociedade. Hoje, os idosos somam 23,5 milhões dos brasileiros, mais que o dobro do registrado em 1991, quando a faixa etária contabilizava 10,7 milhões de pessoas. Na

comparação entre 2009 e 2011, o grupo dos idosos aumentou 7,6%, ou seja, mais 1,8 milhão de pessoas.

Kalache (2007) considera que os países desenvolvidos primeiro enriqueceram e depois envelheceram. Em nosso país, esse processo de transição demográfica foi diferente, o aumento da população idosa teve início antes das grandes inovações científico-tecnológicas, associado às melhores condições de vida da população, traduzido pela urbanização adequada das cidades, melhoria nutricional, melhores condições sanitárias em geral e, particularmente, condições ambientais no trabalho e nas residências. No caso brasileiro é previsto que em quatro décadas o país tenha quase tanto idosos quanto jovens. Tal referência pode ser observada no Gráfico 3, que revela a projeção demográfica para 2050 e traz um gráfico em pote, onde há quase tantos idosos quanto jovens.

Gráfico 3 - Projeção Demográfica para 2050.

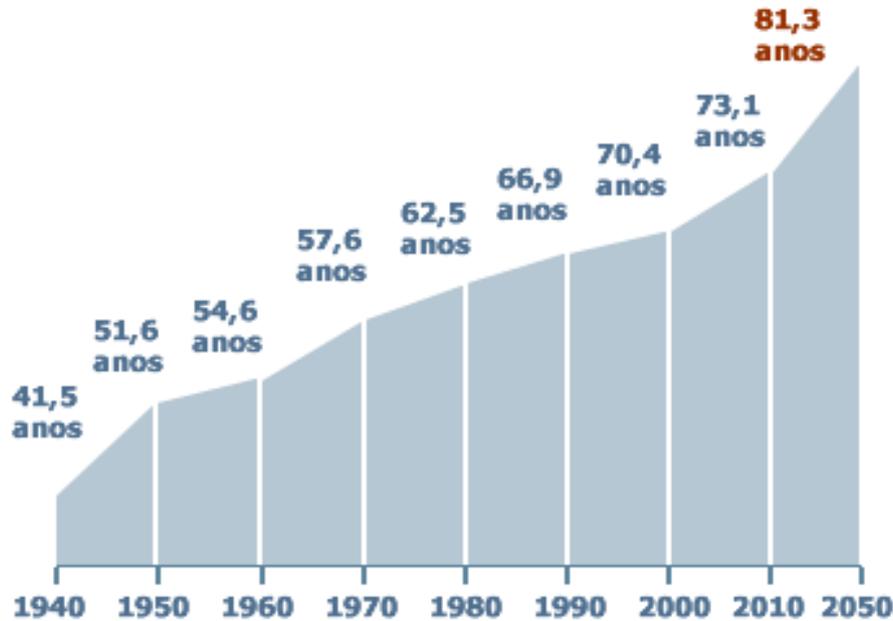


Fonte: IBGE, 2010.

A expectativa de vida no país tem aumentado consideravelmente nas últimas décadas. No início do século XX, o brasileiro vivia em média 33 anos. Em 1990, a média era de 66,9 anos e no censo de 2010 a expectativa de vida do brasileiro era de 73,1 anos (SIS, 2010; IBGE, 2010). A cada década o brasileiro se torna mais longevo. O gráfico 4 retrata a expectativa de

vida dos brasileiros no período de 1940 até 2010 e apresenta a projeção estimada para 2050.

Gráfico 4 - Expectativa de Vida dos Brasileiros.



Fonte: SIS, 2010; IBGE, 2010.

A incorporação de informações aos dados da população brasileira oriundos do Censo Demográfico e das Estatísticas do Registro Civil de 2010 permitiu ao IBGE divulgar, no final de 2012, o aumento da expectativa de vida dos brasileiros para 74,01. O gênero masculino passou para 70,6 anos e o feminino para 77,7 anos.

As mulheres idosas são maioria, assim como a população feminina em geral. Verifica-se que há uma feminização da população idosa em âmbito mundial e nacional. Entre as mulheres, são registradas as menores taxas de mortalidade. Elas sobrevivem de seis a oito anos mais que os homens. A população feminina e masculina envelhecem de maneiras diferentes. A principal explicação para a diferença de gênero, segundo o IBGE (2010), é que as mortes violentas em acidentes automobilísticos, homicídios e o abuso de bebidas alcoólicas atingem com mais intensidade a população masculina. Geralmente, os homens adotam menos cuidados com a sua saúde pessoal, negligenciando exames médicos preventivos periódicos, bem como o tratamento adequado de doenças crônicas. Estes podem ser também fatores que justifiquem a pior qualidade da saúde masculina quando comparada à saúde das mulheres, em faixas etárias mais avançadas.

Papaléo Netto (2012) também considera que o maior cuidado da saúde pelas mulheres torna a velhice feminina mais longa. A maior longevidade feminina é confirmada ainda pelos dados dos últimos censos demográficos realizados no país. De uma população de 195,2 milhões de habitantes, 100,5 milhões – ou 51,5% – são mulheres e 94,7 milhões são homens – 48,5% do total. Em comparação com dados de 2000, a população feminina cresceu 14%: havia 86,2 milhões de mulheres no país há doze anos. Em relação a 2009, o aumento foi de 2%. (PNAD, 2011). A síntese dos dados demográficos da população brasileira pode ser observada na Tabela 2.

Tabela 2 – Síntese dos Dados da População Brasileira.

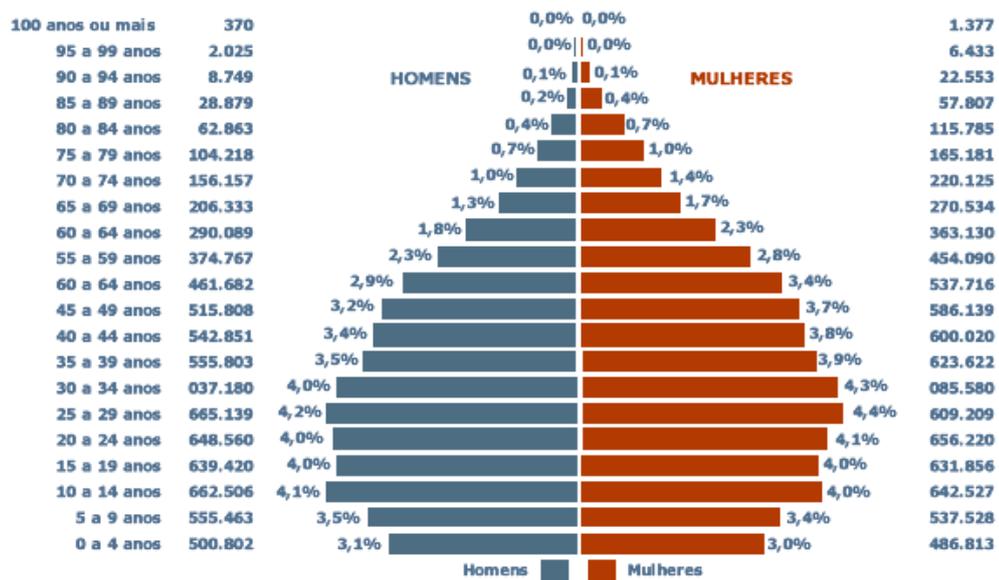
População Brasileira				Expectativa de Vida das Pessoas		
Total	Idosos	Mulheres	Homens	Media	Mulheres	Homens
195,2 milhões	23,5 milhões	100,5 milhões (51,5%)	94,7 milhões (48,5%)	74,08 anos	77,7 anos	70,6 anos

Fonte: Extraído dos dados do SIS, 2010; da PNAD, 2011; IBGE, 2012.

É relevante também considerar que o aumento de esperança de vida é registrado em média aritmética, o que encobre as situações das diferentes regiões do país. Apesar de o Brasil estar entre as dez maiores economias do mundo, a distribuição de renda e as condições de vida dos idosos são pertinentes a uma sociedade heterogênea.

Das regiões brasileiras, o Sudeste é a mais populosa com 80.364.410 milhões de pessoas, representando 42,1% do total da população e também a que registra o maior contingente de idosos. O Estado do Rio de Janeiro tem 15.989.929 habitantes, sendo 2,4 milhões de idosos (Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio (PNAD, 2011). O Gráfico 5 apresenta a distribuição da população do Estado do Rio de Janeiro em 2010, por gênero segundo os grupos de idade.

Gráfico 5 - Distribuição da População do Estado do Rio de Janeiro em 2010, por gênero segundo os grupos de idade.



Fonte: Censo IBGE, 2010.

A cidade do Rio de Janeiro tem 6.323.446 habitantes e com os seus 940.851 idosos é considerada a capital da terceira idade. O bairro de Copacabana (7,84km²), localizado na zona sul da cidade, tem a maior concentração de moradores com mais de 60 anos. Dos 146.392 habitantes do bairro, 47.173 são idosos (32,2%), sendo 31.017 (74,7%) do sexo feminino (IBGE, 2010). A Tabela 3 apresenta a síntese dos dados demográficos do estado e da cidade do Rio de Janeiro e do bairro de Copacabana.

Tabela 3 – Síntese dos dados demográficos do estado do Rio de Janeiro, da cidade do Rio de Janeiro e do bairro de Copacabana.

Estado		Cidade		Bairro			
Rio de Janeiro		Rio de Janeiro		Copacabana			
População	Idosos	População	Idosos	População	Idosos	Feminino	Masculino
15.989.929	2,4 milhões	6.323.446	940.851	146.392	47.173	31.017	16.156

Fonte: Extraído dos dados do IBGE, 2012.

As profundas transformações no âmbito político-social, geradas pela mudança no perfil etário da nossa população, trazem muitos desafios para a sociedade, criando a necessidade de ressignificação da posição social e da imagem do idoso. Contudo, a quebra de paradigma é uma luta diária de conquista de direitos que não passa apenas pelos poderes constituídos, mas por cada pessoa.

Ao longo dos tempos, os idosos têm vivenciado diferentes formas de participação no desenvolvimento da sociedade. Na sociedade tradicional, caracterizada por relações familiares próximas, as pessoas mais idosas eram respeitadas pelo somatório de experiências pessoais e de relacionamentos e pela riqueza de vivências acumuladas. Com a industrialização, o idoso perdeu prestígio no mercado de trabalho e, conseqüentemente se deparou com a falta de estabilidade econômica (BEAUVOIR, 1970/1990).

Assim, a modernidade refletiu o olhar de idosos marcados por perda de status social, vitimizados por preconceitos decorrentes do processo de envelhecimento e por fatores culturais que privilegiavam a juventude e subestimavam a velhice, contribuindo para que o próprio idoso aceitasse essa condição e desistisse dos seus projetos de futuro.

As perdas sofridas, a segregação imposta, o desamparo por parte de familiares, para algumas pessoas idosas, pode ser subjetivado como inerente ao processo de envelhecimento, o que contribui para que passem a viver a margem da sociedade. Beauvoir (1970/1990) considera ainda que, a sociedade impõe ao homem o status da velhice, lhe destina um lugar e um papel e essa atitude prática e ideológica acaba por condicionar as pessoas ao isolamento.

Superar esse sentimento de comisseração e piedade e compreender a velhice como direito humano fundamental é preconizado pelas políticas públicas de envelhecimento, ao reconhecerem a necessidade de incentivar e equilibrar responsabilidade pessoal, ambientes amistosos para a faixa etária e solidariedade entre gerações. As pessoas precisam se preparar para a velhice, e se esforçar para adotarem uma postura de práticas saudáveis em todas as fases da vida (ONU, 2002).

Leis são criadas com o intuito de contribuir para uma melhor qualidade de vida ao idoso. O Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741/2003) dispõe sobre a existência digna aos idosos, ma medida em que faz recomendações para o envelhecimento ativo e saudável. O princípio da dignidade é reconhecido internacionalmente e está expresso na Declaração Universal dos Direitos do Homem, que assim dispõe:

Considerando que o reconhecimento da dignidade inerente a todos os membros da família humana e de seus direitos iguais e inalienáveis é o fundamento da liberdade, justiça e da paz no mundo; (...) Considerando que os povos das Nações Unidas reafirmaram, na Carta, sua fé nos direitos humanos fundamentais, na dignidade e no valor da pessoa humana e na igualdade de direitos dos homens e das mulheres, e que decidiram promover o progresso social e melhores condições de vida em uma liberdade mais ampla; (...) A Assembleia Geral proclama (...):

Art. 1. Todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotadas de razão e consciência e devem agir em relação umas às outras com espírito de fraternidade.

Apesar de toda a legislação voltada para a população com 60 ou mais anos de idade, ser idoso em nossa sociedade não é muito valorizado. Ainda é marcante a visão de envelhecimento como declínio (GOLDENBERG, 2011). Tanto é que uma pesquisa realizada em Brasília em 2011, com a participação de alunos do ensino fundamental, constatou que o idoso sofre discriminação no meio social, especialmente pelos jovens. Dos participantes, 73% se referiam aos idosos com adjetivos negativos. Entre os mais citados estavam: inútil (84%); feio (70%); dependente (65%); doente (64%); e caduco (61%) (MARANGONI et al. , 2011). De acordo com Brito da Motta (2004), o idoso tem a clara percepção do processo de envelhecimento corporal e da reação social a ele.

Novais (2005) concorda que a discriminação existe e acrescenta que não é de surpreender que muitos idosos se definam, o máximo possível, distantes da velhice e se recusem a serem velhos. Brito da Motta (1998), também afirma ser difícil para algumas pessoas se reconhecerem como idosas, porque a velhice, em nossa sociedade, é ainda associada à decadência. Debert (1999) afirma que os idosos reconhecem que a velhice existe, mas não é aquilo que estão neles. Velho é sempre o outro. Beauvoir, (1970/1990) contribui com este modo de pensar e ressalta que, muitas vezes, é por meio do olhar do outro que a pessoa se percebe como velha. Para a autora “queiramos ou não, acabamos por render- nos ao ponto de vista de outrem” (p.353).

Ao se envelhecer, é possível substituir ideias de perdas por momentos de novas conquistas guiadas pela busca da satisfação pessoal. E, tanto as experiências vividas, quanto os saberes acumulados são ganhos que favorecem a exploração de novas identidades, a realização de projetos abandonados e o estabelecimento de relações intensas com pessoas de todas as idades (DEBERT, 1994).

Goldenberg (2008) faz referência que, em suas pesquisas, o envelhecimento é associado pelas idosas a ideias positivas como liberdade, conquistas, amadurecimento, serenidade, tolerância, sabedoria e aceitação. Algumas pessoas reportam, ainda, que o envelhecimento representa uma descoberta de um “eu” que estava escondido, sufocado pelas obrigações sociais. Elas viram na maturidade a oportunidade de serem elas mesmas pela primeira vez.

Lins de Barros (2009) salienta que o envelhecimento “ultrapassa os limites das vidas particulares de cada um e de cada família, para, com outras tantas questões, atrair a atenção de nossa sociedade” (p.9). A mídia, impressa e televisiva, tem presença constante no cotidiano das pessoas e exerce influencia nos valores, opiniões e comportamento da sociedade. A partir da década de 90, os idosos começaram a ser veiculados pelas mídias como pessoas ativas e emancipadas. A imagem negativa foi sendo substituída por uma mais saudável e ativa, pregando valores de autonomia, individualidade e autorrealização. A mídia, ao promover eventos com foco nas questões relativas à população idosa, favorece que as informações sejam compartilhadas em fluxo dinâmico, rompendo barreiras espaços-temporais e contribuindo para uma mudança de olhar da sociedade para o processo de envelhecimento.

Na contemporaneidade, o retraimento do idoso, do seu lugar na sociedade, pode ser considerado uma perda para todos. As pessoas que estão hoje com mais de 60 anos de idade participaram ativamente da reconstrução do nosso país, focadas no trabalho intenso e atuando, decisivamente, nas revoluções sociais, econômicas e culturais. De acordo com Ventura (2010), o contingente de idosos de hoje viveu ativamente a transformação do mundo, passou pelos movimentos de direitos humanos e contribuiu para a mudança atual da concepção de velhice.

Os idosos que nasceram durante a explosão demográfica após a Segunda Guerra Mundial, especialmente entre os anos de 1946 e 1960, além de fazerem parte de uma história que revolucionou o modo como hoje se vê a adolescência e a juventude, agora estão ressignificando o modo de ser idosos. Quando jovens, questionaram a ordem social, participaram do movimento hippie, da revolução sexual, resistiram à ditadura, foram perseguidos e muitos tiveram que buscar refúgio político fora de seu país. Novais (2005) explica que à medida que essa geração envelhece, transforma a maneira de se relacionar com as pessoas e com o mundo. A geração dos novos idosos apresenta uma nova atitude diante da vida, eles defendem a posição de não serem passivos como as gerações passadas. Apesar de todas as adversidades que enfrentaram, mantiveram ao longo da vida seus ideais em sua personalidade, estilo de vida e opiniões e, à medida que envelhecem, apesar de seus interesses, necessidades e desejos mudarem, seus valores continuam.

As mulheres dessa geração passaram por importantes mudanças na sociedade e muitas tiveram participação ativa nos fatos, tais como o movimento feminista, as mudanças no

comportamento sexual, os novos modelos de casamento e de família, a entrada maciça das mulheres nas universidades e no mercado de trabalho, o uso da pílula anticoncepcional, a vivência de terapias psicológicas e psicanalíticas, o movimento de contracultura, a lei do divórcio, entre tantas transformações que ocorreram nos anos de 1960 e nas décadas seguintes (GOLDENBERG, 2011).

Goldenberg (2008) complementa afirmando que as idosas de hoje fazem parte de uma geração que não aceitará o imperativo: "Seja uma velha!" - ou qualquer outro rótulo que sempre contestaram. São de uma geração que mudou comportamentos e valores de homens e mulheres, que legitimou novas formas de família e que ampliou as possibilidades de ser mãe, pai, avô e avó. Não se aposentaram de si mesmas, recusaram as regras que as obrigariam a se comportar como velhas. Não se tornaram invisíveis, apagadas, infelizes, doentes, deprimidas. Conquistaram um lugar no mundo e se reinventam permanentemente.

Reis (2011) acredita que essas pessoas são marcadas tanto pela contestação, quanto pelo bom humor, como também por uma maneira de viver mais leve e com certa ironia, que as gerações antigas não tinham. Solomon (2002) considera que as novas idosas constituem o mais poderoso segmento de mercado devido ao seu tamanho e poder econômico. Leventhal (1997) afirma que essas idosas são atuantes e até parecem ser muito mais jovens do que qualquer outro grupo que veio antes delas.

Concebo que a contemporaneidade traz consigo uma idosa com um perfil diferenciado, que oferece perspectivas positivas, como a possibilidade de uma maior participação social. As identidades que elas estão construindo exigem revisão de concepções, como a tendência de associar envelhecimento à perda de saúde, à incapacidade de produzir, à falta de vigor físico e mental.

A geração de idosas, hoje, opta por querer viver de maneira autônoma, integrada e participativa. O conceito de idosa ativa não está ligado à capacidade física e nem à força de trabalho, e sim à participação continuada nas questões civis, sociais, culturais, espirituais e econômicas (OMS, 2002). O envelhecimento ativo traz em sua concepção o sentido de dar qualidade de vida aos anos vividos, em tornar a vida digna de se viver e não só pensar em dar mais anos à vida. Aqui se faz necessário esclarecer que a longevidade, apesar de esperada pela sociedade, não basta por si só. Viver mais é importante, mas é preciso propiciar qualidade aos

anos adicionais. Sem dúvida, a ampliação do tempo de vida é uma conquista do século XX. No entanto, o desafio do século XXI será o de garantir a qualidade de vida tanto para o idoso, quanto para os familiares e a sociedade (KALACHE, 2007).

A perspectiva de envelhecer com qualidade desmistifica que a idade avançada afasta a vida ativa, enfraquece o corpo, priva as pessoas dos melhores prazeres e as aproxima da morte. Cícero (1999) refuta a ideia de velhice detestável com argumentos que defendem ser possível encontrar prazer na velhice, assim como em todas as etapas da vida:

Por certo, os que não obtêm dentro de si os recursos necessários para viver na felicidade acharão execráveis todas às idades da vida. Mas todo aquele que sabe tirar de si próprio o essencial não poderia julgar ruins as necessidades da natureza. E a velhice, seguramente, faz parte delas! (ibid., p.9).

Cícero considera envelhecer como sendo uma arte e qualquer etapa da vida tem risos e lágrimas. E aí é que está a beleza da vida. Viver com alegria e sabedoria cada fase. Tanto na juventude como na velhice há beleza, diferentes belezas. (ibid.).

Puijalon & Trincaz (2000) ressaltam que o idoso faz lembrar que a existência não fica congelada no tempo. A pessoa passa pela vida e não se fica para sempre jovem, bela e dinâmica.

Contudo, a cultura da juventude é forte na contemporaneidade, prevalecendo o olhar de que a mulher tem que manter uma beleza jovial. De acordo com Debert & Goldstein (2000), a mulher idosa deixa de ser vista como mulher, pois seu corpo não é mais objeto de desejo. Goldenberg ressalta, também, o olhar de repugnância que certos homens idosos têm para as mulheres de 60 ou mais anos (2011).

Neste contexto, muitas idosas para se sentirem aceitas, acabam negando a sua própria identidade. O que se reflete no jeito de se vestirem, nos tratamentos de beleza, nas intervenções cirúrgicas e, porque não dizer, no orçamento familiar. As cobranças sociais são tantas que muitas mulheres buscam disfarçar, em seu corpo, os vestígios do envelhecimento. Brito da Motta (2006) compartilha dessas afirmações e reintera que a sociedade, ao privilegiar a beleza jovial, contribui para que as idosas neguem a própria idade. Desse modo, recorrem aos mecanismos tradicionais como pintar cabelos, ou a outros mais invasivos como cirurgias plásticas.

Goldenberg (2008) chama a atenção para esta situação, ao afirmar que o nosso contexto sócio cultural impõe um padrão de beleza que explica os enormes sacrifícios que as mulheres fazem para parecerem mais jovens, quer seja por meio do corpo, da roupa ou do comportamento.

Envelhecer é muito difícil para as mulheres, pois a sociedade sempre valorizou as mulheres por sua beleza baseada na aparência de juventude. As sociedades, com esses modelos de beleza impostos, são capazes de influenciar algumas mulheres, ao ponto em que se arriscam a contrair doenças, chegando à perda da vontade de viver, à depressão e mesmo ao óbito. Para Goldenberg (ibid.) o século XX, com a apologia ao corpo perfeito, foi fonte de frustração feminina.

O investimento em se manter jovial resultou no crescimento do mercado voltado para produtos de antienvelhecimento. A Associação Brasileira das Indústrias de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos (ABIHPEC, 2012) aponta o Brasil como o terceiro no ranking mundial desse mercado. E revela ainda que as mulheres brasileiras gastam de 20 a 30% de sua renda pessoal com produtos de beleza. Esse cuidado que a mulher idosa tem com a aparência também é relatado por Novais (2011). Ela diz que como os produtos que combatem o envelhecimento alavancam as vendas nacionais, o aumento do número de consumidoras idosas é de grande interesse para as indústrias, pois este contingente possui a mais alta renda média do país.

Goldenberg (2002) acrescenta que as mulheres tendem a julgar umas às outras, pelo critério subjetivo de peso, roupa, maquiagem, cabelo e sapato. Elas, ao valorizarem a aparência jovial, apesar da idade que têm, alimentam a ilusão de que a beleza é o passaporte para a felicidade. Greer (1991/1994) e Ramos (1998) acrescentam que apesar de muitas idosas dizerem que se sentem muito bem com a sua idade, elas se mantêm reféns do culto da beleza jovial.

Neste estudo, compreendo o envelhecimento da mulher como um processo complexo que é vivenciado pela pessoa de acordo com o seu modo de viver, de produzir sentidos e de significar a si, o outro e a sociedade. Os aspectos sociais, econômicos e histórico-culturais e as interações com as outras pessoas e contextos, diferenciam e assemelham o modo como cada pessoa envelhece. Assim, não existe um modo de envelhecer, mas diferentes modos de envelhecer.

2.3 AVÓ CUIDADORA NA SOCIEDADE CONTEMPORANEA

2.3.1 Organização Familiar e o ingresso da mulher de classe média no mercado de trabalho

A história do Brasil, desde a sua colonização até a atualidade, é rica em aspectos que nos possibilitam compreender as diferentes organizações familiares. Vivemos em uma sociedade caracterizada pela heterogeneidade e pela complexidade. De igual modo, as próprias famílias se constituem em campo importante a ser compreendido em relação às mudanças e à permanência de padrões sociais e culturais (LINS DE BARROS, 1987).

Roudinesco (2003) distingue três tipos de organização familiar que são produtos de períodos diferentes da história social: a família tradicional, a moderna e a contemporânea. A família tradicional, ou família do período colonial, se caracteriza por ser extensa e estar sob o domínio patriarcal. O poder do pater nessas famílias e nessa época é incontestável – não só no lar, mas na economia, na política e em toda sociedade. Castells (1999) menciona esses modelos familiares como se ancorando no patriarcalismo, o qual permeava “toda a organização da sociedade, da produção e do consumo à política, à legislação e à cultura” (p.169). É um modelo que coloca a mulher no lugar de subalterna e subserviente, exaltando a feminilidade através da docilidade e da passividade. Assim, as mulheres deviam obediência absoluta a seus pais, irmãos e maridos.

Durante a maior parte do século XX, a vida familiar e laboral se organizou em torno do modelo tradicional de família. O homem, chefe de domicílio, era o encarregado de trabalhar remuneradamente, recebendo um salário que assegurava a manutenção da família. Segundo a Organização Internacional do trabalho (OIT, 2009) a mulher tinha a seu cargo as tarefas da casa e o cuidado das crianças, em troca dos quais não recebia nenhuma remuneração, posto que eram atividades realizadas por dedicação e amor aos filhos.

Freyre (1933/1998), ao falar do patriarcalismo, afirma que a ele somavam-se outros tantos modelos que evidenciavam, sobretudo, as diferenças regionais no Brasil Colônia. Assim, no Nordeste destacavam-se as famílias patriarcais dos senhores de engenho, enquanto, nas capitâneas do Sudeste colonial, predominavam as famílias nucleares e as uniões consensuais entre as classes subalternas (DEL PRIORE, 1997). As diferenças regionais estão presentes,

também, no comportamento das mulheres brasileiras. As sinhazinhas dos engenhos nordestinos tinham suas atividades restritas ao espaço da Casa Grande, enquanto que as mulheres do Sudeste tinham um papel social mais ativo e administravam as fazendas e os escravos na ausência dos homens. Neder (1994) acrescenta que, mesmo nessa situação de liderança feminina, permanecia a ideia de submissão e subordinação ao chefe da casa.

Para Rocha-Coutinho (2006), a família tradicional constituída por grupos autônomos de produção, administração, justiça e autodefesa mantinha as relações, inclusive as afetivas, dominadas pelos interesses econômicos. Freyre (1933/1998) relata que aspectos como cuidados infantis, socialização primária, trabalho, aprendizagem de habilidades e técnicas para atividades produtivas se misturavam. O que equivale dizer que a família não ocupava lugar de destaque na criação e educação das crianças, não controlava a transmissão de valores e não garantia a socialização dos conhecimentos. A afetividade e a aprendizagem aconteciam em uma ampla rede social, composta por crianças, idosos, vizinhos, amas, amigos e criados.

Com a chegada da corte portuguesa ao Rio de Janeiro, a antiga família patriarcal começou a apresentar mudanças. Na segunda metade do século XIX, ocorrem alterações decisivas no saneamento da cidade, por exemplo, foram importados novos avanços tecnológicos europeus, inclusive a luz elétrica. Essas transformações no modo de vida se tornaram mais evidentes nos centros urbanos, especialmente na capital (ROCHA-COUTINHO, 2006). Com o aumento dos trabalhadores assalariados, da imigração europeia e com a quantidade crescente de profissionais liberais e burocratas fortaleceu-se o poder do Estado, o que contribuiu para o declínio desse modelo de família.

A modernização, a industrialização e a urbanização promoveram o surgimento de uma nova família, modelo agora baseado em uma mentalidade burguesa. Essa organização, com característica nuclear, introduziu elementos na vida familiar. De acordo com Rocha-Coutinho configurou-se um novo modelo de organização social, a família conjugal moderna, formada por mãe, pai e filhos. Esta estrutura funda-se no amor romântico, reforça a reciprocidade dos sentimentos e dos desejos carnavais no casamento (ibid.). Corrêa (1994) considera que essa configuração familiar tem correspondência com o que Roudinesco (2003) situa como sendo o segundo grande período da evolução da família. Essa família moderna valoriza a divisão do trabalho quanto ao gênero e a separação das esferas pública e privada, cabendo ao homem o espaço público do mundo do trabalho fora de casa e à mulher, o espaço privado do lar e da

família.

A modernização e o aburguesamento da sociedade refletiram no comportamento das mulheres brancas, principalmente àquelas das classes privilegiadas. De acordo com Neder (1994), ao contrário da família tradicional, a mulher moderna deveria ser educada para desempenhar o papel de mãe e dar suporte ao homem para que este pudesse trabalhar fora de casa. A mulher, para ser considerada boa esposa e boa mãe, deveria ser prendada, mas também ir à escola, aprender a ler e a escrever, para assim desempenhar melhor a missão de educadora dos filhos.

Para Rocha-Coutinho (1994) as características de abnegação, dedicação, docilidade e outras vinculadas à feminilidade e ao conceito de boa mãe favoreceram a naturalização das funções femininas. A identificação entre feminilidade e maternidade fortaleceu a discriminação das mulheres, negando-lhes a opção por optar por atividades socialmente valorizadas. Isso garantiu por muito tempo a primazia dos homens na vida pública. Por outro lado, fatos como a ascensão da burguesia, a consolidação do sistema capitalista, o crescimento da urbanização e o surgimento da sociedade industrial, com seu grande avanço tecnológico, entre outros, proporcionaram uma maior participação das mulheres, em especial as das classes menos abastadas, na produção.

Cabe destacar que somente em 1943, segundo a legislação brasileira, a mulher casada passou a ter o direito de trabalhar fora de casa sem a necessidade da autorização do marido, desde que este não pudesse prover sua subsistência ou a de seus filhos.

Ao término da Segunda Guerra, com o retorno dos homens aos seus postos de trabalho, houve um movimento por parte da sociedade para que as mulheres abandonassem seus trabalhos no espaço público e retornassem à esfera privada. A sociedade, então, começou a reforçar, nos anos de 1950, a ideia da mulher como rainha do lar e responsável inteiramente pela educação e pelo cuidado dos filhos, do lar e do esposo (ROCHA-COUTINHO, 1994).

Após a revolução industrial, no período entre os anos de 1950 e 1960, a família passou por modificações acentuadas. Houve um maior incentivo em privilegiar as pessoas pelos seus conhecimentos e capacidades, em detrimento da posição social, gênero ou idade. As mulheres foram contratadas, em grande número, para trabalhar em fábricas, para operarem as novas máquinas que exigiam menos esforço muscular. Elas ganhavam salários menores do que os

dos homens e suas condições de trabalho, inclusive sua jornada, eram desfavoráveis. Este contexto levou ao surgimento da classe média (ROCHA-COUTINHO, 1994).

O ingresso da mulher de classe média no mercado de trabalho restringiu o domínio exclusivo do homem ao universo público, mas o oposto não aconteceu. As mulheres, apesar de trabalharem fora de casa, continuaram com as responsabilidades domésticas. Assim, a partir dos anos de 1960, houve grande valorização do trabalho feminino por parte das mulheres da classe média (BRUSCHINI, 1990). Além disso, algumas dessas mulheres começaram a assumir o papel de provedoras, o que marca uma mudança drástica no modelo familiar tradicional. Contudo, apesar de terem se integrado à esfera pública, por meio de sua incorporação massiva ao sistema educacional e de trabalho, ainda vigorava a imagem de que o lugar da mulher é em casa e sua função principal é o cuidado da família (OIT, 2009).

A inserção da mulher de classe média no mercado de trabalho brasileiro se evidenciou mesmo a partir do ano de 1970, quando o milagre econômico brasileiro apertou as economias das famílias brasileiras e as mulheres ampliaram a sua atuação na economia remunerada (BRUSCHINI, 2000). Outros fatos marcantes que se evidenciaram, a partir do ano de 1970 na classe média, foram o aumento dos vínculos afetivo-sexuais variados e o contingente de mulheres que optaram pela maternidade fora da união formalizada, ainda que permanecesse dominante o modelo da família nuclear.

A participação da mulher das classes média e alta na esfera pública, com a mulher saindo de casa para trabalhar, e a aprovação da lei do divórcio em 1977 foram significativas para a constituição da família contemporânea (ROCHA-COUTINHO, 2006).

A inserção da mulher no mercado de trabalho e sua busca por novos espaços sociais, fez com que a família se reconfigurasse. A mulher assume uma identidade feminina que lhe confere autonomia sobre sua vida e seu próprio corpo (pílulas anticoncepcionais) e passa a atuar tanto na esfera privada (família), quanto na esfera pública (sociedade), o que altera a configuração da família e da sociedade (HINTZ, 2001).

Os papéis familiares ressignificados estimularam novas formas de atuação. Em meio a essas mudanças socioculturais, os papéis femininos e masculinos sofreram transformações, porém as diferenças de gênero foram mantidas em relação aos casais, apesar do poder ter ficado

relativamente mais equilibrado entre ambos (ROUDINESCO, 2003).

Pode-se dizer que a família passou por influências sociais, políticas e econômicas que contribuíram para questionamentos sobre as questões de gênero. A condição feminina foi se modificando e isso trouxe expectativas de mudanças no papel desempenhado pelos homens na relação conjugal e, naturalmente, na relação pais-filho (HINTZ, 2001).

Estes e outros fatores foram se agregando e contribuíram para que a estrutura familiar tradicional – pai, mãe e filhos – não fosse mais a única forma desejável de relacionamento familiar, abrindo-se um espaço significativo a outras configurações familiares (ibid.).

Portanto, no terceiro e último momento da evolução familiar descrita por Roudinesco (2003), encontra-se a família contemporânea, constituída pela união de dois indivíduos em busca de relações íntimas e de realização sexual, só que, diferentemente da família moderna, ao longo de um determinado tempo, isto é, enquanto a união satisfizer os cônjuges.

A família contemporânea produziu uma reviravolta na sociedade ocidental. Tal reviravolta pode ser descrita em termos de uma “crise” que envolve, não somente mudanças dentro da família, referentes à estrutura e à dinâmica familiar, mas principalmente modificações de valores sociais, em resposta às significativas transformações sofridas no cenário contemporâneo (ibid.).

A razão moderna, que era fundamental no século passado, passa a ser questionada e a sociedade mergulha em crise. A nova forma de viver na contemporaneidade impõe a urgência de se pensar sobre novas alternativas diante do mundo, da sociedade e das pessoas.

Entendo que a crise da família é, na verdade, o período de transformações que se estende até os dias atuais e caracteriza uma ruptura com as concepções da modernidade. Penso que a crise foi motivada pelo questionamento da razão, pela quebra dos valores vigentes, pelas novas condições de vida, acarretando em seu bojo o enfraquecimento da família patriarcal e nuclear e o fortalecimento de novas formas de organização familiar.

Diante dessas profundas transformações, das mudanças de sentido da família e das divisões de posições no âmbito familiar, foi produzido outro valor estruturante da sociedade: o

individualismo. Passaram a existir dentro da família, projetos individuais que geraram conflitos. Para Sarti (1997) essas mudanças ocorridas relacionam-se com a perda do sentido da tradição, que vem sendo abandonada como em nenhuma outra época da história. Posições preestabelecidas passaram a ser concebidas como parte de um projeto em que a individualidade conta decisivamente.

A influência dos valores individualistas é tida como fundamental para o entendimento das relações familiares na contemporaneidade. Consequentemente, se torna necessário compatibilizar a individualidade com a reciprocidade familiar. Ao mesmo tempo em que é preconizado o estabelecimento de laços de dependência entre os membros da família, se nega essa dependência em nome da afirmação da autonomia de cada um deles (SARTI, 1997; VELHO, 2001; FÉRES-CARNEIRO, 2003).

Vaitsman (1994) defende a coexistência de valores antagônicos nas sociedades contemporâneas. São eles a reprodução de valores e comportamentos fundados em determinada tradição; e a produção de novos valores e comportamentos que romperam com a tradição. O fato de o individualismo ter se expandido não significa que os valores individualistas e modernos tenham sido incorporados pelos segmentos tradicionais. As mudanças culturais, sobretudo na cena urbana, onde os diferentes mundos se interpenetram, podem gerar tanto similaridade como diferenciação.

Na interação social verifica-se um movimento de homogeneização de estilos e hábitos de consumo e, simultaneamente, uma afirmação das diferenças e desigualdades, justamente porque as informações, emoções, valores, ideias, imagens e discursos que são trocados nas relações não são absorvidos por cada pessoa e por cada segmento social da mesma maneira. Existem vários mundos sociais e simbólicos inseridos no mesmo segmento social e também em uma mesma pessoa. Sendo assim, a pessoa não é vista como uma entidade unificada e homogênea, mas sim alguém que comporta uma pluralidade, conformada a partir das diferentes posições sociais que ocupa (VAITSMAN, 1994).

De acordo com Velho (2001), no Brasil, especialmente no Rio de Janeiro, ocorreu um mecanismo de conciliação entre valores tradicionais, familísticos e valores individualistas, que legitimou novas formas de articulação entre as pessoas e suas famílias. Isso significa que, apesar de continuar a existir as formas mais tradicionais de família (com hierarquias e

posições bem definidas), os novos valores, advindos com as transformações surgidas na contemporaneidade, legitimaram outros modos de se constituir a vida em família. A pluralidade cultural configurada no Rio de Janeiro mostra, com muita clareza, as conexões e simultaneidades entre valores e práticas sociais que não se tornaram universais, mas que passaram a conviver dentro de uma mesma ordem.

Em meio à pluralidade de valores e referências das sociedades contemporâneas, é comum as pessoas questionarem as relações que se estabelecem dentro de suas próprias famílias. Segundo Vaitsman (1994), não há um modelo de família dominante na contemporaneidade, pois a família sobrevive na combinação de estratégias e recursos tradicionais e modernos. Tanto assim, que existe uma pluralidade de padrões de casamento e família convivendo com o modelo de família conjugal moderna.

Contudo, cabe elucidar que a sociedade sempre conviveu com diferentes modelos de família, ainda que, em determinadas épocas ou regiões do país, um modelo possa ter prevalecido sobre os demais. As transformações na organização familiar não ocorreram de maneira linear e, tampouco, um modelo extinguiu o outro. Assim, diferentes modelos de organização familiar coexistem ao mesmo tempo em diversos contextos.

Vaitsman (1994) e Silva (2000) consideram que as constantes transformações sofridas pela família contemporânea a tornaram mais igualitária e com atribuições de identidades segundo o gênero menos rígidas. Sendo assim, é inadequado circunscrever o exercício da maternidade paternidade de acordo com os moldes patriarcais. Hoje em dia, com a ressignificação da posição social da mulher, ambos – homens e mulheres – podem contribuir para o sustento da casa e o cuidado dos filhos, mesmo que isso não ocorra de modo equilibrado.

Os dados do PNUD (2009) constatam que, apesar de sua maior participação no trabalho remunerado, a mulher ainda continua há dedicar muitas horas nas tarefas domiciliares. De acordo com o IBGE (2010), as mulheres dedicavam 27,7 horas aos afazeres domésticos, enquanto os homens destinavam 11,2 horas. Com isso, a jornada total de trabalho para as mulheres era de 58,5 horas por semana e, para os homens, era de 52,7 horas. Os registros deixam nítido que o homem não assume de maneira equivalente a corresponsabilidade das tarefas domésticas. As mulheres são responsáveis por 37,3 % das famílias e em 62,7% das residências o rendimento delas ajuda a manter a família (IBGE, 2010).

A sociedade contemporânea, ao se caracterizar por diferentes configurações familiares conforme as relações estabelecidas, também suscitou uma nova forma de relacionamento entre mulher, marido, filhos e trabalho. A incorporação massiva das mulheres à força de trabalho é um fenômeno irreversível e tanto as sociedades desenvolvidas, como as em desenvolvimento, convivem com o investimento da mulher em uma carreira profissional e com os antigos padrões de maternidade.

Segundo o IBGE (2010), as mulheres representam 45% da população ocupada. Almeida (2006) ressalta que, provavelmente, muitas mulheres que trabalham enfrentam o dilema de encontrar uma solução apropriada para assegurar os cuidados diários de seus filhos. Isto porque nem as intensas modificações sociais, nem os questionamentos envolvendo papéis sociais dos homens e das mulheres, conseguiram desconstruir por completo a concepção de que o cuidado e a educação da criança pequena deve ser restrito à família (ALMEIDA, 2006, 2007; ALMEIDA et al., 2009; ALMEIDA & MELCA, 2011).

O ingresso da mulher no mercado de trabalho se reflete, em alguma medida, no acesso de crianças à creche e à pré-escola. No nível da Educação Infantil, chegou-se a uma cobertura de 20,8% das crianças de zero a três anos e de 77,4% das de quatro a cinco anos em 2011. Em 2001, esses percentuais eram respectivamente de 10,6% e de 55% (SIS, 2012). Cabe explicitar que, em 2011, 71,7% dessas mulheres com filhos de zero a três anos de idade que frequentavam creche, estavam ocupadas.

Por outro lado, a participação das mulheres no mercado de trabalho se apresentou bastante reduzida quando nenhum filho frequentava creche, ou algum não frequentava (43,9% e 43,4%, respectivamente). Vale ressaltar que essa relação praticamente não se alterou desde o início da década: em 2001, o percentual era de 70,1% quando todos os filhos estavam na creche, 41,2% quando nenhum filho frequentava creche e 44,3% quando algum filho frequentava.

Sendo assim, de acordo com Almeida (2007), as mães da classe média se viam diante de um processo já conhecido pelas mães trabalhadoras das camadas populares: a necessidade de integrarem à sua identidade mais um papel: o de mãe trabalhadora. Desta forma, até hoje, mesmo após as profundas transformações nas relações de gênero, o ingresso da mulher no mercado de trabalho e a família ter-se tornado mais igualitária em decorrência de tendências

contemporâneas, ainda permanece a ideologia da maternidade nascida com a sociedade burguesa patriarcal que confere às mulheres a faculdade natural de amar e cuidar, sem restrições, de seus filhos (VAITSMAN, 1994; ALMEIDA, 2012).

Conforme Afonso & Filgueiras (1996), apesar da emancipação feminina e de todos os movimentos debelados pelas gerações mais novas, ainda é muito forte o sentido que cabe a mulher o encargo familiar porque a maternidade continua sendo afirmada como um elemento forte da cultura e identidade feminina. O significado de que os cuidados familiares fazem parte das funções maternas é transmitido de geração para geração, como se fosse uma “vocação” própria das mulheres serem cuidadoras.

Rocha-Coutinho (1998) também considera que esse discurso que associa o cuidado com os filhos à maternidade está fortemente impregnado na sociedade. É um discurso que causa em muitas mulheres um desconforto ao abandonarem os antigos modelos de conduta aprendidos com suas mães e avós, pois ele não é apenas cultural. A sociedade se apoia no pressuposto de que há uma pessoa dedicada completamente ao cuidado da família. Ainda é forte a imagem da mãe como responsável pelo filho.

Por fim, cabe considerar que, apesar da nova forma de atuação da mulher na sociedade, nem todas são profissionais, havendo grande diversidade de modos de pensar e agir. Tem-se, portanto, a coexistência de discursos antigos e novos na sociedade. Há mulheres que têm as identidades de mãe, esposa e dona-de-casa. Outras, solteiras e sem filhos, têm uma atividade ou fazem carreira no espaço público, desenvolvendo uma identidade profissional. Outras, ainda, buscam conciliar diversos contextos, tais como o lar e o trabalho, o que as leva a se posicionarem através de múltiplas identidades: dona-de-casa, mãe, esposa e profissional competente.

Bennetts (2007) constatou que muitas mulheres acham que, enquanto os filhos são pequenos, devem abdicar de suas atividades profissionais. Muitas sentem alívio em se livrar da dupla jornada diária, mas com o passar do tempo, por diferentes razões, anseiam o retorno ao trabalho. Então, sofrem com a dificuldade de se recolocar no mercado de trabalho, pois este entende que as pessoas que interrompem a carreira não são habilitadas e estão desatualizadas.

A Constituição Brasileira de 1988 reconhece o dever do Estado com a educação das crianças

de zero a seis anos, mediante a garantia de atendimento em creche e pré-escola. Com a promulgação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação, lei nº 9394/1996, a Educação Infantil passou a ser reconhecida como etapa inicial da educação básica através das instituições de atendimento à criança de zero a seis anos.

As ações do governo brasileiro, por mais incipientes que sejam, para a implementação de creches estão em andamento. Mas isso não é suficiente. O governo brasileiro não tem uma política pública estabelecida para apoiar as famílias de classe média, de modo que a mãe trabalhadora possa ter mais oportunidades de acompanhar o desenvolvimento de seus filhos pequenos, além do que lhe é assegurado pela licença maternidade. As políticas públicas voltadas às famílias devem ser ampliadas. Sabe-se que em outros países, tal como na França, há medidas que buscam auxiliar os pais na tarefa de cuidados dos filhos. Dentre elas, estão auxílio financeiro e horários de funcionamento de creches e escolas compatíveis com as atividades dos pais (PEIXOTO et al., 2000; ATTIAS-DONFUT & SEGALIN, 2001; ATTIAS-DONFUT, 2004).

A inserção e a participação crescente da mulher de classe média no mercado de trabalho gerou nas famílias a necessidade do estabelecimento de uma rede de apoio complementar aos cuidados e educação dos filhos, seja dentro ou fora do lar.

2.3.2 Família e Cuidados infantis

O conceito de infância é uma construção social, fruto de várias épocas da sociedade que, por si, apresentam realidades diversas. Assim, no decorrer dos séculos, como mostra a história, surgem diferentes concepções de infância.

Para obter conhecimentos sobre as concepções de infância e a dinâmica da sociedade ao longo da história social, pesquisadores como Ariès (1981); Kuhmann Junior (1998) e Carvalho (2003), entre outros, se valeram de fontes de significações como pinturas religiosas e leigas, diários de família, cartas, registros de batismo e inscrições em túmulos. Os discursos, ricos em conteúdo, nem sempre se coadunam, mas, com certeza, contribuem para ampliação de conhecimentos sobre a questão.

Diversos pesquisadores (Riché & Bidon, 1994; D’Haucourt, 1994; Kuhmann Junior, 1998; Carvalho, 2003; Heywood, 2004) mostram que o sentimento de infância esteve presente em períodos anteriores à época medieval. Alegam evidências da presença de crianças em fontes documentais, como retratos e pinturas, assim como em escavações arqueológicas, onde foram encontrados resquícios de brinquedos, objetos e miniaturas de bonecas.

Ariès (1981) considera que o sentimento de amor pelas crianças foi, durante muitos séculos, ignorado pelos adultos. A família era uma realidade moral e social, mas não sentimental. Na Idade Média, o único sentimento de caráter familiar registrado era o de linhagem, que se estendia aos laços de sangue, sem considerar valores nascidos da coabitação e da intimidade. A família existia como realidade vivida, e não como sentimento ou como valor. A criança, nesta época, recebia tratamento diferenciado apenas enquanto dependesse de cuidados para sobreviver. Apesar de ser reconhecido um sentimento superficial de paparicação, prevalecia o desapego. A expressiva mortalidade infantil – decorrente da precariedade dos atendimentos de saúde e dos cuidados higiênicos – e o alto índice de natalidade – que facilitava a substituição das crianças mortas – corroboravam para o fortalecimento de um sentimento de desapego.

Badinter (1980) narra que, nesta época, a maioria dos bebês era negligenciado, entregue a amas de leite. Muitas crianças morriam antes de completar quatro anos de idade. Para as mulheres da alta burguesia, era um desprestígio ocupar-se da prole. Para as operárias, pela jornada de trabalho, era tarefa impossível. A criança era considerada quase como um animal a ser adestrado, um adulto em miniatura. A criança não era vista como um ser em desenvolvimento, com características e necessidades próprias, mas como um adulto em miniatura. Os conhecimentos, as experiências práticas e os valores eram transmitidos pelos mais velhos na realização dos afazeres domésticos. E, a partir de sete anos de idade, as crianças passavam a viver com outras famílias. Esse modo de agir não significava falta de amor pelos filhos, mas que estes eram mais valorizados pela contribuição que podiam dar à família. Para Ariès a noção de infância surgiu somente no século XVII, ao mesmo tempo em que começaram a ocorrer às transformações que culminaram na sociedade moderna (1981).

Ariès (ibid.) relata que apesar de não existir o sentimento de infância descreve que mesmo não existindo um sentimento da infância, as crianças não eram abandonadas, negligenciadas ou mesmo desprezadas. A inexistência desse sentimento não expressava o sentido de falta de afeição, e sim, a ausência da concepção da criança como um indivíduo com particularidades

próprias quanto à forma de se vestir, de falar, de se expressar, entre outros aspectos.

Carvalho (2003), por sua vez, situa o surgimento da infância em torno dos séculos XIII e XIV, com evolução evidente entre os séculos XVI e XVII. Fato este, decorrente da estrutura social vigente, o mercantilismo, que provocou uma alteração no sentimento e na forma de se lidar com a infância.

Kuhlmann Júnior (1998); Postman (1999) e outros se voltaram para aspectos que não eram contemplados na concepção de Ariès (1981). Eles abordam a criança como um ser histórico e social, antes do século XVII. A infância deve ser tida como um momento singular, provisório e transitório da vida, porém significativo e relevante. Kuhlmann Júnior (1998) defende que a percepção social da criança existia antes mesmo do século XVII, tanto no espaço familiar quanto no escolar. Além disso, ele se contrapõe à premissa de que na sociedade medieval a criança era explorada e que não existia o sentimento de amor nas relações entre crianças e adultos.

Kuhlmann Júnior (1998) menciona, inclusive, que a criança é capaz de ter uma participação direta sobre o mundo em que atua:

É preciso considerar a infância como uma condição da criança. O conjunto de experiências vividas por elas em diferentes lugares históricos, geográficos e sociais é muito mais do que uma representação feita por adultos sobre esta fase da vida. É preciso conhecer as representações da infância e considerar as crianças concretas, localizá-las nas relações sociais, etc., reconhecê-las como produtoras de história (ibid., p. 31).

Oliveira (2005) compartilha com o posicionamento de Kuhlmann Júnior, ao enfatizar que “a infância, mais do que um período definido biologicamente, é uma categoria que surge ao longo das transformações da sociedade e se torna uma referência histórica, cultural e social” (p.21). Sendo assim, a infância é um fato que se constitui social e culturalmente, em um mesmo momento histórico em que se delineam diversas significações da infância e da própria criança.

A contribuição de Ariès à história da criança é valorizada por Kuhlmann Júnior (1998), apesar de ele considerá-la generalizante e linear, por se fundamentar em fontes de famílias abastadas. As fontes históricas populares tiveram poucos registros de sua infância, devido à precariedade das condições econômicas.

É, então, através de estudos como os de Kuhlmann Júnior (1998) e Postman (1999) que se conhece a infância pobre, das crianças do povo. São crianças que compartilham espaços com todos, sejam nas praças, nas reuniões noturnas. Escutam as conversas dos adultos. Vestem-se como adultos e são descritas como “sem modos”.

Para Gélis (1991), essa caracterização das crianças do povo como tendo comportamentos inadequados, deve-se ao fato de que o conceito de pudor expressa valores construídos nas relações das famílias abastadas. Isso não quer dizer que a educação, mesmo que informal, das crianças pobres não existia. Gélis (ibid.) considera a educação como um processo presente nas famílias de todas as crianças, sejam pobres ou ricas. A cultura desses dois extratos sociais tem como parâmetro comum os laços com o mundo dos adultos, possibilitado pela liberdade em espaços compartilhados. A criança aprende convivendo.

Tem-se, assim, que a presença da criança no seio familiar era muito proveitosa, pois garantia a sua sobrevivência e a sua educação, graças à influência dos familiares e vizinhos. A infância era uma época de aprendizagens fundamentais:

“as aprendizagens da infância e da adolescência deviam, pois, ao mesmo tempo fortalecer o corpo, aguçar os sentidos, habilitar o indivíduo a superar os revezes da sorte e, principalmente, a transmitir também a vida, a fim de assegurar a continuidade da família” (GÉLIS, 1991, p. 315).

A família, ao ser reconhecida como um valor, passa a refletir mudanças importantes no modo de agir com as crianças. Assim, a partir do século XVI e, sobretudo XVII, os laços de linhagem se enfraqueceram em detrimento do sentimento de família e uma preocupação com a exposição das crianças ao mundo dos adultos fez surgir uma nova concepção sobre a vida infantil (ARIÈS, 1981).

Assim, no século XVIII, sob a influência de ideias iluministas, iniciou-se na França um movimento de preservação das crianças, por médicos que produziram uma abundante literatura, como tentativa de diminuir a mortalidade infantil e denunciar os maus tratos sofridos pelas crianças. Nas famílias burguesas, esse Movimento estabeleceu uma parceria entre as mães e os médicos para tornarem mais higiênicos os preceitos utilizados na criação das crianças. Essa aliança, ao atribuir maior importância maior às funções maternas, concedeu um novo poder à mulher na família (DONZELOT, 1986).

Essa incumbência exclusiva da mãe, de prestar cuidados aos filhos para garantir a sua proteção, desencadeou o interesse dos pais em ficarem mais perto dos filhos não os deixando, mesmo que temporariamente, aos cuidados de outra família.

Badinter (1980) considera que a formação do mito do amor materno surgiu nessa época, mais especificamente no fim do século XVIII, com a nascente preocupação com a educação e a sociabilidade de crianças e adolescentes. Para ela, a maternidade não é algo instintivo. O afeto entre mãe e filho se formaria da convivência, seria algo conquistado. O mesmo ocorrendo com a paternidade.

Ariès (1981) postula que o sentimento (e não a noção) de infância foi despertado no século XVIII, quando a criança passou a ser educada na escola ou por preceptores que iam à sua casa. Os filhos passaram a ser vistos como a possibilidade de ascensão social. Os pais preocupavam-se, então, com a carreira e o futuro dos filhos. O sentimento de infância foi constituído em torno da família conjugal, formada pelos pais e seus filhos.

O fato de a escola deixar de ser privilégio dos clérigos e começar a atender a população escolarizável deveu-se ao movimento de moralização promovido pelos educadores católicos e protestantes. A Igreja, preocupada com a formação moral infantil, se incumbiu de direcionar a aprendizagem para corrigir os desvios das crianças que, frutos do pecado dos adultos, deveriam ser guiadas para o caminho do bem. Assim, os acessos à leitura, à escrita e à aritmética são vistos como artifícios de preparação para a vida adulta. As crianças eram mantidas em escolas até estarem formadas para a vida em sociedade. Vale esclarecer que a infância compreendia desde bebês até jovens com dezoito anos, ou mais (ARIÈS, 1981).

Apesar de a escola marcar uma aproximação no sentimento da família com a infância, ela não alcançava uma vasta parcela da população infantil, que continuou a ser educada segundo as antigas práticas de aprendizagem. A escolarização estendeu-se à camada média da hierarquia social, porém a alta nobreza e os artesãos permaneceram fiéis à antiga aprendizagem. As meninas continuaram a serem educadas em casa, com exceção de algumas que eram enviadas às pequenas escolas ou a conventos (ARIÈS, 1981).

Essa mudança social levou a questionamentos sobre o que seria mais eficaz: as crianças frequentarem escolas ou serem educadas em casa com um preceptor. Essas controvérsias se

fundamentavam na educação pública desprestigiada, pois se acreditava que a criança poderia ser corrompida através de más companhias e ter sua maturidade retardada ao ser afastada dos adultos (ibid.).

Cabe aqui uma importante diferenciação sobre organização familiar na história social. A família do século XVII difere da medieval, pela permanência das crianças no lar, e da moderna, por se configurar em um aglomerado de relações sociais sob coordenação do chefe da família. Antes de se estabelecer a concepção de pessoa autônoma, eram os valores coletivistas que regiam a conduta e os interesses. A ordem patriarcal sobrepunha-se a possíveis objetivos individuais, não havendo espaço para preocupações com a realização pessoal. Com o surgimento da família nuclear, gerada no século XIX dentro dos padrões do modelo de família conservadora, símbolo da continuidade parental e patriarcal, fica marcado o fortalecimento da relação pai, mãe e criança (ibid.).

Nessa época, a preocupação da família com questões relacionadas à escola, higiene e saúde da criança levou a uma considerável diminuição dos índices de mortalidade. Com a fundação da Puericultura, e o início do movimento higienista reforça-se a orientação às mães quanto aos cuidados adequados às crianças (VASCONCELOS & SAMPAIO, 1983). Contudo, essas mudanças beneficiaram as crianças da burguesia, pois as crianças do povo continuaram sendo direcionadas para o trabalho, não tendo acesso aos ganhos da nova concepção de infância, como o direito à educação e a cuidados mais específicos. Durante o século XIX, grande parte da população, a mais pobre e mais numerosa, ainda vivia como as famílias medievais, com as crianças afastadas da casa dos pais (KUHLMANN JÚNIOR, 1981).

Com o apogeu da Revolução Industrial, ocorrido no século XIX, foi direcionado um novo olhar sobre a criança que passou a ser vista como tendo um valor econômico a ser explorado. A urgência por mão de obra provoca o não cumprimento dos direitos infantis de acesso à escola, o que leva crianças a retornarem ao mercado de trabalho, submetendo-se a explorações em nome dos ditames econômicos (ibid.).

Amarilha (2002) também descreve essa mudança:

Se a vida em comum com os adultos, antes da Revolução Industrial, tratava a criança com descaso, agora, o seu valor enquanto geração de braços para a indústria e cabeças para o comando lhe traz o exílio do seu tempo. Viver a infância

passa a ser um período dominado por modelos de preparação para ser o futuro adulto. A criança como tal, com identidade específica, continua desrespeitada e desumanizada (p. 128-129).

O período de 1850 a 1950 pode ser pensado como imperativo da infância. A criança passa a ser retirada das fábricas e novamente inserida em contextos de aprendizagens sistematizadas. Com o desenvolvimento das Ciências Humanas, a noção de infância é respaldada e analisada à luz da Psicologia, da Sociologia, da Medicina, dentre outros campos de saber, que passam a emitir um parecer científico a respeito dessa fase da vida, concedendo-lhe maior respeitabilidade frente à sociedade.

Kuhlmann Júnior (1981) considera que a consolidação da família no século XX, assegurou o bem-estar da criança, garantindo-lhe educação e cuidados. Ao pai cabia o lugar de provedor do filho, enquanto que à mãe, não mais a guardiã do patrimônio do marido, era atribuído o papel autônomo de iniciadora da educação dos filhos.

Desde então, a infância ocupa um lugar de fundamental importância para a família e para a sociedade. Cuidar dos filhos continua uma atividade atribuída à mãe, o que passou a exigir soluções alternativas para a mulher que é mãe e trabalhadora se manter no mercado de trabalho. Quando a licença maternidade termina a família, geralmente a mãe, precisa decidir como será composta a rede de apoio que garanta à criança os cuidados e a educação que lhes são necessários. A mãe deverá conciliar os cuidados e a educação do filho com sua atividade profissional (ALMEIDA, 2007).

2.3.3 Avós Cuidadoras

Uma investigação defendida por Almeida et al. (2009) sobre as soluções encontradas pelas famílias cariocas para os cuidados dos filhos de mães trabalhadoras revelou que 33% dos entrevistados consideraram que, na impossibilidade da mãe cuidar e tomar conta do filho, a avó é a figura que deve assumir essa função. O ambiente doméstico continua sendo considerado pelas famílias cariocas, a despeito da zona de residência do entrevistado, o contexto mais adequado ao desenvolvimento infantil.

A criança pequena tem necessidades afetivas, entre outras, a serem atendidas em seu processo de desenvolvimento. Através da interação com o outro, em diversas situações, ela amplia o

conhecimento sobre si mesma e sobre o mundo. Uma situação privilegiada de trocas afetivas é o relacionamento entre avós e netos. Monticelli (1997) diz que o cuidado dispensado por uma avó a um neto envolve vínculos afetivos, alianças e o compartilhamento de uma história que é peculiar a cada família.

O nascimento de um neto traz para a vida da mulher a identidade de avó e, em muitas famílias, isso se traduz em um rito de passagem, onde conhecimentos sobre os cuidados infantis são passados de mãe para filha. A avó desenvolve ações que são plenas de significados e que a auxiliam a incorporar o novo – o recém-nascido e a nova mãe (ibid.). Os conhecimentos, assimilados ao longo das gerações familiares e que atestam os valores da família, estão imersos na matriz sócio-histórica de cada pessoa. Sendo, portanto, transmitidos diante de questões familiares.

Lins de Barros (2007) considera que, com a chegada dos netos, a figura da avó vai ganhando novos contornos e pode ser intensificada nas relações familiares. Ela (1987) constatou que a relação entre avós e netos é tida como doce e prazerosa, muitas vezes proporcionando às avós satisfação e um sentimento de realização. Além disso, o afeto das avós pelos netos é relatado como o mais puro dos sentimentos, porque é dissociado das obrigações maternas. A esse respeito, Sampaio (2008) acrescenta que as avós têm uma tranquilidade própria da vivência de quem já cuidou dos filhos e agora não têm mais a pressão de educa-los.

Considero que o relacionamento entre avós e netos tem regras mais flexíveis que o relacionamento pais-filhos e isto propicia, de acordo com Oliveira (1999); Gusmão (2003) e Park (2004) que o idoso e a criança se identifiquem, se aproximem e estabeleçam diálogos. Na maioria das vezes, as relações construídas entre avós e netos são acaloradas de afeto e estima. Beauvoir (1970/1990) também considera que os sentimentos dirigidos aos netos são calorosos e felizes. Enfim, o amor das avós pelos netos, sentimento que atravessa diferentes gerações sociais, é exaltado na literatura em geral. Queiroz (1964) lhe descreve em versos como “... amores novos, profundos e felizes, que vêm ocupar aquele lugar vazio, nostálgico, deixado pelos arroubos juvenis”.

Glass Jr & Huneycutt (2002) frisam que cuidar de netos traz renovação à vida das avós e, em muitos casos, contribui para uma maior interação social. Contudo, nem sempre foi assim. Gestin (2002) descreve a mulher idosa do século XVIII como sendo uma pessoa envolvida

nos círculos aristocráticos, livres de restrições materiais e atuante no desempenho educacional das crianças de sua família.

Com o advento do século XIX, as idosas passaram a ser mais valorizadas nas interações com seus familiares. Elas foram reinseridas na sociedade e na família, na medida em que lhes foi atribuído um papel educativo e afetivo. Nessa época, a velhice deixou de ser sinônimo de decrepitude e os velhos começaram a ser levados em consideração de uma forma positiva. A idealização da família burguesa dessa época antecipou, assim, algumas características da atualidade como: famílias com poucos filhos, avós desempenhando um papel significativo no universo emocional e educacional dos netos e destaque para a figura da avó carinhosa, tida como referência de apoio nos problemas de relacionamento entre pais e filhos.

No final do século XIX e início do XX, a figura da avó ganha mais destaque na literatura, através de obras que retratavam a relação entre avós e netos. Entre estas, podemos destacar as de Rostopchine (1999) com histórias escritas pela Condessa de Segur para suas netas, que moravam em local distante de sua residência, e as de Monteiro Lobato (2001) em “O Sítio do Pica-pau Amarelo” com a figura de Dona Benta, uma senhora bem educada e bastante informada, que cuida de seus netos com sabedoria. Nessa época, a figura da avó é reconfigurada. À avó é atribuída a função de apoio aos cuidados e assistência aos netos. Ela passa a ser considerada figura central na rede de parentesco.

Por muito tempo, o olhar que se tinha para uma avó era a de uma mulher com cabelos brancos presos em forma de coque, pele enrugada, o corpo encurvado, sentada em uma cadeira de balanço, contando histórias e fazendo doces para seus netos. Contudo, a avó idosa contemporânea dos grandes centros urbanos brasileiros não atende necessariamente a essa visão tradicional. Há avós idosas que participam de novas experiências, como lazer em grupo, e retornam ao mercado de trabalho. Medeiros (2012) considera que, atualmente, as avós são mais participantes, mais divertidas e menos preconceituosas. Buscam ser joviais e estar bem para a idade, sem que isso interfira no afeto que sentem pela terceira geração. Elas relatam ser apaixonadas por seus netos. Descrevem um amor enorme, desinteressado, sem o ônus do compromisso, só do prazer. Enfim, as avós podem ter mudado seu posicionamento social, mas o amor pelos netos não mudou.

As mudanças sociais e familiares implicaram em modificações profundas nas posições

assumidas pelas avós. Estudos desenvolvidos por Klein (2010) mostraram que, depois da mãe, as avós são as presenças mais estáveis na vida dos netos. A diversificação das organizações familiares aliada à necessidade das mulheres conciliarem trabalho e maternidade fez com que aumentasse o número de avós que compartilham a criação dos netos. Essas questões contribuíram para uma modificação na figura e nas posições assumidas pelas avós. O que também sugere que outros tipos de relações podem estar se configurando entre avós e netos.

A importância social e familiar das avós está sendo cada vez mais reconhecida no meio acadêmico (ibid.). Pesquisa realizada na Universidade de Oxford por Floury & Buchanan (2003) com o objetivo de conhecer melhor o relacionamento entre avós e netos revelou que os netos que tiveram um contato mais próximo com as avós cresceram mais felizes. A possível causa estaria no fato de as avós ajudarem os netos a superarem suas dificuldades em situações cotidianas. De acordo com a pesquisa, os avós desempenham papel importante ao trazerem conforto aos netos e estabilidade a toda família, em momentos em que cuidados se façam necessários. Os pesquisadores revelaram ainda estar surpresos com o crescimento do número de avós que cuidam dos netos pequenos para que os pais possam trabalhar.

Outra pesquisa realizada também na Universidade de Oxford, por Leeson et al. (2009), com o objetivo de identificar se diferenças de gênero (dos avós) e de idade (dos netos) influenciam o modo como os netos significam os avós maternos mostrou que as avós são consideradas mais envolventes, especialmente pelas crianças pequenas. Os netos adolescentes dizem que se entendem melhor com os avós. Viu-se assim, nesse estudo, que a importância dos avós para os netos varia em relação à idade (dos netos) e ao gênero (dos avós).

Apesar de grande parte de esses estudos terem sido conduzidos no cenário internacional, eles trazem dados e questões que auxiliam na reflexão e condução do meu estudo sobre as avós que se encontram compartilhando com a família os cuidados dos netos no Brasil. Aqui, é crescente o número de mulheres idosas que vivenciam essa situação, porém existem poucas referências na literatura nacional sobre esse tema. De antemão, sabemos que a longevidade, o envelhecimento com saúde e a qualidade de vida foram aspectos que contribuíram para que avós da classe média brasileira passassem a ter uma contribuição mais direta nos cuidados com seus netos. Entretanto, Neri et al. (2005) acrescentam que os efeitos produzidos pelas mudanças de posições assumidas, entre a identidade de mãe e de avó, compõem um quadro

amplo e complexo, o qual pode configurar-se com aspectos positivos como satisfação em prover a nova geração de cuidados, senso de renovação pessoal e dever cumprido.

A demanda para que as avós ajudem a cuidar dos netos não é nova para as mulheres idosas da classe econômica baixa brasileira, mas é recente para as da classe média. Antes de 1970, na maioria das vezes, as avós da classe média cuidavam dos netos esporadicamente, para atender a uma solicitação familiar transitória. Agora, muitas avós colaboram com os cuidados diários dos netos para ajudarem seus filhos e se veem, muitas vezes, tendo que impor limites e regras aos netos. Lins de Barros (2003-2004) acrescenta que as avós, além de reestruturarem suas relações familiares, também modificaram suas formas de pensar e agir na sociedade.

Estudos desenvolvidos pela Rede Latino-Americana de Pesquisa sobre o Envelhecimento (LARNA) mostraram que, na América Latina, os idosos têm se destacado como uma fonte de ajuda à família, não só nos cuidados com os netos, mas também provendo recursos financeiros e, muitas vezes, acolhendo seus filhos e familiares em sua casa. Além disso, apontaram que as complexas e rápidas transformações políticas, econômicas e sociais coincidiram com significativas modificações na vida familiar e seus vínculos. Constataram, ainda, que as posições assumidas pelas pessoas de idade estão se modificando. Os idosos deixam de ser pessoas passivas, que necessitam de cuidados e de proteção, para serem um membro familiar atuante – que também cuida e protege os seus familiares (2009).

No Brasil, a PNAD (2010) registrou que, em 2009, aproximadamente 13,8 milhões de idosos brasileiros chefiavam famílias. Dos 23,8% de idosos que estavam na condição de cônjuges, 81,4% eram mulheres. Em cerca de 6,2 milhões de famílias onde o idoso era chefe ou cônjuge, havia filhos adultos residindo. Em 2,3 milhões de famílias, havia netos. Na última década, aumentou para 1 milhão e 700 mil o número de netos e bisnetos criados por avós e bisavós. Cabe explicitar que os dados obtidos não especificam idade, classe social, nem tipo de cuidado assumido em relação aos netos e bisnetos.

O Jornal Folha de São Paulo realizou uma pesquisa nacional, em março de 2009, denominada “Maioridade” sobre idosos brasileiros e concluiu que há um velho-novo nas ruas. Viu-se que 92% da população idosa do país têm filhos, 78% têm netos, 30% têm bisnetos. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2009). Sampaio (2008) considera que a geração atual de avós foi a responsável pelo início das modificações que hoje estão mais evidenciadas nas relações conjugais. Ela é

formada por mulheres que foram liberais na família e na escola e ousaram transgredir o estabelecido pelos seus antepassados.

Py (2003-2004) destaca que a avó complementa e diversifica as relações estabelecidas entre pais e filhos. Assim, ela ganha importância como fator de transmissão de valores morais e sociais, como o respeito pelos outros, honestidade, importância dos laços familiares, valor do trabalho e códigos socialmente construídos e compartilhados nas práticas discursivas. A avó emerge como testemunha viva da história. Quanto a isso Sampaio (2008) não apenas reitera que as avós desempenham o papel de guardiãs da história, como destaca a sua função de relativizar o choque de gerações entre pais e filhos.

Diversos estudos apontam benefícios decorrentes da relação entre avós e netos. Oliveira (1999) e Peixoto & Luz (2007) consideram que a relação das avós com os netos é essencial para a configuração da subjetividade das crianças, pois amplia o convívio e cria oportunidade de interações com primos, irmãos e até mesmo com amigos. Já Attias-Donfut & Segalen (1998) apontam que as avós têm um importante papel no desenvolvimento infantil, especialmente as que se dedicam diariamente em tempo integral aos cuidados dos netos porque elas estabelecem relações mais duradouras e recíprocas com os netos. Em um outro estudo (2001), eles constataram que, na contemporaneidade, os avós assumem posições, perante a família, relacionadas aos cuidados infantis que acabam por leva-las a vivenciar uma experiência inovadora de envelhecimento, contrariando concepções que tendem a caracterizar a velhice como uma fase de perdas e declínios.

O compartilhamento dos cuidados infantis também pode contribuir para um relacionamento mais estreito entre mães, filhas e noras. Até porque as avós não têm a incumbência de substituir os pais, mas o de compartilhar com os cuidados dos netos (GESTIN, 2002). Entretanto Billé (2002) observou que, em alguns casos, as atividades assumidas pelas avós no cuidado dos netos, aliado ao forte vínculo da relação e à necessidade dos pais em repassar os cuidados dos filhos, acaba contribuindo para que se consolide na família uma confusão de papéis parentais. Os avós, nessas situações, acabam assumindo as atribuições referentes aos pais e tomam para si a responsabilidade dos cuidados com as crianças.

Considero que a ajuda da avó à filha ou à nora que precisa conciliar a maternidade com a vida profissional representa apoio e solidariedade feminina transgeracional. Essas avós, que

lutaram por mudanças que beneficiassem as mulheres, agora surgem dando sua contribuição para afirmar a conquista profissional das mães de classe média da nova geração.

Lins de Barros (1987); Oliveira (1999) e Sampaio (2008) afirmam que, diante da grande complexidade que caracteriza a atividade de cuidar dos netos, uma boa parte das avós que compartilham os cuidados dos netos adota a atitude que se espera dos pais. Em decorrência, as pesquisas de Lins de Barros (2009) e Peixoto & Luz (2007) mostraram que o prolongamento da situação em que avós, filhos e netos moram juntos estabelece uma determinada forma de solidariedade familiar, mas também favorece o surgimento de conflitos intergeracionais.

As avós cuidadoras transitam entre diferentes posições sociais: mãe, avó e filha. Esses deslocamentos as levam a vivenciar ambivalências. Algumas também se sentem diante impasse entre seguir a tradição e conciliar o compartilhamento dos cuidados diários dos netos com suas atividades cotidianas; ou abdicar de suas atividades para cuidar dos netos; ou ainda, se recusar a dar esse apoio à família. Os diferentes posicionamentos das avós refletem a heterogeneidade intrínseca ao segmento idoso. Esse segmento cresce com o atual e continuado aumento da longevidade, estendendo-se ao interior da própria condição geracional e propiciando um fenômeno único da contemporaneidade - a constituição das famílias multigeracionais (BRITO DA MOTTA, 1999).

O surgimento da família multigeracional ampliou a posição de cuidadora, exercida tradicionalmente pelas mulheres. Atualmente, estamos vendo uma geração nomeada de “pivô”, constituída de mulheres que ajudam, ao mesmo tempo, os pais idosos, os filhos e os netos. Vê-se o estabelecimento de uma rede de ajuda mútua estruturada nas relações intergeracionais femininas. As mulheres tomam conta de seus filhos, depois dos netos, ao mesmo tempo em que se ocupam dos seus pais. Quando ficam mais velhas, recebem o apoio de seus filhos, principalmente, das filhas e noras, em um ciclo de reciprocidades diretas por parte dos filhos pela ajuda que eles mesmos receberam, mas também indiretas pela ajuda que deram aos seus próprios pais (ATTIAS-DONFUT, 2004, p. 102).

Gestin (2002) admite que as mulheres são as pessoas que mais se destacam nas trocas entre as gerações, uma vez que, geralmente, as linhagens maternas mantêm uma relação mais estreita com as filhas do que as paternas, o que pode parecer evidente quando se atribui à mãe tantas

responsabilidades. Ele considera que esse fenômeno pode estar associado a um maior apoio dado pelas mães contemporâneas às suas filhas para investirem na carreira profissional, muitas vezes se dispondo a diminuir ou mesmo abandonar atividades pessoais para que possam cuidar dos netos. Segundo Attias-Donfut (2004), a mulher em outras épocas não tinha a mãe como aliada, pelo contrário, tinha que combater a resistência, não só do marido, como também de sua própria mãe e de sua sogra para entrar no mercado de trabalho.

Na contemporaneidade, é percebida uma forte solidariedade feminina intergeracional de modo a conciliar maternidade e trabalho. Lins de Barros (2005), em entrevistas realizadas com mulheres idosas da classe média, observou uma clara adesão das mães aos projetos de vida das suas filhas. Rocha-Coutinho (1998) também afirma que a solidariedade feminina parece ser cada vez mais constante em relação às mães apoiarem as filhas que trabalham e, ao mesmo tempo, querem ter filhos. Recentemente, constatou-se que as mulheres estão se formando mais tarde, especializando-se mais e depois entrando no mercado de trabalho. A mulher brasileira, que tinha em média mais de seis filhos no começo dos anos de 1960 passou a 2,38 filhos em 2000. Em 2010, das 65,8% mulheres que trabalhavam, 16,2% tinham filhos, com a taxa de fecundidade de 1,86 filhos. No Brasil, encontrei a mais baixa taxa no Estado do Rio de Janeiro, com 1,62 filhos por mulher (IBGE, 2010).

Posternak & Aratagny (2010) chamam o período atual de “o século dos avós” (p.21). Em épocas anteriores, as avós não eram tão inseridas no contexto familiar dos filhos e dos netos, fato que vem se modificando, a ponto de se ter hoje uma geração de avós que pode desfrutar da relação com os netos e vê-los crescer, em média, até os vinte, trinta anos de idade. (ATTIAS-DONFUT & SEGALLEN, 2001).

O fato de na contemporaneidade diferentes gerações estarem coexistindo não elimina as especificidades das visões de cada uma delas. Ao assumirem diferentes posições diante das mudanças culturais e sociais, cada um delas interpretará e se influenciará por essas mudanças de forma distinta (LINS DE BARROS, 2003-2004). Conforme aponta Debert (1998), quando falamos em geração, não estamos nos referindo a “pessoas que compartilham a mesma idade, mas às que vivenciaram determinados eventos que definem trajetórias passadas e futuras” (p.60). O critério cronológico situa as pessoas em períodos históricos, mas não distingue os grupos de pessoas no que se refere às suas vivências.

Lins de Barros (1987) concorda com Debert (1998). Ela também considera as categorias de idade como construções históricas e sociais que diferem de categorias de geração. Nestas últimas, estão implícitas as singularidades dos costumes e comportamentos que caracterizam a experiência de cada pessoa. Assim, optei neste trabalho por utilizar o conceito de geração. Desta forma, ressalto a condição das avós como pessoas ativas nos processos sociais e constituintes de uma cultura própria compartilhada pelo seu grupo.

As gerações passaram a conviver por um período bem maior que em outras épocas. O que nos leva a refletir sobre a influência que as gerações exercem entre si. Tanto as gerações mais jovens, quanto as mais velhas, têm o que ensinar e o que aprender. Nesse contexto, os conceitos, os valores e as atitudes podem ser revistos, repensados e ressignificados de forma bidirecional no processo de interação social. As trocas entre as gerações possibilitam crescimento e ressignificações para todos os envolvidos. Neste sentido, Oliveira (1999) e Lins de Barros (1987) ressaltam que a troca de saberes entre as gerações possibilita vivenciar diversos modos de pensar, de agir e de sentir contribuindo, assim, para que se possa renovar opiniões e visões acerca do mundo e das pessoas.

A esse respeito, Sampaio (2008) acrescenta que, enquanto as avós ensinam o que sabem da sua experiência de vida e da história da família para os netos, estes os levam a reviver o passado e, conseqüentemente, a refletirem sobre sua vida. No entanto, isto ocorre mais por comportamentos do que por palavras. São especialmente os acontecimentos vividos que revelam situações transgeracionais, e não somente as regras estabelecidas pelos adultos. Portanto, no relacionamento com os netos, o comportamento dos avós pode atualizar a memória do passado da família.

Bosi (1987) lembra que cada geração tem a memória de um tempo de acontecimentos, razão pela qual os idosos tem a posição importante de resgatar o passado e de “unir o começo ao fim” (p.40). As várias gerações podem oferecer, ao mesmo tempo, ideias de continuidade e de mudança que acabam se concentrando na figura das avós enquanto elemento intermediário entre os dois momentos mais afastados da vida familiar: o passado reelaborado nas lembranças de sua infância, o presente e o futuro, personificados pelas gerações dos filhos e netos nos projetos e expectativas relativos a eles. Para os idosos, a lembrança das próprias experiências com seus pais e filhos é um fator importante na ressignificação da própria vida e na relação com seus netos. Inclusive, conforme Sampaio (2008) menciona são os avós que

através de fotografias e objetos antigos conseguem trazer à lembrança as tradições e os rituais das gerações passadas, além de informarem para os netos sobre a infância de seus pais.

Atualmente, a intergeracionalidade, fruto da verticalização das famílias, abrange várias gerações, com um menor número de familiares por geração (LINS DE BARROS, 1987; 2003-2004). Caldas (2003) sugere que verticalização nas famílias que envelhecem faz com que os elos entre as gerações sejam mais fortes que no passado, em função do aumento de tempo compartilhado entre pais, filhos e netos. Assim, as sucessivas gerações se constituem em um meio de acesso privilegiado de interações e trocas sociais.

A convivência entre trisavó, bisavó, avó, filha e netos é, indiscutivelmente, um espaço rico de trocas. São cinco gerações com diferentes tempos de vida social, familiar e individual. Desta forma, esse encontro intergeracional constitui-se como uma memória viva do passado, onde os netos podem ter acesso à história da história, um relato vivido e personificado dos fatos e da experiência vivida.

Bosi (1987) também destaca a importância da interação entre as gerações:

É preciso reconhecer que muitas de nossas lembranças, ou mesmo de nossas ideias, não são originais: foram inspiradas nas conversas com os outros. Com o correr do tempo, elas passam a ter uma história dentro da gente, acompanham nossa vida e são enriquecidas por experiências e embates. Parecem tão nossas que ficaríamos surpresos se nos dissessem o seu ponto exato da entrada em nossas vidas. Elas foram formuladas por outrem, e nós, simplesmente, as incorporamos ao nosso cabedal (p.331).

Como já dito, cada geração tem a memória de um tempo de acontecimentos. “Quando morrem as vozes dos avós, sua época nos aparece como um caminho apagado na distância. Perdemos os guias que o percorreram e saberiam conduzir-nos em suas bifurcações e atalhos” (BOSI, 1987, p.342). O idoso, por ter vínculo com outra época, tem uma função social importante, para a qual está maduro: “a religiosa função de unir o começo ao fim” (ibid., p.40).

De acordo com Pais (1998), as novas gerações, além de partilharem valores diferentes das gerações mais velhas, se constituem como um importante referencial para as gerações mais velhas. Isso possibilita certa horizontalidade intergeracional de valores. O nosso cotidiano é marcado pela influência que os mais jovens exercem sobre os mais velhos e a permeabilidade das gerações mais velhas a essas influências.

Os jovens se beneficiam dos contatos com as pessoas idosas, que transmitem a perspectiva histórica da qual os mais jovens carecem, o que constituirá uma ancoragem futura para sentirem-se pertencentes a uma sociedade que passa por mudanças contínuas. Por outro lado, os idosos se beneficiam porque o convívio com os mais jovens lhes permite contribuir para a construção do futuro em que seus filhos, netos, bisnetos, tataranetos viverão. Os avós podem desempenhar junto aos netos o papel de historiador, mentor, exemplo, figura de apoio e de contato com o envelhecimento (MORAGAS, 2003; BRITO DA MOTTA, 2004).

Cícero (1999) afirma que de nada vale a experiência que o velho goza, se não puder juntá-la ao regozijo que a juventude carrega, do mesmo modo que é vã a jovialidade, quando não associada à temperança trazida pelos anos de vida. A velhice é um período privilegiado da vida, por caracterizar-se como a presença do passado no presente, o que faculta aos idosos sólida colaboração para a convivência mais harmônica entre diferentes gerações.

Segundo Schmitt (2009), esse tipo de discurso propõe uma nova maneira de encarar a velhice – enquanto uma troca de experiências com os mais jovens. Considero que, em alguma medida, isto também significa que os idosos não precisam manter os preceitos da eterna juventude física para terem seu lugar social, mas que suas memórias constituem um importante elemento na relação com os jovens. A interação entre netos e avós não só possibilita uma melhor qualidade de vida para as crianças, como também permite que os idosos ofereçam orientação, confiança e apoio aos familiares.

Podemos acrescentar que, por outro lado, a geração mais nova tem o papel fundamental de transmitir, e mais do que isso, envolver a geração mais idosa na utilização das novas tecnologias de informação e comunicação. Pesquisas realizadas por Py (1999); Lins de Barros (2000); Camarano (2004) e Goldman (2004) que o mundo informatizado e suas tecnologias configuram um desafio a ser enfrentado pelos idosos deste século e a troca com os jovens constitui-se em um valioso aliado para a inclusão dessa geração.

Desse modo, as relações hierárquicas na família são substituídas por relações mais igualitárias em que o respeito advém da cooperação, da proteção e da cumplicidade entre seus membros. Não apenas os mais velhos têm muito a ensinar às novas gerações, como também as crianças estão lhes incentivando e ensinando a utilizarem e conviverem com complexas novidades tecnológicas (ROCHA-COUTINHO, 2006).

Até agora, foram abordados aspectos relacionados à família que culminam com as avós compartilhando a criação de seus netos, mas paralelamente às relações familiares, algumas avós da contemporaneidade reivindicam um tempo para si.

Há uma geração nova de avós que estão envolvidas com sua vida profissional ou estão mergulhadas em uma ideologia de individuação e de recusa das posições exercidas tradicionalmente. Lins de Barros (1987) em pesquisa realizada com avós da classe média, no Rio de Janeiro, constatou que algumas se negaram a compartilhar os cuidados dos netos alegando que não queriam ser “avós de profissão” ou “avós de tempo integral”. Tratavam-se de avós que consideravam essas condições como aspectos que contribuem negativamente para a identidade de avó. Uma delas destacou, inclusive, que os idosos sentem necessidade de aproveitar cada hora, cada minuto da vida, não necessariamente comprometendo-se com a família.

Assim, em estudos como os desenvolvidos por Papalia & Olds (2000) e Sommerhalder & Nogueira (2000) avós mencionaram já terem criado seus filhos e, portanto, sentiam-se em um outro momento da vida, não desejando assumir compromissos com a criação de netos.

Esses posicionamentos podem estar relacionados com a construção social do conceito de Terceira Idade que enfatiza o momento de voltar-se para o lazer, para novas descobertas e aprendizados e para a concretização de sonhos e planos que as exigências da vida adulta não permitiram realizar. Dessa forma, os idosos passam a adotar um estilo de vida em que não cabe cuidar dos netos (DEBERT & SIMÕES, 1994).

Sabe-se que, nas famílias, as mulheres sempre foram as figuras requisitadas para cuidar dos familiares. No entanto atualmente elas já não estão tão disponíveis assim. As razões são variadas. É expressivo o contingente de mulheres que buscaram o mercado de trabalho. Outras, já trabalharam e estão aposentadas, querendo desfrutar de atividades que não puderam fazer quando compromissadas com o trabalho.

As considerações apresentadas sobre envelhecimento na contemporaneidade nos levam a crer que a sociedade está diante de um novo paradoxo. Há dois discursos em circulação. Um que celebra a dedicação à família e o sentido de valores conservadores, conduzindo a avó a adotar uma atitude solidária com a filha ou a nora que trabalha, através do compartilhamento dos

cuidados dos netos – mesmo que para isso precise diminuir o tempo que reserva para as suas atividades pessoais, sociais ou profissionais. Tem-se ainda, um outro discurso. O que preconiza a individualidade, o viver os anos que a longevidade traz, se dedicando aos cuidados pessoais, à realização de antigos ideais, a atividades esportivas, aos estudos e ao trabalho.

Entretanto, temos que considerar que todas as avós idosas de hoje participaram de um período revolucionário, na segunda metade do século XX. Essas avós foram as primeiras a trazer para a educação princípios fundamentados na compreensão afetiva das crianças e na escuta atenta dos seus problemas. Enfim, é uma geração que, além de promover mudanças sociais significativas, revolucionou a postura da família, de modo a questionar os parâmetros mais tradicionais até então vigentes (SAMPAIO, 2008).

3 PARTICIPANTES, CONTEXTO DO ESTUDO E PROCEDIMENTOS

Para compreender o sentido de ser uma avó cuidadora desenvolvi uma pesquisa qualitativa. Segundo Minayo (2001), a pesquisa qualitativa alcança o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes.

Sabe-se que o número de participantes não é determinante da significância de um estudo qualitativo:

o tamanho da amostra não é o fator determinante da significância em um estudo qualitativo. Tipicamente, a pesquisa qualitativa trabalha com amostras relativamente (ate mesmo de um só caso), intencionalmente selecionadas (e não randomicamente selecionadas). (SANTOS, 1999, p. 403).

A pesquisa foi conduzida sob a forma de um estudo de casos. O estudo de caso é considerado um método exemplar em pesquisa qualitativa por considerar que a qualidade da realidade apreendida tem importância e relevância em si. (BOSI et al., 2004). Cada caso representa uma ilustração de inúmeras possibilidades de sentidos (Spink, 2000) produzidos acerca da realidade estudada o que, em minha pesquisa, correspondem às significações e percepções das avós que cuidam dos netos.

Para participar do estudo era preciso ser uma mulher idosa com neto pequeno, que compartilhasse dos seus cuidados e educação para que sua filha ou nora pudesse desempenhar suas atividades profissionais. Somava-se a esse perfil o fato de morar na cidade do Rio Janeiro, no bairro de Copacabana (que compreende também as áreas denominadas de Bairro Peixoto e Lido) e pertencer à classe média brasileira.

Uma pessoa é considerada idosa a partir de sessenta anos de idade (LEI nº 10.741/2003, ESTATUTO DO IDOSO). O critério usado para definir uma criança como pequena foi a faixa etária que atende a Educação Infantil. De acordo com o Ministério da Educação (MEC) essa inclui as crianças de zero a seis anos de idade. Por fim, consideramos avó cuidadora, aquela que compartilha a educação e os cuidados infantis dos netos, em tempo parcial ou integral, no período em que a mãe trabalha.

Quanto à escolha do bairro, para o desenvolvimento do estudo, ela foi determinada pelo fato de Copacabana ter a maior concentração de mulheres idosas no país (IBGE, 2010). O bairro de Copacabana já foi berço da vanguarda e hoje implementa várias ações que entre outras coisas lhe conferiu o título de capital turística da terceira idade.

Kalache (2012) menciona que Copacabana se urbanizou e se desenvolveu nos anos de 1920, 1930 e teve uma acelerada expansão demográfica nos anos de 1940 e 1950. As famílias que vieram morar em Copacabana, mesmo depois que os filhos cresceram e foram morar em outro lugar, ficaram no Bairro porque este oferece grande concentração de serviços.

O bairro que era de jovens se transformou em um bairro de idosos. De cada três habitantes, um tem mais de 60 anos. De acordo com o Censo divulgado pelo IBGE (2010) Copacabana concentra o maior número absoluto (29,6%) de idosos entre os bairros do País. São 47.173 moradores com 60 anos ou mais o terceiro é em função da população composta, em sua maior parte, por mulheres idosas da classe média (ibid.).

No bairro de Copacabana prevalece a população da classe econômica média, segundo critérios de renda, de acesso aos bens de consumo, moradia, educação e saúde (CRITÉRIO DE CLASSIFICAÇÃO ECONÔMICA BRASIL - CCEB, 2012). Estes critérios foram propostos pela Associação Nacional de Empresas de Pesquisa (ANEP, 2012), de acordo com os resultados do Censo 2010, atualizados pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2009.

Neste estudo, cada avó participou de uma entrevista semiestruturada que tinha como eixos norteadores: envelhecer na contemporaneidade, avós na sociedade contemporânea e cuidados infantis. A escolha do uso de entrevistas neste estudo recaiu no fato desta se representar instrumento facilitador de abertura, de ampliação e de aprofundamento da comunicação na relação com as pessoas entrevistadas (MINAYO, 2010). A entrevista semiestruturada deve ser utilizada quando o pesquisador deseja obter o maior número possível de informações sobre o tema segundo a visão do participante e também para obter um maior detalhamento do assunto em questão (ibid.). O roteiro de entrevista encontra-se em anexo – anexo 2.

As entrevistas foram marcadas por telefone e a participante escolheu o dia, a hora e o local de sua conveniência. Das 13 avós, apenas três preferiram participar da entrevista em um sábado ou domingo. Quanto ao horário, todas escolheram a parte da tarde. Quatro avós me receberam em suas casas e nove preferiram marcar o encontro em restaurantes, quiosques e clubes perto de suas residências. As entrevistas tiveram duração mínima de 40 minutos e máxima de 68 minutos.

A seleção das avós participantes foi feita através da Técnica em Cadeias, ou “Bola-de-Neve”,

em que as primeiras pessoas entrevistadas indicam outras, que por sua vez indicam outras, e assim sucessivamente (BIERNACKI & WALDORF, 1981).

Dessas 13, quatro avós haviam sido indicadas por pessoas conhecidas, cinco foram indicadas por outras avós entrevistadas, uma foi selecionada por abordagem direta em um Shopping Center da Zona Sul e três foram selecionadas após contato com a Associação de Moradores de Copacabana - AMACOPA. O Mapa 1 apresenta o espaço urbano de Copacabana e o local de residência das entrevistadas considerando-se os postos da orla do bairro.

Mapa 1- Espaço urbano de Copacabana e local de residência das entrevistadas, considerando-se os Postos da Orla do bairro.



Fonte: Dados sociodemográficos obtidos na Pesquisa Ser uma Avó Cuidadora – um estudo de casos.

Conforme indicado no mapa, todos os postos de Copacabana foram contemplados.

No primeiro contato com as avós, foi apresentado o objetivo da pesquisa, foram dados os esclarecimentos que se fizeram necessário e foi solicitada a permissão para gravar as entrevistas e a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – anexo 1.

As entrevistas foram transcritas na íntegra. Após a transcrição, foram submetidas a análise de conteúdo (BARDIN, 2010).

As Avós Participantes

As avós de Copacabana tinham idade compreendida entre 60 e 72 anos, eram residentes da cidade do Rio de Janeiro, no bairro de Copacabana e pertencentes à classe média. As diferentes localizações onde elas residiam contemplaram todos os postos da orla do bairro. O

tempo de residência delas em Copacabana era entre 25 a 60 anos, sendo que nove delas moravam há mais de 50 anos no bairro. Das avós entrevistadas, 11 passaram a infância, a adolescência, se casaram, tiveram filhos, se aposentaram e se tornaram avós residindo neste bairro. As outras duas avós, só não viveram a infância no bairro. Elas respondiam ao todo pelos cuidados de 19 netos. Com relação a cuidar dos netos, verifiquei que seis avós cuidavam de dois netos e sete avós de um neto. Duas das avós cuidavam dos netos filhos de suas noras. As idades dos netos variavam entre quatro meses e seis anos, sendo que cinco destes eram do gênero masculino.

Para um melhor entendimento e apreciação do perfil das avós participantes elaborei, além do texto, o Quadro 1 com os seus nomes, os das suas filhas, noras, netos, informações sobre suas idades e as dos netos, o local e o tempo em que residiam em Copacabana e o parentesco com a mãe do neto.

Quadro 1 – Perfil das avós participantes.

	Avó	Idade	Reside em Copacabana		Mãe	Parentesco		Neto
			Posto	Anos		Filha	Nora	
1	Esther	65	4	45	Lourdes	X		Alice 1 ano
2	Dulce	60	5	50	Eleonora	X		Rebeca 1 ano e 5 meses
3	Zuleica	63	6	60	Débora	X		Clara 3 anos
4	Nicole	60	4	25	Maria	X		Olivia e Luisa 1 ano e 3 meses
5	Verônica	62	4	50	Renata		X	Marcela 2 anos e 9 meses
6	Anita	63	2	50	Bruna	X		Julia - 1 ano Renata - 4 meses
7	Thaís	60	3	50	Gloria	X		Pedro - 7 meses
8	Roberta	64	2	60	Diana	X		Jéssica 1 ano e 4 meses
9	Laura	66	2	55	Eduarda	X		Amélia - 6 anos Bianca - 3 anos
10	Beatriz	60	5	45	Larissa	X		Thiago - 5 anos Matheus - 2 anos
11	Paula	61	3	60	Barbara	X		Marcelo - 5 anos Fabio - 10 meses
12	Catarina	67	6	40	Natalia		X	Lilian 4 anos e 5 meses
13	Gabriela	72	4	50	Lara	X		Viviane - 6 anos Fernanda - 5 anos

Fonte: Dados sociodemográficos obtidos na Pesquisa Ser uma Avó Cuidadora – um estudo de casos.

Foi observado que dez avós interromperam suas atividades diariamente para cuidar em tempo integral dos netos, uma cuidava, diariamente, nos horários que lhe era possível e duas avós cuidavam em tempo parcial. Todas as avós tinham uma rede de apoio que lhe ajudava a realizar suas atividades. Este texto pode ser visualizado no Quadro 2.

Quadro 2 – Avó, Compartilhamento e Rede de Apoio.

AVÓ	Situação		Estudo			Compartilhamento					Rede de Apoio								
	Aposentada	Aposentada e trabalha	1º. Grau	3º. Grau	Pós-Graduação	Parcial	Diariamente	Moram juntos	Casa da Avó	Casa do Neto	Permanência/h	Pai	Avó	Bisavó	Bisavó	Tio-avó	Trisavó	Babá	Empregada
Esther	x			x		x			x		24		x	x				x	x
Dulce	x			x		x				x	36								x
Zuleica	x			x			x		x		30	x		x					
Nicole	x			x			x		x		75		x	x				x	
Veronica	x			x			x		x		30		x	x				x	x
Anita	x		x	x			x	x	x		75								x
Thaís	x	x		x	x		x	x	x		20								x
Roberta	x			x			x		x		76		x	x					x
Laura	x	x		x			x			x	45								x
Beatriz	x			x			x		x		60		x	x		x	x		x
Paula	x			x			x		x		60		x	x	x			x	x
Catarina	x	x		x			x			x	45	x	x	x	x				x
Gabriela	x			x	x		x			x	45								x
	13	3	1	13	2	2	11	2	9	4		2	7	8	2	1	1	4	11

Fonte: Dados sociodemográficos obtidos na Pesquisa Ser uma Avó Cuidadora – um estudo de casos.

Apesar de todas as participantes serem aposentadas, as avós Thais, Laura e Catarina haviam retornado ao mercado de trabalho. Das treze avós, Thais e Gabriela fizeram pós-graduação, as outras doze avós tinham o terceiro grau e Anita cursou o primeiro grau.

Em relação ao local de cuidados, dez netos iam para a casa das avós, seis ficavam em suas casas e três netos moravam juntos com as avós. No que diz respeito ao estado civil das participantes oito avós eram casadas, uma era viúva (Zuleika) e quatro eram divorciadas (Thais, Roberta, Laura e Gabriela). Já suas filhas, 12 eram casadas e uma das que moravam com a mãe (Anita) mantinha um relacionamento com o pai da filha mais nova. Duas avós moravam sozinhas Laura e Gabriela, com 66 anos e 72 anos, respectivamente.

4 CASOS ESTUDADOS

Para a compreensão do sentido de ser uma avó cuidadora apresentamos, a seguir, as análises das entrevistas com as 13 mulheres que participaram desse estudo. Através de suas falas foi possível conhecer os seus modos de serem avós cuidadoras e os efeitos percebidos em si e em suas vidas por estarem compartilhando o cuidado e a educação do neto com a filha, ou a nora, que trabalha.

É importante ressaltar que, na apresentação das análises, os nomes de todas as participantes do estudo e das pessoas mencionadas, bem como os locais citados, foram trocados como garantia de anonimato e preservação de identidades.

Caso 1 “Esther: mãe de Lourdes e avó de Alice”.

Eu cheguei à avó Esther por indicação de conhecidos. Fiz o primeiro contato por telefone e ela aceitou me receber em sua casa. Esther tem 65 anos, é casada, reside no Posto quatro de Copacabana, há 45 anos, com o marido e o filho. Ela tem formação acadêmica nas áreas de Direito e de docência em Física e Matemática. Contudo, sempre trabalhou como empresária da indústria de modas. Ela parou de trabalhar, deprimida por causa do falecimento de sua irmã, cerca de um mês antes de sua neta nascer. Esther é mãe de Lourdes, 32 anos, e de Vinicius, 30 anos.

Alice, sua neta, de um ano de idade, vai para a casa da avó nas terças e quintas-feiras, às oito horas da manhã. Ela fica o dia inteiro, até os pais irem buscá-la, totalizando 24 horas semanais de permanência. Para os cuidados da neta, Esther conta com a ajuda do marido, que leva a criança à pracinha, e de uma babá, que a acompanha desde o nascimento.

A mãe de Alice, Lourdes, é casada e está grávida de cinco meses de um menino. Ela mora em Ipanema, é formada em Direito e trabalha em uma empresa. Seu regime de trabalho é de 40 horas semanais, sendo 20 horas cumpridas em sua residência.

Diante deste contexto, iniciei a entrevista perguntando a avó qual o significado de envelhecer. Para Esther, o envelhecimento está relacionado a abandono.

(ENTREVISTADORA: Para você, o que é envelhecer?).

ESTHER: É quando você é abandonado pelos amigos. Você se deixa abandonar pelos amigos. É quando você não quer mais usar salto alto (participar de atividades sociais com os amigos).

Esther considera que a “entrega”, a falta de motivação, para manter o convívio social com os amigos, é uma expressão de envelhecimento. Entretanto, ela reage a este sentimento. Quando a indaguei sobre como estava sendo envelhecer, ela respondeu:

(ENTREVISTADORA: E para você, como está sendo envelhecer?).

ESTHER: Eu? Eu não vou envelhecer nunca. Eu não vou envelhecer nunca. Vou te explicar por que [...] Eu no papel, eu tenho 65. Na cabeça eu tenho 29. Vinte e nove. Vinte e nove anos totalmente. No vestir, no andar, no pensar, no agir. Vinte e nove anos completos. A Lourdes tem 32. Quase a minha idade [...]. Eu tenho uma passagem que talvez até te interesse. Eu estava com uma depressão profunda porque eu tinha perdido muito dinheiro em um empreendimento [...] E eu estava indo a um psiquiatra, fazendo uma terapia e ele disse que nunca tinha visto uma pessoa com o grau, com o nível de depressão que eu estava, de salto 15, maquiada e cheia de joias. Com a roupa da moda. Ele nunca tinha visto isso [...] eu não deixava de me maquiar, botar cílio, usar rimel, cheia de joias, sapatos alto salto quinze e dezoito, roupa da moda, extravagante. Eu gosto de roupa jovem. A minha filha usa terno e tailleur, eu uso macacão saruel.

Ao longo de sua vida, Esther teve algumas crises depressivas. Vários fatores contribuíram para isso: a perda da irmã, uma perda de dinheiro investido... No entanto, mesmo durante um tratamento psiquiátrico para depressão, ela se maquiava e se arrumava de forma a manter uma aparência jovem e “extravagante”, segundo suas próprias palavras.

Acredito que o tipo de reação de Esther às perdas vividas deva-se, em parte, ao fato dela pertencer a uma nova geração de idosas. São mulheres, como a Esther, que nasceram durante a explosão demográfica após a segunda guerra mundial, entre os anos de 1946 e 1964. Essas avós viveram nos anos de 1960 e 1970 à revolução da contracultura, que trouxe à minissaia, à pílula, à queima de sutiãs, o rock... Reis (2011) afirma que esse contingente de pessoas é marcado tanto pela contestação, quanto pelo bom humor, e por uma maneira de viver mais leve e com certa ironia, que as gerações antigas não tinham. Considero que é uma geração de mulheres que tem tendência a reagir e a se impor.

Apesar de a sociedade estar mudando o olhar sobre a velhice, o idoso em nossa sociedade ainda não é muito valorizado. Continua marcante a visão de envelhecimento como declínio e tem-se a busca pelo rejuvenescimento (GOLDENBERG, 2011). Vê-se que, ao mesmo tempo em que os meios de comunicação veiculam imagens negativas da velhice, onde se ressaltam as perdas inerentes à idade e à segregação, são apresentadas imagens positivas, onde a velhice é reportada com a promessa da eterna juventude. A esse respeito, Novais (2005) destaca o crescimento do mercado voltado para produtos de antienvelhecimento. Não é de surpreender que muitos idosos atualmente se posicionem como distantes da velhice e se recusem a serem velhos.

Busquei conhecer a fala da Esther sobre o olhar da sociedade para o envelhecimento da mulher.

(ENTREVISTADORA: Como a sociedade olha o envelhecimento da mulher?).

ESTHER: A sociedade tem um olhar crítico. Olhar de cobrança. A mulher tem que ser jovem. Acompanhar a época. Mas eu acho que essa coisa do belo tem que vir de dentro. Não é só de fora. A mulher de qualquer idade, deve se valorizar. Se vestir com elegância. Não se entregar. Fazer isso não é pelo olhar dos outros, mas pelo olhar que ela tem de si. As pessoas vão ver o que você mostrar para elas. Eu uso o que eu gosto. O que eu me sinto bem. Também a mulher se preocupa muito com os outros. Até mais com o olhar de outra mulher. Ela deve olhar para si. Como ela se sente. Não se agrada a todos. Então temos que nos agradar.

Goldenberg (2011) também ressalta que o sentimento de envelhecer não vem apenas de fora. Ele não é apenas um produto do olhar do outro, mas envolve também uma percepção e uma interpretação de sinais corporais que se inscrevem em diferentes registros do corpo orgânico, da aparência e da energia.

Considero que, na perspectiva da Rede de Significações, a interação social é o espaço privilegiado para trocas comunicativas e negociações necessárias à constituição da subjetividade e do conhecimento sobre o meio, dos significados e sentidos que atribuímos a nós e aos outros.

Apesar de sua recusa a identificar-se como uma idosa, Esther revela que ser avó é para ela a maior alegria do mundo. Ela se vale das palavras do porteiro do prédio de sua mãe para expressar o seu sentimento.

(ENTREVISTADORA: Como é para você ser avó da Alice?).

ESTHER: *É a maior alegria do mundo, é a maior alegria. O porteiro da minha mãe é do norte, nordeste, e ele me definiu perfeitamente. Ele disse para mim: a senhora está abestada, igual à minha mãe está com a neta. [Risos]. Eu sou uma mulher abestada porque eu beijo o menino que a minha filha carrega na barriga hoje. Eu converso com ele. Eu já sou apaixonada. É aquela frase: nunca te vi, mas sempre te amei. Eu sou apaixonada por ele.*

O fato de Esther deslocar-se entre posições que podem ser antagônicas (não é idosa, tem orgulho de ser avó) evidencia a complexidade da subjetividade humana no referencial da Rede de Significações. Os sentidos e significações atribuídos pela pessoa, e os posicionamentos assumidos, podem ser tanto antagônicos, como concorrentes ou complementares. O processo de significação, configurado como uma rede complexa e articulada, é semiótico, daí o caráter polissêmico das significações.

Esther fala que não se tornou avó de um momento para o outro. A sua identidade de avó foi sendo construída antes mesmo de a criança nascer. Esther se constituiu como avó em função de experiências múltiplas: como mãe, pelas avós que teve, por sua vivência nessa questão e pelo contexto atual. Ela demonstra, em seu modo de falar, uma alegria imensa de ser avó. Diante desse fato, busquei entender como tinha ocorrido a sua decisão de compartilhar os cuidados e a educação da Alice.

(ENTREVISTADORA: Como aconteceu essa decisão de você ficar cuidando da sua neta?).

ESTHER: *Foi automática. Porque isso aconteceu com a minha mãe. Isso é automático. É assim na minha família, sempre foi assim. É de avó para neto. Foi assim com a mãe da minha mãe. Um dia eu falei para a minha filha: eu estou tão orgulhosa de você. Você é uma mãe maravilhosa. Aí ela me disse uma frase que eu chorei: mãe eu aprendi com você. [...]. Então, ela (Alice) tem uma programação diferente e eu também. Porque eu fico a mercê dela. [...]. Eu brinco com ela, eu engatinho, brinco de gatinho com ela, faço tudo, jogo bola e faço tudo que você puder imaginar.*

O compartilhamento dos cuidados dos netos com as novas gerações é uma questão implícita na identidade de avó na família de Esther. Ao mencionar que “sempre foi assim”, Esther invoca essa voz do passado para o presente. A mãe de Esther cuidou dos netos das suas duas filhas, para que elas pudessem trabalhar e viajar. Esther e o marido, por conta de suas atividades profissionais, viajavam muito para o exterior. E, nesses períodos, seus dois filhos ficavam na casa dos pais de Esther.

(ENTREVISTADORA: Em sua família, as avós sempre ajudaram na criação dos netos. O que você pode dizer sobre isso?).

ESTHER: Uma vez, meu filho falou assim para a minha filha: Lourdes, a gente mora nesta casa aqui ou mora naquela que tem piscina? A piscina era a nossa casa e eles estavam indo para casa da minha mãe, que morava no Arpoador [...]. A gente passava 30 dias, 40 dias na Europa e deixava eles, em uma boa. Só mudava o ônibus, que ao invés de ir buscar em casa, ia buscar na casa da minha mãe. Mamãe ajudou muito com a criação dos meus filhos. E os da minha irmã também. Tinha períodos que mamãe ficava com os cinco netos em casa por mais de um mês. Ela agora está com quase 90 anos. A Alice não é a única bisneta dela. Ela tem outras bisnetas, que ela ajudou a criar. E todos os oito netos, hoje todos formados, alguns casados, adoram ela. Ela sai pouco, mas eles vêm vê-la sempre e ela cria alma nova com eles em casa. Mas agora o cuidado dela com a Duda é só dar amor. Não tem mais condições, pois ela tem muita dificuldade de andar, mas gosta de ficar com a bisneta no colo. Mamãe conversa com ela, conta histórias da família.

Os pais de Esther, ao cuidarem dos netos das duas filhas, promoviam um convívio mais intenso entre os primos. Quanto a isso, Oliveira (1999) e Peixoto & Luz (2007) apontam uma questão importante inerente ao processo de subjetivação. A relação das avós com os netos também contribui de forma relevante neste processo, pois amplia o convívio e cria oportunidade de interações com primos, irmãos e até mesmo com amigos.

Attias-Donfut & Segalen (2001) acrescentam que cuidar de netos favorece não apenas o desenvolvimento de múltiplas trocas entre as duas gerações, avós-netos, mas também o estabelecimento de um forte vínculo que pode se manter até a fase adulta dos netos. De fato, Esther disse que seus filhos e os sobrinhos que foram cuidados por sua mãe continuavam mantendo uma relação próxima e intensa com a avó (mãe de Esther). Sendo assim, considero que as relações intergeracionais promovidas entre os avós, os netos e os primos contribuíram

naquela família para a construção de um fluxo de trocas múltiplas, que eram reforçadas na vida familiar.

(ENTREVISTADORA: Você gostaria que tivesse sido de outra maneira?).

ESTHER: Eu não gostaria de jeito nenhum que tivesse sido de outra maneira. E deu certo. A nossa família é unida. Acho assim, eu cresci vendo a minha família toda junta pra tudo. Meus avós com minha mãe, meu marido com os pais e tios. Meus filhos e sobrinhos cresceram vendo a família toda junta. E meus netos vão ter essa família. Eu faria tudo de novo igual. Não faria nada diferente.

A longevidade traz a possibilidade de um convívio mais extenso em anos entre as gerações, favorecendo que as histórias da família, a cultura e o conhecimento dos mais velhos possam ser transmitidos por mais tempo entre os familiares. Contudo, paralelamente, a cada dia é visto mais pessoas em plena maturidade produzindo e participando de atividades sociais. Almeida, Ribas Junior & Gomes (2009) revelaram que, quando a mãe trabalha fora, a pessoa mais solicitada para cuidar da criança pequena nas famílias cariocas, é a avó. Essa demanda dos filhos às próprias mães, para que compartilhem os cuidados necessários aos netos, ao invés de lhes matricularem em uma creche, pode tanto se contrapor, ou, ao contrário, estar de acordo com o as atividades que essas mulheres planejaram para a fase da velhice. Sendo assim, busquei conhecer os projetos da Esther.

(ENTREVISTADORA: Você cuida da neta, ajuda os netos de sua irmã. Quais são os seus projetos?).

ESTHER: Sim, Não. Eu dizia que eu ia morrer trabalhando. Só que eu não sabia que eu ia levar uma rasteira da vida, ia perder a minha irmã. [...] Bem, meus projetos... Eu não sei se eu posso... De repente, eles maiores [netos]... querer abrir loja outra vez. Pode, de repente. Sabe, é tudo muito incerto. Minha irmã como eu, nós tínhamos um projeto de vida [...] isso é muito importante que você coloque aí. Nós dizíamos o seguinte [...] Então, nós tínhamos combinado que, quando a gente fosse mais velhinha com 75, 80, 85 anos, nós duas íamos matar aula, entre aspas, em Ipanema. Íamos passear e comprar todas as roupas que a gente quisesse. E hoje, quando eu ando em Ipanema [...] eu, infelizmente, tenho uma coisa que eu nunca tive na vida. Tenho inveja. [...] Nada me derruba. Mas eu fui derrubada pela vida. E hoje, quando eu vejo duas irmãs, se estão muito abraçadas, eu tenho inveja, eu tenho raiva. Eu tenho vontade de dizer: sai de perto

uma da outra. Eu não pude ficar porque é que vocês podem? Porque não tem explicação porque não me deixaram. Então, isso me dá revolta. [...] Os meus projetos são ajudar os meus filhos todos e viajar. Ir muito para Chicago, que eu amo. Quero ir a Paris outra vez. Eu já conheço quase o mundo inteiro. Conheço até o Oriente Médio. Não conheço a Índia, porque tem muita pobreza e nem quero conhecer. Dubai tem pouca loja, não quero ir. Mas, eu viajo muito.

Esther traz em sua fala a relação dinâmica entre a vida e a pessoa. Projetos que foram construídos ao longo de anos podem ser modificados, como no seu caso, em virtude de uma perda maior. O falecimento de sua irmã mudou o curso de sua vida. Assim, o “sim” e o “não” ditos simultaneamente por ela expressam o seu processo de reestruturação de projetos de vida. Esther tinha um projeto familiar, com a irmã, para a velhice. Diante de seu falecimento, ela teve que modificar esse projeto: agora, ele diz respeito a ajudar seus filhos e, posteriormente, talvez voltar a trabalhar (abrir novamente uma loja) e a viajar.

Esther assume o compartilhamento dos cuidados de Alice com o suporte de uma rede de apoio, formada por seu marido e uma babá.

(ENTREVISTADORA: Me fale... Como são os dias que você cuida da Alice?).

ESTHER: O dia útil como avó é uma terça-feira, ou uma quinta, que eu acordo, com ela na minha cabeça, porque eles botam. Porque eu adoro acordar tarde. Então, ela chega às oito e meia, nove horas e já senta ela na minha cabeça. Aí eu digo amor, amor, amor. Aí ela me agarra, e eu agarro, e aí eu fico à disposição dela. Quer ir para pracinha, eu vou, mas eu não gosto de ir. Quem vai é o meu marido, normalmente. Ele leva e ela brinca com as outras crianças. Aí, ela volta e almoça. Aí, eu vou com ela na casa da minha mãe, ela vai visitar a bisa. A gente fica um pouquinho lá. Volta, ela dorme. Enquanto ela dorme, eu vejo televisão. Depois, a babá vai dar o banho nela. Eu brinco com ela na hora que está tirando a roupa, eu ajudo a atirar. Mas a babá é muito eficiente. Eu não preciso fazer nada. Eu faço o que quero, porque eu quero.

Assim, Esther repete a conduta familiar de dar suporte ao cuidado dos netos. Contudo, ela se posiciona como uma avó que só faz o que gosta, junto à neta. Esse posicionamento novamente fica evidente quando ela comenta sobre suas atribuições.

(ENTREVISTADORA: Quais são as suas atribuições com a Alice?).

ESTHER: Olha, eu literalmente não faço nada. Eu brinco. Eu me autoaposentei porque eu perdi uma irmã e aí eu resolvi ser babá de babá. Eu tomo conta da minha neta. Na verdade, eu trabalhei 40 anos com moda, sempre fui empresária. Mas resolvi fechar tudo e ser avó. Porque hoje é a coisa mais importante. Que é a melhor profissão do mundo. Que é a melhor profissão.

As relações entre Esther e Alice foram estabelecidas em um espaço onde avó e neta são privilegiadas por trocas intensas.

Conforme Neri et al. (2005), os efeitos da mudança de posicionamento entre a identidade de mãe e de avó compõem um quadro amplo e complexo, o qual pode configurar-se com aspectos positivos como satisfação em prover a nova geração de cuidados, senso de renovação pessoal e dever cumprido.

(ENTREVISTADORA: Como é a sua relação com a Alice?).

ESTHER: Com a Alice é uma relação de amor. Eu digo, vem com a avó que te ama muito. A minha filha diz assim: não mãe, eu amo mais ela do que você ama. Aí eu não respondo, porque eu sei que ela é a mãe. Agora eu sei. Por que a minha mãe sempre disse que a gente ama mais os netos do que os filhos, e é verdade. Eu vou te explicar. Porque na época que a gente tem filhos, a gente está trabalhando para dar o melhor para eles. Para dar uma boa escola, um bom inglês. Uma casa confortável, uma boa viagem, boas roupas. E quando a gente é avó quem faz isso são os pais. São os pais que fazem isso. Eu não tenho que me preocupar se a roupa dela é Ralph Lauren ou não, eu não tenho que me preocupar com nada disso, eu tenho que amar, só. Amar e dá amor.

Esther, em sua fala, esclarece que tem a função de complementar os cuidados e a educação que Alice recebe dos pais, amando-lhe. Ela se coloca como uma avó que dá amor e carinho à neta, mas entende que o lugar de mãe de Alice, pertence à Lourdes. A ela, enquanto avó, não cabe prover alimentação, escola, vestimentas e gastos que visem uma melhor qualidade de vida aos filhos. Para ela, a sua incumbência é afetiva.

A criança e o idoso se identificam e se aproximam estabelecendo entre si um diálogo mútuo. Assim, na maioria das vezes, as relações intergeracionais construídas entre avós e netos são

acaloradas de afeto e de estima. Park (2004); Gusmão (2003) e Oliveira (1999) apontam que a sociedade contemporânea acaba por situar a criança e o idoso em um espaço de não ser, pois considera que a criança ainda não produz e que o idoso deixou de produzir. Considero que esse espaço comum a ambos é um fator que facilita sua aproximação e o desenvolvimento de uma relação afetiva.

Esther está vivenciando sua fase de avó de uma forma ampla. Ela comentou que, sempre que pode, também ajuda as filhas da sua irmã com os cuidados dos sobrinhos-netos, tão pequenos como Alice.

Ao se posicionar como avó e falar dos valores a serem transmitidos aos netos, Esther repetiu a importância da transmissão intergeracional:

(ENTREVISTADORA: Que valores você considera importante passar para Alice?).

ESTHER: Primeiro a honestidade. Segundo amor à família. O amor à família não tem igual. Tem que amar a família eternamente. E passar os valores que minha mãe passou para mim, e nós passamos para a mãe dela e a minha filha está passando para ela... que o pai e a mãe estão passando para ela.

Os valores sociais passados, como as atitudes, as crenças e os mitos, transmitidos de uma geração à outra, propiciam compromissos de lealdade que ajudam a minimizar as diferenças de cultura entre os avós e netos. Sampaio (2008) ressalta que os avós, através de fotografias e objetos antigos, conseguem trazer à lembrança as tradições e os rituais das gerações passadas, além de informarem para os netos sobre a infância de seus pais.

Caso 2 “Dulce: mãe de Eleonora e avó de Rebeca”.

Eu cheguei à avó Dulce por indicação de conhecidos. Fiz o primeiro contato por telefone e ela aceitou me receber em sua casa. Dulce tem 60 anos, é casada, reside no Posto cinco de Copacabana, há 50 anos, com o marido e o filho. Ela tem formação acadêmica em pedagogia, mas sempre se dedicou ao lar. Dulce é mãe de Eleonora, 29 anos e de Omar, 28 anos. Ela precisou reorganizar suas atividades para cuidar da sua neta, Rebeca, de um ano e cinco meses

de idade. Dulce vai para a casa da filha as segundas, quartas e sextas-feiras e fica o dia inteiro com a neta, totalizando 36 horas semanais de permanência com a criança. Os outros dias da semana, a criança fica com a mãe. Para os cuidados da neta, a avó conta com o apoio de uma empregada.

Eleonora é casada, reside em Botafogo, é formada em Pedagogia. Apesar de trabalhar 40 horas semanais em uma repartição pública, tem tirado dois dias de folga na semana para cuidar da filha.

Diante desse contexto, eu busquei conhecer o sentido que Dulce dava a envelhecer.

(ENTREVISTADORA: Para você, como está sendo envelhecer?).

DULCE: Envelhecer para mim é um estado de espírito. Claro que as marcas do tempo são inevitáveis, mas se você interiormente se sentir jovem, com certeza elas ficarão mais impercebíveis. Eu penso assim, mas têm pessoas que entram em crise da idade, mas eu acho que isso depende muito da história da vida da pessoa. Lendo uma crônica, certo dia, achei interessante a seguinte citação: Não é belo ser velha, só é bonito.

Dulce me fala que o tempo tem efeito determinante em todas as pessoas. Contudo, o modo como a mulher se posiciona em relação ao seu envelhecimento, faz diferença. O sentimento de juventude suaviza as marcas decorrentes da idade avançada. No seu caso, sua aparência lhe dá o aspecto de uma jovem senhora, sem transparecer uma idosa. Sua citação, em relação a “não é belo ser velho”, pode ser justificada na insatisfação de muitas mulheres idosas que não atendem o modelo perfeito de beleza jovial que lhes é imposto. Por exemplo: ausência de rugas, corpo esbelto... Já a expressão “só é bonito” é consonante com o sentido de que chegar à velhice tem a sua beleza própria, por ser uma conquista. Quanto a isso, Puijalon & Trincaz (2000) ressaltam que o idoso nos faz lembrar que a existência não fica congelada no tempo. Que não se fica para sempre jovem, belo e dinâmico. A velhice marca a passagem da pessoa pela vida.

Dulce aponta em sua fala que a questão da mulher não aceitar a idade depende muito de sua história de vida. Isso me levou a querer saber como ela era vista em sua família.

(ENTREVISTADORA: Como seus familiares veem você na

família?).

DULCE: *Acredito que eles me veem como uma pessoa cuidadosa, participativa, sensata, alegre e amiga.*

Dulce considera que é vista pela sua família como uma pessoa amiga, que participa das situações familiares de forma equilibrada e sensata. Então, indaguei como ela percebia o olhar da sociedade para a mulher com 60 ou mais anos de idade.

(ENTREVISTADORA: *Na sua relação com as pessoas e o meio social, como você percebe o olhar da sociedade para o envelhecimento da mulher?).*

DULCE: *Com respeito e admiração, porque hoje as mulheres têm um cuidado especial com sua aparência, que não tinham. As mulheres hoje não parecem à idade que têm. Elas se vestem bem, se tratam e cuidam de si. As idosas de hoje, estão longe de parecer à idade que têm.*

Ao falar sobre o olhar da sociedade para o envelhecimento da mulher, observei que Dulce se sente orgulhosa de pertencer a essa nova geração de idosas. Ela afirmou que, hoje, a mulher idosa é vista pela sociedade com respeito e admiração e ela associa esse olhar da sociedade aos cuidados especiais que a mulher atual tem com sua aparência. Essa fala de Dulce é respaldada pela Associação Brasileira das Indústrias de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos (ABIHPEC, 2012), que aponta o Brasil como o terceiro no ranking mundial desse mercado. As mulheres brasileiras gastam de 20 a 30% de sua renda pessoal com produtos de beleza. Entre estes, os produtos que combatem o envelhecimento alavancam as vendas nacionais (NOVAIS, 2005). Portanto, o aumento do número de consumidoras idosas é de grande interesse para as indústrias, pois este contingente possui a mais alta renda média do país.

Outra questão a ser destacada na fala de Dulce é o fato da mulher idosa, deste século, não aparentar a idade que tem: “elas se vestem bem, se tratam, cuidam do envelhecimento”. Lins de Barros (1998) considera que o corpo e o uso de artifícios para arrumá-lo fazem parte de uma forma de controle da expressão da velhice. Há a ilusão de que a beleza é o passaporte para a felicidade (GOLDENBERG, 2002). Assim, as mulheres tendem a julgar umas às outras pelo critério subjetivo de peso, roupa, maquiagem, cabelo e sapato. Elas valorizam a aparência jovial apesar de sua idade (ibid.).

Dulce valoriza o fato de a mulher idosa cuidar da aparência e assim não transparecer a idade avançada. Busquei, então, conhecer como era para ela ser avó.

(ENTREVISTADORA: Como é para você ser avó?).

***DULCE:** Ser avó para mim é participar de todos os momentos de felicidade e do desenvolvimento da minha netinha. É estar junto dela, acompanhando o crescimento dela, vendo que a cada dia ela vai fazendo mais coisas. É muito bom ver aquela bebezinha indefesa ir ficando uma mocinha.*

Ela diz que ser avó é poder participar de todos os momentos de felicidade da neta, compartilhar seu crescimento e apreciar cada uma de suas conquistas. A chegada da neta trouxe uma nova identidade para Dulce: a de avó. E, também, uma responsabilidade: ser uma avó cuidadora. Sendo assim, busquei conhecer como era compartilhar, com a sua filha, os cuidados da neta.

(ENTREVISTADORA: Como é, para você, compartilhar a educação e os cuidados dela? Ser avó cuidadora.).

***DULCE:** É com muita atenção, carinho e amor que procuro desempenhar essa responsabilidade. Cuidar da minha netinha é um sonho escrito nas estrelas. São momentos maravilhosos. É uma realização muito grande, cuidar dela e ao mesmo tempo ajudar minha filha a trabalhar. O marido queria que ela ficasse em casa. Ele não queria colocar a menina em creche, nem deixar com a babá. Só ela ou uma das avós. Quando acabou o período da licença, ela preferiu trabalhar. Eu disse que ficava, já que sempre fui favorável que a criança ficasse a maior parte do tempo possível, perto dos pais ou avó. Ele aceitou e eu dei a maior força. Eu cuido da Rebeca desde que ela estava com seis meses. Antes, minha filha estava de licença-maternidade e eu não tinha dia, horário certo. Estava sempre ajudando com a bebê, mas era visita. E muitas vezes, eu ficava para a Eleonora descansar.*

Dulce vê o compartilhamento dos cuidados da neta como “um sonho escrito nas estrelas”. Ela chama a atenção para o fato de que quando terminou a licença maternidade da filha, criou-se um impasse na família. Eleonora queria retornar ao trabalho, mas o seu marido preferia que ela continuasse em casa, com a filha. Ele não aceitava que a criança ficasse sob os cuidados de uma babá, ou mesmo de uma creche. A única opção, dada pelo marido, para que Eleonora

continuasse a trabalhar, foi que uma das avós ficasse com Rebeca. Dulce tinha disponibilidade para cuidar da neta e, ao mesmo tempo, acatava a vontade de Eleonora trabalhar. Então, ela aceitou compartilhar os cuidados da neta. Contudo, ela ressaltou que considera que a criança pequena deve ficar a maior parte do tempo com os pais.

Sem dúvida, a atitude de Dulce facilitou as negociações entre o seu genro e a sua filha. A solidariedade dela com a filha e a sua decisão de tomar conta da neta foram fundamentais para que Eleonora voltasse a trabalhar, além de ter fortalecido a relação mãe-filha. Em entrevistas com mulheres idosas, Lins de Barros (2005) também observa solidariedade entre mães e filhas na classe média. Eram mães que viam o trabalho das filhas como um projeto de vida.

Busquei obter mais detalhes sobre o compartilhamento dos cuidados infantis.

(ENTREVISTADORA: Como está sendo o compartilhamento?).

***DULCE:** Eu vou para lá, as segundas, quartas e sextas. O meu genro acha importante que Rebeca seja criada na casa deles. Fique na casa deles. Ele quer que ela cresça lá. Acha que o referencial dela deva ser a casa dos pais, e não a minha. E a casa deles fica mais perto do trabalho dele. E ele tem mais chances de ir ver a menina durante o trabalho. Ele pode ir almoçar e ficar com ela um pouco. E essas coisas simplificam para eles. Ele sempre que pode vai almoçar em casa para ver a filha.*

Dulce parecia concordar com tudo que o genro determinasse. Algo como se, para ela, devesse prevalecer a autoridade masculina. Assim, indaguei-lhe como havia criado seus filhos.

(ENTREVISTADORA: Dulce, quem tomava conta dos seus filhos, quando eram pequenos?).

***DULCE:** Como eu não trabalhava fora, apesar de formada em pedagogia, sempre tomei conta dos meus filhos. Meu marido achava que eu não precisava trabalhar e que era melhor que eu cuidasse das crianças. Minha mãe já não estava mais comigo. Teria que ser uma pessoa de confiança. Quem? Então eu fiquei e me dediquei aos meus filhos. Ele garantia a casa. E queria que eu ficasse em casa. Então fizemos assim. Ele trabalhava e eu cuidava dos nossos filhos e da casa. Até hoje é assim. Ele dá tudo aqui para casa.*

Apesar de Dulce ter cursado uma faculdade, ter a possibilidade de trabalhar e, com isso, obter independência financeira para gerir sua vida e a de seus filhos, prevaleceu a posição de que caberia ao homem, seu marido, prover a casa e à mulher, Dulce, cuidar dos filhos. Parece que a realização profissional de Dulce não estava em questão, daí a dedicação aos filhos ser a opção. Embora ela não tenha mencionado, me pareceu que a remuneração financeira que ela obteria trabalhando como professora também deve ter contribuído com sua decisão. Dados do IBGE (2010) apontam que a remuneração feminina é 30% inferior a dos homens que ocupam cargos equivalentes.

Muitas vezes, as histórias se repetem na mesma família. Contudo, elas não precisam ter o mesmo final. E na fala dessa avó isso fica nítido. O marido e o genro de Dulce preferiam que suas esposas não trabalhassem. Dulce concordou com o marido e cuidou exclusivamente dos seus filhos. Já a sua filha preferiu negociar com o marido. Dulce acatou o desejo da filha e foi solidária com ela, favorecendo que Eleonora retornasse ao trabalho. Isso mostra que, apesar da tendência de que uma história familiar atue como circunscritora no processo de significação de um fato por uma pessoa, outros fatores podem intervir ressignificando o fato em questão. Assim, Eleonora não repetiu a trajetória de vida da sua mãe. Ela optou por se manter no mercado de trabalho e compartilhar o cuidado da Rebeca com sua rede de apoio.

Diante dessas revelações, achei importante conhecer o que Dulce pensava sobre os cuidados infantis.

(ENTREVISTADORA: Qual é o ideal para você?).

***DULCE:** O ideal para mim foi o que eu fiz. Eu ter cuidado dos meus filhos. Acompanhei tudo deles: deveres, passeio, adolescência, faculdade... Sou uma mãe muito presente na vida deles. Minha mãe me criou assim. Eu criei meus filhos assim, mas minha filha não vai poder fazer assim com a minha neta. Mas eu concordei em ajudar a minha filha a criar a minha neta e vou fazer isso com todo amor e carinho. Com o mesmo amor que me dediquei aos meus filhos.*

Dulce, apesar de apoiar a filha, considera que o ideal seja a própria mãe cuidar dos filhos. Fazer o que ela fez. Vê-se que ela ressalta, em sua fala, que a filha não ia fazer o que ela e a avó fizeram – se dedicar aos filhos e a casa. Ela mantém a concepção de que o cuidado e a educação da criança pequena competem exclusivamente à mãe, mesmo vivendo há 50 anos em Copacabana, cenário de grandes transformações sociais. Esse significado é transmitido

socialmente e continua sendo parte integrante da matriz sócio-histórica da maioria das mulheres brasileiras.

Dulce, em sua fala, disse que se propôs a ajudar a filha e que cuida da neta com muito amor e carinho. Busquei, então, conhecer as suas atribuições.

(ENTREVISTADORA: Quais são as suas atribuições?).

DULCE: Bem, eu cuido da Rebeca e precisei mudar algumas coisas na minha vida. Ao médico, ela vai com a mãe e o pai. Isso eu não vou, mas eles me passam o que o pediatra quer que eu faça. Passeio, eu dou suquinho, almocinho, lanche e embalo para fazê-la dormir. O que é para eu fazer é sempre resolvido com minha filha. E acho importante que seja assim. Ela é a mãe. Eu sou a avó. Sei que ajudo, mas compartilho com a minha filha dos cuidados, não faço nada que não me for pedido. Se eu tenho dúvida, ligo para a Eleonora. Acho isso importante, ela vai crescer sabendo que a mãe dela é a minha filha e eu sou a avó, a mãe da mãe dela.

O nascimento da Rebeca trouxe novas responsabilidades para Dulce. Ela enfatiza que é a avó e sua atribuição é cuidar da neta. Percebo em sua fala que cuidar da neta constitui uma situação muito complexa e delicada entre os pais e a avó. Para ela ser avó, antes de tudo, é ser mãe de filha adulta, o que requer equilíbrio entre seus possíveis desejos e demandas ao colaborar com a filha. Dulce revela a preocupação de atender ao que os pais da neta solicitam, visando manter uma relação familiar harmoniosa.

Dulce considerava que o fato de compartilhar a criação da neta, mesmo que parcialmente, mudou a sua vida. Ao assumir a posição de cuidadora precisou abdicar de algumas atividades e diminuir a frequência de outras.

(ENTREVISTADORA: Como era o seu dia a dia e como é agora sendo avó cuidadora?).

DULCE: Tenho menos tempo. Diminui o ritmo da academia, não faço mais o trabalho voluntário, fica mais difícil caminhar, ir ao Shopping. A minha vida agora passou a ser regrada. Tenho que conciliar as coisas. Agora, só tenho dois dias para mim.

Quando relata as mudanças que precisou imprimir ao seu dia a dia diante da nova realidade, percebi que ela aponta uma diminuição de sua independência. Sendo assim, busquei saber

como ela se sentia.

(ENTREVISTADORA: E como você se sente?).

DULCE: Sinceramente, eu não fico chateada. Foi melhor assim. Eu não ia ficar sossegada se ela tivesse que ir para uma creche, ela é muito pequena. O pai não ia deixar mesmo. Minha filha ia ter que parar de trabalhar e ela não queria isso. O marido já queria que ela parasse. Assim, eu tomando conta foi mais fácil. Só preciso conciliar as coisas. Só não nego que é cansativo, criança dá trabalho. E tem que ser assim. Eu ainda tenho 60 anos, imagina uma avó mais idosa com criança de colo?

Apesar do pouco tempo que parece dispor para suas atividades e de se sentir cansada, Dulce considera que a decisão de compartilhar dos cuidados da neta foi a melhor. Ela passa em sua fala uma forte solidariedade à filha que, por sua vez, se viu diante do conflito entre cuidar da Rebeca e trabalhar fora. Diversos autores, tal como Almeida (2007), mostram que este conflito é comum entre mulheres trabalhadoras, sejam da camada média ou popular. Contudo, na camada média, este conflito adquire mais visibilidade. Isto é atribuído ao fato de que, para as mulheres da camada média, o trabalho é um projeto individual, enquanto que em famílias da camada popular o trabalho feminino é um benefício para a família (SARTI, 1997).

Caso 3 “Zuleika: mãe de Debora e avó de Clara”.

O contato com Zuleika foi feito através de uma abordagem direta. Estávamos no Rio Sul, na Praça de Alimentação, e em conversa ela me contou que era avó e cuidava da neta. Eu lhe falei sobre a minha pesquisa, lhe fiz o convite e ela aceitou ser entrevistada. Ela marcou para nos encontrarmos em um Clube da Zona Sul. Zuleika tem 63 anos de idade, é viúva, se formou em Jornalismo, é aposentada e pensionista das Forças Armadas Brasileira. Zuleika reside em Copacabana, no posto seis, há 60 anos. Atualmente, ela mora com a mãe, pois cedeu o seu apartamento, onde morava sozinha, para a sua filha, que chegou do exterior com a família poucos meses antes da entrevista. Zuleika reorganizou suas atividades para cuidar diariamente, em tempo parcial, da neta Karen, de três anos de idade. A criança vai para a casa da avó e fica com a avó até que o pai vá buscá-la, quando ele retorna do trabalho. Zuleika se dedica à neta, aproximadamente, por 30 horas semanais. A avó conta com uma rede de apoio composta pelo pai da Karen e pela bisavó materna. Além disso, a criança frequenta uma instituição de Educação Infantil.

A filha de Zuleika, Debora, tem 35 anos de idade, é casada e também mora no posto seis. Ela é formada em Marketing e Comunicação e trabalha 40 horas semanais em uma empresa.

Diante desse contexto, busquei conhecer como era para Zuleika envelhecer.

(ENTREVISTADORA: Para você, como é envelhecer?).

ZULEIKA: É complicado. Mas a gente tem que saber envelhecer. Você tem que se conscientizar que seu corpo não acompanha mais a sua cabeça. Eu não me sinto uma velha. Porque a minha cabeça é de 20 ou 25 anos. Mas o meu corpo não acompanha mais, apesar de eu querer estar sempre bem. E eu não pareço ter a minha idade. É complicado. É preciso saber envelhecer. Tem que ter consciência daquilo que está acontecendo com você, com seu corpo.

Zuleika diz que é complicado envelhecer, portanto, é preciso que saibamos lidar com esse fenômeno. Ao significar o envelhecimento como complexo, Zuleika parece estar se referindo tanto às modificações que ocorrem em todos os aspectos da vida da pessoa, como ao fato de que nem sempre se está preparado para lidar com essas mudanças. Para ela, é necessário que a pessoa se adapte às limitações decorrentes, conviva com as modificações da melhor maneira possível e valorize as conquistas obtidas.

Ela fala ainda que é uma pessoa satisfeita com a sua aparência e se considera bem para a sua idade. Apesar de reconhecer que seu corpo não acompanha mais a sua cabeça, ela não se sente velha. Brito da Motta (1998) considera que é difícil uma pessoa se reconhecer como velha, porque a velhice, em nossa sociedade, é ainda associada à decadência. Debert (1999), também sobre este aspecto, afirma que os idosos reconhecem que a velhice existe, mas não como aquilo que estão neles. Velho é sempre o outro.

Contudo, Zuleika sabe o que está acontecendo consigo e com o seu corpo. Brito da Motta (2004) considera que os idosos têm a clara percepção do processo de envelhecimento, tanto do corpo, como da reação social a eles.

O posicionamento de Zuleika sobre si despertou a minha vontade de conhecer como a sua família via o seu envelhecimento.

(ENTREVISTADORA: E como você acha que a sua família te vê?).

ZULEIKA: *Acho que eles me veem como aquela pessoa da família que cuida de todo mundo. Eu sempre fui à filha cuidadora, irmã cuidadora, sobrinha cuidadora e por aí. Eu cuidava de mim mesmo. Eu trabalhava, tinha filha pequena, mas nunca deixei de cuidar da família. Sempre foi assim até porque acho que minha educação sempre foi muito severa e muito rígida, não é? E eu aprendi a fazer isso. Cuidar.*

Zuleika entende que é vista pela família como uma pessoa que cuida de todos. Destaca que em sua vida aprendeu a cuidar das pessoas e de si. Ela se refere à educação rígida que recebeu como algo que circunscreveu essa sua atitude. E enfatiza que sempre se dedicou aos cuidados da família. De certo, se tratam de valores que compõem a sua matriz socio-histórica e que, portanto, contribuíram para que ela se posicionasse como cuidadora. Afonso & Filgueiras (1996), entre outros, afirmam que o significado de que os cuidados familiares fazem parte das funções maternas é transmitido de geração para geração. É como se fosse uma vocação própria das mulheres serem cuidadoras.

Outros aspectos da vida de Zuleika também podem ter contribuído para que ela assumisse a posição de cuidadora na família. O posicionamento como cuidador pode conferir poder, especialmente quando os familiares passam a depender da pessoa que cuida. Considero que entre os ganhos, o cuidador pode adquirir respeito e prestígio na família.

Retomando a questão do envelhecimento, perguntei à Zuleika como ela percebia o olhar da sociedade para a mulher idosa.

(ENTREVISTADORA: *E como você percebe o olhar da sociedade para o envelhecimento da mulher?).*

ZULEIKA: *Tudo é para o jovem. O olhar é duro para o velho. Os olhares são diferentes quando se olha uma mulher jovem e uma idosa. Inclusive dos jovens para os adultos mais idosos. Não respeitam, não tratam com respeito às limitações. Eles têm que ter uma educação melhor em relação a isso, aliás, em relação a tudo. Os jovens de hoje em dia estão completamente perdidos, eu acho.*

Zuleika, ao falar do olhar da sociedade para a mulher idosa, mudou a sua expressão facial. Ela passou a demonstrar contrariedade e insatisfação em relação à discriminação que, segundo ela, a mulher idosa sofre no meio social, especialmente pelos jovens. Ela acha que o olhar dos

jovens para o idoso é duro. Em um estudo sobre velhice realizado por Marangoni (2011) 73% dos participantes jovens se referiram às pessoas idosas com adjetivos negativos, como inútil (84%), feio (70%), dependente (65%), doente (64%) e caduco (61%).

Zuleika considera que atualmente os jovens não respeitam os idosos. Apesar de hoje em dia ser grande a convivência entre jovens e idosos, ainda impera o desconhecimento sobre essa etapa da vida. A longevidade é um fenômeno recente em nosso país. Atualmente, já são 21 milhões de brasileiros com 60 anos ou mais (IBGE, 2012). Então, faz-se necessário divulgar informações sobre esta realidade, não só perante os jovens, mas entre toda a sociedade. O esclarecimento, junto aos mais jovens quanto a essa etapa de vida, contribui para a diminuição de preconceitos e estigmas.

De uma maneira geral, observa-se que a sociedade bombardeia os idosos o tempo todo, quer seja pelas suas limitações, quer seja pelo culto à beleza jovial. No modo de ver dessa avó, a cobrança é ainda maior quando a pessoa idosa é uma mulher.

Apesar dos preconceitos ainda vigentes na sociedade os idosos, cada vez mais, ampliam suas atividades. Contribuem, com a sua experiência, na esfera da economia. É comum, pessoas que já se aposentaram retornar ao trabalho. Outros aposentados contribuem na esfera familiar, destacando-se aqui as avós que estão ajudando nos cuidados dispensados aos netos. Sendo assim, indaguei sobre o sentido que Zuleika dava a ser avó.

(ENTREVISTADORA: Você me disse que após ter se aposentado, se tornou avó de Clara. Como é para você ser avó?).

ZULEIKA: É surpreendente. Muito bom. Porque filho a gente tem aquela coisa de suprir tudo, e dar atenção, e dar comida, casa e dar tudo. Agora, já neto é diferente. Neto a gente dá carinho, atenção sem ter obrigação. Dá pelo prazer, por amizade e por carinho. Agora a minha vida está até mais prazerosa com a minha neta. Está sendo ótimo. Eu estou tendo experiência de avó. [...] está sendo melhor do que quando eu era mãe.

Zuleika afirma que é bem diferente posicionar-se como mãe ou como avó. Ao falar de sua filha, ela dá ênfase à sua obrigação de suprir todas as necessidades de uma criança em desenvolvimento. Já com a neta, ela não tem mais essa responsabilidade. Tudo que ela se dedica a fazer é por carinho, amor e prazer. Nota-se que os sentidos dados por Zuleika à

palavra “obrigação” são os de compromisso, de responsabilidade e de suprir os filhos com cuidados essenciais – e não o sentido de ter que fazer algo por imposição. Zuleika cuida da neta por prazer, amizade e amor. Ela diz que está sendo ótima a experiência de ser avó.

Em um estudo sobre famílias, Lins de Barros (1987) constatou que o afeto pelos netos é o mais puro dos sentimentos, porque é dissociado das obrigações paternas e maternas. Trata-se de uma relação doce e prazerosa, alcançada com satisfação e realização pelas avós. Beauvoir (1970/1999) considera, inclusive, que os sentimentos direcionados aos netos são os mais calorosos e mais felizes das pessoas.

Zuleika revela que, no que diz respeito a obrigações e responsabilidades, dá mais prazer ser avó do que ser mãe. Sendo assim, achei interessante saber como ela tinha vivido a sua experiência de mãe que trabalhava e tinha filhos pequenos.

(ENTREVISTADORA: Como foi para você trabalhar e cuidar da sua filha?).

ZULEIKA: Eu achei difícil trabalhar e dar conta da casa, de marido e de filho. Eu me dividia muito para dar conta. Eu trabalhava fora e foi muito complicado. [...]. Minha mãe cuidou logo no início, mas não deu certo na minha casa... Com três meses coloquei a Debora na escola e ela ficou doente. A creche que escolhi, não deu certo. Botei babá em casa, não funcionou. Uma experiência horrível por causa de babá. Deixei com a babá e a menina não acordava. E hoje em dia, a gente vê aí fora as babás como são. Não gosto de babá, salvo uma coisa assim bem diferente. Teve que ficar uma babá, mamãe e a creche. Minha mãe era funcionária pública e teve que tirar licença prêmio. Muita confusão. Muita complicação. Mas quem consegue é a melhor coisa.

Zuleika salienta a dificuldade que encontrou em conciliar suas obrigações profissionais com a casa, o marido e a filha. Ela menciona que tentou deixar a filha bem cuidada enquanto trabalhava, mas a cada tentativa esbarrava em um problema. Zuleika se refere a esse período como de muita confusão, muita complicação. Ela considera ter sido um desafio superar as dificuldades, mas realça o significado de que para quem consegue conciliar é a melhor coisa. A solução encontrada por Zuleika, para continuar no mercado de trabalho, foi a rede de apoio composta pela avó e babá. Sem dúvida, esses acontecimentos marcaram os sentidos de ser mãe e trabalhar fora para Zuleika.

Dando prosseguimento à conversa, fiquei interessada em conhecer como estava sendo para Zuleika ser uma avó cuidadora.

(ENTREVISTADORA: E como está sendo ser avó cuidadora, compartilhar a educação e os cuidados com o neto?).

ZULEIKA: Eu estou exercendo este “cargo” e vamos dizer assim entre aspas, com muito prazer, muito carinho e estou gostando muito, mas isso foi uma necessidade. A necessidade é que estabeleceu isso. Foi uma necessidade porque eles vieram para o Brasil. Têm que trabalhar, tem que se sustentar, apesar de eu ter dado minha ajuda, eles têm que andar com os próprios pés. Eu para poder ajudá-los, eu fico com a Karen. A minha filha, sempre que precisa, ela pede a minha ajuda. Porque ela não tem pai. Eu sou viúva e a única pessoa que ajuda ela sou eu. Às vezes, uma prima, às vezes, em casa de uma amiga. Minha mãe também ajuda, mas com a gente por perto. Eu sou a opção dela. O ar que ela respira para poder trabalhar. Eu às vezes entro em choque com a minha filha. Mãe de filha, às vezes entra em choque. Minha filha diz para mim: - Isso aqui é só comigo, não se meta. Ela tem sempre está coisa. Acho que é uma coisa natural. A nossa relação sempre foi difícil. Mas acho que é natural porque eu sou a mãe. Acho que é uma coisa espontânea entre mãe e filha que no final dá tudo certo.

Zuleika deixou claro que, apesar de gostar muito de ficar com a neta, o compartilhamento dos cuidados foi uma necessidade. Algo que não lhe deu muita oportunidade de escolha. Debora retornou ao Brasil, depois de morar muitos anos no exterior. Ao chegar com a família, ela precisava trabalhar para manter a casa. Zuleika, para ajudar, cedeu o apartamento onde ela morava sozinha e foi ficar com a sua mãe, até que Debora possa alugar ou comprar a sua própria moradia.

Zuleika comenta que a sua filha, sempre que precisa, recorre a ela, pois é órfã de pai. Ela se vê como a pessoa de maior importância para ajudar a sua filha. Apesar de mencionar outras ajudas que a filha recebe, Zuleika deixa transparecer que essas não são tão relevantes quanto a sua. Sendo assim, ela se vê como “a opção da filha” e se considera “o ar que ela (filha) respira para poder trabalhar”. De acordo com Bernardes & Hoenisch (2003) considero que a construção da identidade de avó feita por Zuleika, apesar de vir do seu exterior, torna-se um princípio do seu interior. Para se constituir como uma avó cuidadora, ela precisa sentir que a sua ajuda é prioritária. Ser avó é um dos seus modos de ser (uma posição), pelo qual ela se

observa e se reconhece como tal.

Zuleika relata ainda que sempre teve um relacionamento difícil com a filha, mas que considera isso natural. É algo intrínseco à relação mãe e filha. No final, tudo dá certo. Aproveitei essa oportunidade para lhe indagar quais eram as suas atribuições, de acordo com a sua filha Débora.

(ENTREVISTADORA: Quais são as suas atribuições com Karen?).
ZULEIKA: *O meu genro ficava uma parte da manhã com a Karen. Ela foi para a pré-escola logo que chegou com dois anos e meio. Então o pai ficava com ela de manhã, levava na escola e apanhava de tarde. Eu só ia lá para visitar. Ele assumia, mas também não ia dá prá mim, eu estava mudando de apartamento e eu não podia cuidar de tudo. Há um mês e meio, eu comecei a tomar conta dela. Agora é que eu estou tomando conta dela para o pai poder trabalhar. Ele sai às 9 horas e 30 minutos, e deixa ela comigo. Coincidiu com o Natal e as férias de janeiro porque ela está de férias e vai até o final do mês. Ele me entrega ela pronta, eu arrumo as coisas dela e venho para o Clube. Por enquanto tem sido assim. Depois ela volta para a escola e vai ser a mesma coisa prá mim. Ao invés de trazê-la para o Clube, eu vou levá-la para a escola. A partir do momento que o pai sair de casa às 7 horas da manhã, eu vou ter que começar a cuidar mais dela. E isso deve começar no início do ano letivo. E aí vamos ver como vai ser. Aí deve mudar as minhas atividades.*

Zuleika, na convivência com a neta e a família assume, nega e recria significados que lhe foram atribuídos como cuidadora ao compartilhar dos cuidados da menina. Isso compreende também uma ampla negociação de significados atribuídos ao genro, à filha, à neta, à situação de cuidados e a si mesma. Esses significados atravessam a relação avó-neta, podendo até mesmo assumir outros sentidos ao longo do compartilhamento, como ela mesma se refere ao dizer que não sabe como ficará sua situação de cuidar da neta.

Na época desta entrevista, Karen estava há oito meses no Brasil. E, durante seis meses e meio, enquanto a sua mãe trabalhava, ela ficava com o pai e frequentava uma escola. Zuleika destaca que era o genro que assumia os cuidados com a sua neta. Ela só ia a casa deles como visita. Sendo assim, perguntei-lhe o que ela pensava sobre os cuidados dispensados pelo seu genro à sua neta.

(ENTREVISTADORA: Como você vê os cuidados do seu genro com a Karen?).

ZULEIKA: Antes, quando eu tinha a minha filha pequena, era diferente. O pai não ficava com a filha, não trocava fralda, não podia sair com a filha. Só mãe era para tudo. Agora não. Meu genro faz tudo. As pessoas já elaboraram isso na cabeça. Ele cuida da filha, sabe fazer tudo. Mas se bem que ele é americano. E lá é diferente. O meu genro ficava sozinho com a minha neta e fazia comida, trocava a fralda, dava banho. Ele assumia a menina nos dias que ele estava em casa. Eles revezavam. Quando eu ia lá, eu reparava muito isso. Eles lá, não tinham empregada, eram sozinhos. Eu aqui, minha filha lá. Eles trabalhavam e cuidavam da menina. E era assim com todos os amigos. As crianças vão para escola logo. Era diferente. Era outra forma de ver o mundo. Aqui, o homem brasileiro tem preconceito, ou sei lá o que, e não ajuda a mulher, assim não. E aqui ele tomava conta dela até conseguir emprego.

Zuleika menciona que na época em que sua filha era pequena, eram as mães que faziam tudo para as crianças pequenas. Os pais não se envolviam com os cuidados dos filhos. Segundo Vaitsman (1994) e Silva (2000), transformações sociais, políticas e econômicas fizeram com que nas famílias contemporâneas as atribuições de identidades segundo o gênero fossem menos rígidas. Hoje em dia, homens e mulheres podem contribuir para o sustento da casa e com o cuidado dos filhos, mesmo que isso não ocorra de modo equilibrado.

Percebi que Zuleika atribuiu a participação ativa do genro nos cuidados da neta ao fato dele ser americano. De fato, Freitas (2004) é uma autora que argumenta que o posicionamento paterno brasileiro fala a favor da necessidade de uma reconstrução social da posição dos homens-pais, para que exerçam suas responsabilidades de pais, livres de estereótipos. Entendo que a identidade de pai é construída respondendo às necessidades sociais, de acordo com cada época e cultura. Assim sendo, os pais brasileiros estão mudando seus posicionamentos em relação aos filhos e é cada vez mais comum a participação dos homens na esfera doméstica.

Goldenberg (2010) considera, inclusive, que a cultura brasileira já está mudada. Até os anos 60 do século passado, não se percebia uma exigência cultural, nem social, para que o pai demonstrasse afeto ou manifestasse carinho com os seus filhos. “Hoje os pais reivindicam o direito de exercer plenamente esse afeto. Tanto que muitos homens separados querem a guarda compartilhada ou querem ficar em tempo integral com o filho, por causa dessa vontade de estar mais com ele” (ibid., p.28).

Dando continuidade à entrevista, perguntei à Zuleika como era cuidar da menina e da família idosa.

(ENTREVISTADORA: Como é cuidar da Karen e da sua mãe e seus parentes?).

ZULEIKA: A mamãe está com mais de 80 anos. Você conheceu ela no Shopping comigo. Então, eu cuido dela, porque com a idade ela está mais limitada, mas ela está bem. A memória muito boa, ela gosta de passear, tem a família que está sempre à volta. E ela morava sozinha, até minha filha vir dos Estados Unidos. Ela anda no calçadão comigo, ela faz as coisas, mas comigo por perto. Sozinha, eu acho arriscado. Eu passei a morar com ela, como te expliquei. E quando eu estou, ou quando eu saio com a Karen, ela também ajuda. Mas ela é a bisavó, ela não tem a responsabilidade com a Karen. Ela brinca, dá comida, faz a comida, quando precisa, mas não tem como ficar cuidando. Não pode pegar no colo, correr atrás da Karen ou levar para a escola, porque tem que atravessar rua. Ela pode ir comigo, passeando. Meu pai é separado da minha mãe, mas eu cuido dele. Eu tenho carro. Então levo ao médico. E os parentes, você sabe como é, né? Eu sou uma pessoa que gosto de ajudar. É do meu modo de ser. Quando precisam chamam. A família é grande e se ajuda. Minhas tias me pedem para ajudar. Para levar aqui e ali, aos médicos, cuidar delas.

Zuleika menciona ter uma família grande e com muitas pessoas já longevas. Ela, em sua fala, traz a bisavó, o bisavô, as tias-avós e outros parentes idosos. Zuleika tem uma família com três gerações de filhas convivendo juntas. Apesar da bisavó de Karen contar com boa saúde e ajudar a cuidar da bisneta, ela não tem como cuidar sozinha da criança. E acaba ainda por necessitar ajuda da Zuleika. Essa diversidade de pessoas na família de Zuleika enriquece o compartilhamento dos cuidados da Karen. As trocas inerentes à convivência entre netos e avós e neste caso, também com a bisavó, bisavô, tias-avós e outros parentes idosos são marcadas por dimensões socioculturais e históricas próprias e propiciam a transmissão de valores de geração a geração. Por meio delas, perpetuam-se regras, crenças e padrões comportamentais, que contribuem para a formação da cultura e constituem a matriz sócio-histórica de Karen e demais envolvidos.

A respeito da intergeracionalidade, Lins de Barros (1987) afirma que, para os idosos, a lembrança das próprias experiências com seus pais e filhos pode ser importante na resignificação da própria vida e na relação com seus netos. A convivência entre idosos e

crianças configuram múltiplas e recíprocas transformações. Ambas as gerações possuem sabedorias e a troca de saberes possibilita a vivência de diversos modos de pensar, de agir e de sentir a cerca de si, do outro e do contexto. Outro aspecto considerado pela autora é que as relações familiares através da autoridade e do afeto põe em destaque o que há de comum para todos os avós e para todas as gerações de uma família: a família é um valor e, como tal, uma referência social fundamental para a constituição da identidade social de cada pessoa. A articulação entre autoridade e afeto, é fundamental para a construção da posição dos avós na família, faz com que o desempenho dessa posição seja sempre dinâmico.

Dessen & Braz (2005) apontam ainda que a convivência entre várias gerações por um tempo maior tem como consequência a ressignificação da posição dos idosos na família. Isto porque as relações estabelecidas entre avós e netos são atravessadas por um conjunto de significados e sentidos importantes para a contextualização e entendimento da família multigeracional contemporânea.

Caso 4 “Nicole: mãe de Maria e avó das gêmeas Olivia e Luisa”.

Eu cheguei a Nicole por indicação de uma avó entrevistada. Fiz contato por telefone e ela marcou de nos encontrarmos na Casa do Alemão, no Leblon. Nicole tem 60 anos, é casada, é formada em Letras e está aposentada. Reside com o marido em Copacabana, no Posto quatro, há 25 anos. Nicole é avó das gêmeas, Olivia e Luisa de um ano e três meses de idade. Ela interrompeu suas atividades para cuidar das netas que ficam na sua casa diariamente, em tempo integral, das 7 horas e 30 minutos até que os pais cheguem do trabalho, totalizando 75 horas semanais de permanência. Nicole tem como rede de apoio: o marido, a babá e a bisavó das crianças.

Maria é filha de Nicole e mãe das crianças. Ela é casada, tem 36 anos de idade e é formada em Direito. Reside também em Copacabana e trabalha em uma empresa de segunda a sexta-feira, das 9 horas às 21 horas, perfazendo um total semanal de 60 horas. Eventualmente, viaja a trabalho por dois ou três dias.

Diante desse contexto, iniciei a entrevista com a Nicole buscando conhecer como era para ela envelhecer.

(ENTREVISTADORA: Nicole, como está sendo para você envelhecer?).

NICOLE: Envelhecer é ter experiência. O corpo mostra os sinais do tempo. Você percebe que o teu corpo não é mais o mesmo, o teu cabelo não é mais o mesmo. A pele... Você não é mais uma juvenzinha. Mas em compensação têm alguns ganhos que a gente só sabe quando a gente tem essa idade. A experiência mostra que as coisas que incomodavam a gente, quando tínhamos 30 ou 35 anos, agora parecem tão insignificantes.

Para Nicole envelhecer significa adquirir experiência. Ela privilegia a experiência acumulada, em detrimento da valorização do aspecto jovial, tão preconizado na contemporaneidade. Ao mesmo tempo em que Nicole comenta que seu corpo carrega os sinais da idade e que os efeitos deletérios do envelhecimento já são percebidos, ela afirma que se sente feliz com os ganhos que só seriam obtidos com o passar dos anos. Diz que, com a idade, modificou a sua relação com o seu meio social e com a sua própria história de vida. O que a incomodava antes, quando ela era mais jovem, agora não tem o mesmo valor – deixou de ter o mesmo significado – e passou a não ter tanta importância.

Nicole se mostra receptiva a essa nova fase de sua vida. A esse respeito, Debert (1994) afirma que, ao se envelhecer, é possível substituir ideias de perdas, por momentos de novas conquistas guiadas pela busca da satisfação pessoal. E tanto as experiências vividas, quanto os saberes acumulados são ganhos que favorecem a pessoa explorar novas identidades, realizar projetos abandonados e estabelecer relações intensas com pessoas de todas as idades.

A partir da fala de Nicole, busquei conhecer como ela era vista em sua família.

(ENTREVISTADORA: Como você é vista em sua família?).

NICOLE: Eu vou falar [...] como a minha mãe me vê e como a minha filha me vê. Não é uma opinião de todo mundo. A minha mãe diz que eu sou o ponto central da família atualmente. Ela falou que como ela tem idade, ela depende de mim para muita coisa. Então, eu sou o porto seguro dela. E a minha filha diz, que se não fosse por mim, ela não poderia fazer metade das coisas que ela faz. Então é mais ou menos assim, a opinião da minha mãe e da minha filha que eu é que estou centralizando a administração da família. Mas esse é o ponto de vista da minha filha e da minha mãe. Não sei se é o meu não? Não sei se é o meu. Eu acho que eu faço o que uma mãe tem que fazer, uma

filha tem que fazer, o que uma mulher tem que fazer, o que uma pessoa normal faria.

Nicole, ao falar de como é vista pela família, ressalta que vai se referir apenas aos posicionamentos da sua mãe e da sua filha e não de todos os familiares. A sua mãe alega que já está idosa e dependente, então, agora a Nicole é o seu porto seguro. Maria, por sua vez, considera que só pode dar conta da sua dupla jornada, maternidade e trabalho, porque tem Nicole compartilhando integralmente os cuidados das crianças. Então, para essas duas pessoas, ela é o esteio, o porto seguro da família.

No entanto, Nicole diz que faz o que toda mãe, filha e mulher deveriam fazer nessa situação. Ela entende que os cuidados assumidos com sua mãe e com suas netas são inerentes à sua posição de filha e de avó. Nicole legitima o sentido que a sociedade confere à mãe: de pessoa dedicada, amorosa, carinhosa, que se sacrifica pela prole. Afonso & Filgueiras (1996) consideram que atualmente, mesmo depois de tantas conquistas femininas, ainda cabe às mulheres o papel principal no âmbito doméstico.

Diante do sentido dado por Nicole ao fato de ser mãe, quis saber como ela percebia o olhar da sociedade para a mulher idosa.

(ENTREVISTADORA: No dia a dia, como você percebe o olhar das pessoas, da sociedade, para o envelhecimento da mulher?).

NICOLE: A sociedade? A gente sabe que tudo está voltado para ser jovem. Aquele tipo que toda pessoa quer ver: magra, jovem, cabelo liso, lindo, pele bronzada do verão. Mas eu nem estou muito preocupada com o que as pessoas pensam de uma pessoa acima de 60 anos. Eu não fico, eu não paro para pensar. Eu sei que me chamam de tia [Risos]. Eu sei que há uma exigência muito grande da mulher, que ela tem que estar sempre em forma, sempre bem arrumada, colocando botox. Fazendo tudo que todas fazem. Mas eu me cobro pouco nesse lado. Eu acho que a sociedade é muito exigente. Eu me peguei ultimamente dando pouca importância para muita coisa. Aí eu comecei a pensar muito nisso. Tudo para mim tem muito pouca importância. As pessoas perdem tempo fazendo isso, só pensando em ser jovem. Mas tem tanta coisa boa para fazer.

A cultura da juventude é forte na contemporaneidade prevalecendo o olhar de que a mulher tem que manter uma beleza jovial. Neste contexto, muitas idosas para se sentirem aceitas,

acabam negando a sua própria identidade. Isso se reflete no jeito de se vestirem, nos tratamentos de beleza, nas intervenções cirúrgicas e por que não dizer no orçamento familiar. Goldenberg (2008) chama a atenção para esta situação, ao afirmar que o nosso contexto sócio cultural impõe um padrão de beleza que explica os enormes sacrifícios que as mulheres maduras fazem para parecerem mais jovens seja por meio do corpo, da roupa ou do comportamento.

Nicole diz que a sociedade é exigente com a mulher idosa. Contudo, ela se posiciona contrária à busca da jovialidade eterna, chegando a expressar que isso é uma perda de tempo. Para ela, existem tantas coisas boas a serem feitas que não se justifica viver só pensando em se manter jovem. Pedi que se estendesse mais sobre essa questão.

(ENTREVISTADORA: Nicole, me fale sobre isso).

NICOLE: Acho que cuidar das minhas netas é ótimo. Nem tenho tempo para ficar querendo ser mais jovem do que eu sou. Quero ser eu. Viver essa fase maravilhosa. Depois de ter minha filha... Minhas netas. Não pensei que existisse algo tão maravilhoso [Risos]. Todo mundo falava: ser mãe é bom, mas ser avó é muito melhor. E eu não conseguia medir isso. E agora eu sei. É uma coisa completamente diferente do que a gente sente na vida. É tudo. É uma coisa que a gente se sente responsável pela filha e pelas netas. Você sente que se você não tiver ali, ninguém vai dar comida, dar banho, trocar fralda. É uma coisa meio doente, mas é a coisa melhor do mundo.

Nicole diz que cuidar das netas preenche a sua vida de tal maneira, que o tempo passa e ela não se preocupa em parecer mais jovem do que é. Ela ressalta que está vivendo um momento muito feliz. E diz que, se para ela ser mãe já era uma experiência maravilhosa, ao se tornar avó, ela compreendeu o que as pessoas queriam dizer quanto se referiam que ser mãe era bom, mas ser avó era ainda melhor. Nicole considera que ser avó é tudo, é se sentir responsável pela filha e pelas netas. Ela chega a expressar que é uma coisa até meio doente, pois ela acredita que precisa estar presente para cuidar de tudo. Contudo, ser avó é a coisa mais maravilhosa do mundo.

Na fala de Nicole, cuidar das netas é um modo de continuar cuidando da filha. A diferença é que agora as demandas da sua filha são outras, como por exemplo, compartilhar os cuidados das crianças com a mãe para que ela possa trabalhar. Cuidar da neta e colaborar com a filha,

apesar de todas as conquistas femininas ainda é visto como natural à mulher. Fica claro que, perante a sociedade e para a própria Nicole, ela se sente responsável pela filha e netas e que cabe a ela se dedicar ao máximo para cumprir esta identidade que, apesar de imposta pela sociedade, é legitimada por ela mesma.

Nesse ponto da conversa, o avô que estava ouvindo a entrevista, nos interrompeu e disse:

- Eu adoro as crianças. Eu sou o avô e eu sempre quis ser avô. Não me importava de não ser pai. Mas avô era o meu sonho. Desde novo.

Nicole esclareceu que Alfredo não era o pai de Maria. Ela se casou com ele depois de ter a filha e já estavam juntos há mais de 25 anos. Ela acrescentou que a filha e o padrasto se davam muito bem e ele sempre foi um ótimo companheiro.

Minha filha gosta muito dele. E ele é um ótimo avô. Natália e Luisa são muito ligadas ao avô. Também porque, como nós somos aposentados, nós dois estamos em casa o dia todo. Ele pode não estar trocando, dando banho, mas ele está ali brincando. Se elas estão na sala de televisão, elas estão com ele, no colo dele. Ele brinca com elas. Elas descem para o play com ele. Ele vai para o clube com elas. E sempre ele vai ou comigo, ou com a babá.

Nicole ressalta que Alfredo colabora muito com os cuidados das netas. Ela destaca que a participação do avô é constante, até porque os dois estão aposentados. Alfredo se insere na organização dos cuidados com as netas. O nascimento das netas inaugurou para eles a nova identidade de avós e com isso novas responsabilidades como a de compartilhar os cuidados das crianças. Então, perguntei que sentido Nicole dava a ser uma avó cuidadora.

(ENTREVISTADORA: E ser avó cuidadora?).

NICOLE: *Eu gosto muito de criança, quando a gente soube da gravidez, eu fiquei um pouco assustada. Porque eu sabia que a gente ia tomar conta. Mas quando eu soube que eram duas, mesmo essa surpresa das duas, foi assim muito legal. Eu só tive uma filha. Eu não tive irmãs. A gente cuidar de duas crianças que a gente aos poucos vai percebendo que são diferentes, que têm personalidades diferentes, necessidades diferentes é uma coisa que enriquece muita a gente. Para mim está sendo muito bom. É trabalhoso e é cansativo. São duas, mais mamadeiras, fraldas, cuidar mesmo. E isso é muito*

cansativo. Nós estamos aposentados, então ficamos o dia todo em função das meninas. Têm horas que eu me pergunto da responsabilidade que eu assumi. Se eu estava preparada para essa responsabilidade. Mas é tão bom. É tão gostoso ficar com elas. É tão gratificante ver a cada dia uma coisa nova acontecendo: uma falando, a outra não falando, uma andando, a outra... É tão gostoso que até esqueço as coisas que deixo de fazer, por causa delas, porque é bom demais. Mas apesar de tudo eu me preocupo se isso está sendo certo.

Nicole diz gostar muito de criança e ter se assustado quando soube que sua filha grávida ia ter gêmeas, mas que logo passou o susto e achou muito bom. A avó considera que compartilhar dos cuidados das netas é muito enriquecedor, porque elas, apesar de serem gêmeas, são bem diferentes, tanto no desenvolvimento físico, quanto no jeito de ser. Apesar de estar muito feliz em cuidar das netas, Nicole revela que compartilhar os cuidados infantis é uma tarefa muito cansativa. Além disso, seu trabalho é dobrado e exige uma dedicação integral. Ela afirma que só é possível dar conta desta incumbência porque o marido e ela estão aposentados. Agora eles vivem em função de cuidar das netas. Em determinados momentos, Nicole se questiona se estava preparada para assumir essa atribuição e se sua filha e ela estão acertando no modo que decidiram compartilhar a criação das meninas.

Busquei conhecer mais sobre suas preocupações.

(ENTREVISTADORA: O que te preocupa?).

NICOLE: Tem umas coisas que me preocupam um pouco. Por exemplo: elas querem sair do colo do pai e da mãe para vir ficar no meu colo. Isso, eu fico preocupada porque eu sou só avó. Mas é que elas ficam o dia todo comigo. Quando o pai e a mãe dela chegam, elas não têm a mesma reação que têm quando eu e meu marido chegamos. Entende? Elas têm uma reação diferente. Eu fico preocupada com isso porque eu sei que isso entristece a mãe principalmente. Mas, não tem jeito, elas ficam o dia inteiro com a gente. Eu e o avô. Outra coisa também. Quando a gente é avó, a gente faz algumas coisas que quando a gente é a mãe, a gente não faz. E a gente não faz não é porque a gente não gosta, mas é porque a gente não sabe que é importante fazer. Então eu brinco com elas, eu fico no chão com elas, faço tudo que eu posso para o lazer delas, para comida delas e eu sei que quando a minha filha chega à noite está cansada. O marido também está cansado.

Nicole se preocupa com o fato das crianças, em algumas ocasiões, preferirem o colo dos avós, aos dos pais. Contudo, esse comportamento das netas mostra que foi constituída uma boa (saudável) relação afetiva entre as crianças e os avós (ALMEIDA, 2006). Cabe explicitar que a babá também atua nessa rede de apoio, porém mais para acompanhar os avós, do que para desempenhar atividades com as crianças.

Diante dessas preocupações relatadas por Nicole, busquei saber como ela vivenciava o dia a dia com as netas.

(ENTREVISTADORA: Como você vivencia o seu dia a dia?).

NICOLE: Tem uma coisa que eu penso muito, que eu tenho pensado muito. É na responsabilidade que a gente assume quando a gente fala que vai tomar conta do neto. É uma responsabilidade muito grande e a gente não pensa quando a gente fala: - Não, você deixa que a gente vai tomar conta. É uma responsabilidade assim: na hora que fica doente, que você tem que tomar algumas decisões. Na hora que não come e você tem que mudar alguma coisa. Pois na verdade, a minha filha tem hoje hábitos diferentes de quando morava na casa da gente. A gente sabe que quando uma pessoa sai da casa da gente e depois volta ela é outra pessoa. E hoje ela é outra pessoa. Ela tem hábitos alimentares diferentes e no final eu estou criando as meninas com os meus hábitos, na minha casa. E eu fico pensando até que ponto isso vai ser bom para elas. Isso é uma coisa que eu me pergunto: essa responsabilidade que a gente assume e não sabe no que vai dar.

Nicole chama a atenção para o fato de que como ela compartilha os cuidados das netas diariamente em tempo integral, configuram-se situações em que é preciso tomar decisões imediatas. Ela não sabe se a filha teria o mesmo posicionamento do que ela nessas ocasiões. A esse respeito, Billé (2002) salienta que em alguns casos, as atividades assumidas pelas avós no cuidado dos netos, aliado ao forte vínculo da relação e à necessidade dos pais em repassar os cuidados dos filhos, acaba contribuindo para que se consolide na família a confusão de papéis parentais. Os avós, nessas situações, acabam assumindo as atribuições referentes aos pais. O reconhecimento por Nicole que, em dadas circunstâncias, ela transita entre as posições de avó e mãe, aliado ao fato de que é a avó, torna a condição de cuidadora desconfortável. De um modo geral, ela sente que cuidar das netas gera mudanças em várias relações: Nicole - filha, filha - netas, filha - genro, entre outras. Assim, Nicole questiona se a responsabilidade assumida ao compartilhar dos cuidados das netas é boa para a família de sua filha.

Como durante a entrevista, Nicole disse que se dedicava inteiramente às netas, achei importante indagar o que ela deixou de fazer em prol dessa situação.

(ENTREVISTADORA: Que coisas vocês deixaram de fazer?).

NICOLE: ... a gente pensou que não íamos mais poder viajar. E por incrível que pareça, nesse ano que as meninas nasceram nós viajamos três vezes. Elas ficaram com a minha mãe e com a babá. A única coisa que eu acho, e que a gente até conversou isso hoje de manhã, eu e meu marido, é que eu deveria voltar a fazer, por uma questão de saúde, mais exercícios físicos. O meu corpo está se ressentindo de não fazer ginástica, natação e caminhada. Eu cuidando das meninas eu parei com tudo. Como eu tenho sentido cansaço, achamos que eu preciso arrumar um tempo para cuidar disso.

Nicole relata ser uma avó ativa e, ao se dar conta de que não está cuidando de sua saúde conforme era habituada, resolveu modificar a conduta atual. Considero que Nicole é uma das mulheres de 60 anos que está vivenciando a inovadora experiência de envelhecimento, mantendo-se ativa, refutando estereótipos que ainda caracterizam a velhice como uma fase por excelência de perdas e declínios.

Notei que os idosos desempenham importante posição na família de Nicole. A bisavó se deslocou de São Paulo para o Rio de Janeiro e assumiu a responsabilidade de cuidar das netas para que sua filha e genro pudessem viajar e a neta não precisasse interromper seus compromissos profissionais. Assim, busquei saber mais como essa bisavó fazia parte da rede de apoio.

(ENTREVISTADORA: Você falou que sua mãe, a bisavó das crianças, também ajuda. Como acontece essa ajuda?).

NICOLE: Eventualmente, a minha mãe ajuda, porque a minha mãe mora em São Paulo. Quando ela vem fica na minha casa, e aí ela ajuda também. Às vezes, eu peço a ela para vir e me dar um help. Ela ajuda muito. A minha mãe não é uma pessoa de ficar olhando. Ela muda a fralda também, ela põe a mão na massa também. Se for para dar comida ela dá. Banho eu não deixo ela dá porque ela está com 80 anos e as meninas estão ficando pesadas, e na hora do banho elas mexem em tudo. Mas comida minha mãe dá, pega no colo, troca fraldas... Ela ajuda muito quando ela está aqui. Quando nós viajamos agora, nós ficamos vinte dias fora. A minha mãe ficou sozinha com a babá tomando conta de tudo para a gente poder viajar. Então, ela fez

comida para as meninas, dava comida e a babá ficava olhando.

As relações entre idosos, neste caso, a bisavó e as netas estabelecem-se em um espaço em que as três são beneficiadas pelas trocas intensas. As relações intergeracionais construídas entre idosos e crianças são recheadas de afeto e estima. Os idosos são, com algumas exceções, amados e recordados com imenso carinho pelos netos.

(ENTREVISTADORA: Que valores você considera importante passar para as meninas?).

NICOLE: Se eu conseguir no dia a dia passar para elas o que os meus pais passaram para mim, já vai estar legal. Eu quero que elas sejam pessoas boas, honestas, que elas não deem importância a coisas que não sejam tão importantes na vida. Quero que elas sejam pessoas dignas, independente da condição social.

De acordo com Lins de Barros (2005) é por meio desse contato com os netos que as histórias de família, a cultura e o conhecimento dos avós podem ser transmitidos, permitindo aos avós ficarem como os perpetuadores da cultura na família - o que contribui para implementar as relações intergeracionais.

(ENTREVISTADORA: Mais alguma coisa, que você queira me dizer?).

NICOLE: Eu tenho pensado o quanto é importante à pessoa ter a experiência. A pessoa com mais idade sabe muita coisa. Já viveu o que nós estamos vivendo agora. Cada época tem as suas diferenças, mas as experiências de uma pessoa como mãe, como avó... é muito importante. Isso é uma coisa que você não pode desprezar. A minha mãe, às vezes, tem umas saídas, que eu não tinha pensado. Ela fala: - porque você não faz assim com ela? E aí a gente faz e dá certo. Porque a experiência é importante. Ela não tem o vigor perfeito, mas ela tem experiência e ajuda muito. A idade traz sabedoria. E isso é importante. Eu valorizo muito o que ela tem para me passar. São anos de experiência que eu não posso desprezar.

A experiência de sua própria mãe (bisavó) é valorizada por Nicole. Na contemporaneidade, é possível constatar a existência de três ou mais gerações de uma mesma família convivendo juntas. O que se torna fonte de aprendizagem mútua, renovação pessoal e familiar, marco de longevidade.

Caso 5 “Verônica: sogra de Renata e avó de Marcela”.

Eu cheguei à avó Verônica por indicação de conhecidos. Fiz o primeiro contato por telefone e ela aceitou me encontrar para conversarmos em um Shopping da Zona Sul. Verônica tem 62 anos, é casada, é formada em Pedagogia e está aposentada. Ela reside em Copacabana, no Posto quatro, há 50 anos. Atualmente, ela mora com o marido e uma filha. Verônica precisou reorganizar suas atividades para cuidar diariamente, em tempo parcial, da neta, Marcela de dois anos e nove meses de idade. A avó busca a neta, na casa da nora, ao meio dia, leva para a creche e de tarde, às 17 horas vai buscá-la. Marcela fica na casa da avó, toma banho, janta e à noite, ou a avó leva a menina para casa dos pais ou eles buscam a criança na casa da avó. Verônica dá um apoio de 30 horas semanais nos cuidados com a criança. Ela conta, como rede de apoio com o avô e a babá. Além disso, a neta frequenta uma instituição de Educação Infantil.

Renata, nora de Verônica, tem 36 anos de idade e está grávida de quatro meses de um menino. Ela é formada em fisioterapia e presta atendimento aos seus pacientes em domicílio, de segunda à sexta-feira, totalizando 20 horas semanais.

Iniciei a entrevista com Verônica lhe perguntando como estava sendo envelhecer.

(ENTREVISTADORA: Agora vamos conversar sobre envelhecimento. Para você, como está sendo envelhecer?).

VERÔNICA: Envelhecer... O que mais assusta é você sentir que está perdendo. Eu ainda não cheguei a esse ponto. Mas vejo nas pessoas. Movimentos, limitações e forças que vão sendo perdidas. Isso é o que assusta. Você passa a ter limitações, seja diminuição de movimentos. Por que o joelho é eu não sei o quê, o quadril é não sei o quê lá... O problema do envelhecimento para mim é a limitação. Tanto que a gente tem feito assim: as viagens que requerem um esforço físico maior agora. Fomos à Grécia em 2011. Fomos em 2010 ao Egito. A Rússia e a Escandinava, já fizemos. Agora está faltando, Jordânia e Israel. Que [...] não conseguimos porque lá sempre tem confusão e a gente acaba ficando com medo [...]. Agora mesmo na Turquia, a gente visitou os sítios arqueológicos, sobe para cá, desce para lá. Tem que ter joelho, tem que ter perna. E a gente já está tomando cuidado com isso, investindo em atividades físicas e controle médico, para prevenir isso e para ter uma boa qualidade de vida. A limitação é o que mais me assusta na velhice. E você depender de alguém, eu que

sou muito independente. De repente, eu ter que ter alguém para cuidar de mim, eu não posso imaginar.

Verônica revela que o que mais a assusta, no envelhecimento, são as perdas inerentes à idade. Ela enfatiza que ainda não se sente limitada, mas que percebe perdas em outras pessoas. É comum que a idade traga limitações física, cognitiva e social. Essas limitações deixam os idosos fragilizados e podem evoluir a um estágio de dependência. A possibilidade de depender de alguém, para realizar as suas atividades rotineiras, causa apreensão em Verônica. Ela se diz uma pessoa independente e que não consegue se imaginar tendo que depender de alguém. Ela aponta que cuida da sua saúde, de maneira a prevenir possíveis limitações e promover uma melhor qualidade de vida. A prevenção é fundamental para uma vida com saúde.

Ao se definir como muito independente, busquei conhecer como Verônica é vista em sua família.

(ENTREVISTADORA: Em sua opinião, como a sua família te olha? Assim, como eles veem você?).

VERÔNICA: Eles acham sempre que eu estou apressada. Trabalhando muito. Meu marido fala: você não para de correr. Minha filha acha que eu faço demais pela minha neta. Ela diz: -mamãe você não tem mais idade de estar cuidando de criança desse jeito. Sempre tem alguma coisa para fazer, para adiantar. Que eu estava para fazer e não fiz e vou fazer agora. E têm muito ciúmes na minha família. Acham que tudo é para a Marcela.

Verônica diz que sua família considera que ela já não tem idade para fazer tudo o que faz. Além disso, sente uma cobrança do marido e da filha em relação à sua dedicação a eles. Ela considera sua família ciumenta. Verônica sugere através da entrevista, que tem uma convivência muito intensa com a neta. Desse modo, ela tem pouco tempo para se dedicar às coisas da casa, ao marido e à filha. Mesmo assim, ela procura dar conta de tudo.

Procurei conhecer sua opinião sobre o olhar da sociedade para a mulher.

(ENTREVISTADORA: Como você vê o olhar da sociedade para a mulher idosa?).

VERÔNICA: Ah, é triste, viu? Porque as pessoas acham que a juventude e que a beleza são eternas. Mas hoje é uma loucura. Uma

vigilância, uma olha assim para a outra e diz: - nossa você engordou em... tem que perder um pouquinho. É como se a juventude e a beleza fossem eternas, e não são. Mas é uma pressão muito forte para que a gente seja jovem. Então, eu vejo na minha sala de ginástica, o que eu digo: gente, eu tenho estômago, eu tenho barriga, eu faço ginástica porque eu quero comer. Então, se eu não tiver ginástica, eu vou rolar. Então, para eu não rolar, eu faço ginástica. Isso aqui é cheio de vinho da melhor qualidade e comida da melhor qualidade. [Risos]. E agora tenho minha neta para cuidar [...] A conversa hoje na ginástica era: Esqueci o nome. Mas é uma técnica de congelamento das células gordurosas da barriga, que você perde a gordura [...]. Que é extremamente dolorosa. Mas elas falavam que vale a pena ficar tanquinho. Aí eu penso assim: fica tanquinho, plástica aqui, ali e aí você olha o olhar e você vê que os olhos não são de uma mulher que está com aquele rosto todo esticado. Aí você olha o antebraço, e não são. Você olha o andar e vê que é de quem tem a idade que tem. E a postura... Então, eu não consigo entender pessoas que eu olho e vejo magras, sem estômago, e sem barriga dizerem: - Ah! Essa pele aqui do lado me incomoda e eu não consigo perder. Isso aqui do lado... Essa gente não entende que não tem mais hormônio, que a tendência é acumular mesmo. É que ninguém vai ser gostosona, bonitona, esbelta a vida inteira. [...] Eu gosto de comer. [Risos]. Para mim, a comida é uma das coisas mais prazerosas desta vida. Nós fizemos uma viagem à França, três anos atrás, que foi uma loucura. [...] O meu marido vive de dieta. Porque é pesado. Mas é para saúde.

Verônica afirma que o olhar da sociedade para a idosa é um olhar cruel. As próprias mulheres vigiam e pressionam umas às outras, cobrando um corpo jovem. As pessoas acreditam que ser jovem e belo são atributos eternos. Verônica menciona que faz exercícios físicos, não para manter o seu corpo esbelto, mas para poder comer e não exceder no seu peso. Ela considera que a comida é uma das coisas mais prazerosas da vida e enfatiza que o seu marido faz dieta por motivo de saúde. Verônica diz que não entende e até se sente incomodada com a mulher que é magra e ainda quer ser mais magra. Ela salienta que com a idade, com a diminuição dos hormônios, a tendência é o acúmulo de peso. E, apesar de todas as tentativas, é impossível a mulher se manter sempre jovem. Ela justifica seu posicionamento acrescentando, que mesmo as mulheres que se valem dos mais variados recursos para aparentarem jovialidade, elas não conseguem esconder que são idosas. Verônica chama a atenção para o fato de que o andar, o olhar, a postura da mulher mais velha, não é mais o de uma jovem, mas sim compatível com a idade e com a história de vida dessa pessoa.

Verônica expressa que envelhecer é muito difícil para as mulheres, pois a sociedade sempre valorizou as jovens e belas mulheres. Goldenberg (2008) considera que as sociedades com esses modelos de beleza impostos são capazes de levar seus membros à doença e à morte, à perda da vontade de viver e à depressão marginalizando aqueles que são diferentes. Ressalta ainda que, desde o século XX, a apologia ao corpo perfeito é fonte de frustração feminina.

Em sua fala, Verônica menciona que uma das razões que levam a fazer exercícios físicos é que ela tem uma neta para cuidar. Assim, indaguei como estava sendo para ela ser avó.

(ENTREVISTADORA: O que é para você ser avó?).

VERÔNICA: Ah, meu Deus! Ser avó é o estado de contemplação do amor maior. De estar diante de uma criatura que eu não fiz nada e recebi de presente de Deus. Foi um recomeço. Aquele bebê que precisava da gente para tudo, fez com que despertasse em mim o lado mãe, o lado cuidadora e aí isso fez nascer o lado avó. E aí já viu. [Emoção e lágrimas] Nossa, é extremamente prazeroso. Quando aconteceu, eu falei: meu Deus o que é que isto? Que amor é este? [Risos]. Que coisa maravilhosa é esta? Eu me sinto nas nuvens. Um amor que não espera nada em troca, nem planeja nada. Porque, não é a minha responsabilidade o futuro dela. Rezo para que seja tudo o melhor possível. Mas que coisa essa tão boa. Aí me lembro de Raquel de Queiroz que o verdadeiro amor só se conhece quando se tem o primeiro neto [Risos].

Verônica considera que Marcela é um presente de Deus. E fala que aquela criatura frágil, dependente de tudo e de todos, despertou nela o sentimento maternal e de proteção. Da união desses dois sentimentos, nasceu uma avó. Essa fragilidade do bebê é ressaltada por Lyra e Rosseti-Ferreira (1995), ao afirmarem que ao nascer à criança não é autônoma em suas ações, em virtude da discrepância entre o seu desenvolvimento motor e sua condição de ser social. Assim, esta condição cria um espaço para a mediação de um parceiro adulto no cotidiano da criança. É o adulto quem vai garantir sua sobrevivência e gradativamente inseri-lo em determinados contextos, significando o mundo para ele, através da relação que constroem.

Diante deste contexto, busquei saber como era para Verônica ser avó cuidadora.

(ENTREVISTADORA: Então, vamos conversar sobre netos. Como é ser avó cuidadora?).

VERÔNICA: É uma responsabilidade. É quase você ser um pouco

mãe. Eu me preocupo com a educação dela. Por exemplo: agora no final do ano [...] iam tirar ela da creche que ela estava para colocar em uma creche ainda mais perto, para facilitar a minha nora ir levar e buscar, por que ela está grávida [...]. Não deixei. Mas, assim com muito jeito [Risos] Eu falei para o meu filho: - nós sempre demos para vocês, a melhor educação. Porque a gente sempre acreditou que o principal é você ser uma pessoa que tem educação, que tenha conhecimento, para poder ser alguém na vida. Não é o que você tem agora, ali não. É você ser, é o que você é, e ninguém tira de você. Então você tem que dar a melhor educação. E eles não mudaram a Vitória. Mas, eu também, passei a levar e a buscar a Vitória na creche. Eu acho que você tem essa responsabilidade já que você tem uma visão maior, você mostra as coisas com muito jeito, com muito tato. Você tem que cuidar dessas coisas com relação à saúde, alimentação (eu tenho muita preocupação com alimentação). Tudo é uma responsabilidade que a gente assume. Eu acho que é uma tríplice: amor, alimentação e lazer para a criança crescer forte e saudável. A avó cuidadora tem que, se possível, cuidar disso. Meu marido acha que essa dedicação toda com a minha neta é também, um pouco, para suprir o que eu não fiz com os meus filhos.

Verônica considera que a responsabilidade assumida ao cuidar da neta é quase como a de ser mãe. Ela justifica esse seu posicionamento, ao se referir à sua interferência em não deixar Vitória mudar de creche. Ela afirma que, por ser mãe e mais idosa, tem uma visão maior e que lhe cabe a responsabilidade de passar determinados valores. Ela diz que como avó cuidadora tem uma tríplice responsabilidade: dar amor, cuidar da alimentação e do lazer para que Vitória cresça forte e saudável. A WHO (2008), em relação à alimentação, considera que o envelhecimento saudável começa na infância e que a alimentação determina o risco de doenças que poderão acontecer mais tarde. Sendo assim, é preciso preparar as novas gerações para o envelhecimento desde cedo.

Diante do comentário de Verônica de que seu marido acha que a dedicação que ela tem em relação à neta é também para suprir o que ela não fez com os filhos, perguntei-lhe o que ela pensava sobre isso.

(ENTREVISTADORA: *E você, como é isso para você? Você concorda que seja para suprir o que você não fez com os filhos?)*

VERÔNICA: *Não sei, mas eu acho que não é isso de suprir o que não fiz. Fiz tudo que pude pelos meus filhos e continuo fazendo. A mãe, amor que ninguém substitui. O batimento cardíaco da mãe é a primeira coisa que uma criança ouve, é o som que acalma e é da mãe.*

O leite é da mãe. Só não deixei de trabalhar. Até porque precisava trabalhar. E além das babás, a empregada e tinha a mamãe, que era ótima avó. Para mim, essa dedicação à Marcela é amor. Olha Fátima, eu fiz o que eu achei que era bom para mim e para eles. Não me arrependo. Sabe por quê? Eu achava na época, como eu acho hoje, que é importante você ter a sua independência financeira. E eu estudei, eu fiz uma carreira. Eu fiz até o nível de pós-graduação. Na minha época não era tanto como é hoje, que mestrado, MBA, é continuação natural. Para mim, chegar ao nível de pós-graduação foi suficiente para fazer uma boa carreira, chegar ao nível gerencial. Isso para mim preenchia o meu lado que eu tenho muito forte também. O lado profissional sempre foi muito importante para mim. Eu não conseguia abrir mão disso por eles. Eu me dedicava às crianças o maior tempo possível. As férias, durante 15 anos, nós não botamos os pés fora de casa que não fosse com as crianças [...].

Verônica não concorda com a opinião do marido. Ela acredita que tudo o que ela faz por Marcela é mesmo por amor a neta e considera que fez tudo o que podia pelos seus filhos – e continua fazendo. Em seu modo de pensar, o amor da mãe é insubstituível. Ela relata que precisava trabalhar, por uma questão pessoal, e para isso contava com uma rede de apoio, composta pela sua mãe, que era uma ótima avó, pelas babás e pela empregada da casa. Verônica acha que sua opção funcionou bem para ela e os filhos. Ela mantém esse pensamento sobre maternidade e trabalho.

O significado do estudo e do trabalho para as mulheres da faixa etária de Verônica adquiriu uma dimensão muito mais relevante em suas vidas do que na vida de mulheres de gerações anteriores. Goldenberg (2011) afirma que essa geração de avós é composta por mulheres que passaram por importantes mudanças na sociedade, ou mesmo tiveram participação ativa nela, tais como o movimento feminista, as mudanças no comportamento sexual, os novos modelos de casamento e de família, a entrada maciça das mulheres nas universidades e no mercado de trabalho, o uso da pílula anticoncepcional, a vivência de terapias psicológicas e psicanalíticas, o movimento de contracultura, a lei do divórcio, entre as transformações que ocorreram nos anos de 1960 e nas décadas seguintes.

Desde que as mulheres ingressaram em massa no mercado de trabalho, na primeira metade do século XX, conciliar a vida profissional com as demandas da maternidade sempre foi motivo para os mais diversos questionamentos familiares.

Duas recentes pesquisas indicam que equilibrar carreira e família pode trazer benefícios tanto para as mães quanto para as crianças. Um estudo da Universidade da Carolina do Norte, nos Estados Unidos, realizado por Lapiere, Piotrowski e Linebarger (2011) apontou que mães que trabalham fora são mais felizes e saudáveis do que aquelas que ficam em casa. A conclusão foi tomada após pesquisadores acompanharem 1.364 mães durante os dez primeiros anos da vida de seus filhos. Aqui no Brasil, uma pesquisa realizada por Troiano (2011) com 500 crianças e jovens, sendo uma metade composta por filhos de mães que trabalham e a outra metade por filhos de mães que não trabalham, indicou que os filhos de profissionais são ligeiramente mais felizes e demonstram ter mais orgulho de suas mães do que de seus pais.

Os valores atribuídos ao trabalho, à maternidade e aos cuidados infantis expressam significados socialmente produzidos e são elementos da matriz sócio-histórica dos sujeitos, participando da construção dos sentidos dados a essas questões (ALMEIDA, 2007). Verônica rompeu com um forte preceito de sua geração, o de que a mulher casada que é mãe deve cuidar exclusivamente da família. Para Verônica, o trabalho é importante para sua independência financeira e realização pessoal. Não é novidade que a participação feminina no mercado de trabalho aumenta a cada ano. Segundo o IBGE (2010), 42,6% das pessoas profissionalmente ativas são do sexo feminino. Já sobre a maternidade, de acordo com o último levantamento “Mães Contemporâneas” realizado pelo IBOPE em 2006, 51% das brasileiras eram mães (17 milhões).

Dando continuidade à entrevista, perguntei-lhe como ela compartilhava os cuidados com a neta.

(ENTREVISTADORA: Como é o compartilhamento?).

VERÔNICA: O meu dia de segunda a sexta na parte da manhã é meu [...] Eu vou para o Clube todas as manhãs, eu faço pilates, alongamento, faço ginástica localizada, eu faço spinning. Então eu faço cerca de 2 horas e meia à 3 horas de atividades físicas todo dia. Depois eu faço duas vezes por semana massagem. Às vezes, quando dá tempo uma sauna. Ai eu tomo meu banho, relaxo, vou para casa e almoço. Ai, à tarde é da Marcela. Eu me dedico a ela. Ela está agora em uma creche das 13 às 18 horas, aí eu faço tudo. E quando saio do almoço, eu pego ela. Todos os dias. E eu pego ela, levo para casa, dou jantar, dou banho e deixo prontinha para dormir. O sábado e domingo são 100% Marcela. Que já sabe, não é? Sábado e domingo,

se puder, deixa a Marcela lá em casa. Ela tem um quarto lá em casa, ela tem os brinquedos, ela tem televisão. Ela tem tudo. No sábado e domingo é integral. [Risos]. O sonho da minha neta é que nós morássemos na mesma casa. Ela queria que toda a família morasse junta. Com o pai, a mãe, a tia e o avô. Minha nora diz que eu sou a segunda mãe de Marcela, pois ela chora quando vai para casa e ontem, ela foi embora lá de casa dizendo assim: vovó, estou com saudades da sua casa, vovó. E eu falei: mas você falou que está com saudades da sua boneca Alive? É eu também estou. Aí ela mesma falou para mim: que situação! [Risos].

Marcela tem um quarto mobiliado na casa da avó e, segundo Verônica, sonha em morar com os pais e os avós na mesma casa. A avó relata que a neta fica dividida nesse ir-e-vir entre a casa dos pais e a morada dos avós. Contudo, ela considera que a neta reconhece que se tratam de dois espaços distintos que ela gosta muito, já que falou que é uma situação (difícil) escolher entre ficar com a avó ou ir com a mãe. Considero a convivência com os avós uma vivência importante para Marcela, pois lhe ajudará compreender, desde cedo, a importância dos laços familiares e do respeito às pessoas mais velhas.

Um estudo de Attias-Donfut & Segalen (1998) apontou a importância dos avós de hoje no desenvolvimento infantil. Quando eles ficam durante o dia com as crianças mais tempo do que os pais, são estabelecidas relações mais duradouras e recíprocas com os netos.

Diante de um relato de tanta dedicação e entrosamento entre a avó e a neta, perguntei como Verônica se sentia.

(ENTREVISTADORA: Como é isso para você?).

VERÔNICA: *Não tem problema nenhum, não. Eu acho que o tempo da Marcela é agora. Daqui a pouco esse tempo vai passar e eu vou voltar a fazer meus cursos, com minhas tardes livres e ela vai estar no colégio. Quando ela precisar eu vou estar ali sempre, mas é uma coisa que é passageira. A vida já me mostrou que ela é toda feita de etapas. Tem tempo disso, tem tempo daquilo. Agora estou no meu tempo avó. Daqui a pouco eu vou estar no meu tempo de novo aposentada. Fazendo o mesmo que eu fazia. [...] E o meu marido ajuda bastante, nas tarefas que na opinião dele, o avô pode fazer.*

Verônica afirma que está no seu tempo de avó. Ela considera que esse tempo é para se dedicar à Marcela. O tempo da neta é esse e é agora. Depois, ela vai estar crescida e esse tempo vai

passar. E quando passar, ela vai voltar para o seu tempo, para o tempo da mulher aposentada e vai voltar a fazer tudo que ela fazia antes do nascimento da Marcela. Verônica diz que o avô ajuda muito. Mas só nas tarefas que ele considera que um homem possa realizar. Então indaguei como ele compartilhava.

(ENTREVISTADORA: Como o avô ajuda?).

VERÔNICA: Ele nunca trocou uma fralda nem de filho, nem da neta. Ele não dá comida. Agora... É o maior contador de história que tem na face da terra. Minha neta, quando ela vê um livro de história e eu pergunto: posso contar? Ela diz: não, é o meu avô que me conta história. Minha neta, desde os quatro meses, quando ela começou a ficar em pé e segurar alguma coisa, ela pegou o livro logo. E, ela é louca por livros. Às vezes, eu chego lá às 8h e ela me pede assim... Ela não pede para ir para um sorvete. Ela me pede: vovó me leva à livraria. Ela tem muitos livros, adora muito. E, eu acho que a fala dela hoje é tão desenvolvida, pelo contador de história, que é o avô e pelo acesso aos livros que ela tem muitos [...]. Eu acho que o acesso aos livros é uma coisa muito importante. Você conversar com a criança, contar histórias para ela. Ele faz quebra-cabeça, jogos, tudo com ela, mas nada que ele ache que é coisa para mulher fazer. No clube ele brinca o tempo todo com ela. Distrai ela quando eu preciso fazer alguma coisa em casa.

O avô destaca-se no compartilhamento dos cuidados com a neta como um avô que conta história, que brinca, que leva ao Clube, que é carinhoso e que distrai a criança para a avó fazer outras coisas. Enfim, no âmbito das atividades pertinentes aos cuidados infantis, ao avô cabe às brincadeiras, o lazer. Vemos que é mantida a tradição secular de que, na família, cabe às figuras femininas a manutenção da rotina de atividades cotidianas da criança relacionadas ao seu cuidado.

É sabido que as histórias infantis têm uma importância significativa no diálogo entre as gerações e contribuem na formação de valores e percepções quanto ao processo de envelhecimento. Assim, a Fundação Mempo Giardinelli na Argentina, desde 1999 mantém o programa Abuelas Cuentacuentos. A princípio, as avós dominavam a função de contar histórias às crianças e jovens do país, mas no início de 2012, começou a adesão de avôs ao Programa. Segundo esta Fundação, o convívio intergeracional ajuda a desenvolver o autoconhecimento e a tolerância entre várias gerações e propicia às crianças e aos adolescentes um melhor entendimento da importância dos idosos na sociedade.

(ENTREVISTADORA: Que valores você considera importante passar para ela?).

VERÔNICA: Eu acho que a primeira coisa é a retidão de caráter, porque, sabe, fazer o que é certo sem prejudicar ninguém, ter consciência de que, porque todo mundo está roubando, que roubar não é permitido. Porque não é porque ninguém falou que se faça o bem, que o bem não existe mais. Entendeu? Eu tive um professor, Leme Lopes na PUC que dizia sempre: mesmo que ninguém pratique o bem, o bem será sempre o bem. Mesmo que todos pratiquem o mal, o mal será sempre mal. Ele subia na mesa para falar, prá gente nas aulas de teologia. Eu tenho preocupação que ela tenha uma vida espiritual, seja qual for à religião, eu gostaria que ela praticasse uma religião. O mundo está mudando tanto, tudo acontecendo tão rápido. Os valores estão mudando, acompanhando toda essa cultura tecnológica, mas temos que transmitir que o certo, sempre será certo, para que eles possam ter valores, serem pessoas dignas.

O compartilhamento dos cuidados infantis facilita que a avó transmita a história da família e passe para os netos os valores que lhes são importantes. Para Novaes (1995), os idosos representam um marco de significação e referência da maior importância. Trata-se de um contingente de pessoas que convivem com a velocidade das conquistas científicas, a explosão irreversível tecnológica, a rapidez das mudanças políticas, econômicas, sociais e entretanto, são representantes vivos de tradições, cultos e valores que serão perpetuados com novas roupagens e cenários.

(ENTREVISTADORA: Mais alguma coisa que você considere importante me falar?).

VERÔNICA: Só que adorei conversar com você. É muito bom parar e falar do que fazemos e nem ficamos pensando. Foi ótima esta entrevista. Falei tantas coisas, que foi saindo e eu nem tinha isso tão claro na minha cabeça. Amei você. Tenho uma amiga que cuida das netinhas, são gêmeas, vou ver se ela pode. Adorei nossa conversa. Aparece lá no Clube.

Caso 6 “Anita mãe de Bruna e avó de Julia e Renata”.

Eu cheguei até a Anita por indicação da Associação dos Moradores de Copacabana-AMACOPA. Fiz contato por telefone e ela aceitou ser entrevistada. Anita marcou para nos

encontrarmos em um estabelecimento público. Ela tem 63 anos, é casada, concluiu o 1º. Grau e trabalhou até seus filhos terem 10 anos de idade. Depois, a pedido dos filhos, ela deixou o trabalho e ficou em casa cuidando das crianças. Na época da entrevista, ela já tinha se aposentado conforme lhe é garantido por Lei. Anita mora com o marido em Copacabana, no Posto dois, há 50 anos. Há dois anos, a filha voltou a morar com os pais, devido aos problemas com a gestação da primeira filha. Anita é avó de Julia de dois anos e de Renata de quatro meses de idade. Ela interrompeu suas atividades diárias para cuidar das netas, enquanto sua filha está no trabalho. Anita conta com a ajuda da empregada da casa.

A filha, Bruna tem 31 anos, é solteira, formada em Direito e trabalha em uma empresa com regime de 40 horas semanais. Bruna precisou retornar à casa dos pais quando ela estava grávida de três meses e apresentou risco de perder o bebê. O seu companheiro não a apoiou.

Diante desse contexto, iniciei a conversa com Anita, buscando conhecer como era envelhecer para ela.

(ENTREVISTADORA: Como é para você envelhecer? Como você se vê tendo mais de 60 anos?).

ANITA: Envelhecer é mais cuca. Eu tenho 63 anos e não estou nem aí para envelhecer. É cabeça. Você tem que gostar de você mesma. Eu sou bonita. Eu me arrumo, saio bem vestida, pintada e não dou nem confiança. Comigo não tem nada de envelhecer mesmo.

Anita ressalta que não se preocupa com o envelhecimento e que o importante é a pessoa gostar de si. Ela se acha uma mulher bonita, que cuida da sua aparência. E expressa que envelhecer é algo mais da cabeça da pessoa. Mulheres como Anita não passam um retrato negativo da velhice, assim como muitas outras mulheres de sua época. Goldenberg (2008) diz que elas fazem parte de uma geração que não aceitará o imperativo: "Seja uma velha!" ou qualquer outro rótulo que sempre contestaram. São de uma geração que mudou comportamentos e valores de homens e mulheres, que tornou a sexualidade mais livre, que legitimou novas formas de família e que ampliou as possibilidades de ser mãe, pai, avô e avó. Conquistaram um lugar no mundo e se reinventam permanentemente. Não se aposentaram de si mesmos, recusaram as regras que os obrigariam a se comportarem como velhos. Não se tornaram invisíveis, apagados, infelizes, doentes, deprimidos. Anita, como elas, rejeita os estereótipos e parece desejar para si novos significados para o envelhecimento.

Indaguei-lhe como ela era vista pela família.

(ENTREVISTADORA: Em sua opinião, como a sua família te vê?).

ANITA: Eu não sei. Porque minha filha é assim mesmo. Eu prefiro ser cega, surda e muda para não ter “tititi”.

Anita afirma que não sabe como é vista pela família. No entanto, o seu modo de se expressar sugere que ela apresenta alguma dificuldade no relacionamento com a filha.

(ENTREVISTADORA: Como você percebe o olhar da sociedade para o envelhecimento da mulher?).

ANITA: Quando a mulher está por baixo às pessoas dizem: - olha como a dona fulana está acabada. Mas eu não. Eu nasci aqui e passei toda a minha vida aqui. Eu não ligo para o que as pessoas falam. Eu saio numa boa. Se eu pudesse sair em uma escola de samba, eu saía. Eu sou louca por carnaval. Eu já saí no Salgueiro, na Mangueira e na Grande Rio. Mas agora isso acabou. Eu saía quando a minha vida era independente. Agora não vou deixar as minhas netas aí. Tem dois anos já assim.

Anita chama a atenção para o olhar impiedoso das pessoas para o envelhecimento da mulher. E, em sua opinião, isso se agrava quando é perceptível o desgaste causado pela idade. A esse respeito Simone de Beauvoir (1970/1990) aponta que, muitas vezes, é por meio do olhar do outro que a pessoa se percebe como velha. Para a autora “queiramos ou não, acabamos por render-nos ao ponto de vista de outrem” (BEAUVOIR, 1970/1990, p.353). Contudo, diferente de muitas outras mulheres, Anita diz não se importar com a opinião dos outros.

Em sua fala, fica claro que Anita, mesmo envelhecida, se sente com disposição para continuar a sair em escolas de samba, como sempre fez. Entretanto, ela acrescenta que isso acabou, que ela não tem mais condições de fazê-lo, pois perdeu a sua independência. Ela atribui esse fato aos encargos que tem com as netas há dois anos, desde que a filha foi morar com ela.

Diante da perda da independência por acolher a filha e as netas, busquei conhecer como era para Anita ser avó.

(ENTREVISTADORA: Como é para você ser avó da Julia e da Renata?).

ANITA: Eu não queria ser avó. Tinha loucura para ser avó, mas não queria, pois achava que ia dar trabalho. Aí, um dia, minha filha me

ligou e disse que estava precisando de mim. Aconteceu de repente. Ah! Eu larguei tudo e fui para casa dela ajudar. Ela estava com três meses de gravidez e não podia levantar da cama porque corria o risco de perder a Julia. O marido dela não deu apoio a ela. Quando vi a barriga da minha filha, aquela criancinha precisando de mim e a minha filha na cama precisando de tudo [Anita chora]. Porque a gente por uma filha faz tudo... A mãe é para mil filhos, mas mil filhos não são para uma mãe. Para mim ser avó é tudo. Minhas netas são como se fossem... Eu tenho meus filhos, mas minhas netas parecem que são mais que os filhos. Eu já tomava conta da Julia antes dela nascer [Anita chora].

Anita revela que não queria ser avó, apesar de querer muito, pois acreditava que seria muito trabalhoso. Ela afirma que o seu posicionamento de não querer, mudou no instante em que viu a barriga da filha grávida. Anita se emociona ao falar que a filha acamada precisava de sua ajuda para que a criança pudesse nascer. Ser avó é tudo para Anita e as netas são como se fossem suas filhas.

Nesse momento da entrevista, indaguei-lhe como era cuidar das netas, morando na mesma casa.

(ENTREVISTADORA: E ser avó assim como você é? Avó cuidadora? E morar juntas?).

ANITA: Essa decisão nem foi minha e nem foi dela. Mas quem não vai ajudar, vendo uma filha que está precisando de todo apoio? Fui eu lá cuidar dela e depois trazer ela aqui pra casa. E ela está aqui, já são dois anos. Bruna depois que teve Julia, voltou a trabalhar. Mas a educação quem dá são os pais. Avós geralmente atrapalham. Avó mima muito. Tudo é por causa da avó. Mas eu acho que avó ajuda muito. A Julia, por exemplo, a que tem dois anos, é agarrada comigo demais.

A avó ao mencionar que a decisão do retorno de Bruna à sua casa nem foi dela e nem da filha, considerou que foi criada uma situação de conflito cujo desfecho foi dado pela própria situação. No entanto, o pedido da filha de ajuda, diante do risco de perder a criança atuou como um circunscritor direcionando o seu processo de significação em relação a cuidar da filha e da criança, limitando o leque de sentidos a serem atribuídos a essa situação.

Quanto à fala de Anita de “quem não vai ajudar, vendo uma filha que está precisando de todo

apoio?” expressa à valorização pela sociedade de laços e responsabilidades familiares (JENDREK, 1994). Pode parecer cruel ou insensível às avós deixarem de cuidar de seus netos, sangue de seu sangue, caso eles precisem. Entendo que não seja só a sociedade que as impele a assumirem determinados compromissos. Os próprios sentimentos que nutrem pelos netos também o fazem. Os avós, geralmente, preferem ter os netos consigo, mesmo em situações difíceis e sofridas, que vê-los em instituições ou sendo cuidados por outras pessoas.

Bruna, depois do nascimento do bebê, retornou ao trabalho e continuou morando com os pais. Isto levou Anita a abdicar de suas atividades cotidianas para cuidar da neta no período em que sua filha trabalhava. Contudo, Anita passa um sentimento de contrariedade ao falar que avó atrapalha, mima e leva a culpa de tudo. A esse respeito, Lins de Barros (2009) e Peixoto & Luz (2007) mencionam que o prolongamento da situação em que avós, filhos e netos moram juntos estabelece uma determinada forma de solidariedade familiar, mas ao mesmo tempo pode levar a conflitos intergeracionais. Quanto a isto, Attias-Donfut & Segalen (2001) acrescentam que os vínculos que unem três ou mais gerações favorecem que as dificuldades provenientes das relações intensas evoluam de tensões passageiras a rancores e conflitos. Dizem também que as divergências são ainda mais exacerbadas quando a avó busca assumir a identidade de mãe em relação aos netos.

Durante a entrevista, Anita chorou várias vezes. E repetiu que ela fez o que uma mãe deve fazer, mas que não se sente recompensada, valorizada pela sua atitude. Expressou uma grande insatisfação.

ANITA: Eu acho que sou uma boa esposa, uma boa mãe e uma boa avó. Eu fiquei ali ajudando ela direto desde 2009. Fui para casa dela no Recreio e trouxe ela para aqui, para que ela não perdesse a Julia . Porque ela não podia se levantar da cama para nada. Eu fui uma boa mãe, fui empregada, fui tudo para ela. A Julia tem dois anos. Agora a minha filha está com um rapaz e teve a Renata que vai fazer quatro meses (...). Eu agora sou cega, surda e muda. É o melhor para você não brigar. Ela é libra, balança. Então, eu prefiro ficar surda, muda e cega para não me aborrecer. Porque ela tem um temperamento forte [Anita chora e bate na mesa com a palma da mão] e eu quero paz.

Ela não explicitou o conflito que tem com a filha. Continuei a entrevista.

(ENTREVISTADORA: Como era o seu dia e como é agora?).

ANITA: Eu não tinha compromisso com ninguém. Era eu sozinha. Meu filho não me incomoda com nada. Ele ainda morava comigo naquela época, hoje ele mora na Bahia. Tem dois anos. A minha vida era maravilhosa. Eu ia à casa da minha amiga Lys, eu ia à praia. Toda sexta-feira tomava café com a minha sogra. Era sagrado. Sexta-feira tomava café com minha cunhada e minha sogra. Agora com netos... É difícil [Anita chora]. Minha vida mudou muito. O que uma mãe não faz por um filho. O que dá tristeza é a ingratidão. Minha neta para mim é tudo. É um anjo na minha vida. Eu te amo vovó. Ela fala assim. Ela me dá carinho [Anita chora].

Antes de passar a cuidar das netas, Anita investia em seu ciclo de amizades e família, sentindo-se integrada socialmente. Agora, ela vivencia esse afastamento como uma perda, como um isolamento. Percebo que Anita vivencia conflitos ao lidar com suas demandas de avó, por ter interrompido suas atividades sociais em favor dos cuidados com as netas e especialmente por achar que a filha não reconhece devidamente tudo o que ela faz por ela e suas netas.

Perguntei-lhe, então, como era a relação entre ela e as netas.

(ENTREVISTADORA: Como é a relação entre você e as meninas?).

ANITA: Julia dorme comigo, enquanto a Bruna dorme com a pequena. Bruna fez um quarto muito bonito para a pequena. E a Julia é tudo comigo. É tudo eu. Tanto que a Julia me chama de mãe. E a minha filha diz não. Mas não. É vovó. [Anita bate na mesa com a palma da mão]. A avó é a segunda mãe. Eu acho. Ela sempre me chamou de mãe, mãe, mãe. [Anita bate na mesa com a palma da mão]. E agora Bruna diz: Não, ela é a avó. Aí Julia diz: vovó eu te amo.

A fala de Anita aponta que ela se posiciona, em alguma medida, como mãe da neta mais velha, a Julia. Bruna, em licença maternidade da segunda gravidez, se dedica mais ao bebê de quatro meses, deixando Julia sob os cuidados da avó. Anita adora as duas netas, mas fala da primeira como se a criança fosse sua filha. Bruna, por sua vez, reafirma a sua condição de mãe, apesar de precisar que, no momento, Anita se encarregue de Julia. Em situações que Bruna estabelece um limite, se posicionando como mãe, a avó se ressentida. A esse respeito, (Lins de Barros, 1987; Oliveira, 1999 e Sampaio, 2008) afirmam que, diante da grande

complexidade intrínseca à situação de cuidados sistemáticos aos netos pelas avós, tem-se que uma boa parte das avós acaba adotando a postura que se espera dos pais. Isto pode ser uma fonte de conflitos. No caso de Anita, sua solução foi agir como se ela fosse uma pessoa cega, surda e muda para tentar “viver em paz”.

Diante desse contexto, busquei conhecer os projetos de Anita.

(ENTREVISTADORA: Você tem ou tinha algum projeto pessoal antes da sua filha vir morar com você?).

ANITA: Eu pretendo fazer outras coisas ainda. Eu acho que a gente não pode só ficar em função de filha, neta e tudo [Anita fala batendo na mesa com a palma da mão]. Sabe por quê? Porque mais tarde vêm as consequências. Ninguém te dá valor. Isso é que é importante. Ninguém dá valor ao que você faz. A minha vida era um mar de rosas. Eu ia para tudo quanto era lugar. Eu parei tudo por elas desde 2009. Passei a viver em função da minha filha e da minha neta que estava para chegar. Até a minha neta nascer em 2010, no mês de janeiro, eu não saí do lado da minha filha. A gravidez era de riscos e a minha filha não podia se levantar da cama. Pouco depois veio a outra neta, que está agora com quatro meses. Antes disso, eu saía, eu curtia, eu ia à praia toda semana.

Anita não renunciou a ter projetos pessoais, mas no momento, não conseguiu apontá-los. Ela reconhece que é importante retomar um espaço para exercer as demandas de sua individualidade.

(ENTREVISTADORA: Que valores você considera importante de passar para as meninas?).

ANITA: Ah, tudo de bom. Ensinar o que aprendi com os meus pais, com a vida. Mas de uma forma ainda melhor, porque no nosso dia a dia a gente aprende muito. E a gente muda. Dar amor, carinho e respeitar os outros. O que fui aprendendo, criando meus filhos. Ser responsável, ter amigos, ser compreensivo. Acho importante ser grato às pessoas que são boas com a gente. Amar a Deus. Ah, essas coisas que são importantes para serem justos, bons, amigos e respeitosos.

Anita, na convivência cotidiana com as netas, considera importante passar-lhes o aprendizado que ela adquiriu ao longo de sua vida. Ela considera que os valores relativos à responsabilidade, educação, religiosidade, sentimentos de amor, amizade, justiça, colaboração

e respeito são importantes de serem transmitidos à nova geração. A esse respeito, Sampaio (2008) esclarece que, enquanto as avós ensinam o que sabem da sua experiência de vida e da história da família para os netos, estes os levam a reviver o passado e, assim, a refletirem sobre sua vida. Cabe explicitar que, em nenhum momento da entrevista, Anita se referiu ao marido.

Caso 7 “Thais: mãe de Gloria e avó de Pedro”.

Eu cheguei até Thais por indicação da Associação dos Moradores de Copacabana (AMACOPA). Fiz contato por telefone e a avó aceitou ser entrevistada. Ela marcou para nos encontrarmos em um restaurante do bairro. Thais tem 60 anos, é divorciada e reside em Copacabana, no posto três, há 50 anos. Ela é formada em Psicologia e mestre em Direitos Humanos. Apesar de ser aposentada por uma empresa, Thais continua trabalhando como psicóloga clínica. Ela é avó de Pedro, que tem sete meses de idade. A filha e o genro moram com ela desde um mês antes do nascimento do neto. Thais reorganizou suas atividades para cuidar do neto no período em que a filha sai para estudar, das 18 horas às 22 horas, perfazendo um total de 20 horas semanais. Para isto, ela conta com o apoio de uma empregada que vai à sua casa duas vezes por semana.

Thais é mãe de Gloria, de 28 anos. Glória é casada, formada em Direito e está terminando o mestrado. Na ocasião da entrevista com Thais, Gloria ainda tinha direito a um mês de licença maternidade, após o quê ela retornará ao seu trabalho, em tempo integral, em uma empresa de Advocacia.

(ENTREVISTADORA: Como é envelhecer para você?).

THAIS: Eu não tenho uma visão tão negativa do envelhecimento. Claro que as rugas começam a aparecer, o viço da pele já não é o mesmo, a energia já não é a mesma. Mas assim, eu acho que a maturidade me trouxe tanta mansidão, tanta temperança, que eu tenho um lado que agradece o meu envelhecer. Hoje é assim. Quando eu era mais nova não conseguia dormir e eu tinha insônia, tamanha era a ansiedade em relação ao dia seguinte. Hoje eu deito, durmo e repouso e entrego à Deus o meu dia de amanhã. Porque também a coisa de confiar em Deus. Confiar em Jesus veio muito mais forte com a maturidade para mim. [...] Eu não tenho uma ideia negativa da velhice. Claro que eu tenho medo... Mas agora me veio, o que eu

tenho mais medo do envelhecer é depender de outra pessoa. Envelhecer para mim tem que ser com saúde, tem que ser com tranquilidade, com autonomia. Mas estar ficando velha para mim, não é uma coisa tão apavorante. Está vindo junto com tranquilidade e com paz de espírito.

Thais ressalta que apesar de já perceber os sinais da idade mais avançada, tem um lado seu que agradece o seu envelhecer. Essa fase trouxe para ela a temperança, ela perdeu a ansiedade que lhe causava insônia. Para isto, muito contribuiu a sua religiosidade. Assim, ela afirma não ter uma visão negativa do envelhecimento, apenas receia ficar dependente e precisar ser cuidada por alguém. De um modo geral, acredita estar envelhecendo com tranquilidade e paz de espírito.

Goldenberg (2008) faz referência a que em suas pesquisas o envelhecimento é associado pelas idosas a ideias positivas como liberdade, conquistas, amadurecimento, serenidade, tolerância, sabedoria e aceitação. Algumas pessoas reportam, ainda, que o envelhecimento representa uma descoberta de um “eu” que estava escondido, sufocado pelas obrigações sociais e que viam na maturidade a oportunidade de serem elas mesmas pela primeira vez.

Perguntei-lhe como ela era vista pela família.

(ENTREVISTADORA: Em sua opinião, como a sua família te vê?).

THAIS: [...] Eu acho que eu sou aquela pessoa que sou um norte para elas. Para minhas filhas, eu sou uma bússola. O norte, alguém que elas podem confiar. Isso para mim é muito importante. Quando Gloria engravidou ela ficou assustada no primeiro momento. Eu disse: - minha filha, é coisa de Deus, é bênção. É início, é a confirmação do seu casamento. São muitas coisas boas. Ela se acalmou e ficou empolgada com a gravidez.

Thais se vê como uma pessoa importante na vida de suas filhas. Ela fala de si como um norte, uma bússola, uma pessoa que pode guia-las e orienta-las. Quando Gloria engravidou e, no primeiro momento, ficou assustada, ela dialogou com a filha, ajudando-lhe a construir outros significados para a gravidez.

A seguir, indaguei-lhe como ela percebia o olhar da sociedade para a mulher idosa.

(ENTREVISTADORA: E como você percebe o olhar da sociedade para o envelhecimento da mulher?).

THAIS: Eu acho péssimo [Risos]. Eu acho que a mulher é supercobrada [...] Ela tem que ser sempre inteligente, bem informada, alegre, bem-humorada. Você nasceu, você já é exigida assim como mulher. Então, isso se segue no envelhecimento. Eu acho que a gente vai contra a natureza. Porque não tem como você não perder. Eu costumo dizer que a mulher mais velha não precisa ser elogiada mais na sua inteligência, porque o natural é a sua maturidade trazer mais informação, mais perfeição das coisas, você saber mais das coisas, ser mais inteligente. E quando você vai envelhecendo, você vai perdendo atributos físicos. A sociedade cobra muito isso. A mulher tem que ser sarada, malhada. E se você não está assim, você fica colocada de lado. Passa a ser chamada de “veia, tia, vovozinha” e por aí vai. Eu acho então que a sociedade em relação ao envelhecimento da mulher se comporta assim de uma maneira algoz.

Thais considera péssimo o olhar da sociedade para a mulher idosa. Além de ser cobrada quanto à inteligência, à alegria e ao bom humor a idosa, com a perda dos atributos físicos da juventude, passa a ser designada de forma pejorativa.

Diante disso, indaguei-lhe qual o significado de ser avó?

THAIS: Ser avó é trazer de volta os dias passados. É de novo poder acompanhar uma vida começando, uma vida compartilhada com a minha filha. Então ser avó para mim é essa oportunidade de reviver o que já foi. As minhas filhas cresceram e, agora eu tenho essa oportunidade.

Thais vê o neto como fonte de renovação de si e da sua família. Parece-lhe a volta aos dias passados quando tinha suas filhas pequenas para cuidar. Agora, com elas adultas, ela tem a oportunidade de acompanhar mais uma vez uma vida, de forma compartilhada com a sua filha.

(ENTREVISTADORA: E como está sendo ser avó e cuidar do neto?).

THAIS: Tem sido uma realização e uma alegria eu saber que minha filha confia em mim. Eu saber que eu posso ajudar. Quando falo assim de ser avó, eu estou falando também da minha filha. Em relação ao meu neto uma alegria, eu vejo todo dia uma coisa nova

nele. Ele me traz assim, é o sentar que ele não sentava, é o levantar a cabeça que ele não levantava, é o engatinhar que não engatinhava. Então, todo dia tem a presença do novo na minha vida, que o meu neto me traz. Mas eu não posso nunca desvincular do que está acontecendo com a minha filha, também. Cuidar do Pedro é dar oportunidade prá minha filha, prá ela poder continuar a vida dela. Para ela poder se realizar profissionalmente. Para ela poder caminhar. E isso me dá uma grande alegria.

Ser avó e cuidar do Pedro é uma realização para Thaís. A presença do novo que o menino traz para a sua vida lhe dá muita alegria. Ela se sente duplamente gratificada, por poder participar do dia-a-dia do neto e por dar suporte à filha. Pedi-lhe, então, que me falasse mais sobre a decisão de compartilhamento dos cuidados do neto.

(ENTREVISTADORA: Como ocorreu esse arranjo de você cuidar do Pedro enquanto Gloria trabalha?).

THAIS: Eu ainda não te falei, mas minha filha veio morar comigo um mês antes do Pedro nascer. Eu ajudo desde o começo. Só que no início, nos três primeiros meses, ela estava com ele direto e eu ajudava. Como ela está acabando o mestrado, eu estou ficando, esses dois meses que ela está ainda de licença maternidade, sozinha com Pedro das 18 horas às 22 horas para ela estudar. Eu jamais poderia negar isso para minha filha e para o meu neto. Eu entendo que ela fica mais segura comigo, do que botar uma pessoa para tomar conta. Ela vai voltar a trabalhar daqui a dois meses. [...] Mas se quando ela voltar ao trabalho, se ele ficar o dia todo comigo, eu também não vou poder fazer as coisas que eu tenho para fazer. Mas também se for necessário, eu fico com ele o dia todo. Não tem nenhum problema. Mas eu creio que a opção seja a creche em um turno e eu ficar cuidando dele em casa, até ela voltar do trabalho.

Thaís, em sua fala, revela que ajuda a filha a cuidar do neto desde o seu nascimento, mas que, no início, sua filha se dedicava exclusivamente à criança. Depois, quando Gloria retornou para o mestrado, Thaís passou a ficar com o neto enquanto sua filha estava estudando. Gloria vai voltar a trabalhar dentro de um mês. Existe a possibilidade de o seu neto ficar meio expediente na creche, mas Thais afirma que se for necessário, ela cuidará integralmente do neto, mesmo que tenha que interromper suas atividades.

Assim, achei interessante conhecer o que Thais pensava sobre cuidados infantis.

(ENTREVISTADORA: E o que você pensa de cuidados infantis?).

***THAIS:** Vou falar da minha experiência com as minhas filhas... Eu abri mão de trabalhar por um bom tempo. Depois de 10 anos com as meninas, retornei e trabalhei até me aposentar. Eu tive o privilégio, vamos dizer assim, de ficar esse tempo com as meninas. [...] Eu acho que quando tem essa oportunidade de ficar junto com seu filho, até uma idade que ele já possa ir para o colégio direto, até os seis anos, eu acho um privilégio. Você não está perdendo tempo. Você está ganhando tempo.*

Thaís considera que o ideal é que a mãe fique com o filho até que ele alcance a idade de frequentar o ensino fundamental (seis anos). Para ela, o tempo que passarem juntos, vai ser revertido em ganho de tempo para os dois. Ela se sente feliz por ter tido o privilégio de acompanhar a infância das suas filhas.

Então, pedi-lhe que me explicasse o que era para ela esse ganho de tempo.

(ENTREVISTADORA: Como assim ganhando tempo?).

***THAIS:** O contato que tive no dia a dia. Acompanhá-las, estar com elas, interagindo a cada nova situação. Eu estava cuidando mais de perto da educação. Eu acompanhei, passo a passo, todas as mudanças que vão ocorrer por conta do desenvolvimento. Então, eu tive como intervir mais diretamente em qualquer situação que eu percebia. Eu tinha como passar para elas nossos valores, aquilo que eu acreditava. Eu pude levar e pegar na escola, conhecer os amigos, preparar a alimentação... [...] Então você vai ter mais acesso ao que está acontecendo com o teu filho e você pode trocar mais. [...] E quando você trabalha, você tem que conciliar com o trabalho. Então nesse tempo que eu estive cuidando das minhas filhas eu pude passar para elas o que eu achava importante sobre tudo em geral, vendo um programa de TV, comentar, na rua, no ônibus, observar com elas que os idosos precisam sentar, pois eles podem cair mais facilmente, no mercado, ensinar a comprar e ai por diante. Você ganha tempo.*

Para Thais, é importante que, a mãe acompanhe o processo de desenvolvimento do filho nos primeiros anos da infância, para intervir sempre que achar conveniente. Ela quis cuidar de perto da educação das filhas, para lhes passar os valores da família, conhecer as pessoas com quem elas conviviam, entre outras coisas. Enfim, Thais considera que se estivesse trabalhando não teria como estar tão próxima das filhas. Para ela, todos ganham com essa interação. Não é uma perda de tempo, mas um ganho na vida.

Diante desse posicionamento de Thais, quis conhecer quais eram as suas atribuições com Pedro.

(ENTREVISTADORA: Quais são as suas atribuições para com o Pedro?).

THAIS: Atualmente, a minha maior atribuição com ele é ficar com ele, dar a papinha doce. E sou eu que dou, e é uma coisa mais demorada. Porque ele brinca e aquela coisa toda e não sei que. É dar o banho, que também fica comigo. Às vezes, também, eu fico no chão com ele. Sentar com ele e brincar. Ficar com ele, até a minha filha chegar à noite. Quando ela voltar a trabalhar, que já está acabando a licença maternidade, aí devo assumir mais.

Como as atribuições de Thais com o neto estão restritas ao período em que sua filha estuda, ela apenas dá a alimentação da noite, o banho, brinca com ele e fica aguardando a filha chegar. Ela comenta que essa rotina deve mudar quando a filha retornar ao trabalho.

Perguntei-lhe como ela se relacionava com a filha.

(ENTREVISTADORA: E como você se relaciona com Gloria?).

THAIS: Eu acho que a nossa relação ainda ficou melhor depois que o Pedro nasceu. Minha mãe dizia que a gente só sabe o que é ser mãe quando a gente é mãe. Ela tem toda razão, porque eu e a minha filha, até hoje nunca tivemos problemas maiores não. Mas hoje ela vem com perguntas tipo: eu também fazia isso, mãe? Eu também era assim, mãe? Eu acho que a nossa relação ficou muito melhor. Muito mais próxima depois que o Pedro veio.

Thais traz em sua fala que a sua relação sempre foi boa com a sua filha, mas que com a chegada de Pedro, ela sente a filha ainda mais próxima e buscando saber mais de como foi a sua infância. Lins de Barros (1987) postula que a relação da nova geração de avós com a própria filha, que se torna mãe, é fortalecida com os novos acontecimentos e com o surgimento de novos posicionamentos na família.

De certo, os novos arranjos nas relações intergeracionais contribuem para a construção de uma proximidade maior entre avó, mãe e neto. As trocas constantes entre avós, filhas e netos ampliam e fortalecem o convívio entre eles. Assim, busquei conhecer os valores que essa avó considerava importante passar para o neto.

(ENTREVISTADORA: E que valores você considera importante passar para ele?).

THAIS: Integridade, respeitar aos outros. Eu acho que eu sempre falei isso para as minhas filhas: respeitar, não julgar, viver a vida um dia de cada vez. Eu sempre falei isso para minhas filhas, não ficar ansioso pelo dia que vem. É um valor de homem que eu considero íntegro. Acima de tudo respeitar o próximo, amar o próximo. Claro que honrar o pai e a mãe. Ser uma pessoa honesta. E vou passar isso para o meu neto. Foi isso que meus pais me passaram. Agora é a minha vez.

Thais almeja transmitir para o neto os mesmos valores que passou para suas filhas e, provavelmente, com os quais conviveu em sua família e em suas amizades. No seu modo de ver, cabe a ela dar continuidade à transmissão dos valores familiares. Sampaio (2008) considera que os avós são os historiadores da família. São eles que trazem as recordações antigas, as histórias de família e tudo mais que lhes parece importante para a transmissão desses valores. Com a longevidade, os avós passaram a ter uma atuação mais longa na família.

Caso 8 “Roberta: mãe de Diana e avó de Jéssica”.

Eu cheguei até a Roberta por indicação de uma avó. Fiz contato por telefone e a avó aceitou ser entrevistada. Ela marcou de nos encontrarmos na casa dela. Roberta tem 64 anos, é divorciada e é aposentada. Ela reside com a mãe, Dona Rita de 88 anos. Mora em Copacabana, no Posto dois, há 60 anos. Roberta é avó de Jéssica de um ano e quatro meses de idade. Roberta interrompeu suas atividades para cuidar da neta diariamente, em tempo integral. Jéssica vai para a casa da avó às sete horas da manhã e fica até os pais irem buscá-la, sendo que dois dias na semana e um final de semana por mês ela dorme na casa da avó, totalizando 76 semanais. Roberta conta com a ajuda do avô e de duas empregadas.

Diana, filha de Roberta, tem 28 anos e também mora em Copacabana. Diana é formada em Relações Internacionais e trabalha em uma empresa em regime de 40 horas semanais.

Diante desse contexto, indaguei para Roberta o que era envelhecimento.

(ENTREVISTADORA: O que é o envelhecimento?).

ROBERTA: *Envelhecimento é você ir perdendo condições de viver que fazem falta para você viver bem. É você depender dos outros para pequenas coisas, que antes você fazia sozinha. É você esquecer as coisas que foram tão importantes na tua vida. É perder a independência até chegar a um ponto que você depende de alguém para tudo. Até para cuidar do teu dinheiro. É como minha mãe vive. Depende das pessoas para tudo, não anda, não reconhece mais as pessoas.*

Roberta traz, em sua fala, o envelhecimento associado às perdas. Ela se reporta a perda progressiva da independência, até que a pessoa chegue ao estágio de depender de alguém para tudo. A esse respeito, Caldas (2003) ressalta que o envelhecimento, do ponto de vista biológico, é percebido como um desgaste natural das estruturas orgânicas que, com isso, passam por transformações com o progredir da idade, prevalecendo os processos degenerativos.

Roberta comenta que Dona Rita, sua mãe, está vivenciando essa fase da vida, o que indica uma doença degenerativa. Contudo, nem todas as pessoas envelhecem assim. Muitos idosos apresentam limitações inerentes à idade, mas não a ponto de incapacitá-los para a vida. O envelhecimento é vivido de modo diferente de uma pessoa para a outra, de uma geração para outra e de uma sociedade para outra.

Diante dessa vivência negativa da velhice, busquei conhecer como estava sendo envelhecer para Roberta.

(ENTREVISTADORA: *Para você, como está sendo envelhecer? Como é para você?.*)

ROBERTA: *Eu, graças a Deus, sou uma pessoa muito bem resolvida. Eu usei biquíni pequenininho quando eu tive que usar, um biquíni maiorzinho, quando era para usar e agora estou mais para o maio. Então, eu fiz tudo na minha época. Eu não tenho essa coisa de eu queria ser mais nova para... Não combina comigo essa coisa enlouquecida de perseguir o peso, não suportar se ver mais velha. Em cada época da minha vida, eu fui fazendo o que eu queria. E nesta estou fazendo o que eu acho melhor para mim.*

Roberta, em sua fala, se considera uma mulher bem resolvida com a idade. Ela afirma que viveu cada fase de sua vida, como achava que devia viver. Fez o que achava que devia fazer

na época certa. Ela afirma que agora, com a idade, não está sendo diferente, ela continua fazendo o que acha melhor para ela. Ela acredita que por ter agido assim, hoje não busca ser mais jovem para poder fazer o que deixou de fazer quando tinha idade para isso. Deixa claro, ainda, que não combina com ela essa dificuldade que muitas mulheres têm com a velhice.

A geração de Roberta revolucionou o modo de se estar no mundo quando eram jovens e, conforme Novais (2005), à medida que envelhecem, continuam transformando a sua maneira de se relacionar com as pessoas e com o mundo. Roberta não demonstra dramaticidade na forma de vivenciar o seu envelhecimento, nem sentimentos de rejeição, inferioridade, face às mudanças e perdas vividas.

Roberta ao falar de si, ressignifica a sua concepção de envelhecimento. Ela traz uma visão a respeito do que é envelhecer e de como pode ser vivenciado, pertinente a uma velhice que não está associada só a perdas e incapacidades.

Diante desse contexto, busquei saber como ela era vista em sua família.

(ENTREVISTADORA: A sua família? Como eles te veem?).

ROBERTA: Eu acho que eles acham que quem manda aqui sou eu. Eu sou a matriarca [Risos]. Ah, eu sou a matriarca.

Roberta acredita que sua família a vê como a matriarca da família. Considero que, nos dias de hoje, seja difícil ocupar o lugar da matriarca da família porque os arranjos familiares e a divisão do trabalho não propiciam uma identidade conforme a significação dada a esse termo no século XIX. Nessa época, matriarca indicava a figura da mulher e mãe que assumia uma posição dominante em um determinado grupo social. Acredito que Roberta esteja se referindo aos idosos brasileiros que, em um modelo familiar extenso, respondem por 21,9% dos domicílios. No Rio de Janeiro, eles são responsáveis por um quarto dos domicílios, seja no estado (24,6%), na Região Metropolitana (24,9%) ou na cidade do Rio (27%) de acordo com IBGE (2010).

Os familiares da Roberta a veem como a chefe da família, pois ela tem completa autonomia para lidar com as situações que se apresentam na família. Então, para conhecer mais sobre Roberta, indaguei como ela percebia o olhar da sociedade para a mulher idosa.

(ENTREVISTADORA: Me diga então: como você percebe o olhar da sociedade para a mulher idosa?).

ROBERTA: *O olhar do homem idoso... Ele é preconceituoso com as mulheres mais velhas. Eles preferem as garotinhas, moças que poderiam ser filhas. Os jovens também são preconceituosos. Eu acho que quando uma pessoa é preconceituosa, ela age assim em qualquer idade. Se ela tem 40 ela é preconceituosa com a de 60. Se ela tem 60, ela é preconceituosa com a de 80. Só vai deixar de ser quando estiver velho demais e aí não vai ter mais como ser preconceituoso.*

Para Roberta a sociedade, especialmente os homens, olham para a mulher idosa de forma preconceituosa. Ela se estende ao falar de preconceito. Diz que quando uma pessoa é preconceituosa, ela age assim em qualquer idade.

Diante de seu posicionamento em relação à discriminação sofrida pelas mulheres idosas. Perguntei-lhe como era ser avó.

(ENTREVISTADORA: Falamos de idade, de envelhecer. Como é para você ser avó?).

ROBERTA: *Avó é melhor do que mãe. Ser avó, pelo menos para mim, é bastante diferente de ser mãe. Porque avó é aquela mãe sem compromisso. Assim compromisso que eu digo é, por que você quando é mãe você está preocupada com pagar as contas, botar em uma escola boa, botar no melhor balé e a avó não. A avó é para ajudar. E a ajuda é por prazer. Por amor de vó. É um amor mais livre, sem ter aquele compromisso de manter. Porque quando você é a mãe tem aquela coisa de todos trabalharem... vamos trabalhar para colocar eles naquela escola melhor, vamos trabalhar, vamos trabalhar para quando for maiorzinha dar aquele vestido de marca. Com os filhos eu estava na fase em que trabalhava fora e tinha coisas para organizar, não tendo tempo para brincar. Já com a minha neta eu tenho oportunidade de brincar, sentar no chão e participar mais.*

Roberta considera que ser avó é diferente e melhor do que ser mãe, porque a avó é uma mãe sem compromissos. Ela se refere a compromissos como o de arcar com os gastos e dar o melhor para os filhos. A avó ajuda por prazer, sem ter responsabilidade, é um sentimento mais livre. Além disso, a avó está em outro momento de vida, que não precisa trabalhar e cuidar de criança. Ela conta que com os filhos ela não tinha tempo para brincar, o que já é

possível com a neta. Como diz Lins de Barros (1987), este é o lado do afeto visto como mais puro pelos avós, porque é dissociado das obrigações paternas e maternas. Relação doce e prazerosa essa, alcançada com satisfação e sentimento de realização pela avó.

Diante desse seu posicionamento, busquei conhecer como é para Roberta ser uma avó cuidadora.

(ENTREVISTADORA: Como é para você compartilhar dos cuidados da Jéssica?).

ROBERTA: *Eu acho normal da vida. Como a minha mãe cuidou dos meus filhos, agora eu estou retribuindo. Estou fazendo a minha parte. Mas eu acho que foi até meio que imposto [Risos]. A minha filha meio que me impôs. Foi imposto [Risos]. Mas ela é boazinha, sabe [Risos]. A minha filha disse: a minha avó é que cuidava de mim e você vai cuidar da minha filha. Eu até teria como negar, por causa da minha mãe, que está aqui comigo e eu cuido dela. Mas cuidar da Jéssica está sendo uma coisa natural. Eu só achei que eu fui cuidar velha demais de neto. A minha mãe foi avó com 44 anos. Idade da minha filha mais velha agora. Outra coisa também, eu estou com 64 anos e não tenho saúde como uma pessoa de 44 anos. Jéssica pesa 15 kg e eu já não tenho mais como ficar pegando, ficar muito com ela segurando. Tenho dor no abaixar, no levantar. Se eu tivesse sido avó com 50 anos, seria muito melhor fisicamente, isso não é nem mental. Com Jéssica é assim: Eu cuido direto. Quando ela nasceu, elas ficaram comigo aqui. Eu dando assistência à minha neta e à minha filha, porque Diana não sai daqui mesmo. Mas eu tenho aquela preocupação diária, se comeu se não comeu ou se está doentinha. Se estiver na hora do banho, se alguém se esqueceu de dar, eu dou banho também. A gente senta aqui em volta dela, aqui na creche, aqui na sala. A creche é aqui. E ela pede que todo mundo se sente no chão.*

Roberta menciona que está fazendo a sua parte na família, compartilhando os cuidados da Jéssica. Ela esclarece que sua mãe, Dona Rita, ajudou muito na criação dos seus três filhos. E acrescenta que, apesar de achar natural cuidar da neta, a sua filha praticamente impôs a ela esse compromisso. Diana alegou que foi criada pela avó e que agora Roberta tinha que cuidar da neta. Roberta comenta que se não quisesse ficar com a neta, ela poderia ter negado, pois ela já cuida de Dona Rita que está fragilizada por doença degenerativa, encontrando - se com perda de autonomia. Roberta faz parte da geração “pivô”. Conforme Brito da Motta (2004),

Attias-Donfut (1993) é uma geração que se constitui de filhos de pais mais idosos, que por sua vez, são pais de adultos. Em muitos casos, prestam cuidados e apoio aos pais idosos, em virtude das restrições que a velhice mais avançada impõe, bem como atendem à necessidade dos filhos, dispensando também cuidados aos netos, devido às filhas ou noras estarem inseridas no mercado de trabalho.

Roberta faz uma ressalva. Diz que começou a cuidar da neta aos 64 anos de idade e de Dona Rita aos 44 anos. Logo, agora ela não tem mais a mesma condição física de uma mulher de 44 anos. Ela acrescenta que a neta é forte e alta para a idade, o que dificulta ainda mais. A alternativa encontrada por ela foi criar um espaço na sala para Jéssica brincar. Esse espaço foi caracterizado como uma mini creche, tendo diversos brinquedos. É ali que ela senta no chão e fica brincando com a neta.

Neste ponto da entrevista, indaguei como era o seu dia a dia.

(ENTREVISTADORA: Vamos conversar sobre o teu cotidiano. Como é que é o teu dia?).

ROBERTA: *O pai da Diana vai buscá-la, quando está chovendo e traz para cá às 7 horas. A minha filha já deu de mamar, já trocou a fraldinha dela. Agora no verão, não. Ela vem no carrinho de bebê. E quando é 5 horas 30 minutos ou 6 horas da tarde, ela leva Roberta para casa. Só que agora como ela está fazendo um curso das 6 horas às 10 horas da noite, terças e quintas, eu durmo com a Roberta aqui. É segunda, quartas e sextas a Roberta dorme na casa dela com os pais [...] Eu tenho uma moça que trabalha comigo, há trinta anos, que é louca pela Jéssica. Mas quando a Jéssica veio, por causa da minha mãe que é idosa, que não anda mais e as necessidades são feitas na fralda, eu precisei colocar mais outra pessoa. Disse que elas combinassem entre si, e não quer dizer que uma seja babá da Jéssica. Todas as duas fazem o trabalho da Jéssica, da casa, o trabalho da minha mãe. Eu tenho sempre duas pessoas. Então, eu não vou dizer para você, que eu sou presa. Porque se eu tiver um almoço com as minhas amigas, eu posso ir. Eu tenho duas pessoas supercompetentes, que eu posso deixar a Jéssica e a minha mãe. Mas, na verdade, o comprometimento é meu. Eu, é que sou a pessoa comprometida com ela. Eu para viajar, eu deixo uma estrutura maior do que essa. [...] Então eu tenho, vamos dizer assim, um alicerce. Mas nos fins de semana é mais com a minha filha, porque eu tenho a minha mãe e eu não posso olhar a minha mãe e a Jéssica ao mesmo tempo. Sábado e*

domingo as duas moças que ajudam não estão aqui. Eu tenho uma folguista. E essa folguista é para a minha mãe. A Jéssica é minha responsabilidade aos sábados e aos domingos quando ela vem para cá.

Roberta conta que cuida da neta todos os dias da semana. Agora que sua filha está fazendo um curso, Jéssica dorme em sua casa três dias na semana. Roberta conta com uma rede de apoio de duas empregadas, do marido e de uma folguista para os finais de semana. Apesar de cuidar da mãe e da neta, ela afirma que a sua vida social não foi alterada, pois tem toda confiança em seus colaboradores. Contudo, ela deixa claro que o comprometimento com a mãe e com a neta é dela.

Roberta faz parte da geração “pivô”, por ter se responsabilizado pelos cuidados da sua mãe idosa e por ter atendido à solicitação da sua filha para tomar conta da neta. Dei continuidade à entrevista indagando a Roberta sobre suas atribuições com Jéssica.

(ENTREVISTADORA: Quais as suas atribuições com a Jéssica?).

ROBERTA: *Eu levo ao médico sempre com a minha filha. Eu saio para passear, vou à padaria com ela, escolho a roupa que ela vai usar. Lá na casa da Jéssica, tem tudo também. A Jéssica não tem babá. As moças que ajudam aqui são da casa. A minha mãe ficava com os meus três filhos, mas tinha sempre uma empregada, alguém para ajudar, até para fazer o meu serviço doméstico. Mas na parte das crianças era a minha mãe que cuidava de tudo. Mas aquela coisa de levar, buscar na escola, natação, balé e judô, depois que a criança cresce, isso tudo era responsabilidade da minha mãe. E eu acho que vai ser minha também. Minha mãe fazia o que hoje eu estou começando a fazer. A diferença é que hoje eu cuido da minha mãe também.*

Roberta assume várias responsabilidades com a sua neta. Ela compara as atribuições que tem com a Jéssica às que sua mãe tinha com seus filhos. No entanto, Dona Rita não cuidava dos próprios pais simultaneamente.

Perguntei-lhe como ela se relacionava com a Jéssica.

(ENTREVISTADORA: Como você vê a sua relação com a Jéssica?).

ROBERTA: *Olha, a Jéssica gosta mais do avô do que de mim. Você*

acredita nisso? Ele é aquele que faz tudo que ela quer. Eu, na verdade, tenho que educar. Não pode, não pode. O avô adora ela. Diz que é o amor da vida dele hoje. E faz tudo que nunca fez para os filhos. Senta no chão com ela e brinca, toma conta, faz as vontades dela sempre. É o amor dele.

Com atividades diferentes, os avós de Jéssica são importantes no compartilhamento dos cuidados de seus cuidados. Mantendo a tradição masculina, o avô, colabora principalmente brincando. Já a avó é responsável pela manutenção da rotina de atividades de Jéssica. Assim, Roberta, ao fazer diferença entre o seu modo de cuidar e o do avó, traz em sua fala um “avô doce como caramelo e fofo como algodão”, que sabe brincar e distrair a neta e uma avó que nem sempre pode despender tempo em brincadeiras por estar ocupada em atividades que visam à educação da neta.

(ENTREVISTADORA: Que valores você gostaria de passar para a Jéssica?).

ROBERTA: *Eu acho que a parte da educação quem tem que dar somos nós. Embora minha filha seja bem rigorosa, ela diz não pode, isso não. É bom ter essas ajudantes, mas elas não têm voz forte com a Jéssica. Talvez até pela posição delas. Eu já posso falar: Jéssica, não. Não pode. Elas já não podem fazer isso. Tomar essa atitude. Apesar dos defeitos, que vão aparecer na educação... Porque as gerações mudam. E uma cabecinha de avó, não é uma cabecinha de mãe. São gerações diferentes, costumes diferentes. Vai haver alguma diferença. Mas isso tudo se adéqua porque os benefícios são muito maiores do que os malefícios.*

Roberta é de opinião que a educação tem que ser dada em casa e menciona que sua filha é rigorosa. Ela considera muito bom ter as empregadas, mas salienta que elas não tem voz ativa com a Jéssica, até porque isso não é permitido a elas. Roberta acredita que irão surgir problemas na educação de Jéssica, por conta da diferença entre as gerações, o que faz com que ela e a filha tenham posicionamentos diferentes em relações a algumas questões. Contudo, ela considera que os benefícios em compartilhar dos cuidados da neta são grandes. Em relação a isso, Oliveira (1999) ressalta que a troca de saberes entre as gerações possibilita vivenciar diversos modos de pensar, de agir e de sentir, contribuindo para que se possam renovar as opiniões e visões acerca do mundo e das pessoas. Então, os benefícios alcançarão todos que estão em relação.

Caso 9 “Laura: mãe de Eduarda, avó de Amélia e Bianca”.

Cheguei à avó Laura por indicação de conhecidos. Fiz contato por telefone e ela aceitou me encontrar em uma escola da zona sul. Laura tem 66 anos, está aposentada em uma das suas matriculas de professora de Inglês do Ensino Médio, mas continua lecionando em outra. Ela mora sozinha em Copacabana, no Posto dois, há 55 anos. Laura reorganizou suas atividades para cuidar das netas, Amélia de seis anos e Bianca de três anos de idade. Ela cuida das netas diariamente, em tempo integral. Laura leva as crianças para a escola de manhã cedo, busca na parte da tarde e vai com elas para a casa da filha. Ela fica com as crianças até que sua filha chegue do trabalho, dispensando 45 horas semanais. Laura conta com a ajuda de uma empregada.

Eduarda é filha de Laura. Ela tem 44 anos, é casada e reside no bairro de Copacabana. É odontologista e desempenha as suas atividades profissionais em locais variados, tais como nas Forças Armadas Brasileira, no consultório particular e em outras clínicas. Ela trabalha cerca de 60 horas semanais.

Comecei a entrevista perguntando-lhe o que é envelhecimento.

(ENTREVISTADORA: O que é envelhecer?).

LAURA: Envelhecer, além de fisicamente, que você sente as dores... Eu acho que envelhecer é quando você não acompanha mais as coisas que você fazia antes.

Laura ressalta que além do aspecto físico do envelhecimento, relacionado às dores, às limitações decorrentes do processo degenerativo, há também a ocorrência de perdas, como por exemplo, a pessoa não se manter tão atuante como era antes desta fase da vida.

Então, indaguei como estava sendo para ela envelhecer.

(ENTREVISTADORA: Laura, pelas leis brasileiras, uma pessoa com 60 anos é considerada idosa. Me diga, para você, como é ser uma mulher idosa?).

LAURA: Ao lado das minhas netas, eu não me lembro de que estou envelhecendo. Esta é uma grande vantagem de ter netos.

Laura frisa que o compartilhamento dos cuidados das netas se constitui em um acontecimento

gratificante, que proporciona uma sensação de juventude. É um convívio vantajoso, pois a faz esquecer que está envelhecendo. A esse respeito Lins de Barros (2004) ressalta a importância da família como um valor social e fundamental para a construção da identidade do idoso.

Assim, perguntei à Laura como ela acreditava que era vista por sua família.

(ENTREVISTADORA: Como você acredita que seus familiares te veem?).

LAURA: A minha mãe faleceu aos 96 anos, lúcida, e até poucos meses ela me ajudava com Amélia e Bianca. Agora, a minha família se resume na minha filha, no meu genro e nas minhas duas netas. Eu acredito que a minha filha só tem a agradecer. Ela sempre fala que eu sou uma ótima mãe e uma ótima avó. A minha filha gostaria que eu me arrumasse mais, que eu me cuidasse mais, que eu fosse mais vaidosa. Que eu cuidasse mais de mim. Mas como? Se eu não tenho nem muito tempo. Ela só tem a dizer coisas boas de mim. Eu acho que ela não falaria nada errado, não. Às vezes, a gente tem umas contradições quanto à educação das crianças. Mas ela acaba entendendo que a minha experiência, às vezes, conta um pouquinho mais.

Laura comenta que a sua filha só deva ter coisas boas a dizer dela, pois passa sempre que ela é uma ótima mãe e uma ótima avó. A única pendência entre elas é a cobrança da filha para que ela cuide mais da aparência. Laura afirma que não tem muito tempo para cuidar de si, para ser vaidosa. Ela também se refere a algumas divergências quanto à educação das netas, mas afirma que a sua filha acaba entendendo que a sua experiência de avó não deve ser desprezada. Entendo que Laura busca se manter como figura de referência, por ser mais experiente.

(ENTREVISTADORA: E como você percebe o olhar da sociedade para o envelhecimento da mulher?).

LAURA: É um meio cruel. Cruel. Eu acho que após a menopausa, a gente sente muita coisa. Eu acho que a menopausa também é cruel com as mulheres. A sociedade eu acho que... Eu tenho sentido o seguinte... Mas eu não ligo, não. Eu fico, às vezes, um pouco pensativa. Mas o que eu posso fazer? O tempo é implacável. Você não tem como fugir dessa. Mas eu vejo, às vezes, um desrespeito no banco ou quando você pega um ônibus. São raras as pessoas que se levantam para te dar lugar. Outras pessoas parecem que você é

inativa, que você não faz mais nada. Têm coisas que você fala, que às vezes o jovem olha para você e não presta atenção. Como se você fosse falar alguma besteira. Mas isso tudo que estou te falando, é muito raro. Não vejo isso toda hora, não. Ou talvez, eu nem preste atenção a isso. Eu lido muito com jovens e eles me procuram até para eu dar conselho. Eles são mais próximos de mim.

Laura significa a sociedade em relação à mulher idosa como cruel. Ela também traz à tona um fenômeno orgânico, a menopausa, que chega com a velhice e que, em sua opinião, maltrata muito a mulher, trazendo desconfortos físicos e emocionais. Laura se sente impotente diante da passagem do tempo, já que não há como evitar seus efeitos deletérios, por mais que muitas mulheres busquem a eterna juventude.

Ela fala ainda que tem uma boa relação com os jovens, sendo até solicitada para dar conselhos, mas destaca que essa é a realidade dela. No dia a dia, ela percebe situações de desrespeito dos jovens com os idosos.

Diante desse contexto, perguntei-lhe como era ser avó.

(ENTREVISTADORA: Ser avó das meninas. Como é para você?).

LAURA: *Eu me realizo como mãe, mais uma vez. Eu não senti a barriga crescer, não tive as dores de parto, mas faço a mesma coisa que fiz com a minha filha.*

Ser avó é visto pela Laura como, mais uma vez, ser mãe. Ela afirma que se sente mãe das netas, apesar de não as ter concebido, pois deve lhes dar cuidados e educá-las – conforme sua fala a seguir.

(ENTREVISTADORA: E ser avó cuidadora?).

LAURA: *Eu acho que isso é um presente. É um grande presente. Eu acho que é um presente de Deus. Não tenha dúvida, não. Saiba. Se você tem a possibilidade de fazer isso é mais uma vez que você se renova. Olha, as minha netas, a minha relação com elas é gostosa. Mas eu sou uma avó um pouco severa. Eu não sou assim muito permissiva, eu me sinto como mãe delas. Eu não me sinto como avó. Eu acho que a responsabilidade minha é de cuidar, é de educar como eu fiz com a minha filha. Então não vejo a diferença de ser mãe. Eu só vejo a dificuldade de eu estar mais velha. No sentar no chão, no sair*

correndo. Já não faço com tanta facilidade como antes. Mas eu faço hoje as mesmas coisas que fazia, mas agora nesse novo ritmo. Cuidar de netos, dizem que cuidar de netos é cuidar de um filho com açúcar, e realmente é. Porque você pode estar cansada, mas é uma alegria. Você tá cansada, por exemplo, a Bianca me pede: - senta no chão para desenhar comigo. Eu não tenho condição de sentar no chão, mas eu sento, mas para levantar é ai, ai, ui. Às vezes, eu estou triste, elas falam uma coisa, eu passo a ficar alegre. É uma renovação a cada dia. Agora, atrapalha muitas vezes o trabalho. Eu preciso correr mais.

Laura declara que ser avó é um grande presente de Deus, é uma renovação. Glass Jr & Huneycutt (2002) viram em seus estudos que cuidar dos netos traz renovação à vida das avós e, em muitos casos, contribui para uma maior interação social. Laura fala que, por se sentir mãe e não avó das crianças, ela não se vê como uma avó permissiva. Ela é um pouco severa, pois considera que tem a responsabilidade de educar, tal como uma mãe. Laura só percebe a diferença entre ser mãe e avó quando sente as suas limitações para acompanhar o ritmo das crianças pequenas. Entretanto, mesmo quando está cansada é uma alegria muito grande cuidar das netas. Contudo, não nega que cuidar das netas algumas vezes atrapalha a sua vida profissional.

Para essa avó, a aposentadoria não implicou na saída do mercado de trabalho. Ela ainda trabalha em uma escola. Sendo assim, busquei compreender como ela conciliava todas as suas atividades.

(ENTREVISTADORA: Você já se aposentou, mas continua trabalhando. Sua filha trabalha e você compartilha com ela diariamente o cuidado das meninas. Como você vê a relação maternidade, trabalho e cuidados infantis?).

LAURA: Eu trabalhei sempre, a minha vida toda. Grávida. Logo depois do parto estava ainda amamentando e saía correndo para casa porque era hora de amamentar a minha filha. É difícil, é cansativo. Mas acho que a mulher deve encarar essa situação. Estou com 66 anos e continuo trabalhando. Eu não me vejo sem trabalhar. Mas o que acontece é que depois as mulheres que interrompem os estudos, ou que deixam de trabalhar para se casar ou para ter filhos, elas sentem muito. As mulheres que param de trabalhar, eu vejo aqui no meu trabalho, vem muita gente procurar para terminar os estudos aqui. Elas falam: ninguém pode saber lá em casa, nem meu marido,

nem meus filhos, porque eu tenho vergonha. Eu estou parada a tanto tempo de estudar, mas eu quero fazer outra coisa na vida. Os filhos cresceram. Elas têm vergonha, Fátima, por elas não terem continuado e de não terem se formado e trabalhado em outras profissões. E elas têm medo de fracassar [...]. Hoje já não é assim.

Laura fala que trabalhar e cuidar de filho é difícil e cansativo, mas acredita que a mulher deve aceitar esse desafio. Ela, aos 66 anos, não se vê sem o seu trabalho. Relata que algumas mulheres deixam de trabalhar quando casam ou quando são mães e depois encontram dificuldades para retornar à sua vida profissional. Bennetts (2007) se refere à situação e assinala que muitas mulheres acham que enquanto os filhos são pequenos, devem abdicar de suas atividades profissionais. Diz que muitas sentem alívio em se livrarem da dupla jornada diária, mas com o passar do tempo, por diferentes razões anseiam em retornar. Então, sofrem com a dificuldade de se recolocarem no mercado de trabalho, pois este entende que as pessoas que interrompem a carreira não são habilitadas e estão desatualizadas.

Perguntei-lhe agora diretamente sobre a conciliação de suas atividades diárias com os cuidados das netas.

(ENTREVISTADORA: *Laura como você concilia trabalhar e cuidar das netas?).*

LAURA: *As meninas saem às 3 horas da escola, eu saio às 3 horas do trabalho. Como é que eu posso estar às 3 horas em dois lugares? Então eu driblo. Eu saio às 14 horas e 45 minutos daqui, pego uma condução correndo... Eh... Têm momentos que é um pouco conturbado. Mas, você dá um jeito e concilia. Tem que conciliar. A minha mãe me ajudou muito, para que eu pudesse trabalhar. Ela cuidava da Eduarda, mas ela não trabalhava fora. Eu acho que as avós cuidam muito bem dos netos, mas, às vezes, a gente já está um pouco cansada, né? Então, precisamos de ajuda de algum profissional, dentro de casa. Uma empregada que possa ajudar. Então, você pode dar a comida para a criança, mas eu acho que quem prepara a comida pode ser outra pessoa. Você supervisiona, mas quando é possível ter alguém que ajude fica mais condizente com as nossas possibilidades.*

Laura demonstra ter dificuldades para realizar sua dupla jornada. Têm momentos em que a situação fica complicada, mas ela consegue dar um jeito e concilia as atividades. Ela é solidária a sua filha, mas diferentemente de sua mãe que quando a ajudou tinha

disponibilidade total, ela precisa conciliar o seu trabalho com os cuidados das netas. Para ela, as avós cuidam muito bem dos netos, mas como já estão um pouco cansadas em função da idade, elas devem contar com a ajuda de um profissional que, sob a sua supervisão, assuma as tarefas domésticas. Ter essa estrutura no lar torna mais viável a possibilidade de uma avó idosa cuidar de netos.

A seguir, indaguei-lhe quais eram as suas atribuições com as netas.

(ENTREVISTADORA: Quais são as suas atribuições com as meninas?).

LAURA: Eu levo ao pediatra, levo para tomar vacina, para os estudos. Levo para uma aula de apoio, levo para natação, faço dever com elas e cobro. Por exemplo: agora Amélia tem que fazer uma fisioterapia ocular e eu tenho que levá-la. Vou às reuniões da escola, vejo as cadernetas. A mãe não pode ir. Eu vou às festas judaicas na escola e a mãe, sempre que consegue, dá um jeito de ir também. A minha filha, eu acho que ela passa dos limites. Eu acho que ela também relaxa, nesse sentido - vai atender uma pessoa às 9 horas da noite em um domingo - porque ela pode contar comigo. Se ela não pudesse contar, talvez ela não fizesse isso. Tanto, tanto, tanto trabalho assim.

Laura dá conta de todas as atividades das netas. Isso incluiu, por exemplo, reuniões de pais, supervisão diária da caderneta escolar, levar as crianças ao médico e às atividades físicas, fazer o dever de casa... A mãe das meninas trabalha muitas horas durante a semana e também atende a emergências no final de semana. Diante desse contexto, Laura acredita que sua filha se excede na carga horária dedicada ao trabalho por contar sempre com a sua disponibilidade para ficar com as netas.

Perguntei a Laura se ela precisou interromper alguma atividade para poder cuidar das netas.

(ENTREVISTADORA: E você, para dar conta dessa jornada, o que você deixou de fazer?).

LAURA: Às vezes, têm horários que eu não vou à Academia. Eu gosto muito de andar de bicicleta, às vezes não dá. Eu gosto muito de esporte ao ar livre. Às vezes, alguma criança fica doente e não dá para ir. Mas é só ter um tempinho, que eu saio e vou fazer. No final de semana, eu procuro fazer as minhas coisas, mas também quando eles

me pedem alguma coisa, eu colaboro. Eu também gosto de sair com as meninas porque durante a semana eu tenho mais tipo obrigação com elas. No sábado e domingo quando me convidam ou quando me pedem é lazer, né? Então eu vou num parquinho, eu vou ao cinema.

Laura manteve a academia, a bicicleta e o esporte ao ar livre, mas aponta que tem dias que não dá para realizar essas atividades. Contudo, ela não se desanima e sempre que é possível ela retoma as atividades. A avó faz uma distinção entre estar com as meninas durante a semana e estar aos sábados e domingos. Durante a semana ela caracteriza como uma atividade assumida por uma obrigação, mas no final de semana o que conta é o lazer.

Então, indague-lhe que valores ela considerava importante para serem transmitidos às netas.

(ENTREVISTADORA: Que valores você considera importante de passar para elas?).

LAURA: Os mesmos que eu aprendi com a minha família, no meu dia a dia, na convivência com os outros. Respeito, obedecer a regras, cuidar da saúde, honestidade.

Laura afirma que considera importante repassar para as suas netas os mesmos valores que lhe foram transmitidos: o respeito a si e aos outros, a obediência às regras, os cuidados com a saúde e a honestidade. Bosi (1987) destaca a importância da lembrança. Lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e ideias de hoje as experiências do passado. Arendt (1989) acrescenta que as relações intergeracionais, ao promoverem o diálogo e a troca entre as gerações, permitem a transformação e a reconstrução da tradição no espaço familiar. Já Osório (2002) postula que nas lembranças dos avós, os netos poderão encontrar o fio condutor que os conecte ao sentido que transcende a transitoriedade de suas vidas. Enquanto que os avós ao ouvirem os seus netos adquirem a consciência de que há algo mais além da finitude de sua passagem pela Terra (p.90).

Caso 10 “Beatriz mãe de Larissa avó de Thiago e Matheus”.

Eu cheguei a Beatriz por indicação de uma avó. Fiz contato por telefone e ela aceitou ser entrevistada em sua casa. Beatriz tem 60 anos, é casada e tem formação em biologia. Aposentada, reside com o marido em Copacabana, no Posto cinco, há 45 anos. Beatriz tem uma família extensa composta por sua mãe, seu tio-avô e sua avó, que moram próximo à sua

residência. Beatriz é avó de Thiago de cinco anos e de Matheus de dois anos de idade. Ela interrompeu suas atividades para cuidar dos netos diariamente em sua casa. Do Thiago ela cuida parcialmente, pois ele frequenta a pré-escola, mas de Matheus, o cuidado é em tempo integral, perfazendo um total de 60 horas semanais de permanência. Beatriz tem como rede de apoio: o avô, a bisavó, o tio-avô, da trisavó e uma empregada.

Larissa, mãe dos meninos, tem 32 anos de idade, é casada e se formou em Engenharia. Ela trabalha em uma Empresa Pública das 8 horas às 18 horas, perfazendo um total semanal de 40 horas.

Diante desse contexto, iniciei a entrevista buscando saber o que era envelhecer para Beatriz.

(ENTREVISTADORA: Me diga, o que é envelhecer?).

***BEATRIZ:** Envelhecer? Envelhecer é quando você começa a perceber as limitações da idade. Mas se você tiver uma velhice saudável, que você não fique dependente dos outros, que você possa manter a sua vida, fazendo o que você fazia, mesmo que mais devagar, tudo bem.*

Envelhecer, para Beatriz, está associado às limitações decorrentes da perda das capacidades física, mental e social. Ela considera que uma velhice saudável possibilita a realização das atividades cotidianas, mesmo que com menos vitalidade que antes. Hoje, é comum uma mulher, ao se tornar idosa, poder ainda usufruir mais 20, 30 anos de vida, com saúde e energia, participando ativamente da sociedade. As doenças crônicas comuns da velhice estão cada vez mais atenuadas, o que favorece uma melhor qualidade de vida.

Perguntei, então, sobre o seu envelhecimento.

***ENTREVISTADORA:** E como está sendo para você envelhecer?*

***BEATRIZ:** Acho estranho me chamarem de idosa, velha, pessoa da terceira idade... É estranho. Eu tenho 60 anos, sou idosa. Só que eu me sinto mais velha, mas não me sinto velha, idosa, entende? Talvez porque ser velha me leva a pensar em não servir mais para nada. Quando eu penso na minha mãe aos 60, mais ou menos isso, ela era uma senhora de idade. Minha avó, eu me lembro, que quando eu era jovem ela já era velha. Eu tenho a mesma idade que elas deveriam ter naquela época, mas eu não me sinto assim. Eu me sinto mais jovem do que me lembro delas e das amigas delas.*

Beatriz, apesar de ter 60 anos e pela legislação brasileira ser considerada uma pessoa idosa, estranha quando é chamada de idosa, velha ou uma mulher da terceira idade. Ela afirma que está mais velha, mas não se sente idosa, até porque ela vê uma pessoa idosa como inútil e ela não se sente assim. Percebi que ela tem uma visão negativa da velhice.

Quando Beatriz disse que se sentia mais jovem do que sua mãe e sua avó, quando tinham a sua idade atual, pedi que ela me explicasse melhor esse sentimento.

(ENTREVISTADORA: Como assim?).

***BEATRIZ:** Elas tinham uma aparência, um jeito mais envelhecido. Quando eu tinha 30 anos, eu pensava assim: quando chegar o ano 2000, eu já devo estar velha. Vou estar com quase cinquenta! Será que eu vou chegar ao ano 2000? E cheguei, e já estamos em 2012. E eu não me sinto aquela velha que pensava que eu seria em 2000. Acho que tudo mudou muito. A velhice hoje é diferente. Acho que a terceira idade deveria começar aos 80[Risos]. Não importa a idade para ser velho, importa você, importa como você se sente. Somos o que pensamos. Somos velhos quando nos aposentamos da vida.*

Beatriz comenta que, aos 60 anos de idade, se vê com uma aparência mais jovial que as mulheres de antigamente, quando estas tinham a sua idade. Essa sua visão deve-se ao avanço da ciência, da medicina e das tecnologias, que favoreceu o modo de envelhecer feminino. A mulher conta com todo um mercado voltado para produtos de beleza e serviços que possibilitam manter um visual mais jovem por mais tempo.

De certo, no século XX, uma mulher de 30 anos já era considerada "velha" e passava a ser chamada de Balzaquiana (termo usado para as mulheres de 30 anos, a partir da obra de Balzac, escritor francês do século XIX). Hoje as mulheres de trinta são consideradas jovens, se comparadas às famosas balzaquianas. O conceito de "velha" mudou e Beatriz é uma avó, muito diferente de suas avós. O modelo cultural da velhice mudou. Beatriz como tantas outras avós pode trabalhar e ser uma pessoa produtiva. Apesar da idade, ela não se sente velha. A sua aparência não é a mesma de uma mulher com a sua idade há algumas décadas atrás. Beatriz é uma mulher ativa, independente e jovial. E isso faz com que ela ressignifique o envelhecimento.

Beatriz menciona que: “Somos velhos quando nos aposentamos da vida”. Essa frase me

instigou a buscar conhecer ainda mais o que ela pensava sobre envelhecimento.

(ENTREVISTADORA: Você pode me explicar essa sua última frase: Somos velhos quando nos aposentamos da vida?).

***BEATRIZ:** Vou dar o meu exemplo. Eu tenho 60 anos. Eu malho, eu corro na praia, eu ando no calçadão, ajudo a criar os meus netos e olho minha mãe, meu tio e minha avó. O espelho me mostra as marcas de expressão, me mostra que os anos passaram. Mas eu me sinto mais jovem do que eu me vejo no espelho. Tenho 60 anos e uso jeans, camiseta, tênis. O tempo passou no relógio, nos anos, eu percebo isso no espelho, mas eu me sinto jovem. O que penso de mim é o que importa. E acaba sendo o que eu passo para os outros. Eu me sinto bem, então facilita conviver com as perdas que tenho pela idade. Gosto de uma frase que li em um post do facebook e é mais ou menos assim: o nosso corpo envelhece sem o nosso consentimento, mas o nosso espírito só envelhece se deixarmos. Ser velha não é só idade, é se sentir velha. É se largar, se deixar. Perder as expectativas, não fazer projetos, deixar de sonhar. Se aposentar da vida.*

Beatriz refere-se a si como uma mulher atuante, que busca uma melhor qualidade de vida através do envelhecimento ativo, que coopera com a sua família e que apesar de ter estampado em sua aparência a marca dos anos vividos, se sente mais jovem do que ela se vê no espelho. A esse respeito, Medeiros (2012) relata que, atualmente, se vê avós de jeans, dirigindo jipes, cabelo pintado, óculos escuros. Avós que trabalham, que viajam, que dão festas, que namoram. Avós que fazem lipoaspiração, aeróbica, jogam paddle. As avós de hoje são muito mais participantes, mais divertidas e menos preconceituosas. Buscam ser joviais e estar bem para a idade, sem que isso interfira no afeto que sentem pela terceira geração. Elas relatam ser apaixonadas por seus netos. Descrevem um amor enorme, desinteressado, sem o ônus do compromisso, só do prazer. Enfim, as avós mudaram, mas o amor pelos netos não mudou.

Beatriz também considera que, o que importa, é a imagem que ela tem de si - e ela não se sente velha. Ela vive essa fase da vida como uma etapa na qual ainda há muito a desfrutar. E não como uma pessoa que perdeu as expectativas, que se abandonou e se largou da vida. Abandonar a vida para ela é abandonar os desejos, as vontades, os projetos e se entregar; viver os aspectos negativos da velhice.

Perguntei-lhe como ela era vista pela sua família.

(ENTREVISTADORA: Como a tua família te vê?).

***BEATRIZ:** Como a matriarca. Pois hoje, minha mãe já está com mais idade, minha avó já está bem mais idosa, mas também está lúcida. E, na verdade, sou eu a mulher da família que precisa dar apoio ao meu marido, à minha mãe, à minha avó, ao meu tio e, em certo aspecto, aos meus filhos, genro e meus netos.*

Beatriz é outra avó que se considera uma matriarca. Ela justifica isso devido à posição que assume na família: apoia o marido, a mãe, o tio-avô, a avó, a filha e o genro através do compartilhamento dos cuidados dos netos. O significado que ela dá a matriarca é diferente da conotação que esse termo tinha no período entre o final do século XIX e início do século XX, quando enfatizava a exigência de respeito e obediência.

A família de Beatriz é composta por idosos de diferentes gerações, me interessei em conhecer mais sobre cada um deles.

(ENTREVISTADORA: Beatriz me fale como a sua mãe com 78 anos, seu tio com 72 e a sua avó com 96 anos são vistos na família?).

***BEATRIZ:** Eles são muito queridos. Elas são vistas como mulheres de fibra! A mamãe vai à igreja, vai à cidade, viaja com um grupo da igreja, têm a aposentadoria dela. Então ela é uma pessoa bem resolvida. Minha mãe é vista como uma pessoa de bem, cabeça. Como te falei, vovó, titio e mamãe moram juntos, aqui bem pertinho. Eles têm uma excelente empregada. A minha avó, na medida do possível é independente. Assim... Está lúcida. Conversa tudo. Mas a visão, a audição e o caminhar são um pouco debilitados. Ela assiste à televisão, vê os jornais, e gosta de vir para cá, sentar com as crianças e ficar brincando. E isso ajuda. Porque enquanto ela está distraindo as crianças, eu posso ir fazendo outras coisas de casa. Mas assim, ela não teria como levantar com o Matheus no colo. A mente está perfeita, mas o corpo tem toda a limitação da idade avançada. O titio é bem ativo, tem o grupo dele, não sai da Internet.*

Beatriz destaca que em sua casa todos têm muito carinho pelos idosos da família. A sua avó, mesmo com a mobilidade comprometida e as demais perdas inerentes à idade, colabora como os cuidados das crianças. Ela distrai os meninos enquanto Beatriz faz outras atividades. Sua mãe e o irmão (seu tio-avô) estão muito bem para a idade. E desfrutam da idade com qualidade de vida. Beatriz tem uma família multigeracional. São cinco gerações de filhos convivendo juntas.

(ENTREVISTADORA: Você tem uma família composta de cinco gerações de filhos convivendo juntas. Em sua opinião, qual o olhar da sociedade para a velhice da mulher?).

***BEATRIZ:** Os olhares são bem diferentes. Acho que isso depende muito das condições, do bairro que a pessoa mora, de como a mulher se coloca e muitas outras coisas. Eu vejo assim: tem o olhar de peso que a idosa é um estorvo para a família. Tem o olhar que as televisões mostram de que o idoso é empreendedor e que a velhice é a melhor idade. Tem o olhar que a mulher com mais de 60 tem que ser sarada, tanquinho e cheia de botox. Tem o olhar masculino que olha para as mulheres da idade deles como se elas fossem o fim. Você vê isso o tempo todo no calçadão. Tem o olhar que reconhece na velhice da mulher que ela foi à luta e venceu os preconceitos. Bem, isso é o que eu penso. Não consigo ver um olhar só.*

Beatriz chama a atenção para o fato de que não existe uma homogeneidade no olhar da sociedade em relação à velhice da mulher. Ela considera que existem múltiplos olhares e que são relacionados ao contexto, aos posicionamentos assumidos e aos diferentes modos de interação entre as pessoas. Ela ressalta também o estigma social do velho como um estorvo para a família. Comenta que a mídia, por outro lado, mostra um idoso participante que, em muitos casos, colabora no orçamento familiar e “aquece” o mercado com a possibilidade de ter na “melhor idade” condições de realizar antigos sonhos de viagem. Os idosos se caracterizam socialmente como um valioso contingente de consumidores.

Beatriz pontua que na sociedade atual, envelhecer para a mulher é um acontecimento complexo. As cobranças sociais são tantas que muitas mulheres buscam disfarçar, em seu corpo, os vestígios do envelhecimento através de procedimentos de rejuvenescimento que podem até colocar em risco a sua saúde. Brito da Motta (2006) acrescenta que a sociedade ao privilegiar a beleza jovial, contribui para que os idosos neguem a própria idade. Deste modo, elas recorrem aos mecanismos tradicionais como pintar os cabelos ou a outros mais invasivos como as cirurgias plásticas. Ela fala ainda do olhar de repugnância que certos homens idosos têm para as mulheres de 60 ou mais anos. Beatriz cita a realidade que ela vivencia ao passear no calçadão de Copacabana. Segundo suas observações, os homens com aparência de 60 anos ou mais ignoram as mulheres de sua mesma idade. Mas Beatriz também traz em sua fala o olhar de respeito e admiração que as pessoas demonstram pelos idosos. Acredito que, o sentido constituído por Beatriz sobre a velhice esteja de acordo com o da nova geração de idosas. Geração esta que se destaca no mundo e no Brasil com características semelhantes.

Essa geração de brasileiras vivenciou uma mudança social iniciada no período do pós-guerra e dos anos do governo JK, entre os anos de 1956 e 1960. De acordo com Kalache (2012), foram jovens que lutaram contra os militares quando começou a ditadura, pleiteando a democracia no país. Elas viveram as mudanças radicais nos anos de 1960. As inquietações daquela juventude fazem parte das inquietações dessas mulheres, que hoje estão com 60, 70 anos de idade. Em sua maioria, são pessoas bem informadas, integradas à sociedade, que continuam revolucionando o modo de se viver em sociedade.

Beatriz ao mencionar o calçadão de Copacabana, me instigou a indagar como era para ela morar em Copacabana, bairro que tem a maior população de idosas da cidade.

(ENTREVISTADORA: E como é ser idosa em Copacabana?).

***BEATRIZ:** Aqui nós temos de tudo perto. Têm lojas para comprar coisas. A parte da alimentação é muito variada. Tem essa orla maravilhosa. O calçadão para caminhar, beber uma água de coco. O bairro promove muitas atividades. Aqui têm muitos idosos. Na parte de lazer, têm essas praças que oferecem programas de exercícios, ginástica para os idosos. Não sei se você já viu, mas tem até professor de educação física. Meu tio e meu marido gostam. Mas tem muita coisa para os jovens, para crianças. Eu amo Copacabana. E outra coisa, as pessoas envelheceram aqui, não vieram para cá depois de certa idade. Eu me casei aqui, criei meus filhos aqui e agora estou criando os meus netos aqui. Mas tem muito problema também. Têm ruas com muito buraco, consertos que nunca terminam, carros na calçada. Mas não sei nem se deveria estar falando isso, pois você me perguntou sobre ser idosa em Copacabana, e essas condições das ruas, do trânsito caótico, da falta de cuidado com as calçadas são de qualquer bairro da cidade.*

Beatriz vê o bairro de Copacabana como um local em que as pessoas têm um bom comércio, uma orla de praia para caminhada, atividades de lazer, praças com equipamentos para exercícios físicos e profissionais especializados para orientar os idosos quanto às atividades que eles podem realizar. Beatriz alega que os "jovens" que vieram morar neste bairro, no início do século XX, ficaram e envelheceram. Sabemos que o bairro já foi berço da vanguarda e hoje implementa várias ações que, entre outras coisas, lhe conferiu o título de capital turística da terceira idade. Beatriz ainda chama a atenção que Copacabana não é um espaço urbano bom só para os idosos, mas para crianças e jovens.

Kalache (2012) menciona que Copacabana se urbanizou e se desenvolveu nos anos 1920, 1930 e teve uma acelerada expansão demográfica nos anos de 1940 e 1950. As famílias que vieram morar em Copacabana, mesmo depois que os filhos cresceram e foram morar em outro lugar, ficaram no bairro porque ele oferece grande concentração de serviços. O bairro que era de jovens se transformou em um bairro de idosos. De cada três habitantes, um tem mais de 60 anos. De acordo com o Censo 2010 divulgado pelo IBGE, Copacabana é o bairro que concentra o maior número absoluto (29,6%) de idosos entre os bairros do País. São 47.173 moradores com 60 anos ou mais, quase um terço da população do bairro (IBGE, 2010).

(ENTREVISTADORA: O que é para você ser avó?).

BEATRIZ: É a continuação de ser mãe. É um presente da vida, ver essas criancinhas, filhos dos nossos filhos.

Beatriz afirma que ser avó é ver os filhos de nossos filhos - um presente da vida. Com o passar do tempo, a vida de muitas avós não têm se limitado apenas à dedicação familiar, mas também ao acompanhamento do crescimento dos netos. Para conhecer mais a história de Beatriz indaguei-lhe como era ser uma avó cuidadora.

(ENTREVISTADORA: E ser avó cuidadora?).

BEATRIZ: Eu tenho a responsabilidade de avó, de cuidar deles. É diferente ser mãe e ser avó. Já ouvi dizer que, quando criamos nossos filhos, somos mais jovens e nos cobramos muito, para darmos tudo que os filhos precisam. Mas com os netos essa fase passou e podemos dedicar mais tempo às crianças. Tenho que estar sempre ligada nas coisas que estão acontecendo. É como se o passado voltasse e eu pudesse reviver com os netos, de outra forma, o que eu vivi com meus filhos. Mais amadurecida, sem tanta correria, com outro jeito de ver as coisas. Mais serena. Com mais tempo para os detalhes, para acompanhar, brincar e cuidar mesmo [se emociona, a voz fica tremida]. Cuidar dos meus netos é muito importante, e às vezes até difícil.

Beatriz revela que ser avó cuidadora é reviver os cuidados que demos aos nossos filhos, mas sem tanta correria, com mais serenidade. Contudo, considera que as identidades de avó e mãe são diferentes. A avó deve se posicionar compartilhando os cuidados e a educação dos netos com a filha. Beatriz se emociona ao falar sobre ser avó, ressalta que é uma fase de amor intenso. No entanto, ela revela que cuidar dos netos é difícil. Procurei entender ao que ela

estava se referindo.

(ENTREVISTADORA: Difícil? Como?).

***BEATRIZ:** Eu estava conversando com a minha mãe e nós concordamos. Quando minha mãe me ajudava com os meus filhos, os cuidados dela eram bem parecidos com os que ela e vovó tinham tido comigo. Hoje, cuidar dos meus netos é muito diferente. Bebê não bebe água, nem chá [...] Minha filha, apesar de ter sido criada conosco, ela mudou. Nós também mudamos, mas ela tem outros hábitos que difere um pouco de como ela foi criada. Assim: deixa o Thiago ir para a escolinha com febre. É baixa, mas eu não deixava. Mas para ela isso é assim. Eu também tive diferença na criação dos meus filhos, em relação à minha mãe. Mas agora, eu acho que as mudanças, se eu posso dizer assim, estão muito diferentes. Minha filha acha que nós protegemos demais. Hoje, tá com febre, vai para escola. Tudo é virose. Na minha época não era assim. Isso dá uma certa confusão. Aí a minha filha pergunta:- porque ele não foi para escola? [Risos] Aí fica aquela coisa, podia ter ido, bobagem. É uma relação complexa.*

Beatriz comenta que da época da sua infância até os dias de hoje, o cuidado e a educação infantil mudaram muito e as mudanças foram abruptas. Para ela, o mundo mudou radicalmente nas últimas duas décadas.

(ENTREVISTADORA: Me fale mais sobre essa relação: você, sua filha e seus netos).

***BEATRIZ:** Complexa, como toda relação. Não tem manual, não tem certo ou errado, você vai fazendo as coisas, refazendo. Deu certo, ótimo. Não deu, você tem que mudar. Fazer diferente. Não tem receita de bolo para se conviver. Minha filha precisa ter independência para poder trabalhar, poder comprar sua casa e deixar de viver de aluguel. Filho cresce e dá outro tipo de preocupação. Também, muita coisa que eu pude fazer, eu pude contando com a ajuda da mamãe e da vovó. Sem elas seria bem mais difícil.*

Beatriz alega que toda relação é complexa e que não existe um manual de convivência. Quando há alguma dificuldade é preciso mudar, negociar e fazer diferente. Ela considera que sua filha optou pela decisão mais adequada para a garantia do futuro da família. Ela acrescenta que também foi com a ajuda da sua mãe e da sua avó que ela pode trabalhar e criar sua filha.

(ENTREVISTADORA: Como é o teu dia?).

BEATRIZ: *Eu estou aposentada. Então me dedico 100% aos meninos. Minha filha deixa os meninos aqui às 7h 30. Tomamos café da manhã, vamos fazer alguma coisa. Às vezes, praticinha, às vezes praia, aulas que eles tenham. Isso depende muito. Voltamos para casa perto das 10h30. Dou banho e almoçamos e na maioria das vezes eu levo o Thiago para a escola. Só a Thiago está na escola. Foi para o jardim com três anos. O Matheus também vai com três anos. Levo um e deixo o outro aqui, com quem estiver em casa. Às vezes, ele dorme, às vezes fica brincando com a vizinha e, às vezes damos uma saidinha para irmos fazer pagamentos. Depois eu vou buscar o Thiago na escola, dou um lanche para eles. A maioria das vezes, eles jantam enquanto aguardam os pais deles. A noite ficamos mais na televisão, nos joguinhos deles.*

Beatriz se dedica integralmente aos cuidados e à educação dos netos. Ela participa de todas as atividades deles.

(ENTREVISTADORA: Você tem uma família de cinco gerações de filhos convivendo juntos. Você tem sua casa, sua filha a dela e sua avó, mãe e tio a deles. Como você vê essa convivência?).

BEATRIZ: *Conviver com a família, apesar das diferenças, eu acho que é bom para todos. Eu li uma reportagem sobre idosos e gostei muito. É uma troca muito rica. Somos uma família com pessoas de diferentes idades, de gerações diferentes. Todos nós vivenciamos situações diferentes, realidades diferentes. Uma das coisas que eu reparo muito é que pessoas mais velhas convivendo com as mais jovens ficam mais moças. Repara? Até no jeito de vestir. Mas também pode ser ao contrário [Risos]. Eu acho que vovó, mamãe e titio estão bem, pois eles sempre tiveram um papel importante. Trabalhavam e ajudavam. Como ocorre hoje. Tenho amigos que acham que Internet veio para separar as famílias. Que hoje não existem mais famílias. As pessoas não se sentam à mesa para fazerem as refeições. É cada um com seu computador, no seu quarto. Têm amigas da mamãe que não usam congelados e nem micro-ondas, pois a comida não fica boa. Tem que ser feita no fogão. A minha mãe tem celular. A casa deles tem lavadora de pratos, micro-ondas, tudo que eu tenho aqui. Eu acho que somos assim, pois convivemos juntos. Eu e meu marido outro dia, rodamos tudo para comprar um jogo pro meu neto, sds, sdi? Parece um computador pequeno. Se não convivêssemos com eles, certamente eu não saberia o que é isso, né? Meu tio tem facebook [Risos]. Os velhos aqui são avançados [Risos].*

Beatriz afirma que a convivência entre a trisavó, bisavó, avó, filha e netos é,

indiscutivelmente, um espaço de encontro de gerações. Gerações estas que nasceram e viveram em períodos diferentes e diferem em múltiplos aspectos. São cinco gerações com diferentes tempos de vida social, familiar e individual. Desta forma, essas gerações constituem-se como uma memória viva do passado onde, no dia a dia, os netos podem ter acesso à história da história, aos relatos personificados dos fatos e das experiências vividas. Attias-Donfut & Segalen (2001) explicam que há algumas décadas os avós não eram tão inseridos no contexto familiar dos filhos e dos netos, fato que vem se modificando, a ponto de se ter hoje uma geração de avós que pode desfrutar da relação com os netos e vê-los crescer, em média, até os vinte anos de idade.

A família de Beatriz se caracteriza como uma família vertical, por apresentar uma diferença de idade maior entre as gerações e pelo aumento do número de gerações convivendo juntas. Observa-se a diminuição do número de netos, o que favorece aos avós dar mais atenção aos netos.

A fala dessa avó sobre a convivência entre seus familiares traz à tona a questão das tecnologias, que mudaram e continuam mudando a nossa sociedade. Os novos velhos de hoje passaram por duas revoluções: a da contracultura dos anos de 1960 e, agora, vivem uma segunda revolução, a digital. Viver em uma sociedade que cada dia se apresenta mais digital e exige seu uso até para as mais simples operações bancárias fez com que o idoso acessasse a rede digital, quer para receber sua aposentadoria, quer para participar das redes sociais.

(ENTREVISTADORA: E agora? Como é que está sendo cuidar dos netinhos e ter a ajuda das outras vovós?).

***BEATRIZ:** Está sendo uma alegria muito grande. Cuidar deles me fez muito bem. Eu estava aposentada e estava começando a me deprimir. Logo no início é ótimo, mas depois cansa. O Thiago me fez me sentir necessária. Deu mais um sentido a minha vida. Criei mais animo. Eu sou a vovó, a minha mãe é a vóbisa e a minha avó é a vótata. Poder ter elas comigo é uma benção. São a minha família. Família é tudo. E eu acho que agora, estamos mais sintonizadas que quando elas ajudavam com os meus filhos. Nos entendemos melhor. Já sabemos mais o que fazer, pensamos mais parecido. A gente vê tantos casos de idosos mal tratados pela família. Mas aqui percebo que meus filhos têm carinho enorme pelas avós e quando elas adoecem eles dão atenção. Elas dizem que ainda é melhor ser bisa e tatá do que avó [Risos].*

Beatriz se sente valorizada por cuidar dos netos, isso atribui um significado mais positivo à velhice. Ao mesmo tempo, ela se sente muito feliz por ter sua mãe, seu tio e sua avó compartilhando com ela essa fase de sua vida. Assim, as relações da família mais idosa com os netos estão envoltas em carinho, compreensão e aprendizagem mútua.

(ENTREVISTADORA: E em relação aos valores, o que você considera importante passar?).

***BEATRIZ:** Eu acho importante passar que a família é muito importante nas nossas vidas. Os pais, os avós, os amigos, todas as pessoas são para serem respeitadas. Não é só as pessoas daqui de casa, mas todos. Solidariedade é básica. O que eu aprendi na minha família, o que eu falei para os meus filhos, eu quero e estou passando para eles. Eu acho que é fundamental dar o exemplo. Respeitar, amar o próximo, aceitar as pessoas do modo que elas são. Buscar ser feliz, amar a si e aos outros. Procurar sempre estar bem consigo mesmo para poder estar bem com os outros. Ter um olhar de esperança e fé. Não importa a religião, mas é importante ter fé. Eu espero estar passando isso para eles nas minhas ações e no meu modo de ser.*

Ferrigno (2007) aponta que as relações entre as gerações são um meio de se criar espaços de encontro, sensibilização e promoção de apoio social. Ele enfatiza a importância da solidariedade entre as gerações e de uma educação entre as gerações como fator de desenvolvimento social, a partir da integração das pessoas idosas com as demais gerações como um direito social.

(ENTREVISTADORA: Alguma coisa que você gostaria de comentar?).

***BEATRIZ:** Acho que falei tudo. Falei à beça. Foi ótimo conversar com você. Parece que fiz um tour na minha vida. A gente vive e não para pensar no que faz. Obrigada por ter me convidado.*

Caso 11 “Paula: mãe de Barbara e avó de Marcelo e Fabio”.

Eu cheguei à Paula por indicação de uma avó. Fiz contato por telefone e ela aceitou ser entrevistada em um restaurante da Zona Sul. Paula tem 61 anos, é administradora de empresa e está aposentada há oito anos. Ela reside em Copacabana, no Posto três, há 60 anos com o marido e seus pais. Paula é avó de Marcelo (cinco anos de idade) e de Fabio (dez meses de

idade). Ela interrompeu suas atividades para cuidar diariamente dos netos. Paula fica de manhã com Marcelo, à tarde ele vai para uma Instituição de Educação Infantil. Já com Fabio, ela fica em horário integral (60 horas semanais). Os dois meninos vão para a casa da avó de manhã e ficam lá até que a mãe ou o pai vá busca-los. Paula conta com uma rede de apoio composta por seu marido, bisavós das crianças e uma babá.

Barbara tem 40 anos de idade. É filha de Paula e mãe de Marcelo e Fabio. Ela é casada, mora na Urca e trabalha em uma empresa publica como arquiteta, de segunda a sexta, em horário integral.

Comecei a entrevista perguntando à Paula como era, para ela, envelhecer.

(ENTREVISTADORA: Como é envelhecer?).

PAULA: Envelhecer é ver a minha vida passar e sentir os reflexos das minhas escolhas. Eu procuro cuidar da minha saúde desde cedo. Sei que o tempo é terrível, mas vou fazer o meu melhor para envelhecer com saúde. Quero evitar envelhecer em cima de uma cama, dependendo de tudo e de todos.

Paula menciona que envelhecer é ver a cada dia a vida passar e sentir os efeitos das decisões tomadas. Ela afirma que o tempo é um adversário terrível e que cuida da sua saúde, desde jovem, para se manter bem. A esse respeito, Papaléo Netto (2012) destaca que a mulher, por cuidar mais da saúde do que o homem torna a velhice feminina mais longeva. De certo, escolhas que favoreçam uma vida saudável contribuem para que se viva mais e melhor.

Diante dessa fala, busquei conhecer como ela era vista em sua família.

(ENTREVISTADORA: Como você é vista na família?).

PAULA: Acho que sou vista como uma pessoa tranquila, pé no chão. Sou a pessoa que decide tudo. Eu sou aquela que tenho que dar conta da família. Meus pais estão bem, mas têm idade. Têm dias que ajudam, têm dias que precisam de ajuda. Você sabe que ficar velho é complicado.

Paula relata que é vista como uma pessoa tranquila, que toma as decisões e que tem que decidir o que é necessário para a sua família. Sua posição na família é importante, por gerir a

casa e dar uma atenção especial aos pais idosos.

Indaguei-lhe sobre a visão que ela tinha da sociedade em relação às mulheres idosas.

(ENTREVISTADORA: No dia a dia, como você percebe o olhar das pessoas, da sociedade para o envelhecimento da mulher?).

PAULA: Muita cobrança. Temos que ter o corpinho de uma garota de 18. Estar nas redes sociais, acompanharmos tudo pela Internet. Eu nem posso falar de Internet, veio para facilitar a nossa vida. Eu uso a Internet para compras, operações bancárias, para falar com parentes. [...] as mulheres da minha idade vivem de dieta, malhando, fazendo musculação e tudo o mais, não pela saúde, mas por manter a jovialidade. Ninguém quer ser velha. Estou me referindo à busca pela juventude. Acho que a idade também traz beleza. A beleza da idade, do tempo vivido. Só acho que não dá para ser garotinha a vida toda. O tempo passa. E tudo muda. Dá para ser uma senhora bonita, bem tratada, de bem com a vida. Uma avó como eu sou. [Risos]. Vivo a minha idade. Vivi cada idade no meu tempo. Não compro nada de velho ou de jovem, nem acredito nessas classificações. Uso o que me cai bem, o que me favorece.

Paula traz a cobrança que é feita pela sociedade à mulher e que a leva a não querer parecer a idade que tem. Ela afirma que não se rende à sociedade do culto ao corpo, nem se influencia pelas ideias de que só se pode ser bonita aos 20 anos e que só se é feliz com uma aparência jovem. Paula diz que a idade também traz beleza. Ela se sente uma mulher bonita, bem tratada e que busca se vestir da maneira que gosta, e não pelas classificações de jovialidade e velhice. De acordo com Debert & Goldstein (2000), a idosa deixa de ser vista como mulher, pois seu corpo não é mais objeto de desejo. Paula relata que as mulheres de sua idade vivem de dieta, e fazem exercício. Seu foco não são os benefícios à saúde, e sim manter a aparência jovial. O rigor social com a velhice feminina leva a mulher a buscar meios que disfarcem a sua idade e, assim, continue a despertar o interesse masculino.

Paula afirma que o tempo passa, mas que é possível ser uma senhora bonita, bem tratada, de bem com a vida. Uma avó como ela é. Assim, indaguei-lhe como era ser avó.

(ENTREVISTADORA: Como é para você ser avó?).

PAULA: Ser avó é tudo de bom. Eu adoro estar com eles. Traz muitas alegrias. É um amor muito profundo. Meus pais falavam que eu ia ver

o que era ser avó. Sempre que eu chamava a atenção deles por estar mimando a minha filha eles diziam isso. Você vai ver. E estou vendo.

Paula sente pelos netos um amor profundo e isto lhe dá muitas alegrias. O amor das avós pelos netos foi exaltado por Queiroz (1964) em versos que dizem são amores novos, profundos e felizes, que vêm ocupar aquele lugar vazio, nostálgico, deixado pelos arroubos juvenis. Lins de Barros (1987) também caracteriza a relação entre avós e netos como doce e prazerosa fonte de satisfação e de realização pelos avós. A esse respeito, Sampaio (2008) acrescenta que os avós têm uma tranquilidade própria da vivência de quem já cuidou de filhos não tendo, portanto, a pressão de educá-los. Consequentemente, os avós se posicionam de uma forma mais flexível ao se relacionarem com os netos.

Como Paula está compartilhando com Barbara os cuidados e a educação de Marcelo e Fábio, busquei saber como era ser uma avó cuidadora.

(ENTREVISTADORA: E ser avó cuidadora?).

PAULA: Ser avó cuidadora é tudo que eu falei de ser avó. Só que é poder estar mais tempo com eles. Participar mais. Estar mais inteirada do dia a dia dos netos. Os pais de minha mãe ajudaram a minha mãe, tomando conta de mim. Meus pais me ajudaram. Eu ajudo a minha filha. Mas acho trabalhoso e cansativo.

Paula comenta que tornar-se avó já foi um fato bastante significativo em sua vida e compartilhar os cuidados lhe possibilitou uma participação ainda maior no dia a dia dos netos. Hoje, o número de idosos que deixam de ser simplesmente avós para assumir o compartilhamento dos cuidados dos netos tem aumentado. A esse respeito, Almeida (2009) identificou em sua pesquisa sobre as famílias cariocas que 33% dos entrevistados consideravam que, depois da mãe, a pessoa mais indicada para tomar conta das crianças pequenas da família era a avó.

Apesar de contar com o apoio do marido, dos seus pais, da babá e da empregada, Paula sente o compartilhamento dos cuidados como trabalhoso e cansativo. Assim, indaguei-lhe como distribuía as suas atividades durante a semana.

(ENTREVISTADORA: Paula, como é a tua semana?).

PAULA: Minha filha voltou a trabalhar, acabou a licença

maternidade. Agora cuidado dos dois. Então é toda aquela rotina. Ela deixa as crianças aqui, praticamente às 8h e pega às 8h da noite. Às vezes, as crianças dormem aqui, quando ela e o marido têm algum compromisso. De manhã, vamos para a pracinha ou praia. Na volta do passeio tem o almoço. Marcelo tem a escola de tarde. Fabio não foi para a creche. Só vai depois dos três anos. Então é direto atividade. Sair, pegar sol, levar ao médico, vacinas. O Marcelo chega da escola faz os deveres. Três dias na semana tem natação. Eu é que levo. Eu me canso, mas a babá me ajuda muito. E temos a empregada para ajudar com a casa. Mas são duas crianças pequenas. E agora meus pais também requerem um pouco mais de atenção. O que limita muito as minhas oportunidades de descansar ou fazer alguma coisa diferente.

Paula está comprometida 12 horas diárias com atividades que envolvem um ou os dois netos. Ela, além de ajudar com os netos, tem pais idosos que residem com ela. Paula comenta que toda essa situação familiar limita muito suas possibilidades de se dedicar a outras coisas. Dessa forma, busquei conhecer que coisas ela deixou de fazer ao se comprometer a cuidar das crianças.

(ENTREVISTADORA: Que coisas você deixa de fazer por causa dos cuidados com os meninos?).

PAULA: Muita coisa. Fica difícil fazer as minhas coisas. Fico cansada de tomar conta. O maior ainda é menos difícil. Já anda, já acompanha. Mas o menor ainda é colo. Então, apesar de adorar, acho que é cansativo. Já não sou mais jovem. A idade pesa. Mas é algo físico mesmo, essas “ites” que aparecem com a idade. Nada demais, ainda. Mas eu andava e corria na praia. Não dá mais. Eu fazia ginástica, não dá mais. Quando não estou com as crianças, estou cansada. É vovó pra tudo. E praticamente eu sou a única que não trabalho. Mas todos ajudam.

Paula comenta que adora cuidar das crianças, mas diz ficar cansada fisicamente. Ao que tudo indica ela se sente sobrecarregada com suas tarefas e responsabilidades. Como perdas decorrentes dessa situação, Paula menciona a caminhada, a corrida e a ginástica. A sua vida pessoal está alterada e há um sentimento de perda, ao revelar que “não dá mais”. Quando Paula não está mais com os netos, se sente cansada para desenvolver outras atividades.

Nesse contexto, quis compreender como era a relação dos netos com a família.

(ENTREVISTADORA: Como é a relação dos meninos com vocês?).

PAULA: *A chegada do Marcelo e do Fabio nos trouxe muitas alegrias. E... [Paula se emociona, os olhos brilham]. Nossa vida mudou. Mudou tudo. Acendeu a luz da casa e o mundo ficou mais colorido. Mas uma criança em casa de pessoas mais idosas faz esse efeito. A casa renasce. Meu marido vive inventando historia com as crianças. Leva para ver isso, ver aquilo. Meu pai ama os meninos. E o Marcelo quer ajudar o bisavô. Parece um homenzinho. Papai leva eles na loja, apresenta aos amigos. Sai com a mamãe para comprar coisas para eles. Mamãe me ajuda muito. Já ajudou a criar Barbara. É um chamego só com os netos. Faz docinhos, pasteizinhos, tudo que o Marcelo pede. O Fabio fica de colo em colo. Então eu acho que está sendo muito bom para todos. Criança em casa nos joga na vida. Nos torna mais ativos, mais conectados, conhecendo mais as novidades para lidar melhor com eles. Passamos a conhecer coisas novas que na nossa época não existiam ou só existiam fora do Brasil. Minha mãe e meu pai curtem demais. Tudo é para os bisnetos. Meu pai esteve internado por uns dias e ligava todos os dias para falar com o Marcelo e saber do Fabio.*

Paula afirma que o nascimento dos netos mudou a vida da família. Ela expressa que os netos fizeram com que sua casa renascesse. O avô, o bisavô e a bisavó amam a convivência com os netos. Marcelo já quer ajudar o bisavô e Fabio aproveita do colo dos familiares. Ela ressalta que os netos ampliaram as oportunidades de inserção dos avós na vida social, uma vez que estes ficaram mais atuantes, mais conectados e interagindo mais com as novas demandas para acompanharem os interesses dos netos. Rocha-Coutinho (2006) argumenta que não apenas os mais velhos têm muito a ensinar às novas gerações, como também as crianças vêm lhes ensinando a utilizar e conviver com complexas novidades tecnológicas.

(ENTREVISTADORA: *Que valores você considera importante passar para os meninos?).*

PAULA: *Eu acho que mais do que ficar falando o que é certo ou errado, é importante dar exemplos, ter um comportamento adequado às situações do dia a dia. Nossa família sempre valorizou muito o estudo. E isso vem passando. É importante saber o valor de se dedicar a um estudo para poder se manter.*

Paula considera que é mais importante passar para as crianças exemplos, modos de agir do que ficar falando o que deve ser feito por eles. A transmissão de valores nas famílias, como se refere ocorre mais por comportamento do que por palavras (SAMPAIO, 2008). São os

acontecimentos vividos que revelam situações transgeracionais, e não somente as regras estabelecidas pelos adultos. Portanto, através do relacionamento com os netos os avós podem atualizar a memória do passado da família. De acordo com Bosi (1987), cada geração tem a memória de um tempo de acontecimentos, razão pela qual os idosos tem a posição importante de resgatar o passado e de “unir o começo ao fim” (ibid., p.40).

Caso 12 “Catarina: sogra de Natalia e avó de Lilian”.

Eu cheguei à Catarina por indicação de uma avó entrevistada. Fiz contato por telefone e ela aceitou participar da pesquisa. Nosso encontro para a realização da entrevista ocorreu em sua casa. Catarina tem 67 anos, é casada, é formada em psicologia e apesar, de aposentada por uma empresa, trabalha em psicologia clínica. Ela reside em Copacabana, no Posto seis, há 40 anos. Mora com o marido de 69 anos e com a mãe de 89. Apesar de a sua mãe ter autonomia para realizar suas atividades, ela exige atenção especial. O mesmo ocorre com os pais de seu marido que, apesar de morarem sozinhos, demandam atenção pela idade avançada. Catarina é avó de Lilian, de quatro anos e cinco meses de idade. Os cuidados diários com a neta, em tempo integral, levaram essa avó a reorganizar as suas atividades. Catarina cuida da neta na casa de seu filho de segunda a sábados. Na parte da manhã, ela leva Lilian para a pré-escola e segue para o seu consultório. Por volta das 12 horas 30 minutos, ela busca Lilian na escola e vai para a casa do filho, permanecendo lá até que ele e a esposa cheguem do trabalho. Aos sábados, ela fica com a neta das 9 horas às 14 horas. São 45 horas semanais de cuidados com a neta. Catarina conta com o apoio do marido, do filho e da empregada. Os bisavôs também auxiliam quando solicitados.

Natalia é médica, tem 35 anos e é casada com o filho da Catarina. Ela trabalha de 2^a à 6^a feiras, das 8 horas às 20 horas e sábado das 8 horas às 14 horas, perfazendo um total de 66 horas semanais.

(ENTREVISTADORA: Catarina, como é envelhecer?).

CATARINA: Envelhecer faz parte da vida. O tempo passou, eu fui ficando mais velha, os meus interesses mudaram, a vida também foi mudando e continuará assim sempre. Estamos sempre saindo de zonas de conforto para tornar a busca-las. A criança no ventre da mãe, quando nasce, perde isso, depois engatinha, e precisa aprender a andar. Chega à adolescência, a idade adulta e a velhice. Sempre

têm desafios, mas toda idade tem sua beleza. Ser velho também é belo. O importante é saber viver. Ter aceitação, ser resiliente.

Catarina define o envelhecimento como um processo inerente à vida que faz com que os interesses se modifiquem e, conseqüentemente, o modo da pessoa agir. Lembra que os desafios estão presentes em todas as etapas da vida. Ela diz ainda que toda idade tem sua beleza e destaca que o importante é a pessoa viver com aceitação e resiliência. A esse respeito, Cícero (1999) considera envelhecer como sendo uma arte e “somente os tolos se lamentam de envelhecer” (p.10). Qualquer etapa da vida tem risos e lágrimas. E aí é que está a beleza da vida. Viver com alegria e sabedoria cada fase. Tanto na juventude como na velhice há beleza, diferentes belezas.

Perguntei à Catarina como ela era vista por seus familiares.

(ENTREVISTADORA: Em sua opinião, como a sua família te vê?).

CATARINA: Como uma pessoa dinâmica, que cuida da família, ajuda quando tem que ajudar, que dá bronca quando tem que dar. Mas sabem que podem contar comigo.

Catarina afirma que é vista como uma pessoa ativa, que age de forma coerente diante das situações apresentadas. Acredita passar confiança aos familiares. Sendo assim, indaguei-lhe como ela percebia o olhar da sociedade para o envelhecimento feminino.

(ENTREVISTADORA: E como você percebe o olhar da sociedade para o envelhecimento da mulher?).

CATARINA: Na minha família são cinco idosos: eu e meu marido, minha mãe, meu sogro e minha sogra. Eu acho que a sociedade olha para nós, idosos de 60, como pessoas ativas. Eu trabalho e meu marido também. Eu cuido da minha neta. Então, tem aquela bobagem de falar que estamos na melhor idade. Eu acho isso horrível. Estamos vivendo mais, mas não é a melhor idade. Nessa idade, começamos a sentir nossas limitações. Já minha mãe e meus sogros, que estão com 80 e uns aninhos são vistos como velhos...

Catarina tem uma família multigeracional. Quatro gerações de filhas convivem na mesma família. Ela não considera que ser idosa seja a melhor idade, até porque as limitações começam a surgir nessa fase. Catarina diferenciou o olhar social para as pessoas idosas com

mais de 60 anos, daquelas que estão com mais de 70. Pedi-lhe que se estendesse quanto a isso.

(ENTREVISTADORA: Como assim?).

CATARINA: Meu marido, os amigos da nossa idade, nós somos vistos como pessoas ativas, dinâmicas. Somos os novos velhos. Fazemos parte de uma nova geração de velhos que trabalha, estuda, produz. A idade não nos limita, mesmo quando temos limitações. Usamos as tecnologias a nosso favor. Não estou falando de plásticas, botox, embora não seja contra. Estou falando de adaptar carro para dirigir, suprir nossas limitações com recursos. Aposentamos e continuamos trabalhando. E vamos continuar assim até que não dê mais. Já os idosos como minha mãe, e meus sogros, que já passam dos oitenta anos, quase com noventa e têm certas limitações, como andar mais devagar, não enxergar bem e têm uma aparência envelhecida são vistos como “velhos”. Embora eles estejam lúcidos e relativamente independentes, pois não têm nada grave, passam a imagem do idoso que requer mais atenção. Aqui em Copa eles são tratados com carinho. Acho que por Copacabana, por ser a cidade com mais idoso e toda hora ter campanha, eventos para idosos, a população daqui acolhe bem ao idoso. Até porque é difícil aqui alguém não ter em casa um idoso, ou não ser amigo de um.

Catarina fala de seu marido, de seus amigos e de si como sendo os novos velhos. Sua fala é de uma típica representante da nova geração de idosas. Uma geração muito especial, que revolucionou a forma como hoje se vê a adolescência, a juventude. E agora, idosas como Catarina estão mudando o modo de se ver o idoso. Catarina é uma pessoa engajada na sociedade, não está acomodada, conhece suas limitações e seus direitos. Ela traz em sua matriz sócio-histórica valores de um passado de grandes conquistas sociais. Com a longevidade vai poder influenciar novas mudanças sociais. A visão de envelhecimento está sendo ressignificada por essa geração.

Novais (2005) ressalta essa nova geração, que compreende as pessoas que nasceram durante a explosão demográfica após a Segunda Guerra Mundial, entre 1946 e 1964. Essa geração apresenta uma nova postura diante a vida, defende a posição de não serem passivas como as gerações passadas. Foram jovens que participaram do movimento hippie, da revolução sexual, resistiram à ditadura, foram perseguidos e muitos tiveram que buscar refúgio político fora de seu país. Apesar de todas as adversidades, mantiveram ao longo da vida alguns ideais e um estilo de vida ativo. Segundo Leventhal (1997), esses idosos atuam na sociedade e até

parecerem muito mais jovens do que qualquer outro grupo de idosos que veio antes deles. Além disso, para Solomon (2002) eles constituem o mais poderoso segmento de mercado devido a seu tamanho e poder econômico.

O fato de Catarina e sua família residirem em Copacabana lhes traz uma vantagem. Esse bairro se destaca por suas atividades voltadas ao idoso. Lá, em cada três pessoas, duas são idosas.

Perguntei-lhe como era ser avó.

(ENTREVISTADORA: Como é para você ser avó?).

CATARINA: É maravilhoso, posso repensar certas coisas de quando eu era só mãe, até porque estou cuidando da Lilian.

A identidade de avó trouxe para Catarina a resignificação de sua vivência como mãe de Pedro. Quis, então, saber como era, para ela, ser uma avó cuidadora.

(ENTREVISTADORA: E ser avó cuidadora?).

CATARINA: Minha vida mudou muito. E conforme Lilian está crescendo, mais coisas teremos para fazer juntas. Eu só acho que é muito cansativo, pois cuido dela, trabalho, tenho a minha casa e minha mãe idosa e os pais do meu marido que temos que sempre está dando uma olhada. É como cuidar dos filhos, trabalhar fora e dentro de casa. Só que agora eu tenho mais 30 e uns anos de idade a mais. Maravilhoso é. É uma alegria só. Mas eu, já aos 67 anos, tenho momentos que me sinto cansada. Criança tem um pique danado. E exige. A sorte é ter a empregada na casa do meu filho e uma na minha casa cuidando de tudo. Tem momentos que eu peço ajuda à minha empregada e à da minha nora. Eu me ocupo com os cuidados da Lilian, vou para o trabalho enquanto deixo ela na escola, depois pego ela na escola e fico com ela até os pais chegarem do trabalho. E ainda ajudo minha mãe e os meus sogros.

Catarina diz que sua vida mudou muito. Ela relata dificuldades semelhantes à de uma mãe que trabalha, cuida dos filhos, do marido, da casa e dos pais idosos, mesmo tendo o apoio de uma empregada na sua casa e outra na casa de seu filho. Catarina não tem mais a mesma idade que tinha ao se tornar mãe. Pedi que me falasse sobre as demandas diárias dos cuidados da neta.

(ENTREVISTADORA: Como é o teu dia-a-dia?).

CATARINA: Acordo 6 horas, tomo café, vou para casa do meu filho. Minha nora é médica e trabalha em dois empregos. Então, ajudo a preparar a Lilian para ir para a escola, ela esta no pré, de manhã. Na casa do meu filho tem uma empregada muito boa, que ajuda bastante com as refeições, as compras e a limpeza da casa. [...] No período que minha neta esta na escolinha, eu atendo meus pacientes no meu consultório. Quando é hora dela sair da escola eu passo, pego e trago ela prá casa dela. Almoçamos. Dois dias ela tem nataçãõ. E eu faço hidro no mesmo horário. Geralmente, na semana ficamos por aqui, vamos a pracinha, a praia, clube, festinhas. Quando o meu filho chega, eu vou para a minha casa. Aos sábados eu fico com ela na parte da manhã, até a minha nora chegar do trabalho. Depois eu vou para casa [...] É o tempo que eu tenho prá mim. Para as minhas coisas. E ainda tenho que dar atençãõ a minha mãe que mora comigo e aos meus sogros. A sorte é que eles são mais ou menos independentes e as empregadas, de anos, ajudam muito. Mas não posso deixar por conta delas. Eu preciso de ajuda. O trabalho é muito. E é a semana toda até sábado. Eu também preciso de tempo para mim. E eu tenho mãe idosa e sogros idosos. Eles hoje estão bem, mas são três idosos na faixa de oitenta, noventa anos que podem precisar de ajuda. E nós vamos ter que dar apoio, cuidar deles. Eu tenho ficado na casa do meu filho, mas já conversei com eles que talvez seja melhor, Lilian ficar na minha casa. Assim, minha mãe vai estar mais comigo e meus sogros também. Vamos ver se na metade do ano a gente muda isso.

Catarina, por ter assumido cuidar da neta, e trabalha enquanto Lilian está na escola e faz seus exercícios no período em que ela está na aula de nataçãõ. Assim, resta a Catarina apenas o período da noite (depois que os pais de Lilian chegam em casa), as tardes de sábado e o dia de domingo. Uma vez que a aposentadoria não implicou em sua saída do mercado de trabalho, esse tempo que tem disponível ela dedica ao marido, à mãe e aos seus sogros. Catarina é favorecida pela autonomia dos idosos de sua família e tem o auxilio das empregadas para dar conta de tudo, mas em função da idade avançada dos familiares, ela sabe que, a qualquer momento, eles podem vir a precisar de ajuda também. A maior longevidade reafirmou para a mulher a função de cuidar de seus pais e familiares idosos (ATTIAS-DONFUT et al., 2004). Catarina faz parte da geração “pivô”, composta por mulheres que são solicitadas tanto pelos filhos para tomarem conta dos netos, como pelos pais em idade avançada e com limitaçãõ de autonomia.

As mudanças sociais ao longo do tempo não destituíram as filhas da função de prestar cuidados à família. Contudo, a rotina cotidiana da mulher contemporânea é muito dinâmica. Conciliar trabalho, casa, marido, mãe, sogros idosos, demandas do filho, da nora e da neta, como no caso de Catarina, é uma tarefa que requer muita habilidade e alguns sacrifícios. O nascimento de Lilian não só alterou a vida dos pais, mas também a de sua avó, e decerto a da família. Poder contar com Catarina é uma opção muito valiosa para Natalia, pois a dedicação da avó aos cuidados da neta lhe permite cumprir sua intensa rotina de trabalho. Contudo, tamanha dedicação está deixando Catarina exausta, até porque ela continua com sua vida profissional.

Prosseguindo a entrevista, perguntei acerca do relacionamento entre a criança e os bisavós.

(ENTREVISTADORA: Como é a convivência da Lilian com os bisavós?).

CATARINA: A convivência entre eles é muito boa. É uma troca de muito afeto. Até aproximou mais a minha mãe dos meus sogros. Eles gostam de estar com a bisneta. Acho que eles encontraram uma razão para viverem. A pessoa quando se sente útil, se sente melhor. Eles gostam quando eu peço ajuda para eles distraírem a bisneta. Lilian gosta muito deles, e quer ensinar a eles a desenhar, fala da escolinha. Ensina os bisavós a usarem seus brinquedos eletrônicos. E eles gostam e incentivam. Lilian gosta de brincar com os bisavós.

Lilian se relaciona muito bem com os bisavós. Gosta de lhes contar sobre o seu dia na escola, e lhes ensina a brincar com seus brinquedos eletrônicos. Considero que a convivência entre diferentes gerações configura um espaço privilegiado para trocas sociais, proporcionando a construção de conhecimentos sobre si e o mundo.

Assim busquei conhecer o que era considerado importante para Catarina transmitir para a neta.

(ENTREVISTADORA: E que valores você considera importante passar para ela?).

CATARINA: Valorizar a vida. Ser solidária, amiga, estudiosa e outros valores que ajudem a passar por todos os momentos sabendo que ela esta fazendo o seu melhor. E acredito que Lilian tenha muito a nos dizer, assim como meu filho mudou muito o nosso modo de

pensar. A vida é assim. Uma troca constante.

Catarina vê a vida como uma sucessão de trocas. Ela menciona que tanto os idosos de sua casa, quanto a sua neta têm muito para trocarem. A interação entre eles vai favorecer a transmissão dos valores de família. No contexto relacional os valores, as crenças e as atitudes são revistos e ressignificados, como Catarina ressaltou. Seu filho tanto se beneficia, como a família rever seu modo de pensar, e não é diferente com a pequena Lilian.

Caso 13 “Gabriela: mãe de Lara e avó de Viviane e Fernanda”.

Eu cheguei a Gabriela por indicação da Associação dos Moradores de Copacabana - AMACOPA. Fiz contato por telefone e ela aceitou ser entrevistada em um lugar determinado por ela. Gabriela tem 72 anos, é pedagoga, pós-graduada em Pedagogia e está aposentada. Ela reside em Copacabana, no Posto quatro, há 50 anos. Gabriela é avó de Viviane de sete anos e Fernanda de cinco anos de idade. Fica com as crianças de manhã, após o almoço, elas vão para a escola. Ao lhes pegar no final da tarde, elas seguem para a casa da sua filha, Lara. Gabriela fica com as netas até que a filha retorne do trabalho. Ela cuida das netas durante 45 horas semanais. Gabriela conta com a ajuda de uma empregada.

Lara tem 38 anos de idade, é moradora de Copacabana e trabalha em um emprego público, de segunda a sexta, das 9 horas às 18 horas, durante 40 horas semanais.

Iniciei a entrevista perguntando a Gabriela como era para ela envelhecer.

(ENTREVISTADORA: Agora vamos conversar sobre o envelhecimento. Para você, como é envelhecer?).

GABRIELA: Menina, eu nunca pensei que eu iria ficar velha. Eu digo que o jovem tem e não sabe. A gente sabe, mas já não tem mais. Eu acredito que como eu sou otimista, eu faço assim, eu tento superar. Mas eu acho difícil a gente perder os movimentos. Tem movimentos que a gente já não faz. Abrir uma tampa muito pequena, você não abre, abotoar um colar, dependendo do fecho você não abotoa. Então, eu não gostaria de ser dependente. E o envelhecimento te traz um tipo de dependência, não é? Você às vezes bota as coisas na bolsa, e esquece muito. Arteriosclerose? Alzheimer? E você saber dessa situação é um pouco frustrante, embora eu não fique com depressão. Não tenho nada disso. Eu vejo o que tem de bom, a parte

boa. E se até agora eu não percebi o tempo passar, agora quero perceber todas as coisas boas que eu possa aproveitar.

Gabriela ressaltava que só começou a perceber o avanço da idade quando vieram as limitações. Ela menciona que a idade causa um impacto forte na vida da mulher e exemplifica com a dependência. A esse respeito, Lins de Barros (1998) esclarece que é comum as mulheres idosas temerem na velhice a perda da consciência de si, da autonomia e independência. Nesse sentido, as doenças degenerativas que levam à dependência são temidas porque anunciam o fim da missão, o fim da sua própria vida. Contudo, Gabriela prefere não ficar voltada para os aspectos desagradáveis do envelhecimento, e sim valorizar as coisas boas que a vida lhe oferece.

Perguntei à Gabriela como ela era vista em sua família.

(ENTREVISTADORA: Em sua opinião, como seus familiares veem você na família?).

GABRIELA: Eu acho que eles me veem bem. Eles me acham muito dinâmica. Estou sempre ajudando a um e ao outro. Eu sou muito dinâmica, tem um poema de Thiago de Mello que diz "Fascinada encantação, paixão, fascinada encantação, que ponho fé em tudo que faço". Então as coisas que eu me dedico, eu curto, eu passo a gostar. Assim, eu influencio as meninas como, por exemplo, eu estou cuidando da praça. Então, eu comprei uma mangueira de água de 70 metros. E elas vêm de manhã e regam as plantinhas. Eu estou influenciando. Eu estou fazendo o bem geral. A cidadã. Então, elas sabem. E dizem: Vovó, ali o moço está jogando milho para o pombo.

Gabriela se diz uma pessoa que gosta de ajudar e que é vista como uma pessoa dinâmica pela família. Ela acredita que, com o seu modo de ser, influencia as netas a compartilharem com ela os projetos de cidadania e conservação do patrimônio público, desenvolvidos por ela em Copacabana. Viviane e Fernanda ajudam a manter a praça bem cuidada. Essa atividade conjunta favorece a aproximação e gera cumplicidade, intensificando a relação entre ela e as netas. A seguir, indaguei-lhe sobre o olhar das pessoas para o envelhecimento.

(ENTREVISTADORA: Como você percebe o olhar da sociedade para o envelhecimento da mulher?).

GABRIELA: Eu acho que a mulher passa a ficar um pouco despercebida pelo sexo masculino. Como se eles perdessem o

interesse por elas. E se você faz questão de ser percebida, isso vai te magoar, que não é o meu caso. Eu estou fazendo o que eu quero, as coisas que me dão prazer. Eu me sinto muito bem com a idade que eu tenho. Eu acho importante eu tirar prazer do que eu faço. Eu não me importo muito, eu não tenho preocupação com que os outros estão pensando. Em Copacabana, o idoso tem bastante atenção. Bastante atenção nas lojas. Mas aqui em Copacabana e nos outros lugares também, eu acho que é meio comiseração. Uma coisa assim, como o cego que não gosta que a pessoa dê a mão, não se pode botar a mão. Eu também acho que, às vezes, eles exageram na forma de tratar. Eu acho que as pessoas dão tratamento que parece muito solícito, mas ele é mais para o lado piedoso. Não é aquele respeito de pessoa.

Gabriela considera que a mulher idosa se torna despercebida pelos homens. Goldfarb (1998) entende que isto ocorre porque os preconceitos sociais em relação à mulher idosa são maiores do que em relação aos homens da mesma faixa etária. Assim a mulher, em relação à sua aparência, é muito mais cobrada. Gabriela acredita que se a mulher fizer questão de ser notada, o olhar masculino vai magoá-la. Assim, ela afirma que não se importa em não ser percebida. O importante, para ela, é fazer o que quer e o que lhe dá prazer. Ela não se preocupa com a opinião dos outros.

Outra questão trazida por Gabriela é a atenção dispensada aos idosos que andam pelas ruas de Copacabana. Ela acha que há um certo exagero nos modos de se tratar o idoso. As pessoas parecem ter mais comiseração, piedade, do que respeito aos idosos. Esses sentimentos precisam ser superados.

Continuei a entrevista, buscando conhecer como é a avó Gabriela.

(ENTREVISTADORA: Como é para você ser avó?).

GABRIELA: *Ser avó não tem o que falar. Eu apenas sou avó. Gosto de ser avó. Eu dou atenção, pensando na orientação delas.*

Gabriela se diz uma avó que dá atenção às netas e que usufrui dessa relação buscando orientá-las para a vida.

(ENTREVISTADORA: E ser avó cuidadora?).

GABRIELA: *Eu acho que essa obrigação é muito pesada para a idosa porque ela já não tem mais as condições e a criança jamais vai*

perceber. Por exemplo: vem correndo e abraça. Por causa da coluna do idoso pode até machucar. O idoso se tiver que pegar alguma coisa, muitas vezes ele não pode pegar. Algumas limitações que, na verdade, o idoso tem, dificulta essa parte. Aliás, eu acho que dificulta muito. Se você tiver aquela obrigação mesmo, eu acho que é difícil. Uma pessoa com mais idade, já fica mais difícil correr atrás de uma criança, pegar no colo quando ela já está mais forte, dar banho e outras atividades que exijam mais esforço físico. Minha filha tem empregada. Então, eu compartilho dos cuidados. Eu dou aquela segurança para que ela possa trabalhar. Até porque para empregada seria complicado assumir tudo. Então, assumo o lazer, pego na escola, fico na casa delas esperando a mãe chegar, estou sempre por perto, mas não tenho obrigação. Faço porque me dá muito prazer compartilhar com a minha filha e com as minhas netas. Fico mais com as meninas, pois além de serem as filhas da minha filha, moramos no mesmo bairro, Copacabana.

Gabriela considera que, para uma avó idosa, assumir todo o cuidado dos netos é uma tarefa muito pesada. Ela ressalta que, nessa fase da vida, ela não pode assumir sozinha essa responsabilidade. A idade impõe limitações que não combinam com a excessiva responsabilidade e atividades implicadas no cuidado de crianças. Pegar no colo, dar banho, levar e buscar da escola e tantas outras atividades que sobrecarregam ficam cada vez mais difíceis de serem realizadas, apesar de todo o amor que ela sente pelas netas. Então, para poder compartilhar os cuidados das netas, Gabriela lhes insere em suas atividades cotidianas. Fazer isso lhe dá prazer e ela não sente como uma obrigação. Gabriela diz que não se sente obrigada a cuidar das netas diariamente e o fato de morarem no mesmo bairro facilita o contato entre elas.

Eu sou encantada com criança. É pena que eu não trouxe retrato. Então, eu chamo elas de bonitas. A pequeninha é tão graciosa, tão interessante. E a gente se renova através da criança, até no nosso vocabulário. Botei as meninas para plantarem um pé de manacá para quando elas crescerem, morarem ali e olharem aquela planta elas vão poder dizer: aquela planta fui eu que plantei. Botamos uma orquídea ali na Praça para elas participarem. Às vezes, a avó fala isso e aquilo. Eu falo que eu não tenho obrigação. Eu faço o que quero, ajudo, acompanho, cuido. A empregada chega às 9 horas e sai às 17horas. Então não é assim, a minha filha não passou aquela obrigação para mim. A minha filha está de férias. Ela, educadamente, sempre fala assim: mamãe hoje eu queria fazer depilação. Então, eu

falei para a minha filha marcar dentro do horário que eu possa. Eu coordeno, ajudo e tenho prazer em tudo que eu faço. Pois eu só faço as coisas que me dão prazer.

Gabriela demonstra ser uma avó carinhosa com as netas e preocupada com o seu desenvolvimento. Contudo, a todo o momento da entrevista, ela ressalta o apego às netas e comenta que faz o que faz porque lhe dá prazer, e não por obrigação. No entanto, ela já havia me dito que ser avó cuidadora é uma obrigação – e muito pesada.

Adiante veremos que sua filha não lhe pediu para tomar conta das meninas. Isto foi acontecendo gradativamente, mas nunca foi conversado explicitamente. Acredito que, nesse momento, Gabriela sente a sua rotina de cuidados das netas como obrigação e, assim, está procurando ressignificá-la para si mesma como uma ajuda voluntária. Para isto, por exemplo, ela insere as netas nas suas atividades e desfruta de uma convivência prazerosa.

(ENTREVISTADORA: Como está sendo essa questão de cuidar das netinhas?).

***GABRIELA:** Quando elas nasceram eu não cuidava delas, elas moravam na Tijuca, tinham babá. Eu ajudo desde quando elas vieram morar em Copacabana. A minha filha morou no mesmo prédio que eu, por um período, enquanto aguardavam as obras no apartamento dela. Aí as meninas desciam para o meu apartamento. As atividades das meninas são as mesmas que eu gosto. Elas gostaram muito, ficaram interessada. Ninguém pediu para eu tomar conta. Eu fui dando atenção, querendo levar aos eventos culturais, eu fui pouco a pouco compartilhando, até posso dizer, invadindo um pouco. Tudo que me pedirem eu faço com elas: viajar, ir ao cinema, tudo que eles quiserem. A menor está na pré-escola e a maior vai para o primeiro ano escolar. Só estudam na parte da tarde.*

Pedi-lhe, então, para que me falasse mais detalhadamente sobre o seu cotidiano.

(ENTREVISTADORA: Agora vamos conversar um pouquinho sobre o teu dia-a-dia. Me diga, como é o teu dia-a-dia).

***GABRIELA:** Eu acordo cedo, bem cedo, caminho da minha casa até a casa da minha filha. Eu levo as crianças na Praça. Eu estou cuidando da pracinha para que elas possam usufruir da praça. Tenho tido ajuda à beça do pessoal da COMLURB. O pessoal todo está melhorando a praça. Tiramos os mendigos de lá. A COMLURB ajuda*

muito. Então eu levo as meninas na pracinha. Eu levo a maioria dos dias para a pracinha. Às vezes de manhã, às vezes depois das aulas. Porque eu busco na escola e levo para o balanço. Faço sem obrigatoriedade. Eu cuido da alimentação. As meninas comem tudo orgânico. Procuramos variar na alimentação. A escola é do lado da casa das meninas, então minha filha deixa a empregada levar. Mas, na maioria das vezes eu busco e aguardo minha filha chegar do trabalho.

Gabriela relata que, diariamente, leva as netas na praça onde elas e a avó colaboram com a manutenção desse espaço. A esse respeito, Attias-Donfut & Segalen (2001) destacam que, na contemporaneidade, os avós assumem posições, perante a família, relacionadas aos cuidados e a educação dos netos que acabam por levá-los a vivenciar uma inovadora experiência de envelhecimento, contrariando concepções que tendem a caracterizar a velhice como uma fase de perdas e declínio

(ENTREVISTADORA: Quais são as suas atribuições para com as suas netas?).

GABRIELA: Eu só fico sozinha com elas na pracinha, ou quando vou buscar na escola, que é do lado da casa delas, ou quando a empregada vai embora e eu fico esperando minha filha chegar. Qualquer outra coisa, a empregada fica sempre comigo. Posso ir ao Shopping, mas não saio sozinha com as duas. Só saio com uma sozinha. Com as duas eu não acho conveniente.

Por fim, perguntei-lhe sobre a importância da relação avós-netos no que se diz respeito à transmissão de valores.

(ENTREVISTADORA: Que valores você considera importante de passar para as suas netas?).

GABRIELA: Eu acho que é importante a presença da avó, uma vez que você vai transmitir valores, seu modo de ver e você influencia. Quando a criança fica muito mais com a empregada ou com a escola parte um elo. Honestidade, eu acho importante. Isso aí você vai deixando para elas nos exemplos. Você ser pontual. A educação como um todo. Ser educado com as pessoas. Saber agradecer. E também a parte ecológica. Eu faço questão dessa parte.

A transmissão de valores nas famílias, como mostra Sampaio (2008), ocorre de forma mais efetiva através de comportamentos do que por palavras. Os acontecimentos vividos também

revelam situações transgeracionais. Portanto, no relacionamento com os netos, o comportamento dos avós atualiza a memória do passado da família. Os velhos desempenham uma função social importante de resgatar o passado e de “unir o começo ao fim” (BOSI, 1987, p.40).

(ENTREVISTADORA: Tem mais alguma coisa que você gostaria de falar?).

***GABRIELA:** A minha neta já tem cuidado comigo. É muito interessante que ela tenha esse cuidado. Quando eu vou descer uma escada, ela já vem, já me dá a mão. Algum ressaltado na rua ela fala: - vovó olha ai. A mais velha é assim. Já cuida de mim. Essa atenção é uma atenção que eu tive com elas. E ela faz isso naturalmente. Não é tipo a vovó está velha. É tipo: eu tive cuidado com ela, ela agora tem esse cuidado comigo. É muito legal isso.*

Tenho em mente, que a pessoa se constitui nas trocas sociais. Sendo assim, as avós compartilham os cuidados infantis e a educação dos netos configura-se como um valioso contexto no processo de subjetivação.

5 DISCUSSÃO

As avós entrevistadas são pessoas nascidas entre os anos de 1940 e 1950, portanto fazem parte de um contexto em que há uma nova construção social do envelhecimento (SOLOMON, 2002; NOVAIS, 2005; GOLDENBERG, 2008; 2011, REIS, 2011). Percebi que, em geral, elas adotam um modo de vida diferente do que era presenciado em séculos anteriores ao seu nascimento. Assim, para elas, o envelhecimento tem sentidos diversos. Esther, por exemplo, considera que não vai envelhecer nunca, pois seu pensamento é jovem. É o medo de ser rotulada como velha. Isto leva Esther e, provavelmente, outras idosas a desejarem não apenas o prolongamento da juventude e sim a juventude eterna. A mulher idosa passou então a ser autoexigente, para fugir do preconceito e da discriminação (NOVAIS, 2005; GOLDENBERG, 2011e MARANGONI, 2011).

Avançar na idade não parece ser muito valorizado em uma sociedade que pensa o envelhecimento da mulher como declínio e que é a terceira no ranking mundial do mercado de cosméticos (ABIHPEC, 2012). Lalive (1996) concorda que muitas idosas se definem, o máximo possível, distantes da velhice. A esse respeito, a pesquisa *Idosos no Brasil- Vivências, desafios e expectativas na terceira idade* (2007) realizada em todas as regiões do país constatou que 52% das idosas entrevistadas declararam não se sentirem velhas.

Não é de se estranhar que as idosas dessa geração se considerem de dez a quinze anos mais jovens em relação as suas idades cronológicas. Beauvoir (1970/1990) considera que a idade percebida – aquela que a pessoa sente que tem, e não a que aparenta ter – é tão ou mais importante do que a idade cronológica para que se alcance o sentido do que é ser uma mulher idosa na contemporaneidade. Ela menciona a existência de um olhar impiedoso ao desgaste físico característico do envelhecimento. Muitas vezes, é através desse olhar que a mulher vê o seu envelhecimento e se percebe como velha. E, “queiramos ou não, acabamos por render-nos ao ponto de vista de outrem” (p.353). Reis (2011) pondera que o sentimento de envelhecer não vem apenas de fora, não é apenas um produto do olhar do outro, envolve também uma percepção e uma interpretação de sinais corporais que se inscrevem em diferentes registros do corpo orgânico, da aparência e da energia. Outro aspecto envolvido na construção do sentido dado ao envelhecimento, é que a pessoa idosa reconhece que a velhice existe, mas não é aquilo que está nela. Velho é sempre o outro (DEBERT, 1999).

A visão de envelhecimento também pode ser tomada como um estado de espírito, dissociando corpo e mente. É a tentativa de separar a aparência decaída do corpo, da vivacidade e juventude do espírito (BRITO DA MOTTA, 2002). Zuleika e Anita valorizam o “saber envelhecer”, até porque veem o envelhecimento como algo construído pela “cabeça da pessoa”. Envelhecer é um processo complexo, o corpo, muitas vezes, não acompanha a vontade das pessoas de querer estar bem. O valor de saber envelhecer atua como um circunscritor (o fio condutor) para que a pessoa não se deixe abater pelas limitações e perdas inerentes à idade.

Há o medo de que o envelhecimento traga a dependência, a perda de autonomia, tal como nas falas de Verônica, Paula e Gabriela. Segundo Lins de Barros, (1998) trata-se do receio de que, com o passar do tempo, alguma doença degenerativa pode ser desenvolvida.

Nesse contexto, Laura considera que uma das grandes vantagens de cuidar das netas é o de não ter tempo para pensar que está envelhecendo. Caldas (2003) e Papaléo Neto (2012), ao mesmo tempo em que mencionam a presença dos processos degenerativos na velhice, destacam a importância da escolha de uma vida saudável, que favoreça uma longevidade com qualidade.

Para Cícero (1999), envelhecer é uma arte e tanto a juventude como a velhice trazem em si belezas diferentes. Considera que “somente os tolos se lamentam de envelhecer” (p. 10). Como qualquer etapa da vida tem risos e lágrimas, a beleza da vida está em viver com alegria e sabedoria cada uma de suas fases. Ressalto que ser uma mulher idosa é considerado, por algumas avós, como tendo uma beleza própria, já que o envelhecimento é parte da vida.

Nicole e Thais destacam o sentimento de ganhos obtidos com os anos vividos e privilegiam a sabedoria e a serenidade obtidas, em detrimento dos valores joviais. Essa substituição de valores é de grande importância, pois segundo Debert (1994) atua como ganhos que favorecem as idosas a assumirem novas identidades e a realizarem projetos abandonados.

As mulheres entrevistadas ao falarem de como é para elas ser uma idosa, se retratam como pessoas engajadas socialmente, solidárias com suas famílias, atentas ao envelhecimento saudável e com projetos de vida. O que me permite considerar que elas se preservam da visão negativa de velhice, mesmo quando mencionam as cobranças, os preconceitos e as

discriminações que ocorrem na sociedade.

A cobrança da jovialidade eterna é marcante na sociedade e esteve presente nas falas das 12 avós entrevistadas. Sete delas mencionaram explicitamente que o olhar da sociedade para o envelhecimento da mulher contribui para o aumento do preconceito e da discriminação. Já Dulce apresentou um outro aspecto do olhar social. Ela se refere ao respeito e admiração que as idosas conquistaram por sua aparência jovial.

Em nossa cultura, a concepção de juventude e beleza é cobrada à mulher. Goldenberg (2008) postula que, o nosso contexto sociocultural, ao impor um padrão de beleza, favorece a busca da jovialidade por meio do corpo, da roupa ou do comportamento. As mulheres, ao valorizarem a aparência jovial, tendem a julgar umas às outras por critérios subjetivos de beleza que envolve, entre outros, peso, vestimenta, maquiagem, cabelo e sapato. Há a ilusão de que a beleza é o passaporte para a felicidade (GOLDENBERG, 2002).

Lins de Barros (1998) acrescenta que o corpo e o uso de artifício para torná-lo mais jovial fazem parte de uma forma de controlar a expressão da velhice. Por sua vez, Brito da Motta (2006) ressalta que a sociedade, ao privilegiar a beleza jovial, contribui para que as pessoas neguem a própria idade. O século XX, como mencionado por Goldenberg (2008), foi marcado pela apologia ao corpo perfeito, o que se transformou em fonte de frustração feminina. Verônica, Thais e Laura afirmam que a cobrança de juventude não é própria da velhice, acontece em todas as idades, contudo, o tempo é inexorável e não há como não se envelhecer com o passar dos anos vividos. Mencionam que apesar de todo empenho e gasto financeiro, o tempo é implacável e a postura, o andar e as mãos denunciam que uma mulher não é tão jovem quanto aparenta.

As falas das avós deixam nítido que há na sociedade o culto à aparência jovial, à magreza e aos exercícios que, algumas vezes, expressam mais uma modelagem do corpo do que uma busca de qualidade de vida. Considero que, ao mesmo tempo em que o envelhecimento ativo é divulgado em todas as mídias, o que parece prevalecer socialmente é essa busca pela jovialidade. E, apesar de no século XX a mulher ter se envolvido na conquista de independência pessoal e profissional, no século XXI, muitas delas, estão se tornando reféns do padrão social de beleza contemporânea, que prega um corpo e uma aparência bem mais jovial que a idade alcançada. Sendo assim, mulheres que contestaram os padrões vigentes de

dominação social nos anos de 1960 e 1970, estão buscando nas primeiras décadas de 2000, atender aos padrões de beleza impostos socialmente.

Apesar de perceberem a cobrança, o preconceito e a discriminação social, as avós entrevistadas consideram que existem em suas vidas outros objetivos mais importantes que a busca dessa juventude eterna. Em suas falas, mencionam a importância de envelhecer de um modo saudável, investir em seus projetos de vida, serem pessoas ativas em suas relações com os outros, com o meio e com seus familiares, o que muitas vezes envolve o compartilhamento dos cuidados dos netos.

Beatriz traz a heterogeneidade do olhar social para a velhice. Esta avó considera que existem diversos olhares em relação à mulher idosa, que são constituídos de acordo com diferentes modos de pensar tanto à trajetória de vida das pessoas, quanto os contextos. Ela fala que a idosa pode ser vista como um estorvo, como uma pessoa produtiva, como uma pessoa que tem que se manter eternamente jovem, como uma pessoa decaída ou até mesmo como uma vitoriosa que venceu os preconceitos sociais. A esse respeito, Debert (1999) aponta que, na contemporaneidade, coexistem dois modos de se perceber o envelhecimento. Um vê a velhice como o fim da vida e o outro modo pauta a velhice no envelhecimento ativo. Esses modos estão incorporados tanto nas trajetórias de vida das pessoas, quanto nas referências para as suas ações.

Catarina também mencionou a diversidade de olhares sociais, como sendo um dirigido para os idosos mais novos e outro para os mais velhos. Ela se referiu a duas gerações, uma composta pelas avós e a outra pelas bisavós, com uma diferença de idade, mais ou menos, compreendida entre 20 e 30 anos. As avós são vistas como as novas idosas, a idade cronológica para elas não é um fator limitante, mas se porventura vier a ser, podem recorrer aos recursos tecnológicos à disposição no mercado. Já a geração das bisavós é vista socialmente como a dos velhos.

Outra questão relativa ao envelhecimento, destacada por Zuleika e Laura, é a discriminação social dos jovens em relação aos idosos. Zuleika considera que os jovens de décadas atrás reconheciam e respeitavam mais os idosos. Laura afirma que, apesar de não perceber uma desconsideração aos mais velhos como algo rotineiro, observa nos jovens um desrespeito aos idosos em situações relacionadas às atividades do comércio e nos transportes.

A “aparência de vulnerabilidade” marca o reconhecimento do idoso na vida pública (AUSTIN, 1979). Trata-se de um “trabalho de face” voltado para certa imagem do idoso como alguém a ser objeto de ajuda, que costuma pautar uma série de ações formais dos espaços públicos, sobretudo a partir de leis como a que garante gratuidade em transportes públicos, ou precedência em filas. Por essa decisão, qualquer permissão para um idoso agir deveria ser pensada por meio de uma mecânica da piedade: a vulnerabilidade aboliria a possibilidade de conflito. Outro aspecto permitido ao idoso é a desculpa. Werneck (2011) se refere ao fato da pessoa se posicionar de modo circunstancial, ou seja, como uma desculpa. A desculpa como categoria sociológica é um elemento relevante da vida social, integrante do grupo de ações capazes de garantir que o próprio social se mantenha. A velhice confere uma condição de permissão moral para o que Werneck (ibid.) denominou de “egoísmo competente”, ou seja, um “egoísmo” entre aspas, uma ideia de “bem de si” efetivada. Desta forma, a própria condição de idade avançada se constitui como uma desculpa. A discriminação em relação à idade foi observada na pesquisa *Idosos no Brasil - Vivências, desafios e expectativas na terceira idade* (2007). Cerca de 84% dos idosos reconheceram essa discriminação através de pronomes e termos de tratamento como “velha”, “coroa”, “tia” e o uso de eufemismos como “idade de ouro”, “terceira idade” e “melhor idade”.

Considero que as avós participantes da pesquisa, em razão do momento histórico contemporâneo, apresentam características e experiências comuns. Em sua maioria, são mulheres que trabalharam, sendo que três ainda trabalham, e são independentes economicamente. Elas participaram, direta ou indiretamente, das importantes mudanças sociais que geraram novos modelos e dinâmicas familiares. Por isso, elas são solidárias as escolhas feitas por suas filhas e noras e compartilham os cuidados dos netos.

As idosas contemporâneas marcam um novo momento na história social. A cultura valoriza a beleza jovial, o que elas não negam, mas elas apresentam outras atitudes e desempenham novas posições, dão um rumo mais atuante à suas vidas. Mesmo quando cuidam dos netos, elas não se sentem como as avós que as precederam. Participar dos cuidados dos netos não parece remetê-las ao passado, pelo contrário, elas procuram conciliar essa incumbência com suas outras atividades, mesmo que para isso necessitem reorganizar ou interromper algumas atividades diárias e contar com uma rede de apoio.

Apesar de reconhecerem a valorização social da beleza jovial e do culto ao corpo (jovem),

elas abriram um espaço para a prática de atividades físicas na velhice visando uma melhor qualidade de vida. Com isso e com os novos modos de se vestir, elas se mostram mais joviais do que as suas antecessoras, no entanto reconhecem que com a idade se tornaram invisíveis até mesmo para grande parte dos idosos de sua faixa etária. Provavelmente porque, conforme as considerações de Debert & Goldstein (2000), o corpo da idosa não é mais objeto de desejo, assim, ela deixa de ser vista como mulher. Paula menciona que, tentando evitar essa invisibilidade, algumas mulheres de sua idade fazem dieta e exercícios físicos em academias não apenas para obter benefícios à saúde, mas principalmente tentar manter a aparência jovial. Algumas até utilizam práticas mais invasivas. Goldfarb (1998) comenta a invisibilidade como consequência de preconceitos sociais, que são maiores em relação às mulheres idosas do que aos homens. O rigor social com a velhice leva a mulher a buscar meios que disfarcem a sua idade e lhe recolocem em uma posição que desperte o interesse social.

Para Goldenberg (2008), essa geração de idosas não aceita ser rotulada como “velha” de forma pejorativa. Ela é formada por mulheres que conquistaram um lugar no mundo e se reinventam permanentemente. Não se aposentaram de si mesmas, então recusam regras que as obriguem a se tornarem invisíveis, apagadas, infelizes, doentes ou deprimidas.

Kalache (2012) ressalta que a nova geração de idosos, por ser engajada politicamente e numerosa, forma a opinião pública. Para ele, esta nova geração está em todo o mundo. Seja no Brasil, Estados Unidos ou Europa há idosos com características semelhantes: são pessoas bem informadas, integradas à sociedade, que continuam revolucionando o modo de se viver em sociedade. E que agora estão ressignificando o olhar da sociedade para os idosos. O estereótipo do envelhecimento pela caricatura de velhinhos com bengala, pijama, uma vovó fazendo tricô, está sendo derrubado. Hoje existe um novo idoso, uma nova idosa. É um processo que começou muito antes, mais especificamente, no período do pós-guerra e dos anos do governo JK, entre os anos de 1956 e 1960. Esses novos idosos foram os jovens que lutaram contra os militares, quando começou a ditadura, pleiteando a democracia no país.

Quanto ao gênero, as novas idosas são as mulheres que vivenciaram as grandes conquistas femininas nos anos de 1960 e 1970. Agora, muitas, se veem diante de um grande acontecimento: são avós. Ser avó é tomado pelas idosas entrevistadas, como um acontecimento maravilhoso em suas vidas. Referem-se ao amor que sentem pelos netos como incomensurável e eles são uma fonte de renovação de si mesmo e da família (COLARUSSO,

1997). Os netos são objeto de um amor imenso e, muitas vezes, considerado maior que os já vividos anteriormente. Beauvoir (1970/1999) afirma que os sentimentos direcionados aos netos são os mais calorosos e mais felizes das pessoas. Provavelmente, porque o afeto aos netos é um sentimento puro que não traz em si obrigações maternais (QUEIROZ, 1964; LINS DE BARROS, 1987 e BEAUVOIR, 1970/1999).

A ressignificação da maternidade aparece nas falas de 10 entrevistadas. Ser avó é trazer de volta os dias do passado, é reviver o que já foi. É reviver a própria maternidade, mas de um modo diferente. É a oportunidade de sentir a realização de ser mãe mais uma vez. Fica nítido nas falas das avós, que ter netos, ressignifica o sentido de ser mãe. O amor aos netos é um prolongamento do amor que já existia pelos filhos.

Outro aspecto trazido por quatro entrevistadas foi o sentimento de que ser avó é melhor do que ser mãe. Esclarecem que quando seus filhos eram pequenos, elas trabalhavam para dar o melhor para eles. Agora, elas não têm que se preocupar com isso que é uma responsabilidade dos pais, não das avós. Além disso, a chegada dos netos encontrou as avós em um momento seguro e tranquilo da vida. Na posição de avós, e não de mães, a relação se desenvolve prazerosa, com poucas cobranças e conflitos.

Entendo que as avós entrevistadas são mulheres que pertencem a uma geração que contesta padrões que restrinjam a sua independência. Entretanto, nenhuma delas mencionou o sentimento de não aceitar cuidar dos netos. Muitas falaram que é cansativo e uma avó se mostrou incomodada por não ter a sua ajuda reconhecida pela filha, mas em nenhuma entrevista foi mencionado que elas já criaram seus filhos e, agora, queriam pensar nelas próprias. Pelo contrário, elas relatam que se beneficiaram com os cuidados dos netos, pois estão ressignificando a visão que têm de si. Considero que essas avós aceitaram compartilhar os cuidados dos netos para garantirem a continuidade das atividades profissionais das filhas e noras, já que essas avós têm em suas histórias a valorização da independência feminina.

Dias & Silva (2005) apontam a longevidade como uma outra explicação para o compartilhamento dos cuidados dos netos. Independente dos motivos em questão, o fato é que está aumentando o número de avós que auxiliam nos cuidados dos netos. Especificamente quanto às famílias cariocas, Almeida et al. (2009) viram que quando a mãe trabalha, a pessoa mais solicitada para cuidar da criança, é a avó.

O Censo de 2010 mostrou que o número de crianças que também são cuidadas pelas avós passa dos quatro milhões. O IBGE constatou que muitas avós cuidadoras acabam colaborando com as despesas financeiras dos netos, já que ficando com eles durante o dia podem assumir os custos com alimentação ou mesmo com outros gastos.

As avós se constituem como cuidadoras também a partir de sua história familiar. Oito das entrevistadas falaram que cuidar dos netos pequenos, para as filhas ou noras trabalharem, é uma atitude esperada em suas famílias. Afonso & Filgueiras (1996) afirmam que o significado de que os cuidados familiares fazem parte das funções maternas é transmitido de geração para geração, como se fosse uma “vocação” própria da mulher. E, mesmo atualmente, após ter alcançado tantas conquistas, ainda cabe à mulher a organização e manutenção do lar e a atenção à família.

É certo que o compartilhamento dos cuidados infantis se caracteriza pela gratuidade de atenção, amor e carinho, mas a responsabilidade da criação é dos pais (PESSOA, 2005). Em alguns casos, o convívio intenso com os netos contribui para que as avós assumam atribuições e adotem atitudes que seriam esperadas apenas para os pais. Ao se posicionarem deste modo, as avós favorecem que tensões passageiras evoluam para rancores e conflitos familiares (LINS DE BARROS, 1987; OLIVEIRA, 1999; ATTIAS-DONFUT & SEGALLEN, 2001; BILLÉ, 2002 e SAMPAIO, 2008).

As divergências são ainda mais exacerbadas quando a avó busca assumir a identidade de mãe em relação aos netos. Laura, uma de nossas entrevistadas, considera que ser avó cuidadora é o mesmo que ser mãe. Ela comentou que tem pequenas divergências com a sua filha em relação ao modo de cuidar das netas, mas disse que a filha acaba aceitando o que ela propõe.

Cuidar dos netos é cansativo, mas os benefícios fazem valer a pena. Beatriz fala que é uma alegria muito grande cuidar dos netos e isto lhe fez bem. Ela está aposentada e começou a se deprimir. O neto a fez sentir-se necessária. Deu mais sentido à sua vida. Sabe-se que o idoso, ao compartilhar os cuidados dos netos, não se sente isolado, o que aumenta a sua autoestima (LINS DE BARROS, 1987). Beatriz dá um sentido bem diferente a ser mãe e a ser avó. Ao acompanhar o desenvolvimento dos netos ressignifica a sua posição de mãe. Revive com os netos, mas de outro modo, o que viveu com seus filhos. Hoje, ela não tem mais que dar conta de casa, trabalho, marido e filhos. Ela se sente mais tranquila, com mais tempo para brincar e

cuidar dos netos. A troca de experiências e saberes entre as gerações possibilita vivenciar diversos modos de pensar, de agir e de sentir, contribuindo para que se possa renovar as opiniões e visões acerca do mundo e das pessoas (OLIVEIRA, 1999).

As avós, para atenderem as demandas exigidas pelos cuidados infantis dos netos, contam com uma rede de apoio. O tempo semanal que dedicam aos cuidados varia entre 20 e 75 horas. Mesmo assim, esse modo de cuidar não inibe que as avós tenham outras incumbências pessoais. Com exceção de um caso, Anita.

A Fundação Perseu Abramo e o SESC realizaram, em 2006, a pesquisa Idosos no Brasil - Vivências, desafios e expectativas na 3ª idade com o objetivo de ouvir dos próprios idosos como eles se sentiam à respeito de sua idade e de sua inserção na sociedade. Participaram da pesquisa 2.136 pessoas com mais de 60 anos e 1.608 jovens e adultos de 16 a 59 anos, residentes em 20 municípios das cinco regiões do país. Quanto à inserção social, especificamente, no que diz respeito ao compartilhamento dos cuidados com os netos, constatou-se que 13% das avós cuidam dos netos diariamente em uma parte do dia, 5% cuidam o dia inteiro, sem morar junto, e 16% residem com os netos. Ao todo, 34% das idosas cuidam dos netos. As 13 avós cuidadoras que foram entrevistadas moram próximo aos netos. Todas residem na Zona sul da cidade, o que facilita o compartilhamento dos cuidados, seja em suas casas ou nas casas de seus filhos. A questão da proximidade entre as residências, como um fator que facilita às avós assumirem a posição de cuidadoras secundárias dos netos, também foi destacada na pesquisa *Frequency of Grandparent Contact with Grandchild Sets: Six Factors That Make a Difference*, realizada na Universidade da Carolina do Norte em 1998, com a participação de um contingente de 4600 pessoas, entre avós e netos.

As atribuições das avós são muitas. Foram encontradas avós que levam os netos à escola, ao pediatra, supervisionam as refeições, cuidam da higiene, ajudam nas tarefas escolares, estabelecem limites, cuidam do lazer, assumem parcial ou integralmente os cuidados com os netos e ainda encontram, mesmo que para algumas com bastante limitação, tempo para se dedicarem à sua vida pessoal, social e profissional. Ao retratarem esses momentos, mencionam as trocas intensas entre elas e os netos. Algumas alegam que os netos são tão unidos e apegados a elas, que, muitas vezes, querem a sua companhia junto com a das mães. As avós enfatizam que tudo que fazem pelas crianças é com muito carinho, pensando sempre em dar o melhor de si. Apesar das atribuições e da grande responsabilidade que assumem,

consideram a convivência muito gratificante. Elas se sentem renovadas.

Attias-Donfut & Segalen (2001) afirmam que cuidar de netos favorece o desenvolvimento de múltiplas trocas entre as duas gerações, avós-netos, e o estabelecimento de forte vínculo que pode se manter até a fase adulta dos netos, mas os benefícios não se restringem à dupla. Oliveira (1999) e Peixoto & Luz (2007) ressaltam que a relação das avós com os netos amplia o convívio e cria oportunidade de interações com primos, irmãos e até mesmo com amigos.

Hoje em dia, com a longevidade, a maioria das pessoas ultrapassa os 60 anos de idade. Alguns chegam aos 80 anos. O que significa uma convivência bem mais frequente com idosos na família. Essa maior longevidade reafirmou para a mulher a função de cuidar de seus pais e familiares idosos (ATTIAS-DONFUT et al., 2004). Neste estudo, tive a oportunidade de encontrar famílias com quatro gerações de filhas convivendo juntas, como foi o caso da avó Beatriz, que sua neta convive com a bisavó e também com a trisavó. Encontrei também uma representante da geração “*pivô*”. Foi o caso de Roberta que cuidava da mãe idosa e da neta. Brito da Motta (2004); Attias-Donfut (1993); Delbes & Gaymu (1993) e Fleury et al. (2011) consideram como membro da geração “*pivô*” a pessoa que tem atividades e identidades superpostas tanto por cuidar de pais idosos com restrições impostas pela idade avançada, como por compartilhar os cuidados com os netos, em consequência das filhas ou noras estarem inseridas no mercado de trabalho.

A longevidade e os novos modos de ser idoso reposicionaram o olhar para os idosos nos diversos tipos de famílias contemporâneas. Foi possível ver que as avós do estudo são de uma geração que ainda não é necessariamente vista como precisando de cuidados. Sendo assim, ao invés de serem cuidadas, elas são chamadas para cuidarem. No caso, cuidarem de netos (ALMEIDA et al., 2009). Isto proporciona, como já apresentei, intensas trocas intergeracionais, que favorecem não apenas as avós e as crianças, mais alcançam toda a família. Simultaneamente, também é fonte de conflitos, afinal, os relacionamentos familiares não são regidos somente pela harmonia das trocas (PEIXOTO & LUZ, 2007). Mas, especialmente, trata-se de uma situação que se caracteriza como mais um contexto para a elaboração de novos sentidos sobre si mesmo, o outro, o próprio compartilhamento de cuidados e o mundo. Os benefícios trazidos dos netos tornam a figura da avó cuidadora desejada por 1/3 das famílias da classe média carioca (ALMEIDA & MELCA, 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A maioria das avós considera que cuidar de um neto é um costume de família, é como uma tradição que deve ser mantida, a despeito das interferências que incidem na vida social, familiar e pessoal. Recorrer à ajuda da mãe lhes foi necessário e agora está sendo assim com suas filhas ou noras. Além disso, cuidar do neto é uma atividade transitória. Então, um projeto que precise ser deixado de lado ou adiado, poderá ser retomado no futuro. Afinal, as avós estudadas são pessoas ativas, fazem parte da geração das “novas idosas”.

Acima de tudo, todas as avós consideraram que participar dos cuidados dos netos é uma situação muito prazerosa. Pode levar a conflitos, mas é algo que dá mais sentido às suas vidas. É trabalhoso e cansativo, no entanto, traz um sentimento de renovação pessoal, novos conhecimentos. As avós também aprendem com os netos.

Cuidar dos netos, ora leva a esquecer, ora leva a ultrapassar as limitações impostas pela idade. Dá a sensação de dever cumprido, por estarem ajudando aos filhos e netos e por estarem provendo uma nova geração com cuidados e ensinamentos. Assumir a posição de avó cuidadora é uma responsabilidade que envolve o cumprimento da rotina da criança, atividades que se inserem nas esferas afetivas, educativas, da saúde e do lazer. Implica na transmissão de valores. É um empreendimento grande. Assim, apesar de sempre terem sido pessoas ativas, as avós consideram fundamental poder contar com apoio de familiares (marido, mãe) e empregadas ou babás, para cuidarem de um neto. Contudo, a participação de uma figura masculina se caracteriza, em geral, como uma ajuda (não como compromisso) e em alguma atividade que envolva lazer (passear, brincar ou distrair a criança).

A convivência dos avós com a criança lhes rejuvenesce. Faz com que esqueçam a velhice. Os netos trazem a presença do novo para os idosos. Entretanto, não basta que se reconheça a importância da participação da avó nos cuidados diários dos netos, enquanto sua filha está trabalhando. A maioria das avós é idosa. É difícil para um idoso tomar conta de uma criança em tempo integral. É necessário que sejam implementadas políticas voltadas para as famílias, que flexibilizem o desempenho de atividades e o horário de trabalho das mulheres que têm filhos em idade pré-escolar, de modo que parte de suas atividades possam ser realizadas na própria casa.

Por fim, para que se obtenham mais elementos que ampliem a compreensão sobre a dinâmica

afetiva que se configura na situação de cuidados infantis na família, sugere-se o desenvolvimento de um estudo com netos que foram cuidados por avós para que suas mães pudessem trabalhar.

REFERÊNCIAS

AFONSO, M. M. e FILGUEIRAS, C. A. C. **Maternidade e vínculo social**. Revista Estudos Feministas. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. UFRJ, 1996.

ALMEIDA, L. S. **A Cognição social e a construção da relação educador – bebê na creche**. 2006. Disponível em: < www.cienciasecognicao.org/pdf/v07/m31681.pdf >. Acesso em: maio de 2011.

_____. **Mãe, Cuidadora e Trabalhadora: as múltiplas identidades de mães que trabalham**. Revista do Departamento de Psicologia – UFF, v. 19 - n. 2, p. 411-422, Jul./Dez, 2007.

_____. **Working Mothers and their Multivoiced self**. Revista Colombiana de Psicologia, v. 21, n.2, 2012. p.312-322.

ALMEIDA, L. S. & ROSSETTI-FERREIRA, M. C. Indicadores afetivos do processo de vinculação entre bebês e educadoras de creche. In: Camarotti, M. C. (org.). **Atendimento ao bebê – uma abordagem interdisciplinar**. SP: Casa do Psicólogo, 2001.

ALMEIDA, L. S.; ELTINK, C; ROSSETTI-FERREIRA, M. C. **Significações, Relações e Construção da Subjetividade na Creche**. Ano 2002. Disponível em: <http://www.eicos.psychu.ufrj.br/anexos/art_leilasign.htm>. Acesso em: abril de 2011.

ALMEIDA, L. S; RIBAS JUNIOR, R. C; GOMES, R. P. **A questão dos cuidados infantis nas famílias cariocas**. VIII Jornada de Pesquisadores do CFCH. CD-ROM. 2009.

ALMEIDA, L. S. & MELCA, F. M. A. Relatório Parcial de Pesquisa. **As famílias na contemporaneidade** – Projeto de pesquisa. UFRJ, Instituto de Psicologia. 2011.

AMARILHA, M. **Infância e literatura: traçando a história**. Revista Educação em Questão. Natal: EDUFRN, v. 10/11, p. 126-137, 2002.

ARENDT, H. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE PESQUISA- ABEP. **Critério de Classificação Econômica Brasil**, 2012. Disponível em: <http://www.abep.org/novo/Content.aspx?ContentID=301>. Acesso em: agosto de 2012.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS DE HIGIENE PESSOAL, PERFUMARIA E COSMÉTICOS - ABIHPEC - **Anuário da Indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos de 2012**. Disponível em: <http://www.abihpec.org.br/2012/12/anuario-2012-/> Acesso em: janeiro de 2013.

ATTIAS-DONFUT, C. **Un jeu entre générations**. Informations Sociales. Paris, n. 30, p. 112-117, 1993.

_____. **Sexo e Envelhecimento**. In **Família e Envelhecimento**. Peixoto, C.

E. (org.). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ATTIAS-DONFUT&SEGALEN, M. **Grands-parents: la famille à travers les générations**. Paris: O. Jacob, 1998.

_____. *Le Siècle des grands-parents. Une génération phare, ici et ailleurs*. Paris: Autrement, 2001. Disponível em : <http://lhomme.revues.org/index19542.html>. Acesso em : janeiro de 2012.

AUSTIN, J. L. A plea for excuses. In: **Philosophical papers**. Londres: Oxford University Press, 1979.

BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BAUMAN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BEAUVOIR, S. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1970/1990.

BENNETTS, L. *The Feminine Mistake: Are We Giving Up Too Much?* 2007. Disponível em <http://abcnews.go.com/abcnewsnow/GMANow/story?id=4131050&page=2>. Acesso em: agosto de 2011.

BERNARDES, A. G. & HOENISCH, J. C. D. Subjetividade e Identidades: possibilidades de interlocução da Psicologia Social com os Estudos Sociais. In: GUARESCHI, N. M .F & BRUSCHI, M. (org.) **Psicologia Social nos Estudos Culturais – perspectivas e desafios para uma nova psicologia social**. Rio de Janeiro: Vozes, Petropolis, 2003.

BIERNARCKI, P. & WALDORF, D. **Snowball sampling-problems and chain techniques of referral sampling**. *Sociological Methods and Research*. 1981.10:141 163. Disponível em: < <http://smr.sagepub.com/content/10/2/141.short>>. Acesso em: julho de 2011.

BILLÉ, M. A. **quoi servent les grands-parents? Des grands-parents pour introduire au «sacré». Dialogue – Recherches cliniques et sociologiques sur le couple et la famille** 4.tri. 2002.

BOSI, E. Cultura e desenraizamento. In: BOSI (org.). **Cultura brasileira: temas e situações**. São Paulo: Ática, 1987, cap.2, pp. 16-41.

_____. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

BOSI et al.. (org.). **Pesquisa qualitativa de serviços de saúde**. Rio de Janeiro: Vozes, 2004, p. 23-71.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1988. Disponível em: <<http://www81.dataprev.gov.br/sislex/paginas/22/consti.htm#T8>>. Acesso em: março de 2011.

_____. **Lei 8842/1994. Política Nacional do Idoso**. Brasília, 1994. Disponível em:

<www.scribd.com/.../ Disponível em: POLITICA-NACIONAL-DO-IDOSO-PNI-1994-LEI-Nº- 8-842-94>. Acesso em: março de 2011.

_____**Lei 9.394/96. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm> Acesso em: novembro de 2011.

_____**Lei 10.741/2003. Estatuto do Idoso.** Ministério da Saúde, 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.741.htm>. Acesso em: março de 2011.

_____**Portaria 399/2006. Pacto pela Saúde.** Disponível em: <<http://dtr2001.saude.gov.br/sas/PORTARIAS/Port2006/GM/GM-399.htm>> Acesso em: março de 2011.

_____**Decreto 35000/2011. Capital Turística da Terceira Idade.** Diário Oficial do Rio de Janeiro- 22 de dezembro de 2011. Disponível em: http://doweb.rio.rj.gov.br/ler_pdf.php?edi_id=1656&page=9. Acesso em: março de 2012.

_____**Resolução 217/1948. Declaração Universal dos Direitos do Homem.** Disponível em: <http://www.mj.gov.br/sedh/dpdh/ddh_bib_inter_universal.htm>. Acesso em: fevereiro de 2012.

BRITO DA MOTTA, A. Chegando pra idade. In: LINS DE BARROS, Myriam (org.). **Velhice ou terceira idade?** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

_____**As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento.** Cadernos Pagu, Campinas, n. 13, p. 191-221, 1999.

_____**Gênero, Idades e Gerações.** Cadernos do CRH (UFBA), Salvador, v. 17, n.42, p. 349-355, 2004.

_____**Visão antropológica do envelhecimento.** In: Viana de Freitas et al. **Tratado de Geriatria e Gerontologia.** 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2006. p. 78-82.

BRUSCHINI, M. C. **Mulher, casa e família: cotidiano nas camadas médias paulistanas.** São Paulo: Fundação Carlos Chagas: Vértice, 1990.

_____**Teoria crítica da família.** In: AZEVEDO, M. A.; GUERRA, N. de A. (orgs.). **Infância e violência doméstica: fronteiras do conhecimento.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000. p.50-79.

CALDAS, C. P. **Envelhecimento com dependência: responsabilidades e demandas da família.** Cadernos de Saúde Pública 19(3):733-781. 2003.

CAMARANO, A. et al. **Muito além do 60. Os novos idosos brasileiros.** Rio de Janeiro: IPEA, 2004. Disponível em: <www.ipea.gov.br/082/08201004.jsp?ttCD_CHAVE=2382 -.> Acesso em: junho de 2011.

CAMARANO, A. A.; KANSO, S.; MELLO, J. L. **Perspectivas de Crescimento para a**

População Brasileira e Implicações para a Previdência Social. Políticas Públicas em Debate. Seminário Previdência Social no Brasil: Contornos e Horizontes. 2009.

CARVALHO, E. M. G. **Educação infantil: percurso, dilemas e perspectivas.** Bahia, Ilhéus: Editus, 2003.

CASTELLS, M. **A era da informação: economia, sociedade e cultura.** São Paulo: Paz e Terra, v. II, 1999.

CÍCERO, M. T. **Saber envelhecer.** Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: L & PM, 1999.

COLARUSSO, C. A. Separation-Individuation Process in Middle Adulthood: The Fourth Individuation. In: AKHTAR. S. KRAMER.S. (org.). **The Seasons of Life: Separation-Individuation Perspectives.** Northvale: ARONSON. J, 1990.

CORRÊA, M. Repensando a família patriarcal brasileira. In: ARANTES, A. A. (et al.). **Colcha de retalhos: estudos sobre a família no Brasil.** São Paulo, Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.

DEBERT, G. G. Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice. In: DEBERT, G. G. (org.). **Antropologia e velhice.** Campinas: IFCH/UNICAMP, 1998, p. 7-27.

_____. Envelhecimento e curso de vida. In: BRTTO MOTTA, A. (org.). **Dossiê Gênero e Velhice.** Revista Estudos Feministas. V. 5, Nº 1, UFCS / UFRJ. Rio de Janeiro, 1997.

_____. **A Reinvenção da Velhice. Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento.** 1. ed. São Paulo: EDUSP, 1999. v. 2000. 266 p.

DEBERT, G. G. & GOLDSTEIN, D. M. (org.). **Políticas do Corpo e o Curso da Vida.** Editora São Paulo: Sumaré, 2000.

DEL PRIORE, M. **Documentos de história do Brasil: de Cabral aos anos 90.** São Paulo: Scipione, 1997.

DELBES, C.; GAYMU, J. **Les familles à quatre générations.** Informations Sociales, Paris, v. 32, p. 8-12, 1993.

DESSEN, M. A., & BRAZ, M. P. As relações maritais e sua influência nas relações parentais: implicações para o desenvolvimento da criança. In: M. A. Dessen & A. L. Costa Junior (orgs.). **A ciência do desenvolvimento humano: Tendências atuais e perspectivas futuras** (p.132-151). Porto Alegre: Artmed Editora S.A, 2005.

D'HAUCOURT, G. **A vida na Idade Média.** Trad. Marisa Déa. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

DIAS, C. M. S . B. & SILVA, D. Os avós: uma revisão da literatura nas três últimas décadas. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (org.). **Casal e Família, entre a tradição e a transformação.** Rio de janeiro: NAU, p.118- 149,1999.

DIAS, C. M. S. B; SILVA, D. V. Os avós na perspectiva dos netos adolescentes: um estudo qualitativo. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (org.). **Casamento e família: do social à clínica**. Rio de Janeiro: NAU, 2001.

DONZELOT, J. **A Polícia das Famílias**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

FÉRES-CARNEIRO, T. (org.) **Família e Casal: Arranjos e Demandas Contemporâneas**. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003.

_____. Prefácio. In: WAGNER, A. (coord.) **Família em cena: tramas, dramas e transformações**. Rio de Janeiro: Petrópolis, Vozes, 2002.

FERRIGNO, J. C. Coeducação entre gerações: do conflito ao desenvolvimento da solidariedade. In: NETTO, M. P. **Tratado de Gerontologia**- 2. ed. São Paulo: Atheneu , 2007.

FLOURI, E.; BUCHANAN, A. **The role of father involvement in children's later mental health**. UK; Elsevier B.V. Journal of Adolescence, v. 26, p. 63-78, 2003.

FOLHA DE SÃO PAULO. Caderno Especial. **Maioridade**. 15 de março de 2009. Disponível em: <http://www.gerontologiaonline.com.br/?p=2125>; <<http://portaldoenvelhecimento.org.br/noticias/artigos/o-velho-novo.html>> Acesso em: julho de 2011.

FREITAS, E. V. Demografia e Epidemiologia do Envelhecimento. In: PY, Ligia et al. **Tempo de Envelhecer: percursos e dimensões psicossociais**. Rio de Janeiro: NAU Editora, p. 19-38. 2004.

FREYRE, G. **Casa-Grande & Senzala**. Rio de Janeiro: Record, 1933/1998.

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO/SESC NACIONAL/SESC SÃO PAULO. **Pesquisa Idosos no Brasil - 2007. Vivências, desafios e expectativas na 3ª idade**. Disponível em: <http://csbh.fpabramo.org.br/o-que-fazemos/pesquisas-de-opiniao-publica/pesquisas-realizadas/idosos-no-brasil-2007>; <http://www2.fpa.org.br/uploads/idosos.pdf>. Acesso em: outubro de 2012.

FUNDACIÓN MEMPO GIARDINELLI . **Programa Abuelas Cuentacuentos**. Disponível em: <http://www.abuelascuentacuento.org.ar/http://189.14.105.211/news/boletin%20204.htm><http://www.fundamgiardinelli.org.ar/fundacion.htm> Fundação.

GÉLIS, J. A individualização da criança. In: ARIÈS, P., CHARTIER, R. (Orgs.). **História da vida privada**. São Paulo: Companhia das Letras, v.3, p.311-29, 1991.

Agathe Gestin « « Supermamie » : émergence et ambivalence d'une nouvelle figure de grand-mère », *Dialogue* 4/2002 (n^o 158), p. GESTIN, A. **Supermami emergência e ambivalência de uma nova figura da avó**. Diálogo4 / n 158, p. 22-31.22-31, 2002. Disponível em: <URL : www.cairn.info/revue-dialogue-2002-4-page-22.htm . www.cairn.info/revue-dialogue-2002-4-page-22.htm >. DOI : 10.3917/dia.158.0022 . Acesso em: maio de 2011.

GLASS JR., J. Conrad; HUNEYCUTT, Terry. L. **Grandparents parenting grandchildren: extent of situation, issues involved, and educational implications.** Educational Gerontology. North Carolina State University: v. 28, p. 139-161, 2002.

GODOY, A. S. **Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais.** Revista de Administração de Empresas, n. 5, 20-29, 1995.

GOLDENBERG, M. **Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca.** Rio de Janeiro: Record, 2002.

_____. **Coroas: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade.** 1.ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008.

_____. Revista Época. 26/11/2010 . **Filhos x trabalho.** Os dilemas dos pais que cuidam de filhos e carreira. Disponível em:
< <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,ERT190679-15228-190679-3934,00.html>>

_____. **Corpo, envelhecimento e felicidade.** (org.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

_____. RAMOS, M. S. A civilização das formas: o corpo como valor. In: GOLDENBERG, M. (org.). **Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca.** Rio de Janeiro: Record, p. 79-137, 2002.

GOLDFARB, D. C. **Corpo, tempo e envelhecimento.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

GOLDMAN, S. N. As Dimensões Sociopolíticas do Envelhecimento. In: PY et al. **Tempo de Envelhecer: percursos e dimensões psicossociais.** Rio de Janeiro: NAU Editora, p. 61-82, 2004.

GONZÁLEZ REY, F. Psicologia e educação: desafios e projeções. In: RAYS, O. A. (org.). **Trabalho pedagógico: realidade e perspectivas.** Porto Alegre: Sulina, p.102-117, 1999

_____. **Pesquisa qualitativa em psicologia: Caminhos e desafios.** São Paulo: Thomson, 2002.

_____. **Sujeito e subjetividade: Uma aproximação histórico- cultural.** São Paulo: Thomson, 2003.

_____. **Subjetividade, Complexidade e Pesquisa em Psicologia.** (org.). São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

GREER, G. **Mulher: Maturidade e mudança** (A. F. Antezana, Trad.). São Paulo: Augustus, 1994.

GUSMÃO, N.M, M. de. Infância e velhice: desafios da multiculturalidade. In: (org.). **Infância e velhice: pesquisa de ideias.** Campinas: Alínea, p. 15-32, cap. 1, 2003.

HEYWOOD, C. **Uma história da infância: da Idade Média à época contemporânea no**

ocidente. Porto Alegre: Artmed, 2004.

HINTZ, H. C. **Novos tempos, novas famílias? da modernidade à pós-modernidade.**

Pensando Famílias. Porto Alegre, n. 3, p. 18-20, 2001. Disponível em:

<<http://www.domusterapia.com.br/>>. Acesso em: maio de 2001.

Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística – IBOPE. **Mães contemporâneas,** 2006.

Disponível em:

<<http://www.ibope.com.br/ptbr/noticias/Paginas/M%C3%A3es%20contempor%C3%A2neas.aspx>>. Acesso em: setembro de 2012

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Censo demográfico, 2000.** Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: março de 2011.

_____ **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD, 2009).** Disponível em: <http://jc3.uol.com.br/jornal/2010/07/27/not_386371.php>. Acesso em: março de 2011.

_____ **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD, 2011)** Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000010135709212012572220530659.pdf>. Acesso em: novembro de 2012.

_____ **Censo demográfico, 2010.** Disponível em:

<www.ibge.gov.br>. Acesso em: março de 2011.

_____ **Síntese de Indicadores Sociais- SIS, 2010.** Disponível em:

<www.ibge.gov.br/.../indicadoresminimos/sinteseindicais2010/SIS_2010>. Acesso em: Julho de 2011.

_____ **Síntese de Indicadores Sociais- SIS, 2011 e 2012.** Disponível em:

<http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?view=noticia&id=1&busca=1&idnoticia=2268>. Acesso em: Junho de 2012.

_____ **Censo Demográfico e das Estatísticas do Registro Civil de 2010.** Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2010/rc2010.pdf>. Acesso em: Julho de 2011.

_____ **Censo demográfico: Características da população e dos domicílios: resultados do universo.** Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Disponível em:

<www.ibge.gov.br>. Acesso em: março de 2011.

_____ **Censo demográfico - Resultados gerais da amostra.** Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: setembro de 2012.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA (2009) - IPEA n° 64- **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD).** Disponível em:

<http://jc3.uol.com.br/jornal/2010/07/27/not_386371.php>. Acesso em: março de 2011.

JENDREK, M. P. **Grandparents Who Parent Their Grandchildren: Circumstances and Decisions**. The Gerontologist Volume 34, Issue 2, p. 206-216, 1994.

KALACHE, A. **Envelhecimento populacional e as informações de saúde do PNAD: demandas e desafios contemporâneos**. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 23 (10): p.2503-2505, 2007.

_____ **Por um envelhecimento ativo**. Revista Aptare, agosto/setembro, p.6-9; 2012.

KLEIN, A. Nuevas formas de Familias, Paternidades y Relaciones Familiares como Modelo de Intersecciones Intergeracionales. In: **Ageing Horizons – Policies for ageing societies**. OXFORD INSTITUTE OF AGEING – OIA. Issue no. 9, p.100-106. 2009.

KUHLMANN, JR. M. Infância e educação infantil: uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediação, 1998.

LAPIERRE, M. PIOTROWSKI, J. T. & LINEBARGER, D. “**Background Television in the Homes of US Children**”. Revista Pediatrics. Universidade da Carolina do Norte, Estados Unidos, 2011. Disponível em: http://www.cbsnews.com/8301-204_162-57523509/background-television-at-home-may-be-harming-u.s-kids-development/. Acesso em: maio 2012.

LEBRÃO, M. L & DUARTE, Y. A. O. Saúde, Bem-estar e Envelhecimento (SABE). **O Projeto SABE no município de São Paulo: uma abordagem inicial** – Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2003. Disponível em: <<http://www.opas.org.br/publicmo.cfm?codigo=70>>. Acesso em: maio de 2011.

LEESON, G. W., MANN, R., KHAN, H. T. A. **Idade e gênero nas relações dos netos com seus avós maternos e avós**. Oxford Working Paper Series 209, February, 2009. Disponível em: <<http://www.ageing.ox.ac.uk/publications/working-papers>>. Acesso em: maio 2012.

LEVINTHAL, D. A. **Adaptacion on Rugged Landscapes** Disponível em: <<http://links.jstor.org/sici?sici=00251909%28199707%2943%3A7%3C934%3AAORL%3E2.0.CO%3B2>><<http://www.jstor.org/discover/10.2307/2634336?uid=3737664&uid=2&uid=4&sid=21101527023823>><http://www.casos.cs.cmu.edu/education/phd/classpapers/Levinthal_Adaptation_1997.pdf> Acesso em: julho de 2012.

LINS DE BARROS, M. M. **Autoridade e afeto: avós, filhos e netos na família brasileira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

_____ **Velhice ou Terceira Idade?** 4. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2007.

_____ (org.) **Família e Gerações**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

_____ **Envelhecimento, cultura e transformações sociais**. In: **Tempo de**

envelhecer: percursos e dimensões psicossociais. São Paulo: Setembro, 2006.

_____. Três gerações femininas em famílias de camadas médias. In: Velho, G. & Duarte, L. F. D. (org.). **Gerações, Família e Sexualidade.** Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

_____. **Mulheres em Gerações: algumas reflexões sobre mudanças sociais.** Série Documenta Ano IX, n.14-15/Universidade Federal do Rio de Janeiro: Programa EICOS II, Cátedra Unesco de Desenvolvimento Durável – Rio de Janeiro, UFRJ, 2003-2004.

_____. Velhice na contemporaneidade. In: Peixoto C. E. (org). **Família e envelhecimento.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

_____. Testemunho de vida: um estudo antropológico sobre mulheres na velhice. In: **Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

_____. **Memória, Gênero e geração na sociedade brasileira contemporânea.** Rio de Janeiro, v. 13, p. 44-68, 2005.

LOBATO, M. **Monteiro Lobato.** 2001. Disponível em: < <http://lobato.globo.com/>>. Acesso em: maio 2011.

LYRA, M. C. D. P. & ROSSETTI-FERREIRA, M. C. (1995). Transformation and construction in social interaction: A new perspective on analysis of the mother-infant dyad. In: J. Valsiner (orgs.), **Child development within culturally structured environments,** Vol. 3, Comparative cultural-constructivist perspective (p. 51-77). Norwood, NJ: Ablex.

MARANGONI, J. , & OLIVEIRA, M. C. S. L. (2011). Relacionamentos Intergeracionais: Avós e netos na família contemporânea. In: Falcão, D. V. S. (org.) **A Família e o idoso: Desafios da contemporaneidade** (p.37-56). São Paulo, Campinas: Papirus, 2010.

MATANGO, M. A., & BRAZ, M. P. (2005). As relações maritais e sua influência nas relações parentais: implicações para o desenvolvimento da criança. In: M. A. Dessen & A. L. Costa Junior (orgs.). **A ciência do desenvolvimento humano:Tendências atuais e perspectivas futuras** (p.132-151). Porto Alegre: Artmed Editora S.A.

MARTINS, A. P. V. Vamos criar seu filho: os médicos puericultores e a pedagogia materna no século XX. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702008000100008&script=sci_arttext. Acesso em: outubro de 2011.

MEDEIROS. M. Já não se fazem mais avós como antigamente . Disponível em: http://www.anjodaguarda.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=131:ja-nao-se-fazem-mais-avos-como-antigamente-martha-medeiros&catid=52:textos&Itemid=623 Acesso em: setembro 2011.

MELCA, F. M. A. ; ALMEIDA, L. S. **Avós de Copacabana.** In: VII Encontro Regional Rio de Janeiro da ABRAPSO, 2012, Rio de Janeiro. Anais do VII Encontro Regional Rio de Janeiro da ABRAPSO, v. 00. p.36-37, 2012.

MINAYO, M. C. de S. **O Desafio do conhecimento – pesquisa qualitativa em saúde.** Rio

de Janeiro: ABRASCO, 2010.

_____ **Pesquisa social**. Petrópolis: Vozes, 2001

MLOR, V. O desenvolvimento infantil e o cuidado da criança pela família. In: Secretaria Municipal de Saúde, Programa Saúde da Família. **Nossas crianças: janelas de oportunidades**. São Paulo, 2002.

MONTICELLI, M. **Nascimento como um rito de passagem: abordagem para o cuidado às mulheres e recém-nascidos**. São Paulo: Robel, 1997.

MORAGAS, R. M. Relações intergeracionais nas sociedades contemporâneas. In: **Congresso Internacional CoEducação de Gerações**. São Paulo: SESC, outubro de 2003. Disponível em www.sescsp.org.br/sesc/conferências. Acesso em: janeiro de 2012.

NEDER, G. **Ajustando o foco das lentes: um novo olhar para a organização das famílias no Brasil. Família Brasileira: a base de tudo**. São Paulo: Cortez, 1994.

NERI, A. L. (org.). **Psicologia do envelhecimento: Temas selecionados na perspectiva de curso de vida** (p. 13-40). São Paulo: Papirus, 1995

_____ **Idosos no Brasil-Vivências, desafios e expectativas na terceira idade**. Fundação Perseu Abramo. Coedição com Edições SESC SP Ano: 2007.

NERI, A. L.; LOPES, E. S. L.; PARK, M, B. **Ser avós ou ser pais: os pais dos avós na sociedade contemporânea**. São Paulo: Papirus, 2005.

NERI, M. **A nova classe média: o lado brilhante dos pobres. Revolução do Mercado em Benefício ao Consumidor**. Centro de Políticas Sociais- CPS - EPGE / Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: <fgv.br/cps/nem>; <www.fgv.br/cps/ms> . Acesso em: junho de 2011.

Novaes, J. V. Beleza e feiúra. Corpo feminino e regulação social. In: Del Priore (org.). **A HISTÓRIA DO CORPO NO BRASIL**. Ed. Unesp. (pp. 477-506), 2011.

NOVAES, M. H. **Psicologia da Terceira Idade – Conquistas possíveis e rupturas necessárias**- 2 ed. aumentada. Rio de Janeiro: NAU, 1995.

NOVAIS, R. C. **Baby Boomers na Terceira Idade, Uma Oportunidade de Mercado: Um Estudo da Indústria de Cosméticos**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005. Rio de Janeiro. Anais. São Paulo: Intercom, 2005. CDROM.

OLIVEIRA, M. S.(org.). **Fundamentos Filosóficos da educação infantil**. Maringá: EDUEM, 2005.

OLIVEIRA, P. S. **Vidas compartilhadas: cultura e coeducação de gerações na vida cotidiana**. São Paulo: Hucitec, Fapesp, 1999.

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO – OCDE. **Relatório de Desenvolvimento Humano. Ultrapassar barreiras: Mobilidade e**

desenvolvimento humanos, 2009. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/rdh/>>. Acesso em: maio de 2011.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO – OIT. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento- PNUD. **Trabalho e Família: rumo a novas formas de conciliação com coresponsabilidade social**. Brasília, OIT, 2009. Disponível em: <<http://www.oitbrasil.org.br/info/downloadfile.php?fileId=381>>. Acesso em: maio de 2011.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **RELATÓRIO MUNDIAL DA SAÚDE - Saúde mental: nova concepção, nova esperança**. Direção-Geral da Saúde, 2002. Disponível em: <www.who.int/entity/whr/2001/en/whr01_djmessage_po.pdf>. Acesso em: junho de 2011.

ENVELHECIMENTO ATIVO: UMA POLÍTICA DE SAÚDE. / World Health Organization; tradução Suzana Gontijo. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005. 60 p.: il. Disponível em: <http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf>. Acesso em: mai de 2011.

Saúde nas Américas. Organizacao Pan-Americana da Saude. Saude nas Americas: edição de 2012. Panorama regional e perfis de países. Washington, DC: OPAS, 2012.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU. **Plan de Acción Internacional sobre el Envejecimiento**. Madrid, Espanha, 2002.

Relatório sobre a Situação da População Mundial 2011. **Fundo de População das Nações Unidas** Disponível em: <http://www.unfpa.org.br/novo/index.php>. Acesso em: maio de 2011.

OSÓRIO, L. C. **Casais e famílias uma visão contemporânea**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

OXFORD INSTITUTE OF AGEING – OIA. Ageing Horizons – Policies for ageing societies. Ageing in Latin America, the Caribbean and the Iberian Peninsula. Editorial. Issue no. 9, 100-106. 2009.

PAIS, J. M. Introdução. In: **Gerações e valores na sociedade portuguesa contemporânea**. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais – SEJ: Secretaria de Estado da Juventude, 1998.

PAPALÉO NETTO, M. Entrevista **Com mais de 70: legados de ideias e ideais- A Geriatria não pode e não deve caminhar separadamente da Gerontologia**. REVISTA PORTAL de Divulgação, n.25. Ano III. Set. 2012. Disponível em: <<http://www.portaldoenvelhecimento.org.br/revista/index.php>>. Acesso em: jun de 2011.

PAPALIA, D. E. & OLDS, S. W. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artes Médicas. 2000.

PARK, M. B. O ciclo de vida representado nas páginas dos almanaques de farmácia brasileiros. In: VON SIMSON, M., O.; NERI, A. L. ; CACHIONI, M. (Orgs.). **As múltiplas faces da velhice no Brasil**. Campinas: Átomo & Alínea, p. 55-75, 2004.

PEDRO, R. M. L. R. Reflexões sobre os Processos de Subjetivação na Sociedade Tecnológica. In: Machado, J. A. (org.). Trabalho, Economia e Tecnologia. São Paulo: Práxis, p. 161-180, 2003.

PEIXOTO, C. E.; CICCHELLI, V. Sociologia e antropologia da vida privada na Europa e no Brasil. Os paradoxos da mudança. In: PEIXOTO, C. E.; SINGLY, F. de; CICCHELLI, V. (orgs.). **Família e individualização**. Rio de Janeiro: FGV, p.7-11, 2000.

PEIXOTO, C. H.; LUZ, G. M. **De uma morada à outra: processos de coabitação entre as gerações**. Cadernos Pagu, Campinas, n. 29, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010483332007000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: jul 2012.

POSTERNAK, L E ARATANGY, L .R. Livro dos Avós – na casa **dos avós é sempre** domingo?. 6. ed.. São Paulo: Primavera Editorial, 2010.

POSTMAN, N. **O Desaparecimento da Infância**. Trad. Suzana Menescal de Alencar Carvalho e José Laurenio de Melo. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

PUJALON, B.; TRINCAZ, J. **Le droit de vieillir**. Paris: Fayard, 2000.

PY, L et al. **Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais**. São Paulo: Setembro, 2006.

_____ **Testemunhas Vivas da História**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nau, 1999.

QUEIROZ, R. **O brasileiro perplexo**. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1964.

RAMOS, D. **Viva a menopausa naturalmente**. São Paulo: Augustus, 1998.

RAMOS, P. R. B. **A Velhice na Constituição**. Revista de Direito Constitucional e Internacional. Ano 8, n. 30. São Paulo: Revista dos Tribunais, jan./mar. p. 191, 2000.

REIS, L. M . A. **Novos Velhos, Viver e Envelhecer Bem**. Grupo Editorial Record/Editora Record, 2011.

REMEN, R. N. **O paciente como ser humano**. São Paulo: Summus, 1993.

RICHÉ, P., BIDON, D. A. **L'Enfance au Moyen Age**. Paris: Seuil / Bibliothèque Nationale de France, 1994.

ROUDINESCO, E. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

ROCHA-COUTINHO, M. L. **Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

_____ A análise do discurso em Psicologia: algumas questões, problemas e limites. In: Souza; M. Freitas & M. Rodrigues (orgs). **Psicologia: reflexões (im) pertinentes**. São Paulo: Casa do Psicólogo, p.317-345, 1998.

_____. Variações sobre um antigo tema: a maternidade para mulheres com uma carreira profissional bem sucedida (122 – 137). In: Terezinha Feres-Carneiro. **Família e casal: efeitos da contemporaneidade** (org.). Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2005.

_____. Transmissão geracional e família na contemporaneidade. Em Lins de Barros, M. **Família e Gerações**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

ROSSETTI-FERREIRA, M. C., AMORIM, K. S., SILVA, A. P. S., CARVALHO, A. M. A. (org.). **Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ROSSETTI-FERREIRA, M. C.; AMORIM, K. S. & SILVA, A. P. S. **Uma perspectiva teórico-metodológica para análise do desenvolvimento humano e do processo de investigação**. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, vol. 13, nº 2, 2000.

ROSTOPCHINE, S. F. **Condessa de Segur– histórias para seus netos**. 1999. Disponível em; < <http://www.mulherportuguesa.com/sociedade/na-historia/3636>>. Acesso em: maio de 2011

ROUDINESCO, E. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SAMPAIO, D. **A Razão dos Avós**. Editorial Caminho. Portugal, Lisboa, 2008

SANTOS, S. R. **Métodos qualitativos e quantitativos na pesquisa biomédica**. *Jornal de Pediatria*, vol. 75, nº 6, 1999.

SARTI, C. A. Família e individualidade: um problema moderno. In: CARVALHO, M. C. B. (org.). **A família contemporânea em debate**. São Paulo: EDUC/Cortez, 1997.

SCHMITT, J. Z. **Histórias e publicações sobre a velhice no Brasil**. (2009) Disponível em: <paginas.unisul.br/agcom/.../artigos/artigo_jaquelinezarbatoschmitt.pdf>. Acesso em: junho de 2011.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOLOMON, M. R. **Comportamento do consumidor: comprando, possuindo e sendo**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SOMMER, B., AVUS, N., MEYER, P., ORY, M., MADDEN, T., KAGAWA-SINGER, M., MOUTON, C., RASOR, N. & ADLER, S. **Attitudes toward menopause and aging across ethnic/racial groups**. *Psychosomatic Medicine*, 61, 1999.

SOMMERHALDER, C. & NOGUEIRA E. J. As relações entre gerações. In: Neri, A. L. & Freire, S. A. (orgs.). **E por falar em boa velhice**. São Paulo: Papirus. 2000.

SPINK, M.J.P (org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. 2. ed. São Paulo, Cortez, 2000.

TROIANO, C. R. **Como Ensinar os Filhos a Conciliar Família e Carreira**. Ed. Evora, 2011.

VAITSMAN, J. **Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

VAITSMAN, J. Pluralidade de mundos entre mulheres de baixa renda. In: **Dados – revista de ciências sociais**. Rio de Janeiro: IUPERJ, vol.40, n.3, 1997.

VELHO, G. **Família e parentesco no Brasil contemporâneo: individualismo e projetos no universo das camadas médias**. Interseções - revista de estudos interdisciplinares. Rio de Janeiro: UERJ, ano 3, n.2, p.45- 52, julho./dez. 2001.

VELHO, G. RUSSO, J. A. DUARTE, L. F. D. HEILBORN, M. L. BARROS, M. M. L. In: **Gerações, família e sexualidade**. Organização, Gilberto Velho e Luiz Fernando Dias Duarte. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

VENTURA, Z. **A melhor idade em Copacabana**.(2010). Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/bairros/posts/2010/09/23/a-melhor-idade-ecopacabana--32633.asp>> Acesso em: fevereiro de 2011.

VIEIRA DA SILVA, D. & SALOMÃO, N. D. **A maternidade na perspectiva de mães adolescentes e avós maternas dos bebês**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2003.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1934/1991.

WERNECK, A. **A velhice como competência de efetivação de ações moralmente questionadas. Situações em supermercados do Rio de Janeiro**. RBSE 10 (28): 14-46, ISSN 1676-8965, abril de 2011. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html>. Acesso em: maio de 2012.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Projeto Global Cidade Amiga do Idoso**. 2008. Disponível em: < www.saude.sp.gov.br/.../guia_cidade_amiga_do_idoso.pdf> Acesso em: março de 2011.

The World Health Report, 2008: Primary Health Care Now More Than Ever. Disponível em: <http://www.who.int/whr/2008/en/>. Acesso em: maio de 2011.

Anexo1



Universidade Federal do Rio de Janeiro
 Centro de Filosofia e Ciências Humanas
 Instituto de Psicologia
 Programa de Pós-Graduação EICOS

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

A aluna Fátima Maria Azeredo Melca, doutoranda em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social do Programa EICOS, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) está desenvolvendo uma pesquisa intitulada **Ser uma Avó Cuidadora – Um Estudo de Casos**. Essa pesquisa está sendo realizada no bairro de Copacabana.

Para a sua realização serão entrevistadas avós idosas, da classe média, residentes em Copacabana que compartilham com as filhas ou noras os cuidados com os netos. A entrevista individual será gravada. O nome da participante será trocado em todas as publicações sobre este trabalho.

Se desejar, em qualquer etapa do estudo, poderá ter acesso à aluna no seguinte endereço: Av. Pasteur, 250, Pavilhão Nilton Campos (Instituto de Psicologia UFRJ, telefone: (21) 3873.5348/ 533 ou no endereço eletrônico fmelca@psicologia.ufrj.br).

Eu _____ concordo em participar da pesquisa **Ser uma Avó Cuidadora – Um Estudo de Casos** e estou ciente das aplicações dos dados a serem coletados nesse estudo e da manutenção do meu nome sob sigilo, sendo trocados em todas as publicações referentes a essa pesquisa.

Rio de Janeiro, _____/ _____/ 2011

 Assinatura da participante

 Assinatura da pesquisadora

Anexo 2

Roteiro de entrevista

Dados Sociodemográficos

Data:

Entrevistada:

Idade:

Mora com:

Escolaridade:

Formação Profissional:

Situação Atual: Do lar () Trabalha () Aposentada ()

Neto

Idade:

Mãe da criança:

Filha () Nora ()

- Para você, o que é envelhecer? / Como está sendo envelhecer?
- Como a sua família vê, percebe, situa você na família?/ Como você percebe o olhar da sociedade para o envelhecimento da mulher?
- Como é ser avó? O que é ser uma avó cuidadora?/ O que mudou ou vem mudando na tua vida a partir dessa atividade?
- Como aconteceu a decisão de você cuidar do neto?
- Você gostaria que tivesse sido de outra maneira?
- Como está sendo o compartilhamento dos cuidados dos netos?
- Como é a sua rotina de cuidados com o seu neto?
- Quais são as suas atribuições?
- Como era o seu dia a dia e como é agora?
- Quais são as suas atribuições?
- Como era o seu dia a dia e como é agora sendo avó cuidadora?
- Para cuidar do seu neto você conta com alguma rede de apoio?
- Como é a sua relação com a mãe de seu neto?
- Que valores você considera importantes passar para os seus netos?
- Você tem projetos? Quais são os seus projetos?